

AGÁLIA

PUBLICAÇOM INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

números **81 | 82** 1º Semestre 2005



n.º. **81** | **82** 1.º 2005

director:

Carlos Quiroga

conselho de redacção:

Carlos Garrido Rodrigues, Carmen Villarino Pardo, Isaac Alonso Estraviz, Isabel Morám Cabanas, J. Henrique Peres Rodrigues, Joám Manuel Araújo, José António Souto Cabo, José Luís Rodríguez, José-Martinho Montero Santalha, Mário Herrero Valeiro, Oscar Diaz Fouces, Paulo Valério.

conselho científico:

(Galiza) **Alberto Garcia Vessada, Aurora Marco, Carlos Campoy, Cláudio López Garrido, Felisindo Rodríguez, Higinio Martínez Estévez, Joám Trilho Pérez, José Agrelo Ermo, José Posada, Luís Gonçalves Blasco, Manuela Rivera Cascudo, Marcial Gondar Portasany, Maria das Dores Rei Teixeira, Ramom Nogueira Calvo, Ramom Reimunde Noreña, Xavier Vilhar Trilho /**
(Brasil) **Evanildo Bechara, Gilda da Conceição Santos, Júlio Barreto Rocha, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Raúl Antelo, Reynaldo Valinho, Yara Frateschi Vieira / (Moçambique) Fátima Mendonça /**
(Portugal) **Albano Martins, Álvaro Iriarte Sanromám, Amadeu Torres, Benjamim Moreira, Carlos Assunção, Inocência Mata, José Luís Pires Laranjeira, Mário Gomes dos Santos, Oscar Lopes / (Estados Unidos) Onésimo Teotónio de Almeida.**

N O T A D A R E D A C Ç O M

1. **AGÁLIA** reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devolución de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Os trabalhos publicados aparecerám na normativa de carácter reintegracionista que defende **AGAL** (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envío de originais supom a aceitação desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a revista com os respectivos pontos de vista.
6. Os trabalhos publicam-se na ordem alfabética do primeiro nome da autora ou autor.

Assinatura anual da Revista

30 € *Estado Espanhol*
34 € *Europa*
37 € *Outros Continentes*

Desenho e Maquetación: Carlos Quiroga
Imprime: **LITONOR** artes gráficas
Santiago de Compostela
litonor@corevia.com

Dep. Legal: C-250-1985
ISSN: 1130-3557

R E C E P Ç O M D E O R I G I N A I S E A S S I N A T U R A S

Apartado dos Correios 453 - 32080 OURENSE (Galiza)

Fax: 986 438 856

agalia@agal-gz.org ♦ fgtinta@usc.es

www.agal-gz.org

S U M Á R I O

ESTUDOS

- 9** **Poemas para ver**
Gênese Andrade
The Yawuji Barra and the Yawuji Baía
61 **(Os Avós de Barra e os Avós de Baía)**
J. Chrys Chrystello
- 97** **Presença da língua castelhana na literatura popular galega**
José Luís Forneiro
- 121** **A Viagem n’A *Espera Crepuscular* –uma possibilidade de leitura**
Mônica Sant’Anna
- 143** **Distribuição Diastrática e Diafásica do /R/ na região de Coimbra**
Paulo Malvar Fernández

RELATO / POESIA

- 171** Francisco Guedes (“A última viagem do Vera Cruz”; “Crónica 3”)
Alberte Román (“A Cidade nom podia ser tomada doutro jeito”; “Encontro”)
Pedro Casteleiro (*7 Canções*)

NOTAS

- 189** **A língua e a educação ambiental –breves palavras**
Cristina Girão Vieira
- 203** **Da Perda do Talento à Cultura dos Genéricos**
Manuel Rivero
- 215** **Confronto do Galego e do Português através da Língua Medieval**
Miguel Afonso Linhares
- 225** **Dos prémios literários no sistema cultural galego**
Susana M^a Sánchez Arins

FOTOGRAFIA da capa: *Gianni Cadornin*

FOTOGRAFIAS interiores:

Felisa Rodríguez Prado (Senegal)

Luz Castro (cemitérios)

RECENSONS

245

Joel R. Gómez
Luís G. Soto
Raquel Bello Vázquez
Urbano Tavares Rodrigues

PERCURSO

267

APRESENTADO TESOURO LEXICAL GALEGO / PARTIDO POPULAR AMEAÇA MUDAR LEI DE NORMALIZAÇOM LÍNGÜÍSTICA / PRÉMIO PARA *RADIO GALIZA.NET* / PORTAL GALEGO DA LÍNGUA ALCANÇA 345.000 VISITAS EM 2004 / BANCOS GALEGUIZADOS / AGIR POR EXAMES EM GALEGO / 55º ANIVERSÁRIO CASTELAO / TESOURO LEXICAL GALEGO APRESENTADO NO PORTO / CURSO DE PORTUGUÊS ELEMENTAR EM COMPOSTELA / CRIAÇOM DA «SOCIEDADE GALEGA DE TERMINOLOXÍA» (SGT) / GALEGO NO INSTITUTO CERVANTES / *AGUILHOAR*, NA LÍMIA / *KALANDRAKA* / EM GALEGO NO REGISTO CIVIL / ALTO MINHO EM LUGO / BRASIL NA EOI DE OURENSE / CINEMA BRASILEIRO NA CORUNHA / CINEMA EM OURENSE / 'BOAS NOVAS DA GALIZA', POR EDUARDO S. MARAGOTO (PGL, ABRIL) / CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL / JUNTA DA GALIZA POLO BI-NORMATIVISMO? / CONGRESSO DA AIL NA GALIZA / JOSÉ AFONSO NAS CALDAS DA RAINHA / JOSÉ AFONSO EM MONELOS / A CONSTITUIÇOM EUROPEIA E NÓS / CURSO DE FORMAÇOM DE LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA / *ARTÁBRIA* / A MESA / PONTE... NAS ONDAS 2005 / 'APLICATIVOS AGAL', POR JOSÉ RAMOM FLORES D'AS SEIXAS NO PGL / MDL MDL MDL / *BOOKCROSSING* GALIZA 2005 / «I CIRCO DAS LETRAS» EM O GROVE / LYGIA FAGUNDES TELLES PRÉMIO CAMÕES 2005 / *AGÁLIA* NO INSTITUTO CERVANTES / TRÊS GALEGOS NAS CORRENTES D'ESCRITAS 2005 / CONCHA ROUSIA E «AS SETE FONTES» / AGAL – PAÍSES CATALÁNS / COMISSOM LINGÜÍSTICA DA AGAL / A LÍNGUA GALEGA NOS PROGRAMAS ELEITORAIS / FRAGA E A UNIDADE LINGÜÍSTICA / FRONTERA NOTÍCIAS / NÉLIDA PIÑON PRÉMIO PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS DAS LETRAS 2005 / MÁRIO HERRERO DIGITAL / «HAI QUE BOTALOS» / LIVROS REVISTAS LIVROS REVISTAS

Casal - Ben Barraque, Dakar, Senegal (14-9-97)



e s t u d o s

Daouda - Dakar, Senegal (17-9-97)



e s t u d e s

Poemas para ver(*)

Gênese Andrade

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

(...) *uma poesia de acentuado pendor plástico.*

(Haroldo de Campos, “Uma poética da radicalidade”)

Oswald de Andrade acompanhou as transformações da São Paulo que se modernizava no início do século XX e atuou na instauração e na consolidação do Modernismo brasileiro. Como as artes caminhavam praticamente juntas nessa época, ele participou da revolução artística em vários âmbitos. Sua extensa obra engloba poemas, manifestos, ensaios, romances, memórias e peças de teatro, além de desenhos e quadros – frutos de sua incursão pelas artes visuais.

Quando fez sua primeira viagem à Europa, em 1912, Oswald trouxe informações sobre as vanguardas, como o Manifesto Futurista, de Marinetti. De volta a São Paulo, alugou, em 1917, um apartamento na Rua Líbero Badaró, a *garçonnière* – ponto de encontro dos intelectuais que planejaram a Semana de Arte Moderna em 1922. Foi aí que concebeu, no período 1918-1919, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* – diário coletivo escrito num caderno deixado à entrada da *garçonnière* no qual os frequentadores do lugar faziam anotações, escreviam bilhetes, anexavam objetos e cartões-postais.

Foi um dos mais ativos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Meses depois desse evento, conheceu a artista Tarsila do Amaral, que recém regressava de Paris. Nessa época, iniciou-se uma fase bastante frutífera da carreira de ambos, a partir da qual passaram a figurar como protagonistas do Modernismo brasileiro. É o período da arte Pau

(*) Este ensaio, alterado e condensado para esta publicação, é parte integrante de ANDRADE, Gênese. *Imagens eloqüentes. A escritura plástica de poetas e artistas latino-americanos*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 2001.

Brasil e da Antropofagia, que envolveu a literatura e as artes plásticas e teve no casal Tarsiwald, como os chamava Mário de Andrade, seus principais representantes. São frutos desse período o Manifesto da Poesia Pau Brasil (1924) e o Manifesto Antropófago (1928), os livros de poemas *Pau Brasil* (1925) –com capa e ilustrações de Tarsila– e *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927) –com capa de Tarsila e ilustrações do autor–, e os romances *Os condenados* (1922, primeiro romance de *A trilogia do exílio*), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *A estrela de absinto* (1927, segundo romance de *A trilogia do exílio*).

Em 1923, o poeta realizou, em Paris, a conferência “L’effort intellectuel du Brésil contemporain”. Nessa viagem à Europa, conheceu os principais vanguardistas europeus: Blaise Cendrars, Pablo Picasso, Jean Cocteau, Fernand Léger, Brancusi e outros. Em 1936, iniciou a escritura do poema *O santeiro do Mangue*, publicado postumamente. Em 1942, escreveu o poema *Cântico dos cânticos para flauta e violão*, dedicado a Maria Antonieta d’Alkmin, publicado na *Revista Acadêmica*, em 1944, com ilustrações de Lasar Segall. Em 1945, lançou *Poesias Reunidas O. Andrade*, com capa de Lasar Segall. Em 1947, publicou, na *Revista Acadêmica*, o conjunto de poemas *O escaravelho de ouro*.

Oswald esteve em contato com os principais nomes das vanguardas e, em quase todas as suas obras, dialogou com artistas brasileiros. Estabeleceu relações pessoais com alguns e vários deles fizeram capas ou ilustrações para suas obras, como mencionamos. Apenas seus livros de poemas que não foram publicados em vida não trazem ilustrações. Mas, de alguma forma, essas obras têm sua contrapartida visual, pois se relacionam aos trabalhos de pintores seus contemporâneos e permitem diversas aproximações. Sendo assim, podemos relacionar o poema *O santeiro do Mangue*, escrito entre 1936 e 1950 e publicado postumamente, à série *Mangue* de Lasar Segall.⁽¹⁾ *O escaravelho de ouro* pode ser associado a quadros de Giorgio de Chirico, pintor citado textualmente no poema, de quem Oswald possuía algumas telas em sua casa.⁽²⁾ Além disso, é inerente a elas a plasticidade, característica que marca a obra de Oswald como um todo.

Neste ensaio, vamos focalizar a relação de Oswald com as artes plásticas, as imagens construídas com palavras em sua obra poética, o diálogo

(1) SEGALL, Lasar. *Mangue*. Textos de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Rio de Janeiro, Revista Acadêmica, 1943.

(2) Vera Chalmers faz uma leitura deste poema com esta abordagem, em “Passagem do inferno”, in ANDRADE, Oswald de. *Obras completas. O santeiro do Mangue e outros poemas*. São Paulo, Globo, 1991, pp. 69-83.

go dos poemas com seus desenhos e com pinturas e desenhos de Tarsila do Amaral em *Pau Brasil* e no *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*.

1. A multiplicidade de olhares em *Pau Brasil*

Seu olhar desconstruindo e construindo caleidoscopicamente incorporou a diversidade: da santuária barroca ao objeto popular, da caricatura ao retrato, da escola de Paris ao futurismo italiano, das luzes brilhantes de Paris à iluminação mortiça das Minas Gerais.

(Ana Mae Barbosa, “Além do visual-verbal”)

Publicado em 1925, *Pau Brasil* reúne poemas de autoria de Oswald de Andrade, com capa e ilustrações de Tarsila do Amaral. A capa (fig. 1) anuncia o projeto de revalorização do nacional, a proposta da alteração da ordem vigente e da inversão de perspectiva. A bandeira brasileira, disposta verticalmente, ocupa toda a capa e o lema do país, ORDEM E PROGRESSO, nela inscrito, é substituído pelo título da obra: PAU BRASIL. Subentende-se que agora o que trará a ordem e o progresso é o “Pau Brasil”. As ilustrações são um total de dez, uma para cada seção do livro e uma na abertura. Os poemas caracterizam-se pelo registro pictórico de cenas, o registro dos fatos de forma paródica e irônica, e o uso da língua brasileira.



Fig.1. Tarsila do Amaral. Capa do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

Pau Brasil é um livro de viagem. Viagem espaço-temporal que visita lugares diversos. Em sua macroestrutura, o espaço é o Brasil e o tempo, quatro séculos de História. Ocorrem paralelamente, e em planos superpostos, a viagem de Cabral em 1500 e a viagem de Oswald pelo Brasil, no início do século XX, com um novo olhar motivado pela viagem a Paris. O primeiro poema do livro é “A descoberta”, *ready made* da “Carta do Achamento” de Caminha, e o último é “Contrabando”, o regresso do poeta a São Paulo vindo de Paris a bordo do Loyde Brasileiro, navio que percorre o litoral brasileiro e permite-lhe lançar um olhar de turista sobre várias cidades e pontos turísticos. Entre essas duas viagens/seções, que

constituem o ponto de partida e de chegada da obra, ocorrem ainda as viagens ao Rio de Janeiro e às cidades históricas de Minas Gerais, que serão consideradas viagens de redescoberta e às quais se atribui o impulso do movimento Pau Brasil. As viagens despertam olhares diversos registrados nessa obra, sobre os quais refletimos.

O olhar do estrangeiro

A primeira seção do livro *Pau Brasil* tem como título “História do Brasil” e constitui-se pelas seguintes séries de poemas: “Pero Vaz Caminha”, “Gandavo”, “O Capuchinho Claude D’Abbeville”, “Frei Vicente do Salvador”, “Frei Manoel Calado”, “JMPS”, “Príncipe Dom Pedro”. Esses poemas são *ready made*⁽³⁾ dos textos de Caminha e demais personagens históricos, alguns dos quais compõem a chamada Literatura Informativa do Brasil. Oswald simplesmente destacou fragmentos de textos, mantendo a ortografia original, e organizou-os em forma de versos; atribuiu-lhes títulos certamente escolhidos que guiam a leitura, instauram a ironia, a crítica e o cômico, realizando uma releitura que é também uma redescoberta do Brasil.⁽⁴⁾ Dessa forma, registra os diversos olhares sobre a paisagem, transporta algumas situações para o presente, com ironia, e confirma o aforismo do Manifesto da Poesia Pau Brasil: “A poesia existe nos fatos”.⁽⁵⁾

A série “Pero Vaz Caminha” é composta por quatro poemas – textos narrativos que verbalizam o que foi visto no processo de “descoberta”. O primeiro, já mencionado, constitui-se por um fragmento da “Carta do Achamento”. Descontextualizado e com o título escolhido, “A descoberta”, acrescenta ironia à idéia de casualidade que sempre se buscou atribuir à chegada dos portugueses ao Brasil:

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Paschoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

(3) Haroldo de Campos faz uma leitura pioneira destes poemas, classificando-os como *ready made* e apontando a estratégia construtiva de Oswald como “verdadeiros desvendamentos da espontaneidade inventiva da linguagem dos primeiros cronistas”, cujos textos se convertem em “cápsulas de poesia viva” pelo “mero expediente de recorte e remontagem”. Cf. “Uma poética da radicalidade”, in ANDRADE, Oswald de. *Obras completas. Pau Brasil*. São Paulo, Globo, 2003, pp. 32-33.

(4) Os textos históricos foram resgatados em MANFIO, Diléia Zanotto. *Poesias Reunidas de Oswald de Andrade: edição crítica*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1992.

(5) Em entrevista a *O Jornal*, o próprio Oswald afirma: “A ‘Poesia Pau Brasil’, saída das mãos marujas do escrivão Caminha, sempre andou por aí, mas encaifada como uma flor de caminho. Era oportuno identificá-la, salvá-la.” “Pau-brasil”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18.9.1925, p. 4. Reproduzida em ANDRADE, Oswald de. *Obras completas. Os dentes do dragão (Entrevistas)*. São Paulo, Globo, 1990, p. 31.

Outro fragmento, sob o título “Os selvagens”, inverte a perspectiva ao insinuar que selvagens são os europeus que se espantam com a natureza local:

Mostraram-lhes uma gallinha
Quasi haviam medo della
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

Para comentar o poema seguinte, “Primeiro chá”, passamos a palavra a Oswald, que, em entrevista sobre o livro *Pau Brasil*, publicada em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1925, faz a seguinte afirmação sobre o poema:

Depois de dansarem
Diogo Dias
Fez o salto real

(...) é tirado da carta de Pero Vaz de Caminha. Um crítico tipo “profundo” poderia aí pesquisar a fundação da raça, a obra civilizadora, que sei eu, partida dessa primeira reunião social dada no Brasil. Nesse pulo de galego contente na praia das descobertas eu vejo poesia.
E poesia bem nossa.

O título “As meninas da Gare” precede a descrição das mulheres indígenas. Não nos esqueçamos que essa expressão, nos anos 1920, designava as prostitutas, e assim o retrato se desloca e se atualiza:

Eram tres ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabellos mui pretos pelas espadoas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tinhamos nenhuma vergonha

Da série “Gandavo”, destacamos apenas um poema. À descrição de uma fruta, Oswald atribui o título “Natureza-morta”, insinuando uma tensão entre realidade e representação:

A esta fruita chamam Ananazes
Depois que sam maduras tem um cheiro muy suave
E come-se aparados feitos em talhada

E assi fazem os moradores por elle mais
 E os tem em mayor estima
 Que outro nenhum pomo que aja na terra

Mais do que uma apropriação, Oswald realizou uma reapropriação, ou seja: assim como os estrangeiros se apropriaram de nossas terras, ele se apropriou de seus textos sobre nossas terras, portanto mais nossos do que deles, e se achou no direito de convertê-los em matéria-prima de nossa literatura, de sua “poesia para exportação”.

Por seu caráter informativo, e por isso descritivo, esses textos são eminentemente visuais, revelam o olhar de estranhamento do estrangeiro em relação ao Brasil e a limitação de descrever o “novo”, o “diferente”, com base em seus referenciais. Oswald lê nesses textos o olhar deslumbrado e ingênuo do estrangeiro e redimensiona-o com crítica e humor, conduzindo-nos a uma nova leitura da “descoberta” do Brasil.⁽⁶⁾

O olhar do turista

Os poemas de “Loyde brasileiro” são as impressões de viagem de um turista em sua própria terra, que a redescobre ao lançar sobre ela um novo olhar. Por sua extensão e diversidade, a viagem pela costa brasileira faz o eu lírico sentir-se exilado ao sair de seu estado natal e rogar revê-lo, numa paródia à “Canção do exílio”, do poeta romântico brasileiro Gonçalves Dias. O título “Canto do regresso à pátria” é uma opção pelo menos erudito, que não leva a alterações semânticas.

Cada um dos lugares mencionados nos poemas que compõem essa seção é revelado por intermédio da metonímia, com o destaque para os pontos turísticos e alusões aos fatos históricos. São *poemas-flashes*, o *camera-eye* na expressão de Haroldo de Campos,⁽⁷⁾ registro de imagens da paisagem e de cenas vistas durante o percurso.

“Cielo e mare”, “Escala” e “Noite no Rio” são registros de cenas presenciadas, respectivamente, no mar, no cais e em terra. Em “Cielo e mare”, reúnem-se os tipos diversos que estão no navio: “um compatriota de boa família”, “famílias tristes”, “gigolôs”. O jogo é mencionado paralelamente ao movimento do mar, explorando-se a pluralidade

(6) Sobre esses poemas, afirma Benedito Nunes: “Essa impressão, essa imagem, essas sugestões, assim isoladas dos textos de que as desentranhou o poeta, como que perdendo, pela leitura autônoma, o poder de remissão ao passado que lhes confere o seu caráter de registro cronológico, configuram a *visão poética pau-brasil*.” NUNES, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos”, in ANDRADÉ, Oswald de. *Obras completas. A utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1995, p. 14.

(7) Cf. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 20.

semântica do verbo “jogar”. O título dá conta da única vista exterior possível. A enumeração iguala todos os passageiros e põe no mesmo plano o mar, o navio, o bar, sem hierarquizá-los. Cabe ao leitor organizar o que a perspectiva do eu lírico apreende desordenadamente: no mar, o navio; as pessoas, no bar, dentro do navio:

O mar
Canta como um canário
Um compatriota de boa família
Empanturra-se de uísque
No bar
Famílias tristes
Alguns gigolôs sem efeito
Eu jogo
Ela joga
O navio joga

Em “Escala”, a cena é menos tumultuada, porém, mais imprecisa. Não se distinguem as pessoas. Sob o olhar do eu lírico, o que se vê é transmitido banalizado, menosprezado:

Sob um solzinho progressista
Há gente parada no cais
Vendo um guindaste
Dar tiro no céu

Em “Noite no Rio”, a paisagem parece ser aproximada por um binóculo. Vê-se o sagrado e o profano: o Pão-de-Açúcar metaforiza-se em Nossa Senhora da Aparecida e a mulata, na avenida, é comparada a uma “rainha de palco”. Desloca-se o olhar para elementos da natureza personificados, não com características físicas humanas, mas com sentimentos e como atores sociais. O texto se estrutura pela transferência de elementos para caracterizar o que o olhar capta e modifica:

O Pão de Açúcar
É Nossa Senhora da Aparecida
Coroadada de luzes
Uma mulata passa nas Avenidas
Como uma rainha de palco
Talco
Fácil
Árvores sem emprego

Dormem de pé
 Há um milhão de maxixes
 Na preguiça
 Quem vem do fundo da colônia
 Do mar
 Da beleza de Dona Guanabara
 Paixões de férias
 O Minas Gerais pisca para o Cruzeiro

Os demais poemas dessa seção focalizam metonimicamente a paisagem, utilizando como estratégia o recorte, a transferência e o uso das cores de forma pouco convencional. Em “Tarde de partida”, toma-se a parte pelo todo – “casas embandeiradas de janelas”; o “terremoto azul” é uma condensação da imagem da terra vista em movimento por transferência do movimento do mar. Misturam-se na paisagem o natural e o artificial, e faz-se a aproximação entre Portugal e Brasil, amálgama pelo enfoque histórico:

De Lisboa
 (...)
 O teu velho verde
 Crepita de verdura
 E de faróis
 Para o adeus da pátria quinhentista
 E o acaso dos Brasis

Em “O Cruzeiro”, o recorte é vertical e Oswald associa o monumento e a constelação do Cruzeiro do Sul. Por ironia de Oswald, e do destino, a estrela Alfa ilumina os analfabetos, uma contradição das circunstâncias:

Primeiro farol de minha terra
 Tão alto que parece construído no céu
 Cruz imperfeita
 Que marcas o calor das florestas
 E os discursos de 22 câmaras de deputados
 Silêncio sobre o mar do Equador
 Perto de Alfa e de Beta
 Perdão dos analfabetos que contam casos
 Acaso

Em “Recife”, as marcas da História constituem o pano de fundo para a percepção da paisagem, caracterizada pela convivência entre antigo e moderno:

Mas os guindastes
São canhões que ficaram
Em memória
Da defesa da Pátria
Contra os holandeses
(...)

Ruas imperiais
Palmeiras imperiais
Pontes imperiais
As tuas moradias
Vestidas de azul e de amarelo
Não contradizem
Os prazeres civilizados
Da Rua Nova
Nos teus paralelepípedos
Os melhores do mundo
Os automóveis
Do Novo Mundo
Cortam as pontes ancestrais
Do Capiberibe

Desenvoltura
Concreto sinuoso
Que liga o arranha-céu
À bênção das tuas igrejas
(...)

Em “Versos baianos”, à oposição antigo *versus* moderno, soma-se o contraste entre o céu e o mar que constrói o estado brasileiro, sobre um fundo colorido igualmente contrastante: o “mar azul” e o “ocre fotográfico”, paisagem composta de natureza e artifício. A geometrização ascendente/descendente estrutura-se nas “descidas dos hidroplanos”, “poste riscando o ocre fotográfico”, “A cidade alteia cúpulas”:

A cidade alteia cúpulas
Torres coqueiros
Árvores transbordando em mangas-rosas
Até os navios ancorados
(...)
E as tuas ruas entreposto do Mundo
E os teus sertanejos asfaltados

Mencionamos ainda o poema “Anúncio de São Paulo”, *ready made* de um impresso da Secretaria da Agricultura para divulgar a cidade e atrair interessados em “fazer negócios”, registro que ratifica o olhar do turista:

Antes da chegada
Afixam nos ofices de bordo
Um convite impresso em inglês
Onde se contam maravilhas de minha cidade
Sometimes called the Chicago of South América
(...)

Vistas em confronto, as seções “História do Brasil” e “Loyde Brasileiro”, primeira e última do livro, respectivamente, constroem um contraponto: a viagem transatlântica *versus* o turismo interno; a chegada do estrangeiro *versus* o brasileiro que já tem saudades antes de partir; a exportação dos produtos da colônia para a Europa *versus* o contrabando de algo genuinamente brasileiro, a saudade, no último poema desta seção e também do livro:

Contrabando
Os alfandegueiros de Santos
Examinaram minhas malas
Minhas roupas
Mas se esqueceram de ver
Que eu trazia no coração
Uma saudade feliz
De Paris

O olhar da redescoberta

A viagem a Paris, realizada por Oswald em 1912, pode ser considerada o “ponto zero” do movimento Pau Brasil, mas não é a única nem a mais importante viagem do movimento. Se ela desperta o olhar modernista para o nacional e o exótico, doze anos mais tarde, a viagem ao Rio de Janeiro motivará o Manifesto da Poesia Pau Brasil, e a viagem às cidades históricas de Minas Gerais proporcionará a criação da arte Pau Brasil, viagens de descoberta ou de redescoberta do Brasil.

As viagens de Oswald de Andrade a Paris têm como contrapartida a vinda de Blaise Cendrars ao Brasil, que o acompanha nas viagens acima mencionadas. O poeta suíço, à medida que conhece o país, revela-o aos próprios brasileiros e a descoberta parece ser realizada simultaneamente

por todos, pois o desconhecimento era comum ao estrangeiro e aos brasileiros.

É paradoxal descobrir a própria terra conduzido por um europeu, mesmo que fossem os brasileiros a conduzi-lo por nosso território. Porém foi o que ocorreu. Blaise Cendrars chegou ao Brasil em fevereiro de 1924 a convite de Paulo Prado, mas a idéia do convite partiu de Oswald de Andrade. Um grupo de modernistas – composto, entre outros, por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral – acompanhou-o nas viagens de descoberta pelo Brasil, sendo a primeira delas ao Rio de Janeiro, de 1 a 4 de março.⁽⁸⁾ O carnaval carioca será uma das grandes imagens do país para Cendrars e será também o ponto de partida para o movimento Pau Brasil. O carnaval e a favela impulsionam a escritura do Manifesto da Poesia Pau Brasil, por Oswald de Andrade, que será publicado logo depois, no dia 18 de março de 1924, no *Correio da Manhã*.⁽⁹⁾

O carnaval, “festa da raça”, reúne o exótico, o primitivo e o mestiço que caracterizam o Brasil e se constitui assim num abre-alas da redescoberta do país. No manifesto, temos a exaltação da terra num misto de ironia, paródia e orgulho do nacional, crítica a alguns valores e anúncio dos preceitos da nova arte:

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá o ouro e a dança.

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céu e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau Brasil.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau Brasil.

(8) Cf. EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo, Quíron, 1978; 2ª edição revista e ampliada por Carlos Augusto Calil, com inéditos de Blaise Cendrars. São Paulo, EDUSP; Imprensa Oficial; FAPESP, 2001. pp. 268-278.

(9) É curioso que o manifesto tenha sido publicado no Rio de Janeiro. Talvez um indício involuntário do desejo de expansão do modernismo paulista.

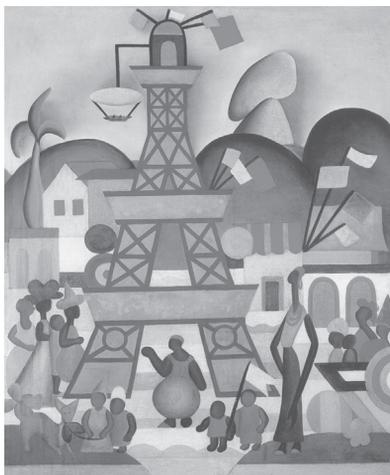


Fig.2. Tarsila do Amaral. *Carnaval em Madureira*. Óleo sobre tela, 1924.



Fig.3. Tarsila do Amaral. *Morro da favela*. Óleo sobre tela, 1924.

Da viagem ao Rio, resultam também dois poemas de Oswald sobre o Carnaval – “Nossa Senhora dos Cordões” e “Carnaval” – e dois quadros de Tarsila⁽¹⁰⁾ – *Carnaval em Madureira* e *Morro da favela* (figs. 2 e 3). Essas obras dialogam entre si e põem em prática o que o manifesto anunciava.

No poema “Nossa Senhora dos Cordões”, o malandro carioca, parodiando o discurso religioso, ensaia uma linguagem erudita invocando proteção e êxito para o desfile que está prestes a iniciar-se:

Evoé
 Protetora do Carnaval em Botafogo
 Mãe do rancho vitorioso
 Nas pugnas de Momo
 Auxiliadora dos artísticos trabalhos
 Do barracão
 Patrona do livro de ouro
 Protege nosso querido artista Pedrinho
 Como o chamamos na intimidade
 Para que o brilhante cortejo

(10) Devemos essa informação a Aracy Amaral que, em seu livro *Tarsila, sua obra e seu tempo* (3ª ed. rev. e ampliada. São Paulo, Edusp; Ed. 34, 2003, pp. 148-149), afirma: “data dessa viagem ao Rio uma série de esboços que Tarsila desenvolveria à sua volta a São Paulo, já na sua nova fase de colorido brasileiro: *Morro da Favela* e *Carnaval em Madureira*. Estimulada pelo entusiasmo de Cendrars (...) Cendrars não contagia apenas a ela com sua presença, mas também a Oswald, que traz, inspirados no Rio, os primeiros poemas para *Pau Brasil*”.

Que vamos sobremeter à apreciação
Do culto povo carioca
E da Imprensa Brasileira
Acérrima defensora da Verdade e da Razão
Seja o mais luxuoso novo e original
E tenha o veredictum unânime
No grande prélio
Que dentro de poucas horas
Se travará entre as hostes aguerridas
Do Riso e da Loucura

Temos, então, a confirmação do Carnaval como “o acontecimento religioso da raça” e o lado doutor é ironizado para defender “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.

“Na avenida” é a *mise-en-scène* do que foi anunciado no poema anterior, apresentada por meio de um discurso erudito que é o oposto do quadro popular que se desenha. Constrói-se, neste poema/quadro, uma tensão entre o discurso e a imagem, ao mesmo tempo em que a enumeração interminável mimetiza o fluxo do desfile:

A banda de clarins
Anuncia com os seus clangorosos sons
A aproximação do impetuoso cortejo
A comissão de frente
Composta
De distintos cavaleiros da boa sociedade
Rigorosamente trajados
E montando fogosos corcéis
Pede licença de chapéu na mão
20 crianças representando de vespas
Constituem a guarda de honra
Da Porta-Estandarte
Que é precedida de 20 damas
Fantasiadas de pavão
Quando 40 homens do coro
Conduzindo palmas
E artisticamente fantasiados de papoulas
Abrem a Alegoria
Do Palácio Floral
Entre luzes elétricas

O mergulho no profano precede o olhar sobre o sagrado, confirmando o contraste e o ecletismo mencionados no manifesto: “Bárbaros, pitorescos e crédulos”. Segue-se a viagem a Minas que consuma o movimento, pois, enquanto visitavam as cidades históricas, Oswald esboçou os principais poemas do livro *Pau Brasil* e Tarsila fez inúmeros desenhos bastante significativos, alguns dos quais foram retrabalhados em quadros da fase Pau Brasil. Essa viagem também representa a aproximação entre os elementos da tradição e da modernidade.⁽¹¹⁾ Constitui-se numa volta ao passado que impulsiona o olhar para o futuro e permite reflexões diversas. Minas é a síntese do Barroco. Quanto à História da Literatura, é possível refletir sobre as relações entre o Barroco e as vanguardas. Enquanto movimento artístico, o Barroco é nossa primeira manifestação nacional, pois é resultado do trabalho dos primeiros artistas brasileiros. A arte barroca, não só no Brasil, mas na América Latina em geral, estrutura-se a partir da apropriação de elementos europeus que são desorganizados e reorganizados com o acréscimo de elementos nacionais. Lezama Lima fala em procedimento plutônico para caracterizá-lo.⁽¹²⁾ Tal caracterização pode ser estendida às vanguardas, movimento de exaltação do autóctone e que se constitui pela incorporação e recriação de elementos estrangeiros, com o acréscimo de elementos nacionais.

Podemos entender também a estrutura das vanguardas a partir do contraste com o Barroco: o exagero, o rebuscado e o complexo do Barroco inspiram a “estética do mínimo” da poesia do Modernismo brasileiro, cujo lema parece ser a obtenção do máximo efeito com o mínimo de elementos. O Barroco brasileiro que impressionou os modernistas, em especial a arquitetura barroca, é tardio, fora do tempo, não só em relação à Europa, mas ao próprio país, pois, enquanto se desenvolvia esse movimento artístico, na literatura já predominava o Arcadismo, que também negava o exagero barroquizante. Em Minas Gerais, reúnem-se os principais representantes dos dois movimentos e vemos, já no século XVIII, a convivência de elementos opostos, como ocorre também nas vanguardas: a antítese valorização do rebuscado *versus* busca da simplicidade será substituída pela oposição tradição *versus* modernidade.

(11) Em “Permanência do discurso da tradição no Modernismo”, Silviano Santiago aponta a presença desses elementos da tradição na obra de Oswald, a qual, lida pelo viés da tradição da ruptura, acaba descon siderando-os. Porém, sob seu ponto de vista, a permanência da tradição é mais visível nos textos filosóficos de Oswald, do que nos poemas propriamente. Cf. TRADIÇÃO. CONTRADIÇÃO. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1997, pp. 127 e ss.

(12) LEZAMA LIMA, J. “A curiosidade barroca”, in *A expressão americana*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 78-106.

A excursão dos modernistas a Minas Gerais pode ser acompanhada pela leitura dos poemas de “Roteiro das Minas”, que a reproduz passo a passo como um diário de viagens. Em seu conjunto, os poemas revelam o tempo detido, apresentam o registro de fatos históricos e a paisagem de Minas. O primeiro poema, “Convite”, apresenta São João d’El-Rei metonimicamente, por seus monumentos:

São João del Rei
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro
(...)

O poema seguinte anuncia desde o título, “Imutabilidade”, a permanência do passado, que se confirma no verso “O córrego que ainda tem ouro” (grifo nosso) e se traduz nos ícones que representam as cidades: o córrego, o ouro, a bateia. O Brasil colonial permanece:

(...)
O córrego que ainda tem ouro
Entre a estação e a cidade
E o mequetrefe
Vai tocar viola nas vendas
Porque a bateia está ali mesmo

O descompasso entre o tempo presente (da viagem) e o passado encontrado nas cidades visitadas é revelado nos seguintes versos:

O padre saiu para a rua
De dentro de um quadro antigo
[Simbologia]

E a execução espera o arcebispo
Sair da história colonial
[Sábado de aleluia]

A história morta
Sem sentido
Vazia como a casa imensa
Maravilhas coloniais nos tetos
[Casa de Tiradentes]

“Procissão do enterro”, “Sábado de Aleluia” e “Ressurreição” retratam as cenas da festa religiosa presenciadas, a visualidade, a impressão causada pelo que se vê:

Procissão do enterro

A Verônica estende os braços
E canta
O púlpito parou
Todos escutam
A voz na noite
Cheia de ladeiras acesas

Sábado de Aleluia

Serpentes de fogo procuram morder o céu
E estouram
A praça pública está cheia
E a execução espera o arcebispo
Sair da história colonial

Longe vai tempo soltaram a lua
Como um balão de dentro da serra

Judas balança caído numa árvore
Do céu doirado e altíssimo

Jardins
Palmeiras
Negros

Nas palavras do próprio Oswald, no poema “Menina e moça”, “esse negócio de missa/ E procissão/ É só para os olhares”. Mas “Semana Santa”, “Procissão do enterro” e “Ressurreição” também documentam precisamente a sonoridade da festa, a tensão entre os sons e o silêncio:

Semana Santa

A matraca alegre
Debaixo do céu de comemoração
Diz que a Tragédia passou longe
O Brasil é onde o sangue corre
E o ouro se encaixa
No coração da muralha negra
Recortada
Laminada
Verde

Em “Ressurreição”, a imutabilidade reflete-se no silêncio, que só é quebrado pelo som do sino – breve pausa, pois logo volta a imperar a tranqüilidade. Nada se transforma:

Um atropelo de sinos processionais
No silêncio
Lá fora tudo volta
À espetaculosa tranqüilidade de Minas

Os símbolos da religiosidade impõem-se na paisagem, independentemente da festa da Semana Santa. Predominam as igrejas, as imagens dos santos, no cenário e nos poemas: “Simbologia”, “Chagas Dória”, “Capela Nova”, “Ouro Preto” e “Congonhas do Campo”. Encontramos, em “Casa de Tiradentes” e “Sabará”, registros históricos. No primeiro, impõem-se o vazio e a distância temporal:

A Inconfidência
No Brasil do ouro
A história morta
Sem sentido
Vazia como a casa imensa
Maravilhas coloniais nos tetos
A igreja abandonada
E o sol sobre muros de laranja
Na paz do capim

No poema “Sabará”, temos em treze versos a síntese do Ciclo do Ouro, com a referência ao Rio das Mortes, que tanto impressionou Cendrars.⁽¹³⁾ O dêitico aproxima o leitor da imagem representada e remete ao discurso oral de um guia de turismo:

Este córrego há trezentos anos
Que atrai os faiscadores
Debaixo das serras
No fundo da bateia lavada
O sol brilha como ouro
Outrora havia negros a cada metro de margem
Para virar o rio metálico
Que ia no dorso dos burros

(13) Cf. AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo, Editora 34; FAPESP, 1997.

E das caravelas
 Borba Gato
 Os paulistas traídos
 Sacrilégios
 O vento

O Brasil rural e a natureza são apresentados objetivamente em “Traituba” e “Longo da linha”, com uma simples enumeração.⁽¹⁴⁾ “Lagoa Santa” sintetiza a cidade em quatro versos, com um jogo cromático e de reflexos, e a transferência da inclinação da topografia para as casas:

Águas azuis no milagre dos matos
 Um cemitério negro
 Ruas de casas despencando a pique
 No céu refletido

Em “Barreiro” e “Paisagem”, chama a atenção a intervenção do homem na natureza: “estradas de rodagem” e “pontes”.⁽¹⁵⁾ A antropomorfização “A paisagem nos abraça”, em “Barreiro”, poderia estender-se à paisagem de Minas como um todo, representada nos poemas. “Documental” e “Viveiro” são registros da paisagem antiga com recursos modernos, cinematográficos:

Documental

É o Oeste no sentido cinematográfico
 Um pássaro caçoa do trem
 Maior do que ele
 A estação próxima chama-se Bom Sucesso
 Floresta colinas cortes
 E súbito a fazenda nos coqueiros
 Um grupo de meninas entra no film

Viveiro

Bananeiras monumentais
 Mas no primeiro plano
 O cachorro é maior que a menina
 Cor de ouro fosco
 (...)

(14) Ou, nas palavras de Haroldo de Campos, “a objetividade câmera-na-mão”. Cf. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 53.

(15) Jorge Schwartz aponta, no poema “Paisagem”, a abstração geométrica. SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e cosmopolitismo*. São Paulo, Perspectiva, 1983, p. 180.

Como afirma Jorge Schwartz, na obra de Oswald de Andrade, o cinema é incorporado como técnica e aproveitado como tema moderno por excelência:

O título “Documental” registra o caráter moderno do poema: a moderna tecnologia cinematográfica a serviço da representação geográfica. O suposto realismo, sugerido pelo título do poema, fica descartado. A artificialidade representativa do espaço e da ação cinematográficas aparecem desmascaradas tanto no primeiro verso (...) como no último (...). O processo de montagem entronca-se com a consciência da própria atividade.⁽¹⁶⁾

“Ocaso” encerra a seção com a concepção do espaço como um cenário em que se desenvolve a representação da história e da religião brasileiras, metonimicamente representadas pelo ouro e pela pedra-sabão:

No anfiteatro de montanhas
Os profetas do Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem
As cúpulas brancas dos Passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus da arte do meu país
Onde ninguém mais subiu

Bíblia de pedra sabão
Banhada no ouro das minas

Em síntese, a região das Minas caracteriza-se da seguinte forma: a paisagem é natural, com construções simples e antigas, os hábitos são tradicionais e a História do Brasil deteve-se no século XVIII, com a manutenção de elementos característicos do período, cuja visão permite-nos voltar no tempo e constatar a convivência da tradição e da modernidade como características do país.

Olhares oblíquos: o rural versus o urbano

“Poemas da colonização” e “São Martinho” reúnem versos que constroem uma viagem ao interior do Brasil rural. Os desenhos que

(16) *Idem*, p. 171.



Fig.4. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “Poemas da colonização”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.



Fig.5. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “São Martinho”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

abrem essas seções (figs. 4 e 5) mostram-no em toda a sua simplicidade, e a linguagem em que são escritos os poemas revela a riqueza da fala popular, elementos fundamentais na poética *Pau Brasil*. Em “Poemas da colonização”, é representado o universo do escravo negro. Predominam o caráter narrativo e o registro dos fatos com intensa plasticidade.

Por intermédio do retrato de um fazendeiro, temos, em “A transação”, metonimicamente, as transformações na economia do Brasil no início do século – do comércio de negros ao cultivo do café:

O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabirobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café

A violência que envolve o negro como agente ou objeto é assunto de “Negro fugido”, “Cena”, “O capoeira” e “Azorrague”. O primeiro poema é narrativo e enumera o desencadeamento de ações, a repercussão de uma ação em outra:

O Jerônimo estava numa outra fazenda
Socando pilão na cozinha
Entraram
Grudaram nele

O pilão tombou
Ele tropeçou
E caiu
Montaram nele

Os demais caracterizam-se pela fragmentação e pela metonímia, caminhando em direção ao cubismo:

Cena
O canivete voou
E o negro comprado na cadeia
Estatelou de costas
E bateu coa cabeça na pedra

O capoeira
– Qué apanhá sordado?
– O quê?
– Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

Podemos apontar nesses poemas, nas palavras de Haroldo de Campos, o antiilusionismo:

(...) o efeito de antiilusionismo, de apelo ao nível de compreensão crítica do leitor, que está implícito no procedimento básico da sintaxe oswaldiana – a técnica de montagem –, este recurso que Oswald hauriu nos seus contatos com as artes plásticas e o cinema. (...) esta poesia, em tomadas e cortes rápidos, quebra a morosa expectativa desse leitor, força-o a participar do processo criativo.⁽¹⁷⁾

Nos poemas de “São Martinho”, descortina-se a paisagem rural em movimento, com a transferência de atributos, em “Prosperidade”, “Paisagem”, “Bucólica” e “Morro Azul”. Em “Prosperidade”, a fazenda é mostrada pelo viés da convivência da natureza com a industrialização e a modernização:

O café é o ouro silencioso
De que a geada orvalhada
Arma torrefações ao sol
Passarinhos assoviam de calor

(17) CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 22.

Eis-nos chegados à grande terra
Dos cruzados agrícolas
Que no tempo de Fernão Dias
E da escravidão
Plantaram fazendas como sementes
E fizeram filhos nas senhoras e nas escravas
Eis-nos diante dos campos atávicos
Cheios de galos e de reses
Com porteiras e trilhos
Usinas e igrejas
Caçadas e frigoríficos
Eleições tribunais e colônias

Em “Paisagem”, temos o amálgama terra/mar, natureza/artifício, na apresentação do cenário:

O cafezal é um mar alinhavado
Na aflição humorística dos passarinhos
Nuvens constroem cidades nos horizontes dos carregadores
E o fazendeiro olha os seus 800 000 pés coroados

“Bucólica nos faz ver a natureza erotizada e personificada:

Agora vamos correr o pomar antigo
Bicos aéreos de patos selvagens
Tetas verdes entre folhas
E uma passarinhada nos vaia
Num tamarindo
Que decola para o anil
Árvores sentadas
Quitandas vivas de laranjas maduras
Vespas

“Morro Azul” refere-se à fazenda homônima, pertencente a Luís Bueno, onde Tarsila e Oswald estiveram nos anos 20. Novamente, fundem-se natureza e artifício e se apagam os limites entre o céu e a terra, assim como o cosmopolitismo, representado pela Torre Eiffel, adentra o espaço nacional rural:

Passarinhos
Na casa que ainda espera o Imperador
As antenas palmeiras escutam Buenos Aires

Pelo telefone sem fios
Pedacões de céu nos campos
Ladrilhos no céu
O ar sem veneno
O fazendeiro na rede
E a Torre Eiffel noturna e sideral

Podemos considerar a musicalidade da fala popular e a geometrização como emblemáticas dessa seção, representadas em “O violeiro” e “Noturno”. O primeiro é uma paródia da moda de viola:

O violeiro

Vi a saída da lua
Tive um gosto singulá
Em frente da casa tua
São vortas que o mundo dá

“Noturno” aponta para o contraste entre os dois brasis, dividido pelo trem, como um meridiano:

Noturno

Lá fora o luar continua
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano

A síntese geométrica espelha-se também na construção do poema:

(...) luz e volume, princípios básicos da composição, estruturam o poema. A forma esférica da lua (e circular do meridiano) aparece cortada ao meio pelo ‘trem [que] divide o Brasil’. A interseção geográfica do próprio meridiano iconiza-se no poema, no ponto meridional representado pelo verso do meio, que justificadamente inclui o verbo ‘divide’. Mais ainda, o decadente tema musical do ‘noturno’ aparece recodificado sob a nova forma sintético-geométrica, e semanticamente através dos resíduos românticos do título e da indispensável iluminação lunar. O título do poema também alude, evidentemente, ao ‘trem noturno’.⁽¹⁸⁾

É esse trem que divide a realidade que também a aproxima. “RP 1”, título da seção seguinte, é também o trem leiteiro que leva leite de São

(18) SCHWARTZ, Jorge, *op. cit.*, p. 181.

Paulo para o Rio de Janeiro e faz a ponte entre o interior e as capitais Rio-São Paulo, cenário dos poemas das seções seguintes – “Carnaval” e “Postes da Light”. Sendo assim, abre-se espaço para olhar a cidade.

O olhar sobre a cidade

Nos frementes anos 20, urge cantar a cidade, captar o progresso e o movimento da urbe que se estrutura vertiginosamente com a proliferação de arranha-céus, viadutos e crescimento populacional. São Paulo ergue-se no encalço de Paris e, mesmo distante desta, literal e metaforicamente, será no âmbito nacional o que Paris foi para o Ocidente: a cosmópolis por excelência.

Os olhares de Tarsiwald sobre São Paulo se modificam com o olhar sobre as cidades históricas e sua exaltação se dará pela valorização da modernidade, que é mais relativa do que absoluta, em contraste com o passado colonial eternizado em Minas Gerais. Na estrutura do livro *Pau Brasil*, a série “Roteiro das Minas” sucede a série “Postes da Light”, refletindo o movimento realizado, o caminho percorrido de São Paulo a Minas que culminará na redescoberta do Brasil.

O primeiro poema de “Postes da Light”, “Pobre alimária”, retrata a oposição entre o progresso que avança e o atraso que teima em permanecer:

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motoneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boléia
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

Os contrastes que caracterizam a cidade confirmam o aforismo do Manifesto da Poesia Pau Brasil: “uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro cantando uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal”.

Concordamos com as palavras de Roberto Schwarz sobre os contrastes da cidade, a propósito desse poema:

A cidade em questão é adiantada, pois tem bondes, e atrasada, pois há uma carroça e um cavalo atravessados nos seus trilhos. Outro sinal de adiantamento são os advogados e os escritórios, embora adiantamento relativo, já que o bonde só de juriconsultos sugere a sociedade simples, o leque profissional idílica ou comicamente pequeno. (...) O progresso é inegável, mas a sua limitação, que faz englobá-lo ironicamente com o atraso em relação ao qual ele é progresso, também.⁽¹⁹⁾

O que temos nessa seção não é a contemplação da paisagem, mas a reprodução do movimento, a tentativa de captar os jogos de oposições, o instantâneo, e reter cenas da cidade que não pára e se transforma a cada instante. Observamos o processo de modernização da cidade, pois todas as mudanças convivem com elementos arcaicos que parecem atrapalhar e “deter” o progresso literal e metaforicamente, pois o carro de bois impede a passagem do trem, a precissão faz os carros pararem etc.

Os textos captam o movimento da cidade e das pessoas, por meio do *camera-eye*,⁽²⁰⁾ destacando os principais espaços da paisagem paulistana dos anos 20: Anhangabaú, Jardim da Luz, que se convertem em títulos de poemas em que a palavra capta instantâneos da cidade e apresenta recortes da paisagem urbana, na qual desfilam tipos diversos:

Anhangabaú

Sentados num banco da América folhuda
O cow-boy e a menina
Mas um sujeito de meias brancas
Passa depressa
No Viaduto de ferro

Jardim da Luz

Engaiolaram o resto dos macacos
Do Brasil
Os repuxos desfalecem como velhos
Nos lagos
Almofadinhas e soldados
Gerações cor-de-rosa

(19) SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, in *Que horas são*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 15.

(20) Cf. CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 20.

Pássaros que ninguém vê nas árvores
 Instantâneos e cervejas geladas
 Famílias

No poema “Atelier”, temos a geometrização da paisagem urbana, sem perder de vista o caipira, o natural e o café, que é o grande responsável pelo progresso de São Paulo. Oswald faz um retrato de Tarsila, mesclando suas características físicas a elementos de sua obra pictórica. O atelier reúne assim a pintura e a pintora inseridos no cenário parisiño-paulista, sem deixar de mencionar os contrastes que constituem nossa modernidade: locomotivas, bichos nacionais, a poeira vermelha, o café, arranha-céus, fordes, viadutos. A geometrização da paisagem e o colorido Pau Brasil dispersos no manifesto e nos poemas são recolhidos neste poema/retrato:

Caipirinha vestida por Poiret
 A preguiça paulista reside nos teus olhos
 Que não viram Paris nem Piccadilly
 Nem as exclamações dos homens
 Em Sevilha
 À tua passagem entre brincos

Locomotivas e bichos nacionais
 Geometrizam as atmosferas nítidas
 Congonhas descora sob o pálio
 Das procissões de Minas

A verdura no azul klaxon
 Cortada
 Sobre a poeira vermelha

Arranha-céus
 Fordes
 Viadutos
 Um cheiro de café
 No silêncio emoldurado

Ao aproximar a “caipirinha” e a última moda internacional do costureiro Paul Poiret, o cosmopolitismo de Paris ao passado histórico de Minas, e os demais elementos mencionados que simbolizam a antítese antigo *versus* moderno, esse texto é a síntese do movimento Pau Brasil, que se constituiu de fato pela junção desses elementos. “Atelier” é tam-



Fig. 6. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “História do Brasil”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.



Fig. 7. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “Loyde Brasileiro”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

bém o símbolo da união Tarsiwald, retrato escrito da pintora, feito pelo poeta, contrapartida dos retratos do poeta feitos pela pintora nos anos 20, a lápis ou a óleo.

O olhar de Tarsila do Amaral

Os desenhos realizados por Tarsila para o livro *Pau Brasil* podem ser considerados uma representação visual do poema mais significativo de cada seção, constituindo então um processo de ilustração metonímico. Ocorre uma complementação do texto pela imagem e vice-versa.⁽²¹⁾

No desenho que ilustra a seção “História do Brasil” (fig. 6), temos um registro da chegada do português ao Brasil: quatro barquinhas e uma embarcação maior aproximam-se de uma porção de terra, que corresponde ao Brasil. A representação do fato é inversamente proporcional à sua “grandeza”, e podemos interpretá-la como uma antecipação do que se encontrará nos poemas de Oswald dessa seção. Destacamos, porém, que a representação com economia de traços é característica do trabalho de Tarsila, não se constitui em ironia intencional.

O desenho que ilustra a seção “Loyde brasileiro” (fig. 7), última do livro, parece ser a cena anterior retratada em outro tempo: a paisagem se modifica com o crescimento natural e as barquinhas européias são substituídas por uma embarcação mais moderna.

(21) Segundo Aracy Amaral, Cendrars escolheu os desenhos realizados por Tarsila durante suas viagens ao Rio e a Minas para ilustrar seus poemas sobre a viagem e a chegada ao Brasil, publicados em 1924, em *Feuilles de Route*. Não teria feito o mesmo Oswald? Cf. AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*, op. cit., p. 135.



Fig.8. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “Carnaval”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

Como já dissemos, os poemas da seção “Carnaval” relacionam-se a duas pinturas de Tarsila. O desenho que ilustra a seção representa, com economia de traços, duas figuras fantasiadas (fig. 8). No quadro *Morro da Favela* (fig. 3), o cenário é composto pelos “casebres de açafreão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino”, povoado pelos “bichos brasileiros” e pelas figuras que integrarão o cortejo carnavalesco. As figuras humanas que integram essa tela reaparecem “fantasiadas” em *Carnaval em Madureira* (fig. 2), sob o mesmo colorido, “entre luzes elétricas”. Aqui são as luzes elétricas que instauram a oposi-

ção ao se sustentarem na Torre Eiffel que é transposta para o cenário tropical.⁽²²⁾ Ao impor-se na paisagem, ao mesmo tempo, ela faz destacarem-se os elementos nacionais: a natureza, os negros, que chamam a atenção representados em tamanho inversamente proporcional à sua dimensão. Além de alegoria carnavalesca, ao ser retratada no quadro, a torre se constitui também em símbolo do diálogo com a vanguarda internacional e da incorporação de seus elementos na criação da arte nacional para exportação.

Os desenhos de Tarsila relacionados à viagem a Minas também refletem, como os poemas de Oswald, a imutabilidade: traços rápidos, a lápis, representando a paisagem de montanhas, árvores, casas simples. De acordo com as informações de Aracy Amaral, arriscamo-nos a dizer que esse foi um dos períodos em que ela mais se dedicou ao desenho e alguns se constituíram em estudos de quadros muito significativos da fase Pau Brasil.⁽²³⁾

(22) De acordo com informação apresentada por Nádya Batella Gotlib, a Torre Eiffel foi criada pelo povo do subúrbio como ornamentação carnavalesca naquele ano. Constitui-se assim numa incorporação do estrangeiro pelo popular que o quadro retrata. Cf. GOTLIB, Nádya Batella. *Tarsila do Amaral. A Modernista*. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1998, p. 95.

(23) *Tarsila: 50 anos de pintura* (Catálogo da Exposição). São Paulo, MAM, 1953, p. 16. Em *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*, op. cit., p. 58, Aracy Amaral afirma: “Tão numerosos são esses desenhos da viagem a Minas que é como se Tarsila não houvesse nunca interrompido, em sua linha fina, sensível e fluida, o caminho de seu lápis ligeiro por seus cadernos de apontamentos”.



Fig.9. Tarsila do Amaral. *Palmeiras*. Óleo sobre tela, 1925.

Coqueiros
Aos dois
Aos três
Aos grupos
Altos
Baixos

Sobre o quadro, Aracy Amaral afirma:

“Palmeiras”, feito (...) segundo rápidos esboços realizados durante sua viagem a Minas no ano anterior, onde as formas redondas de montanhas irreais contrastam com a verticalidade extrema de palmeiras contra o céu azul.⁽²⁴⁾

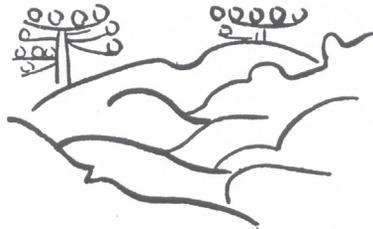


Fig.10. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção “Roteiro das Minas”, do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

Comparando os desenhos que ilustram as seções “Roteiro das Minas” (fig. 10) e “Postes da Light” (fig. 11), observamos que as montanhas de

(24) AMARAL, Aracy. *Tarsila, sua obra e seu tempo*, vol. I, p. 177.



Fig.11. Tarsila do Amaral. Desenho para a seção "Postes da Light", do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. 1925.

Minas são substituídas por arranha-céus, as árvores, por postes e chaminés e o vazio é preenchido por casas e figuras que ocupam todo o espaço.

Nas telas *EFCB* (fig. 12), de 1924, e *La Gare* (fig. 13), datada de 1925, observamos a geometrização da paisagem e a convivência de elementos antagônicos, antigos e modernos, natureza e progresso, que nos permitem analisar a cidade que é o oposto das cidades mineiras: São Paulo. O quadro *São Paulo (135831)* (fig. 14), de 1924, de Tarsila, também traz a oposição de elementos, com edifícios e árvores dividindo o mesmo espaço.

A principal diferença entre os poemas e os quadros *Pau Brasil* é que nos poe-



Fig.12. Tarsila do Amaral. *E.F.C.B.* Óleo sobre tela, 1924.



Fig.13. Tarsila do Amaral. *La Gare*. Óleo sobre tela, 1925.



Fig.14. Tarsila do Amaral. *São Paulo (135831)*, Óleo sobre tela, 1924.

mas encontramos personagens da cidade em ação, uma cidade bem povoada, enquanto nos quadros impera a cidade despovoada. Refletindo sobre isso, Icléia Borsa Cattani afirma num artigo: “A cidade de Tarsila não existe”, argumentando que a ordenação e o despovoamento das cidades que retrata são utópicas e, portanto, suas cidades não são reais.⁽²⁵⁾ Discordamos dessa afirmação, pois os quadros de Tarsila refle-



Fig.15. Tarsila do Amaral. *São Paulo (GAZO)*, Óleo sobre tela, 1924.

tem uma visão geral da cidade. O fato de não retratar figuras humanas não quer dizer que elas não existam, mas sim que são as construções que dominam, encobrindo-as e sobrepondo-se à natureza.

A análise do quadro *São Paulo (Gazo)* (fig. 15), também de 1924, serve-nos como argumento. Os elementos nele representados são os símbolos da cidade de São Paulo enquanto cidade moderna: chaminés, um edifício, um automóvel e uma bomba de gasolina. Não sentimos falta da representação de figuras humanas para completar o quadro, principalmente porque seu título já anuncia como essenciais a bomba de gasolina e o carro, diretamente relacionado a ela, e também porque esses elementos estão em primeiro plano.

Depois de refazer o percurso do casal modernista guiados por seus olhares, podemos concluir que o movimento Pau Brasil se configura pela reversibilidade palavra-imagem e se consagra com o diálogo Tarsila-Oswald.

(25) Cf. CATTANI, Icléia Borsa. “O desejo de modernidade e as representações da cidade na pintura de Tarsila do Amaral”, in BULHÕES, Maria Amélia & KERN, Maria Lúcia Bastos (Org.). *A Semana de 22 e a emergência da modernidade no Brasil*. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992, pp. 35-38.



Fig.16. Tarsila do Amaral. Capa do livro *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 1927.

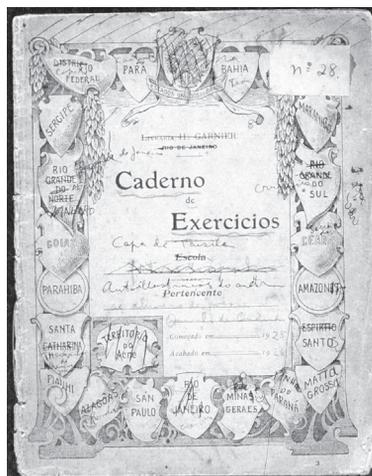


Fig.17. Capa de caderno de Livraria Garnier, com alterações de Oswald de Andrade, 1925-1926.

2. Escre... ver no

Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade

Os escritores não desenham. Eles desatam a escrita e tornam a até-la de outra maneira.

Jean Cocteau

As palavras de Jean Cocteau constituem um impulso para a análise de um livro escrito e ilustrado por Oswald. Composto ainda sob a inspiração Pau Brasil, no período 1926-1927, portanto, logo depois da publicação de *Pau Brasil*, pode ter sua leitura embasada nas idéias do movimento. Porém, a nosso ver, sua principal marca está na irreverência da concepção e realização.

O *Primeiro caderno...* tem o formato de 26,5 por 21,5 cm. A capa, feita por Tarsila do Amaral, em preto sobre papel branco ou pardo, compõe-se de um florão, que ladeia o título, em cujas flores estão os nomes dos estados brasileiros escritos com letras de forma imitando manuscritos infantis e alterados de forma engraçada, com acréscimo e supressão de elementos. No centro, está o título do livro em letras maiúsculas verme-

lhas. O desenho é emoldurado por dois retângulos: um preto, exterior, e um vermelho, interior. (fig. 16)

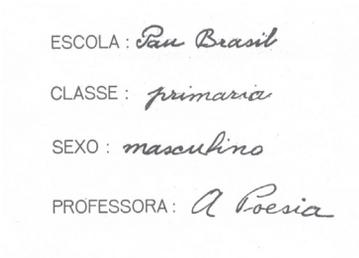
Embora tenha sua autoria atribuída a Tarsila, ela não a cria individualmente. Realiza-a com base em sugestões de Oswald, que a esboça sobre a capa de um caderno de exercícios da Livraria Garnier (fig. 17), no qual ele escreveu à mão os originais dos poemas. Temos, então, um quase *ready made*, pois se mantém a estrutura básica, modificando-se detalhes para que o caderno seja um reflexo mais fiel do aluno irreverente: ele altera os nomes dos estados que constam da capa do caderno acrescentando-lhes erros para caracterizar-se melhor como o aluno da poesia que se faz com “a contribuição milionária de todos os erros”, como proclama o Manifesto da Poesia Pau Brasil. Vemos, nesse processo, algumas inversões: a “descorreção” textual realizada pelo “aluno de poesia” e a elaboração visual realizada pela artista profissional com base nas instruções daquele.

Institui-se a imitação, a cópia, como princípio de composição da obra: o escritor imita o aluno/aprendiz; a artista, ao fazer a cópia, “finge” copiar o esboço realizado pelo aluno de poesia, pois podemos constatar diferenças entre o esboço e a capa publicada. Embora não faça uma cópia fiel, os traços dos florões e das letras de forma imitam aqueles realizados de próprio punho pelo escritor/aluno de poesia, que se evidenciam como rabiscos em contraste com a letra impressa, tipográfica, do título em vermelho.

Ao intitular a obra como caderno, Oswald dessacraliza o livro e dá ao caderno um novo *status*. Este último é ante-texto – porque precede o livro, espaço do processo de criação, em que o autor escreveu à mão as primeiras lições dos poemas – e anti-texto – porque é o anti-livro, é o aprendido, o espaço em que se exercita o que se aprende nos livros, não devendo, portanto, ocupar seu lugar, e é também o espaço de escritura privado, quase íntimo. Assim, o livro classificado como caderno é menos: talvez não devesse ser publicado. E o caderno, considerado como livro, é mais: passa de privado a público ao ser editado, deixa de ser um “simples caderno”.

A irreverência e a ousadia do autor são visíveis por meio da concepção verbo-visual pseudo-infantil da obra:⁽²⁶⁾ o livro imita o caderno, o

(26) É evidente que essa obra foi influenciada pelos livros de artista europeus, e também pelos trabalhos de Cendrars, Apollinaire e dos futuristas, que Oswald conhecia, mas não vamos nos deter nesses antecedentes.



Viva o anno de 1922

Fig.18. Oswald de Andrade. Identificação do livro *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 1927.



DESENHOS DO AUTOR

Fig.19. Oswald de Andrade. Crédito a Tarsila do Amaral no livro *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 1927.

escritor imita o aluno, o adulto imita discursos voltados para o universo infantil e a visão de mundo da criança.⁽²⁷⁾

Numa das primeiras páginas do *Primeiro caderno...*, encontramos a identificação escolar do “aluno de poesia” imitando o padrão dos cadernos e simulando o preenchimento manuscrito em letras caprichadas, acompanhado de uma saudação provavelmente comum nos cadernos da época. (fig. 18) O traçado do manuscrito infantil, a caligrafia escolar, vem confirmar o que se anuncia na capa: completa a caracterização do caderno, que se faz com precisão, para que o leitor mergulhe no universo escolar-infantil. A partir daí, ele passa a assumir ares de livro, pois são usados caracteres tipográficos convencionais nos textos, opção consciente do autor para que o caderno –sem deixar de sê-lo– passe para o outro *status*.

Os caracteres manuscritos reaparecem no final, numa das últimas páginas (fig. 19), quando se apresentam as referências sobre a ilustração do texto. O crédito a Tarsila é escrito no miolo de uma flor que parece ter

(27) Curiosamente, Oswald não utiliza o *baby-talking* que podemos encontrar em suas cartas destinadas a Tarsila, Dolur e Nonê, reproduzidas em AMARAL, Aracy. *Tarsila. Sua obra e seu tempo*, op. cit.. O “enunciador pueril” ou “enunciador criança” – tomo a expressão de KOSSOVITCH, Elisa A. *Mário de Andrade Plural*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990, pp. 162-163 – surge em poemas de *O escaravelho de ouro*, obra que não analisaremos neste trabalho.

sido tirada do florão da capa. O tipo de letra utilizado é o mesmo que aparece na identificação do aluno: traços caprichados que contrastam com a letra de forma oscilante com que se escreve, logo abaixo, a informação sobre a autoria das ilustrações, os mesmos com que estão traçados os nomes dos estados na capa. O contraste e a simetria visam a proporcionar a coerência da obra.

O livro é composto por 23 poemas, dispostos um por página, com exceção dos conjuntos de poemas “As quatro gares” e “Balas de estalo”, que agrupam dois textos numa mesma página. Cada poema é acompanhado por um desenho e todos eles estão dedicados a pessoas identificadas por seu nome ou apelido. Os títulos são escritos em letras vermelhas e os poemas têm extensão variada, entre 1 e 93 versos (“Amor” e “Hino Nacional do Paty do Alferes”, respectivamente o poema mais curto e o mais longo do livro). São constituídos por versos livres, sem sinais de pontuação, e alguns estão espacializados. São as palavras em liberdade.

Essa distribuição dos textos cria um impacto, obtido por meio do contraste entre o texto e o espaço em branco: o texto curto se perde e se destaca na página ampla e quase vazia que o desenho ajuda a preencher. A página quase vazia contrasta com outra quase totalmente preenchida pelo poema mais longo. Também diversa é a disposição do desenho em relação ao texto – o que adquire significação em alguns casos –, colocado estrategicamente antes ou depois dele, entre o título e o primeiro verso, ou ainda ao lado do texto.

Considerando o texto e a imagem de forma geral, podemos ver nesta obra um exercício do mínimo: poemas curtos, em sua maioria, “compromidos de poesia” – como Paulo Prado classificou os poemas de *Pau Brasil*, no prefácio a essa obra – associados a ilustrações não dimensionalmente pequenas, mas simples, com poucos traços, verdadeiros esboços em alguns casos.

O *Primeiro caderno...* imita o livro em que se comunica a mensagem por meio do texto e da imagem.⁽²⁸⁾ O verbal e o visual dialogam, se completam, se interpenetram. Além dos desenhos, que apelam ao sentido da visão, os textos também são, em sua maioria, eminentemente visuais.⁽²⁹⁾

(28) Haroldo de Campos afirma: “O livro de poemas de Oswald participa da natureza do livro de imagens, do álbum de figuras, dos quadrinhos dos *comics*”. CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 47.

(29) Segundo Haroldo de Campos, “a visualidade na poesia oswaldiana não é apenas uma questão de imagem visual. Assim como ela se reflete, macroestruturalmente, no projeto do livro, ela também afeta os poemas isoladamente considerados”. CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 52.

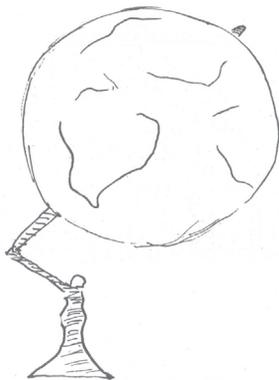


Fig.20. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Crônica”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

Em linhas gerais, temos, nesta obra, a imitação do olhar infantil sobre o mundo, os fatos, a passagem do tempo, apresentada por meio da simulação de perspectivas diversas nos poemas e, nas imagens, por meio da imitação dos traços dos desenhos infantis. *Grosso modo*, os textos podem ser classificados da seguinte forma: a imitação dos discursos relativos ao universo infantil –os contos de fadas e as cantigas de roda; a paródia de poemas e textos religiosos; cenas que satirizam episódios da história do Brasil; retratos parciais. Sendo assim, podemos dizer que o artista nos põe diante dos olhos o acontecer, às vezes sob a perspectiva da criança.

Imitações e Paródias

O poema “Crônica”, um dos últimos do livro, pode ser considerado como uma moldura, ou seja, um texto que engloba todos os demais. É uma metáfora da diversidade de temas –“o mundo”– apresentada sob a perspectiva pseudo-infantil, imitando o discurso do conto de fadas: “Era uma vez”, crônica contraditória de um tempo impreciso. O tema e o texto são inversamente proporcionais: o vasto mundo condensado em dois versos.

O desenho que o ilustra é uma representação de segundo grau. O globo terrestre, enquanto objeto, é uma representação, tentativa de apreender a vastidão do planeta Terra em um objeto dimensionalmente pequeno. O desenho, ao representar esse objeto, o reduz, pois não engloba a tridimensionalidade e, assim como o texto, alude à perspectiva totalizadora: o desejo de abarcar o mundo. (fig. 20)

Os poemas “Brinquedo” e “História pátria”, mais do que imitar, parodiavam outros discursos voltados para o universo infantil: a cantiga de roda e a brincadeira (o jogo de prenda), respectivamente.

No poema “Brinquedo”, é apresentado o crescimento da cidade de São Paulo paralelamente ao crescimento e amadurecimento do eu lírico, sob o prisma de um olhar pseudo-infantil. Tanto o crescimento do eu lírico como o da cidade são vistos como uma brincadeira de roda. Alternam-

se, no texto, as cenas da cidade e as cenas das brincadeiras da infância, pontuadas pelo refrão:

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

A “cidade pequena”, em que há “pouca gente” nas ruas, é vista da janela e representada na primeira estrofe. Personagens dos contos de fadas, presentes na hora de dormir, invadem a cena e se misturam os planos do sonho e da realidade, na segunda estrofe:

Desceram das montanhas
Carochinhas e pastores
Por dormir em meus olhos
Me levaram pra abrolhos

O progresso e o crescimento ao redor da casa são referidos nas estrofes seguintes (terceira, sexta e sétima). Mas agora são os bondes e os automóveis que invadem o universo das brincadeiras da infância. O movimento da cidade, na perspectiva da criança incorporada pelo eu lírico, é visto como uma extensão de seu universo lúdico:

Os bondes da Light bateram
Telefones na ciranda
Os automóveis correram
Em redor da varanda

Depois entrou no brinquedo
Um menino grandão
Foi o primeiro arranha-céu
Que rodou no meu céu

Do quintal eu avistei
Casas torres e pontes
Rodaram como gigantes
Até que enfim parei

Um dos grandes símbolos da cidade moderna, o arranha-céu, é assimilado pelo olhar da criança e será elemento de comparação com o “menino grandão”. Há reversibilidade entre os universos, pois, assim como muitas vezes os elementos da cidade moderna são relacionados ao universo infantil, agora é um elemento do universo da criança que é comparado a um elemento da cidade.



Fig.21. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Brinquedo”, do livro *Primeiro caderno... 1927*.

O olhar do eu lírico, que imita o olhar da criança, focaliza a cidade de baixo para cima, o que acentua a verticalidade urbana e a perplexidade diante dos monumentos, verbalizada na identificação do “menino grandão” com o arranha-céu, e das “casas torres e pontes” que “rodaram como gigantes”. É também o olhar de um espectador não-participante que observa, da janela, a cidade em movimento ininterrupto, movimento refletido nas palavras por meio da repetição do refrão, que é também característica da estrutura das cantigas de roda.

Na última estrofe, a ironia desmascara a perspectiva pseudo-infantil:

Hoje a roda cresceu
 Até que bateu no céu
 É gente grande que roda
 Mando tiro tiro lá

O desenho (fig. 21) também é um registro do crescimento da cidade e também se constitui numa paródia: é uma cópia do quadro *São Paulo (Gazo)*, de Tarsila, datado de 1924 (fig. 15). Na ilustração/quadro, encontramos uma fábrica, prédios com chaminés e fumaça, uma árvore, um carro e uma bomba de gasolina. A cópia é confessada com a inscrição ao pé do desenho em letras de forma maiúsculas: “Viva Tarsila!”. Isso constitui uma homenagem e um indício da cópia que não se quis clandestina. Ele não copia o quadro completo, deixa de lado o que não lhe

parece essencial, faz algumas modificações e espelha o carro e a bomba de gasolina, que estão em primeiro plano tanto no quadro quanto no desenho, o que dá pistas sobre a cópia, marca a diferença e também indica a “recriação”. Assim como Tarsila copiou o esboço feito por Oswald na capa do caderno para fazer a capa do livro, ele copia seu quadro para ilustrar o poema e aproveita para homenageá-la.

Dando continuidade à paródia, em “História Pátria”, faz-se uma crítica à exploração do Brasil na época colonial. A exploração dos recursos naturais brasileiros pelos estrangeiros é reduzida a uma brincadeira de criança, um jogo de prenda entre europeus e brasileiros. Vinham para cá embarcações com exploradores de diversas procedências, as quais saíam levando índios, pau-brasil etc. Esse ir-e-vir é registrado no texto pela estrutura que se repete –“Lá vai uma barquinha carregada de...”– e se reflete também na organização dos versos, dispostos alternadamente à esquerda ou à direita de modo a reproduzir o movimento. Os exploradores são enumerados em ordem alfabética:

Lá vai uma barquinha carregada de
Aventureiros
Lá vai uma barquinha carregada de
Bacharéis
Lá vai uma barquinha carregada de
Cruzes de Cristo
Lá vai uma barquinha carregada de
Donatários
Lá vai uma barquinha carregada de
Espanhóis
(...)
Lá vai uma barquinha carregada de
Flibusteiros
Lá vai uma barquinha carregada de
Governadores
Lá vai uma barquinha carregada de
Holandeses

O que eles levam do Brasil é mencionado sem ordem ou critério: “índios, degradados, pau de tinta”, e isso se faz em um movimento acelerado, espelhado no ritmo dos versos, que contrasta com o movimento lento e ritmado dos versos em que são referidos os exploradores:

Lá vem uma barquinha cheinha de índios
Outra de degradados
Outra de pau de tinta

As barquinhas que vêm imprimem outro ritmo à história e ao poema: passa a imperar a desordem, acumulam-se os elementos, mesclar-se-ão exploradores e explorados, o que possibilita a mistura de raças e faz ver o fato como um jogo de prenda:

Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlânticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prenda coa raça misturada
No litoral azul de meu Brasil

Temos, nesse poema, a paródia do discurso da brincadeira, a perspectiva crítica, pois a identificação de um episódio da história pátria, como o título anuncia, a um jogo de prenda constitui uma forte ironia. No último verso – “no litoral azul de meu Brasil” – ressoa o discurso ufanista.

O movimento de ir-e-vir que estrutura o texto está refletido também na ilustração do poema (fig. 22), localizada no alto da página, antes do texto: repete-se o desenho de uma barquinha infantilmente estilizada, sete barquinhas iguais em que só o tamanho varia, dispostas à direita, à esquerda ou no centro da página, traduzindo a idéia do movimento. Não é possível distinguir quais das barquinhas vão ou vêm, numa homogeneização propositada como se faz também com os tripulantes que, embora de nacionalidades e caracteres diferentes, igualam-se em seus procedimentos. Pode-se apontar ironia na representação de barquinhas tão frágeis cruzando o Atlântico, feitas rapidamente, com um número mínimo de traços: um trapézio e um triângulo justapostos e esboçados sem nenhum capricho, o que é uma crítica sutil ao potencial europeu para as grandes navegações.⁽³⁰⁾

“Meus oito anos”, por sua vez, é uma paródia do poema homônimo de Casimiro de Abreu, poeta do Romantismo brasileiro, em que o adulto rememora momentos de sua infância. A seriedade que caracteriza o poema romântico é substituída pela irreverência de Oswald com a supressão do elemento religioso e a menção à cocaína. As sensações são substituídas por cenas e o poema modernista, assim, nos faz ver “o quin-

(30) Essa ilustração se assemelha àquela realizada pela pintora Tarsila do Amaral, para a seção “História do Brasil”, do livro *Pau Brasil*.

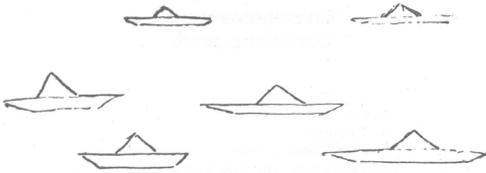


Fig.22. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “História pátria”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.



Fig.23. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Meus oito anos”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

tal de terra”, “a bananeira” –representada também no desenho que o ilustra (fig. 23)– e recupera, mais do que o tempo, o espaço da infância. Inclusive, faz o intertexto com o poema “Brinquedo”, ao mencionar o crescimento da cidade nos versos: “A cidade progredia/ Em roda de minha casa”.

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões
Da cocaína da infância
Nos banhos de astro-rei
Do quintal de minha ânsia
A cidade progredia
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

O poema “Soidão” é uma paródia do discurso religioso, misto de oração e ladainha. A oração se concentra na segunda estrofe:

Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglês
Aí do lado
Que dorme numa cadeira
À espera de visitas que não vêm

A ladainha se constrói com a repetição do refrão, com variantes:

Chove chuva choverando
Que a cidade de meu bem
Está-se toda se lavando

Chove chuva choverando
Que o jardim de meu bem
Está-se todo se enfeitando

Chove chuva choverando
Que a casa de meu bem
Está-se toda se molhando

A oração é motivada por uma cena de solidão presenciada no hotel – espaço interno do texto – da qual o eu lírico espera ver-se livre. A imagem da solidão é impactante: o velho inglês que dorme numa cadeira à espera de visitas que não vêm – total abandono. Nas demais estrofes, constrói-se o espaço exterior da cidade caracterizado pela chuva ininterrupta – mimetizada pela repetição do refrão – e pelo anoitecer:

A chuva cai
Cai de bruços
A magnólia abre o pára-chuva
Pára-sol da cidade
De Mário de Andrade
A chuva cai
Escorre das goteiras do domingo

Anoitece sobre os jardins
Jardim da Luz
Jardim da Praça da República
Jardins das platibandas

A última estrofe reúne os três elementos da paisagem: a noite, o hotel e a chuva. O último verso coincide com o primeiro, repetição da frase que

pontua todo o texto. Instaure-se a circularidade e se confirma a intermitência da chuva e do discurso/ladainha:

Noite
Noite de hotel
Chove chuva choverando

Podemos interpretar essa estrofe também como uma legenda do desenho (fig. 24) em que estão representados o hotel, a chuva. Sua verticalidade contrasta com a horizontalidade e a cadência monótona do texto, que a repetição sustenta, ao mesmo tempo em que espelha a verticalidade da chuva e do anoitecer. A chuva é, ao mesmo tempo, movimento vertical e horizontal:⁽³¹⁾

A chuva cai
Cai de bruços
(...)
A chuva cai
Escorre das goteiras do domingo



Fig.24. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Soidão”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

Chamam a atenção no poema dois neologismos: “soidão”, a solidão que o poema tematiza espelha-se na falta da letra “l” na palavra; “choverando”, acúmulo de dois vocábulos em um – chovendo e chorando – reflexo da água da chuva que também se acumula. Esses vocábulos podem também ser interpretados como insinuação da “enunciação criança”, que suprime letras e conjuga verbos com associações “erradas” de acordo com a gramática normativa. Ainda no nível da linguagem, a construção incorreta “está-se toda” também pode relacionar-se à “enunciação criança”, mas parece estar mais relacionada à construção da musicalidade por meio da interrupção da seqüência das interdentais e conseqüente repetição das sibilantes. “Soidão” é literalmente um canto paralelo: oração e melodia, imagem do fluir da chuva e da solidão refletidas na estrutura do texto que, por sua vez, reverbera no desenho: os riscos que representam a chuva mimetizam o eloqüente “Chove chuva choverando” que permeia o poema.

(31) Da mesma forma, o “anoitecer sobre os jardins” adquire dimensões temporal e espacial. Cf. GONÇALVES, Aguinaldo. “‘Soidão’ ou o jardim retórico de Oswald de Andrade”, in *Laokoon revisitado*. São Paulo, Edusp, 1994, p. 243.

Com essas imitações e paródias, temos o registro dos fatos do cotidiano e da história intermediado pelo olhar infantil.

Sátiras

Em “A sátira na literatura brasileira”, Oswald aborda a sátira e o riso:

Qual o prestígio da sátira? Qual a sua finalidade? Qual a sua função? Fazer rir. Evidentemente isso está ligado ao social. Ninguém faz sátira rindo sozinho. A eficácia da sátira está em fazer os outros rirem de alguém, de alguma instituição, acontecimento ou coisa. Sua função é, pois, crítica e moralista. E através da ressonância, a deflagração de um estado de espírito oposto. A sátira é sempre oposição.

(...)

O que caracteriza o riso é sempre o insólito, o bizarro, o anormal. É o cachorro na igreja que torna o riso inevitável. É o inadequado nas suas várias modalidades.

Transponha-se isso para o terreno da crítica, da ressonância e da linguagem social e está aí a sátira. Nela o oprimido se sente justicador. É a revanche, a descarga, a vindita.⁽³²⁾

Vejam os elementos que constituem seus poemas. Como em “História Pátria”, temos, em “Anacronismo”, uma cena que retrata de forma simplificada, redutora e irônica um episódio da História do Brasil:

O português ficou comovido de achar
Um mundo inesperado nas águas
E disse: Estados Unidos do Brasil

A sátira se constrói por meio da ironia. Ao tratar do encontro de culturas, Oswald pressupõe que o colonizador português, ao avistar as novas terras, sabia estar diante de um país que viria a constituir-se sob o nome “Estados Unidos do Brasil”, incorrendo assim num anacronismo. Essa questão, tratada com tanta concisão e de forma divertida por Oswald, nesse texto de 1927, foi explicada didaticamente pelo historiador Fernando Novais, em entrevista publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, em 24 de abril de 2000:

(32) ANDRADE, Oswald de. “A sátira na literatura brasileira”. Conferência proferida na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em 21 de agosto de 1945. Reproduzida em ANDRADE, Oswald de. *Obras completas. Estética e política*. São Paulo, Globo, 1992, pp. 69-85.

Folha: Em 1500 não há, então, um “nascimento”?

Novais: Não há. Acreditar nisso seria incorrer num anacronismo, (...).

Folha: O que é anacronismo?

Novais: Para reconstituir determinado segmento do passado, o historiador precisa esquecer o que ele sabe que aconteceu depois. O historiador incorre no anacronismo quando ele imputa aos protagonistas o conhecimento sobre os acontecimentos posteriores. A reconstituição se torna uma “profecia do passado”.

(...)

No caso do Brasil, reconstituir a viagem de Cabral como Descobrimento do Brasil pressupõe imaginar que ele já sabia que iria se constituir no século XIX uma nação com esse nome. Isso é anacronismo.⁽³³⁾

As palavras do historiador legitimam as de Oswald ditas com muita antecipação e propriedade, além da grande ironia ao dizer que “o português ficou comovido” e que este realizou o feito de “achar/ um mundo inesperado nas águas”. Sabemos que ele não “achou” e que não era “um mundo inesperado”. A ironia se completa na ilustração, na qual vemos o desenho de uma figura que chega numa embarcação (o retrato do português?), a qual expressa muito mais ambição do que comoção em seu gesto diante do cenário com o qual se depara. Este cenário é também anacrônico, pois vemos prédios atrás do monte avistado, e não a natureza exuberante encontrada “por ocasião da descoberta”. (fig. 25)

O poema “Brasil”, por sua vez, representa de forma satírica o encontro entre o português, o índio e o negro:

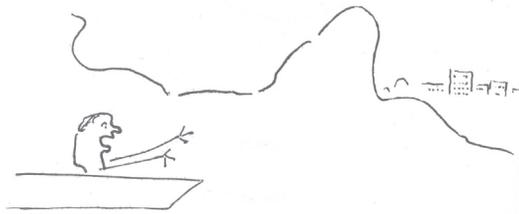


Fig.25. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Anacronismo”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata-virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte

(33) NOVAIS, Fernando. “‘Não podemos nos transformar em índios’, diz Fernando Novais”, in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24.4.2000, p. 1.6.

Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
 Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
 O negro zonzo saído da fornalha
 Tomou a palavra e respondeu
 – Sim pela graça de Deus
 Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
 E fizeram o Carnaval

O português é referido metonimicamente como “Zé Pereira” e a religião é apresentada como tema central do primeiro contato. A pergunta do colonizador – “Sois cristão?” – é respondida pelo indígena com uma citação de um verso de Gonçalves Dias: “Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte”, do poema “I-Juca Pirama” (cujo título significa “aquele que deve morrer”), seguida de algumas palavras que podem ser uma frase em língua indígena ou uma simulação disso realizada por Oswald. Temos aí a crítica ao “falar difícil”, mencionado no Manifesto da Poesia Pau Brasil – pois Gonçalves Dias é um poeta do Romantismo Brasileiro, acusado de atribuir aos índios a fala do português – e também ao processo de colonização portuguesa: ao assumir sua diferença cultural, é como se o índio ocupasse o lugar do protagonista do poema citado, pois poderá ter como fim a morte caso resista à catequização, à aculturação.

O negro surge nesse cenário, embora ainda não houvesse negros no Brasil quando da chegada dos portugueses, e responde afirmativamente, talvez por estar zonzo. Não só confirma sua religiosidade como dá provas dela ao usar a expressão “pela graça de Deus”, ou seja, demonstra já haver assimilado o discurso religioso. E, em seguida, emite sons que podem ser atribuídos a uma língua africana.

Fica muito clara a contribuição das línguas e culturas européia, indígena e africana na formação brasileira, o que Oswald reproduz em seu texto. Tanto o índio como o negro demonstram o conhecimento da língua do outro, mas não deixam de utilizar também sua própria língua. A conclusão apresentada no final da cena é que do encontro das raças resultou o carnaval, o que antecipa um aforismo do Manifesto Antropófico: “Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval”.

O poema é ilustrado por uma bandeira desfraldada ao contrário, pendendo do mastro pelo lado esquerdo, em que está esboçada a cabeça de um homem com um gorro, que podemos identificar como o colonizador português, mencionado no texto como Zé Pereira. (fig. 26) Uma bandeira fincada simboliza a posse e ocupação do território. Porém esta, simples, sem grandeza e invertida, dessacraliza o símbolo pátrio e não

impõe nenhum respeito. Associada ao poema, que apresenta de forma paródica o encontro entre o português, o índio e o negro, a bandeira pode ser relacionada a um estandarte carnavalesco, já que o texto afirma que do encontro das raças resultou o carnaval. Sua elaboração se faz com poucos traços e a inversão em sua representação é bastante comum às ilustrações das crianças pequenas, que às vezes espelham os objetos ao transportá-los para o papel. Essa inversão de perspectiva é análoga à inversão de leitura da História do Brasil, em que o encontro das raças é apresentado ironicamente como harmônico e festivo, opostamente ao que ocorreu de fato.

Nesses poemas, Oswald constrói a sátira da História do Brasil na Literatura Brasileira.

Retratos e cenas

No poema “Meus sete anos”, temos a imitação do discurso da criança para representar um momento da infância: a visão que a criança tem do pai e o momento de expectativa em que se constitui a espera por sua volta do trabalho. Por meio de sua atividade, se constrói a imagem paterna de forma fragmentada, parcial, como as figuras representadas no desenho que o acompanha: recorte de um guichê em que assomam figuras minúsculas, com poucos traços, dificilmente identificáveis. (fig. 27)

Papai vinha de tarde
 Da faina de labutar
 Eu esperava na calçada
 Papai era gerente
 Do Banco Popular
 Eu aprendia com ele
 Os nomes dos negócios
 Juros hipotecas
 Prazo amortização
 Papai era gerente
 Do Banco Popular
 Mas descontava cheques
 No guichê do coração



Fig.27. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Meus sete anos”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.



Fig.26. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Brasil”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

“O filho da Comadre Esperança” e “Enjambement do cozinheiro preto” são, assim como “Meus sete anos”, tentativas de retratos. O filho da Comadre Esperança, de que trata o poema homônimo, é “deserdado, magro e pálido” e não tem sequer o nome mencionado, identificado como “o filho da Comadre Esperança”. Constitui-se numa visão parcial, cuja perspectiva não se pode identificar, se é o olhar de um adulto ou de uma criança. Há uma breve referência ao passado – “Era o deserdado” – e o registro do presente da escritura – “agora”:

Era o deserdado
 Tinha uma história de envenenamento
 No passado
 Magro pálido trabalhador
 Mas agora à força de lutar
 Conseguiu uma posição na Bolsa de Mercadorias
 E comprou um chapéu novo

A ilustração que o acompanha é igualmente incompleta, aparentemente incabada: sua cabeça é uma forma ovalada, em que estão apenas esquematizados os olhos, o nariz e a boca, sustentada por três traços: um horizontal, que forma o tronco, e dois verticais, que constituem os braços. Na extremidade desses “braços”, estão esboçadas mãos com apenas três dedos. Sobre o desenho, podemos afirmar que tem caráter pseudo-infantil, é quase um negativo, pois a imagem fica indefinida. (fig. 28)

“Enjambement do cozinheiro preto”, ao contrário, traz no desenho (fig. 29) uma imagem mais completa. Porém, o texto se restringe ao registro de sua habilidade, não de sua aparência, mencionada brevemente no título:

Chamava-se José
 José Prequeté

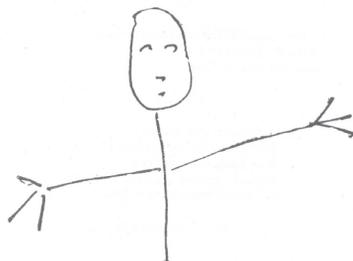


Fig.28. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “O filho da comadre Esperança”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.



Fig.29. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Enjambement do cozinheiro preto”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

A sua habilidade consistia em matar de longe
 Decepano com uma larga e certa faca
 Cabeças
 De frangos, patos, marrecos, perus, enfim
 Da galinhada solta no quintal
 Do Grande Hotel Melo

Os poemas do conjunto “As quatro gares” constroem-se com referências a fatos ou elementos marcantes de cada uma das fases ou estações (“gares”, num galicismo que constitui um trocadilho com “saisons”) da vida e são ilustrados por desenhos (figs. 30 a 33) que as representam metonimicamente com um traço pseudo-infantil. Converte-se a alusão ao espaço em menção ao tempo, cenas constituídas por momentos que representam cada uma das etapas.



Fig.30. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Infância”, do livro *Primeiro caderno... 1927*.

No poema “Infância”, temos a enumeração de objetos e fatos que marcaram esse período apresentados desconectados, apenas justapostos, seguindo o fluxo de consciência da “criança” que os enuncia. Da mesma forma, temos a ilustração dos objetos mencionados (o camisolão e o jarro) desconectados, apenas justapostos sem nenhuma relação lógica visível. Sua escolha, porém, não é gratuita, pois os elementos citados/representados constituem reminiscências autobiográficas do autor.⁽³⁴⁾ (fig. 30).

Em “Adolescência”, há, verbal e visualmente, uma referência imprecisa a um amor marcante. Enquanto no texto sua verbalização é negada – o “nem me fale” pode referir-se a algo inesquecível tanto positiva como negativamente –, na ilustração a negação se faz pelo anonimato do casal que é registrado num anti-retrato: de costas, impreciso, apenas vultos abraçados. (fig. 31)

Os poemas-fases “Maturidade” e “Velhice” são marcados pela vinda de novas crianças, o que denuncia a passagem do tempo. “Maturidade”



Fig.31. Tarsila do Amaral. Ilustração do poema “Adolescência”, do livro *Primeiro caderno... 1927*.

(34) Em seu livro de memórias, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* (São Paulo, Globo, 2003, p. 38), Oswald se recorda da infância: “Nesse tempo, aqui, ninguém usava pijama e minha mãe, à entrada de cada inverno, me presenteava com um comprido e folgado camisolão da boa lã daquele tempo”.

situa-se do lado direito do desenho, *ready made* de um cartão feito para anunciar o nascimento do bebê. A idade madura é definida pelo anúncio da maternidade, cujo símbolo, o berço, ilustra-a com precisão sem ser previsível. (fig. 32)

A velhice é marcada pelo contraste entre o avô e o neto, o primeiro como vítima das travessuras do segundo. Também aqui a ilustração se faz por meio de um símbolo, o chinelo (fig. 33) – o qual apresenta uma estampa mais típica de um chinelo infantil –, que causa surpresa, pois pela leitura do poema esperava-se encontrar aqui representados os óculos.

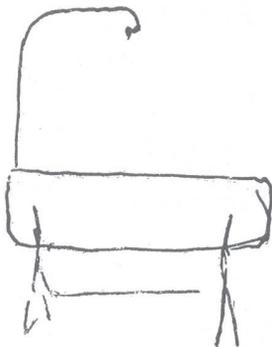


Fig.32. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Maturidade”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

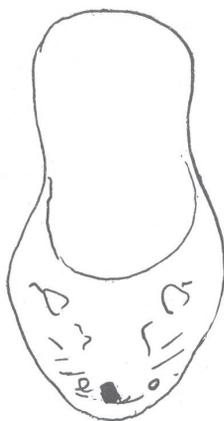


Fig.33. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Velhice”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

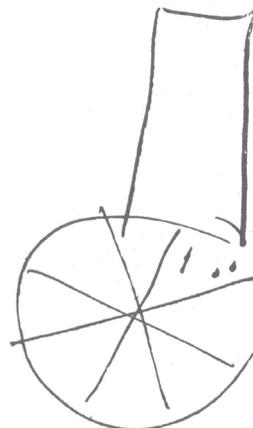


Fig.34. Oswald de Andrade. Ilustração do poema “Amor”, do livro *Primeiro caderno...* 1927.

Nos poemas “Infância” e “Maturidade”, os textos estão localizados ao lado dos desenhos e, assim, parecem legendá-los, o que não significa, porém, que um elemento esteja subordinado ao outro.

Podemos caracterizar essas cenas e retratos como incompletos, imprecisos e metonímicos, traços que estão de acordo com a idéia do caderno e do aluno que constituem o pano de fundo.

O ilimitado

O poema “Amor” não se encaixa nas categorias apresentadas, mas vamos analisá-lo por seu caráter emblemático na obra. É o mais curto do

livro, composto por apenas um verso, uma palavra.⁽³⁵⁾ Situado no pé da página, à direita, com o desenho um pouco acima, deixa o alto da página e o lado esquerdo vazios, contrastando sua concisão com a “vastidão” do papel. Por ser o primeiro poema do livro, por sua constituição e também por sua localização estratégica na página, pode ser lido como uma epígrafe.

Podemos entender o texto como a apresentação de uma definição irreverente para a palavra amor: o humor. Podemos lê-lo também considerando o título como parte do texto. Assim, temos um efeito sonoro obtido pela rima perfeita aMOR/huMOR e podemos interpretá-lo como uma alusão à presença desses elementos na vida.

O desenho que o ilustra (fig. 34) também permite leituras várias, entre elas o movimento circular. Constitui-se por uma circunferência dividida em oito partes, a qual apresenta uma haste na parte superior e pode ser uma roda-gigante ou uma árvore ao contrário. Há informações de que Oswald de Andrade a considerava um canhão de guerra,⁽³⁶⁾ o que é possível e até constrói uma associação muito oswaldiana: guerra-amor-humor, e se pode atribuir-lhe ainda um caráter fálico. Dispostos nessa ordem, numa leitura vertical, relegam o amor a uma posição oscilante entre dois elementos concebidos como opostos: a guerra e o humor.

A reversibilidade da leitura do texto se espelha na reversibilidade da ilustração. O caráter impreciso desse desenho permitiu que, ao ser reproduzido nas *Poesias Reunidas O. Andrade*, em 1945, fosse impresso de cabeça para baixo, numa inversão oswaldiana não-planejada, “contribuição milionária de todos os erros”, confirmando mais um aforismo do Manifesto da Poesia Pau Brasil.

Com esse poema que anuncia o mínimo, fechamos o círculo desta leitura que foi aberto com o poema “Crônica: do infinito ao mínimo, Oswald nos convida a “ver com olhos livres” o mundo, por meio da relação palavra-imagem que se estabelece no livro.

Concluimos com as palavras de Mário de Andrade:

O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica. (...) É como que

(35) Haroldo de Campos, no ensaio “Uma poética da radicalidade”, *op. cit.*, p. 55, classifica esse poema como o mais sintético da língua portuguesa.

(36) Essa informação é apresentada por Augusto de Campos, em nota a “Oswald – Livro livre” (*Folha de São Paulo*, Caderno Letras, São Paulo, 8.2.1992, p. 10, a qual transcrevemos: “Ele [Rudá de Andrade] se recorda de um comentário de Nonê (Oswald de Andrade Filho) afirmando que a imagem representaria um canhão da guerra de 14.”

uma arte intermediária entre as artes do espaço e as do tempo, (...) O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade o desenho é ilimitado, pois nem mesmo o traço (...) o delimita.⁽³⁷⁾

O caráter ilimitado e intermediário que Mário de Andrade atribui ao desenho estende-se a esta obra em seu conjunto: situada entre o caderno e o livro, “primeiro” caderno, o que sugere que virão outros; obra híbrida composta de texto que quer ser imagem e desenho que imita a escrita, traços do vir-a-ser livro-objeto, caderno de aluno / poeta.

Conclusão

A imagem é inerente à poesia. Buscamos, porém, destacar os poemas de Oswald nos quais, mais do que a imagem como tropo, temos a *ekphrasis* – nas palavras de Claus Clüver, “a verbalização de textos reais ou fictícios compostos em um sistema de signos não-verbais.”⁽³⁸⁾ Nesse sentido, a *ekphrasis* é praticamente equivalente a “enárgeia: pôr diante dos olhos”, pois “para Quintiliano, a enárgeia é uma verdadeira transcri(a)ção do real através das palavras”.⁽³⁹⁾ Esse foi nosso eixo neste trabalho: a focalização das imagens criadas pelas palavras.

Oswald de Andrade, ao aproximar, nas obras analisadas, o antigo e o moderno, a tradição e o novo, o nacional e o estrangeiro, e ao dialogar com as vanguardas abordando o universo primitivo em suas diversas acepções –o pré-cabralino, o africano e a criança–, busca o humor, o prazer, o riso, resgata a história e a infância. Por si só e com Tarsila do Amaral transfigura miragens nas imagens criadas com traços da escrita, do desenho ou da pintura, nesses livros e poemas para ler / ver.

(37) ANDRADE, Mário de. “Do desenho”, in *Aspectos das artes plásticas no Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1984, pp. 67-68.

(38) CLÜVER, Claus. “Quotation, Enargeia, and the functions of Ekphrasis”, texto não-publicado, p. 12: “Ekphrasis is the verbalization of real or fictitious texts composed in a non-verbal sign system.” [Tradução minha.]

(39) SILVA, Márcio Seligmann. “Introdução/ Intradução”, in LESSING, G. *Laocoonte* (Trad. de Márcio Seligmann-Silva). São Paulo, Iluminuras, 1998, p. 59, nota 14.

The Yawuji Barra and the Yawuji Baía
(Os Avós de Barra e os Avós de Baía)

J. Chrys Chrystello

(University of Technology, Sydney, Australia)

0. Introdução

0.1. O continente-ilha

A Austrália caracteriza-se basicamente por ser um vasto continente de 8 000 000 km quadrados de baixo relevo orográfico, isolada, com suas terras áridas, bem diversa doutros locais do globo. O seu isolamento de outras massas de terra, explica até certo ponto a sua fauna e flora, enquanto o relevo pouco pronunciado se poderá atribuir à erosão do vento, das chuvas, e do calor durante as épocas geológicas em que a massa continental esteve acima do nível médio das águas. Para muitos, a Austrália foi a última fronteira, a última das terras, por ter sido das últimas que foram “descobertas” pela civilização ocidental... Dezenas de milhar de anos antes das viagens de Abel Tasman e James Cook ao Pacífico Sul, já os aborígenes haviam coberto a distância que separa a Ásia da Austrália, tendo-se disseminado pelo continente e pela Tasmânia, enquanto não falarmos das digressões portuguesas pela área...O início daquilo a que muitos chamam a nova era civilizacional, poderá situar-se em 1788, aquando da chegada do Capitão Arthur Phillip, da Real Marinha Britânica (e comandante supremo do Almirantado Português na América do Sul), à frente da 1ª Armada, quando na época existiam cerca de 300 mil aborígenes mas não foi Cook quem deu o nome a esta terra.

0.2. Flinders deu nome à Austrália

Quem baptizou este continente? Decerto não foram os Portugueses pois que nos seus mapas aparece ainda a designação de *Java a Grande* (*Jave, la Grande*), essa Terra Australis que eles negavam veementemente

conhecer e ainda hoje se recusam a reconhecer. Durante mais de 30 anos após o histórico dia 26 de Janeiro de 1788, data do desembarque da 1ª Armada, ela foi conhecida pelo seu nome em Latim, de “*Terra Australis*” com o cognome de *Incognita*, mas também era denominada como *Nova Holanda* em honra dos navegantes holandeses que durante o século XVII arribaram à inóspita e árida costa do noroeste; ou ainda *Nova Gales do Sul*, tal como a baptizara o Capitão Cook para toda a metade oriental, ou ainda Terra de Van Diemen (Van Diemen's Land) nome dada à Tasmânia pelo navegador holandês daquele nome. Houve porém um homem que lhe acabaria por dar um nome único a fim de terminar com a confusão de todas estas terminologias, um oficial da armada, navegador e explorador e hidrógrafo extraordinário com o nome de Matthew Flinders. Ele e o seu colega George Bass, um cirurgião naval com quem partilhava um amor ao mar e um interesse apaixonado na exploração de lugares distantes, exploraram e mapearam em conjunto e separadamente uma grande parte da costa australiana durante os finais do século XVIII e início do século XIX. Eles estavam de tal forma embrenhados no amor ao mar, a crer num dos seus biógrafos (Robert Osbiston⁽¹⁾), que deixaram as suas noivas de três meses para partirem em mais uma viagem. Flinders não tornaria a ver a sua mulher durante nove anos, dos quais sete passados numa prisão nas Maurícias. Bass nunca mais viu a sua mulher, pois que juntamente com a sua tripulação desapareceu na vastidão do Pacífico Sul, para nunca mais serem vistos nem ouvidos.

Flinders nasceu em Lincolnshire, na Inglaterra em 1774, e não acedeu aos desejos da família para ser cirurgião, tal como seu pai, avô e bisavô. Inspirado pela obra *Robinson Crusoe* ele já sabia que rumo ia dar à sua vida e aos 15 anos (1789) embarca como aspirante da marinha real, tendo maravilhado os seus superiores a bordo HMS Scipio com os seus conhecimentos de geometria e de navegação, dado ser muito novo e evidentemente autodidacta. Nos finais de 1790, Flinders juntou-se ao célebre Capitão Bligh (da famigerada *Bounty* e mais tarde Governador de Nova Gales do Sul) na sua segunda viagem ao Pacífico Sul, com o fim de transplantar fruta-pão das Índias Ocidentais.

Regressou a Inglaterra em 1793 e no ano seguinte alistou-se no HMS *Reliance*, então a aprestar-se em Portsmouth, para embarcar como passageiro sob o comando de John Hunter, recentemente nomeado gover-

(1) Bibliografia: 1. Robert Osbiston, jornal *Sydney Morning Herald*, 19 NOV.º. 1988; 2. Biblioteca Mitchell, Sydney; 3. Royal Australian Historic Society; 4. *Australian Dictionary of National Biography*; 5. *New Universal Encyclopedia*; 6. *The Story of Australia* (A História da Austrália), A. G. I. Shaw ed. Faber & Faber.

nador da nova colónia. Foi nesse navio que conheceu George Bass. Pouco depois de chegarem, em Setembro de 1795, os dois amigos fizeram-se ao mar com um miúdo como tripulante do barco Tom Thumb, um barquito com uma quilha de 8 pés (aprox 2,4 metros) e um mastro de 5 pés (1,5 metros), para fazerem descobertas ao longo da costa sul de Port Jackson. Exploraram a baía de Botany e o rio Georges, depois numa segunda viagem no “Reliance” passaram pela ilha Norfolk e mais para sul na costa pelo Lago Illawarra e Port Hacking.

0.3. Franceses na Austrália ⁽²⁾

Não é só a descoberta portuguesa da Austrália, ou o nome de quem a baptizou que são desconhecidos. Ignorado também é o facto de em 1772, o navegador francês François Saint-Allouarn ter ancorado o seu barco “*Gros Ventre* (Barriga Grande)” em Shark Bay (A Baía dos Tubarões), mesmo a meio da costa ocidental australiana (*Nova Holanda* ou *Gonnevilleleland* como os Franceses lhe chamaram), e plantando a bandeira emitiu uma “*prise de possession* (título de posse)” para o seu soberano rei Luís XV, enterrando uma garrafa na ilha Dirk Hartog. A reivindicação era válida. Saint-Allouarn morreu no regresso a França e Luís XV demasiado ocupado com a guerra pelas possessões Franco-Canadianas, pode não ter dado conta da reivindicação. Os Franceses planeavam ocupar as ilhas Rottneest e Garden (ao largo de Perth), também designadas como as Ilhas Napoleão, mas decidiram não manter uma fronteira comum com a Inglaterra. Napoleão apoiou uma expedição científica aos antípodas em 1800 liderada por Nicolas Baudin e a Austrália Ocidental voltou à posse de Inglaterra em 1829, assim como *Les Malouines* (*Falkland ou Malvinas*) o tinham sido 65 anos antes. A *Terra Australis* tornou-se assim em mais um acidente da História Anglo-Saxónica que latina.

A ligação da França e da Austrália (apesar das divergências quanto às explosões nucleares em Mururoa) persiste ainda nos nossos dias. Metade das mortes australianas nas duas Grandes Guerras foram em terras francesas, especialmente no Somme. Em 1918, o Exército Australiano (que não era parte do ANZAC⁽³⁾) ganharam uma batalha decisiva contra os alemães em Villers-Bretonneux em 25 de Abril, dia que se tornou Feriado

(2) Bibliografia: 1. Frank Bren, *The Bulletin*, Janeiro, 1988; 2. Hal Colebatch, *The Bulletin*, Novembro, 1987; 3. Carol Henty, *The Bulletin*, Dezembro, 1987; 4. John Stackhouse, *The Bulletin*, Julho, 1984; 5. Denis Reinhardt, *The Bulletin*, Novembro, 1985; 6. Leslie Marchant, *France Australe*, Artlook Books, Perth, 1982; 7. Colin Wallace, *The Lost Australia* (A Austrália Perdida de) *of François Peron*, Nottingham Court Press.

(3) ANZAC: Australian and New Zealand Expeditionary Corps (corpo expedicionário da Austrália e Nova Zelândia).

Nacional como Dia dos ANZAC's. Existem peregrinações regulares às campas de mais de 35 mil australianos na Picardia. A cidade de Mazamet, perto de Toulouse é “*mais australiana que francesa, e as suas companhias têm mais funcionários em Melbourne ou Geelong do que em Mazamet. As ruas chamam-se Melbourne, Yarra, Victoria, etc.*” segundo declarava Alain Serieyx que foi delegado geral da França para as celebrações do Bicentenário em 1988.

A Austrália Ocidental evoca aquilo que o país poderia ter sido com os seus nomes franceses: Esperance, Bonaparte, Bossu, Naturaliste e Vasse. O livro “*France Australe*” de Leslie Marchant (Artlook Books, Perth, 1982) dá o crédito a Binot Paulmier de Gonneville como o primeiro europeu a andar em terras austrais, em 1504.

O navio *Esperance*, sob o comando de D'Entrecasteaux, fez uma viagem em 1791 da França até à Baía Botany em busca do desaparecido La Perouse. Numa curiosa ironia do destino, La Perouse tinha-se feito à Baía de Botany em 26 de Janeiro de 1788. O Governador Arthur Phillip tinha acabado de chegar com os degredados e colonos ingleses e ao vê-lo, mal teve tempo de hastear a bandeira inglesa. La Perouse é um nome importante na história australiana, pois enviou despachos e mapas das suas expedições do Pacífico, feitas a partir da Baía de Botany (na Sydney actual). O seu desaparecimento foi um mistério por mais de 39 anos.

Ainda hoje existe um monumento à sua memória numa área concedida aos franceses perpetuamente em 1825 (não era bem o que Napoleão queria, mas de qualquer modo era território legitimamente francês em Gonneville-land). Aquele subúrbio, hoje território aborígene em grande parte, manteve o nome de La Perouse, nome também dado a um Museu na Baía de Botany, inaugurado aquando do Bicentenário (1988), e partilhando um edifício onde existe um controverso Museu Aborígene. Os franceses têm registos históricos dos seus múltiplos contactos com os aborígenes australianos, e os relatórios de François Peron e do artista Charles Leuseur evocam vívidas pinturas dos Tasmanianos que eventualmente pereceram sob o genocídio “europeu”.

O Conde de La Perouse, Almirante Jean François de Galaup, e as suas duas fragatas “*La Boussoule*” e “*Astrolabe*” ao chegarem ao porto da Baía Botany depararam com os 11 navios da 1ª Armada do Capitão Arthur Phillip. Estabeleceram contacto e viram Phillip partir para Port Jackson. Enquanto os britânicos faziam os preparativos para a sua instalação em Sydney Cove, os cientistas e marinheiros franceses descansaram por seis semanas na Baía Botany donde partiriam, de regresso a França em 10 de Março. Pouco depois as duas fragatas e os seus 230 homens desaparece-

ram, sem deixarem rasto. O mistério permaneceu até 1827, quando o navegador irlandês Peter Dillon encontrou a naufragada “*Boussole*” a dez metros de profundidade em Vanikoro, nas ilhas Salomão. Uns anos mais tarde também ali foi descoberto o “*Astrolabe*”, que soçobrou no mesmo ciclone. Alguns relatos compilados por Dillon, dão conta de que a maior parte dos náufragos foi comida por tubarões e alguns sobreviventes foram-no, mas pelos nativos que temiam que eles fossem espíritos malignos. Alguns sobreviventes demoraram entre 6 a 9 meses a construir um barco de dois mastros, nos quais apenas dois sobreviventes terão embarcado. Os restos de uma embarcação como a descrita pelos nativos foram encontrados em 1861, perto de Mackay, no norte da Queenslândia.

Hoje, no museu de nove salas, que ostenta o nome de La Perouse, podem observar-se reproduções do primeiro encontro com os aborígenes, do encontro com o capitão Phillip; vendo-se ainda a exploração geral do pacífico depois da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães e a história de La Perouse, desde o seu nascimento em Albi ao seu envolvimento na Guerra da Independência da América e a libertação dos portos de Hudson Bay das mãos dos ingleses. O Museu tem ainda relíquias da época que atestam os contactos amigáveis entre Sir Joseph Banks e La Perouse, e reproduções diversas da época.

Quando em 1984 se publicou o livro de Colin Wallace “*The Lost Australia of (A Austrália Perdida de) François Peron*”, imaginava-se que se iria reacender a controvérsia do século XIX sobre a nomenclatura da costa australiana: naquela época a costa meridional ostentava nomes como *Terre Napoleon*, *Golfe Bonaparte*, *Golfe Josephine*. A própria Ilha Kangaroo (Canguru) foi baptizada por Nicholas Baudin como “*Iles Decres*” e a Baía Encounter (Encontro) ficou denominada assim por ter sido o ponto de encontro acordado por entre François Peron e Matthew Flinders. O interesse da França por estas paragens, de acordo com aquele livro de Colin Wallace, cresceu a partir da expedição no século XVIII de Louis de Bougainville, antes da Revolução Francesa e da Era de Terror que se lhe seguiu. Napoleão nutria um fascínio secreto pela Austrália, notável, pois enquanto preparava as guerras no continente ainda teve tempo para se dedicar a montar uma expedição científica aos antípodas.

Peron tinha qualidades de liderança notáveis, demonstradas durante a Revolução Francesa e as guerras Prussianas, tendo sido promovido a sargento antes dos 20 anos. Gravemente ferido ficou incapacitado, o que não o impediu de frequentar a escola médica da Sorbonne onde estudou ciências médicas, tendo-se oferecido para a expedição como cientista. Quando Baudin faleceu nas Maurícias, foi ele que assumiu o comando da

expedição que durava há já quatro anos. Peron, em Paris, conseguiu classificar as coleções de botânica e zoologia, para além de publicar o relato da expedição, mas morreu de tuberculose aos 36 anos de idade. Uma das curiosidades deste livro é que nele Peron aparece como o primeiro ecologista, alertando para o perigo de extinção de plantas e animais que então considerava raros e em vias de extinção.

Outra curiosidade, aparte as considerações sobre a incompetência de Baudin como comandante de uma missão desta importância, é a de Peron ter sido o “pai da antropologia” e o seu estudo dos aborígenes em diversas partes da Austrália, assim o atesta. Ele dava-se bem e gostava deles e, muito do que hoje se sabe sobre os desaparecidos aborígenes da Tasmânia, a ele se deve. Peron é também o primeiro a ter comido carne de “wallaby (pequeno canguru)” que estava confiante poderia ser criado como animal doméstico, descrevendo a sua carne como semelhante à dos coelhos da sua terra natal. Peron morreu demasiado cedo (1810) para que a sua valiosa obra científica tivesse a consideração merecida e, em vez de termos hoje alguns nomes franceses na costa australiana, decerto teríamos muitos mais.

1. A Descoberta da Austrália pelos Portugueses⁽⁴⁾

Desconhecida para a maioria das pessoas é a história deste país, que nas últimas décadas sofreu várias alterações conceptuais. É agora aceite, pela maioria dos historiadores, que os primeiros europeus a navegarem e a traçarem cartograficamente a costa australiana não foram, ao contrário do que tem sido ensinado ao longo dos 200 anos da nação, o capitão Cook e seus correligionários, mas marinheiros portugueses que o fizeram mais de 250 anos antes daqueles. A teoria de os portugueses terem sido os primeiros, não é de agora nem sequer é nova. Com efeito, celebrou-se em 1984 o centésimo aniversário de tal teoria, defendida então pelo historiador George Collingridge, o qual, infelizmente, jamais a conseguiu provar. Depois dele, vários outros tentaram sem sucesso demonstrar a viabilidade de tal interpretação, jamais se quedando para além da especulação.

Em 1977, um advogado, Kenneth Gordon McIntyre⁽⁵⁾, publicou um livro intitulado *A Descoberta Secreta da Austrália* que veio alterar total-

(4) Bibliografia: 1. Kenneth Gordon McIntyre, *The Secret Discovery of Australia* (Descoberta Secreta da Austrália), Souvenir Press, S.A., Austrália; 2. Phillip Derriman, *The Sydney Morning Herald*, Sydney, edição de 30 Julho 1983; 3. W. A. R. Richardson, *Camões, Vasco da Gama, Portugal & Australia*, Flinders University of South Australia, 81.

(5) Nota do Autor: Kenneth Gordon McIntyre, OBE, MA, LL. B (Melb), Comendador da Ordem do Infante,

mente este estado de coisas, passando a partir daí, a ser o ónus dos cépticos de desmentirem as suas alegações.

Embora McIntyre (Fig. 1) não seja um historiador na acepção académica do termo, certo é que os seus estudos passaram a ser aceites pela maioria dos académicos de todo o mundo. E, embora o autor confesse que tal publicação, umas décadas antes, era impensável, nem teria qualquer probabilidade de ser tomada em consideração, devido à questão de honra que constituía para qualquer historiador britânico assumir a descoberta da Austrália como inegavelmente devida a Cook, certo é que esse xenofobismo se esfumou desde os tempos de Collingridge. Para um dedicado estudante de Cook, conselheiro da Real Sociedade Australiana de História, também o problema da religião influenciou na refutação das teorias de Collingridge. Como católico era visto como oponente das correntes maioritárias protestantes a que o próprio Cook pertencera.

A versão de McIntyre tem consideráveis implicações na história europeia da Austrália, colocando toda a temática da primeira colonização numa perspectiva e diferente escala temporal. Significa que os portugueses atingiram Botany Bay e Sydney Heads (pontos costeiros da actual Sydney) cerca de 1524, ou seja, 40 anos antes do nascimento de Shakespeare e sete anos antes das teorias de Martinho Lutero terem atingido a luz do dia.!!! Tal versão dá-nos também uma diferente leitura da

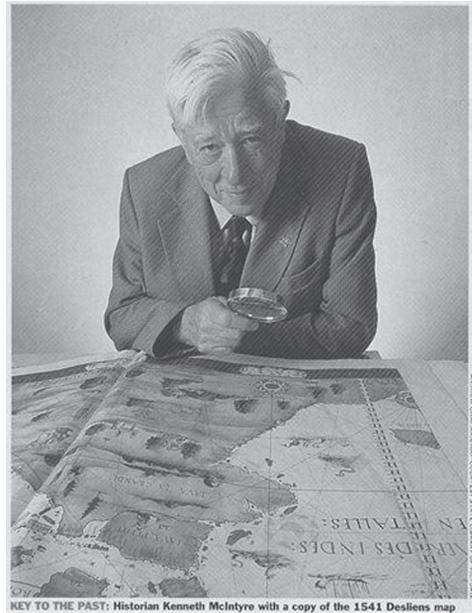


Fig. 1. Kenneth McIntyre, foto da TIME, 20 Dec 1992.

nasceu em Geelong, nos arredores de Melbourne, estado de Vitória, sendo Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne, entre 1931 e 1945, tendo-se dedicado, a partir daí, a uma bem sucedida prática de advocacia, sendo Assessor do Governo em assuntos legais, e Presidente da Câmara Municipal de Box Hill. Sempre interessado na Língua e Literatura Portuguesas, dedicou a sua reforma ao estudo de antigos documentos portugueses. O primeiro resultado deste labor foi *A Descoberta Secreta da Austrália* publicado pela Souvenir Press, 1977, no qual prova que os primeiros europeus a descobrirem a Austrália haviam sido os Portugueses no século XVI e não o Capitão Cook que apenas atracou em 1770. Graças a este livro o General Ramalho Eanes (Presidente Português) concedeu-lhe a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, o navegador.



PLATE IV The Dauphin Map, 1536. Part of map, showing the Australian continent. Reproduced by permission of the British Library.

Fig. 2. Mapa Delfim 1536: The Portuguese Discovery of Australia Kenneth McIntyre.

viagem de Cook, mais próxima dos tempos actuais do que da inicial viagem dos marinheiros portugueses.

O interesse de McIntyre por Portugal deve-se a fortuito acontecimento associado à sua posição de Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne, quando tomando conhecimento da obra de Elizabeth Barrett Browning “*Sonetos Portugueses*”, um imenso interesse o despertou para a língua e história portu-

guesas. Assim, em 1966, realiza a sua primeira viagem a Timor Português, que então celebrava o seu 450º aniversário de colonização lusa.

Duas coisas o impressionaram sobremodo nessa visita: primeiro, a distância relativamente curta a que Timor se encontra da Austrália (416 km por mar ou 1/2 hora de viagem aérea), segundo, que uma potência marítima como Portugal tivesse uma colónia tão perto do continente australiano, 254 anos antes da chegada de Cook. Poderia, então, ser possível que os experientes marinheiros portugueses, capazes de saberem lidar com todos os segredos das velas e dos barcos, que lhes permitira chegar a Timor em 1516, durante séculos nunca tivessem chegado à vasta massa continental da Austrália?

Não havia dúvidas de que a história da exploração necessitava de ser reexaminada. Assim, sem querer, estava a aproximar-se da tese de Collingridge datada de 1880. Tal como o seu antepassado, McIntyre descobriu que um antigo mapa provava não apenas que os portugueses tinham atingido a Austrália, mas que haviam traçado 2/3 da sua costa. A sua interpretação do referido mapa provaria ser, no entanto, irrefutável, ao contrário dos esforços do seu compatriota. O mapa em questão, denominado o mapa Delfim (Fig. 2) por ter sido elaborado para o delfim do trono francês, data de 1536, e é o mais antigo de todos os mapas da antiga escola (e maior centro cartográfico da época) de Dieppe.

É um mapa do mundo, tal como era conhecido na época, que incluía já as ilhas do arquipélago indonésio e uma vasta massa continental, que se estendia a sul da Indonésia e a que se chamava, então, Java a Grande (*Jave la Grande*). Este, era aliás, o nome que lhe havia sido dado antes por

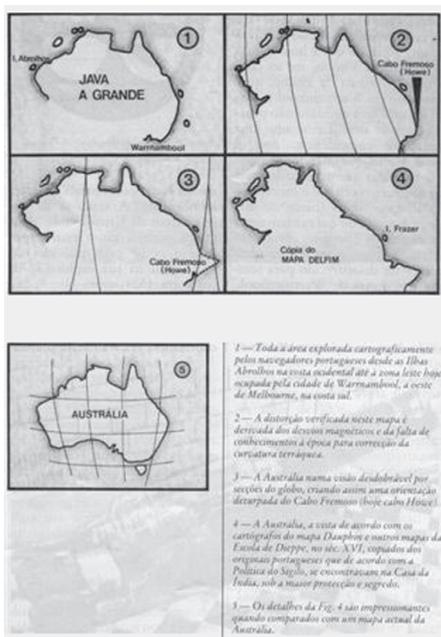


Fig. 5. A Austrália em 1536 de acordo com McIntyre, *The Australian*, 27 March 1992).

correu parte da costa oriental. Dentre os locais possíveis de identificar naquele mapa aparecem o Cabo Melville, a Grande Barreira de Corais, o porto de Cooktown, a ilha Fraser e a baía de Botany. Depois de dobrar o Cabo Howe, e dirigindo-se para ocidente, Mendonça terá acompanhado o que é hoje a costa do estado de Vitória, até ao Cabo Ottway e à Baía de Phillip, quedando-se em Warrnambool, a partir de onde terá decidido não prosseguir mais além.

Existe aqui uma intrigante coincidência, pois é neste ponto onde Mendonça decidiu regressar, que mais tarde haveria de aparecer o célebre e misterioso “*Mahogany Ship*” (Nau de Mogno, ou madeira de caju), do qual existem cerca de 27 relatos diferentes, entre 1836 e 1880, e que depois desta data, parece ter desaparecido, de vez, das dunas de Warrnambool. De acordo com as descrições existentes tratava-se de um barco extremamente antigo e com um estilo de construção semelhante ao das caravelas portuguesas da época quinhentista. A tratar-se de uma das naus de Mendonça, poderia estar assim explicada a razão pela qual ele não prosseguiu na sua exploração da costa australiana em 1524.

A versão de McIntyre para os mapas de Dieppe, baseada nos originais ali arquivados, pareceu-lhe prova suficiente de que os portugueses haviam, de facto, traçado uma larga parte da costa australiana, antes de 1536, data do mapa Delfim. A partir daqui, começou a tentar, porém, descobrir quem teria sido o marinheiro português capaz de tal feito.

Neste campo hipotético, tudo parece apontar, como responsável único, para Cristóvão de Mendonça, capitão da Marinha Portuguesa, que partiu de Malaca, em 1521, com três naus, em busca das ilhas do Ouro, então, supostamente localizadas a sul das Índias Orientais. O mapa Delfim comprova que Mendonça (ou outro) passou pelo Estreito de Torres, virando a sul na zona do Cabo Iorque e percorreu parte da costa oriental.

A lista dos historiadores que, finalmente, se decidiram a aceitar a teoria de que os portugueses descobriram a Austrália (antes de outros europeus) vem a aumentar desde que, em 1977, McIntyre publicou o seu livro. O Prof. Geoffrey Blainey (célebre historiador) admite-o no seu livro "A Land Half Won" ("Uma Terra Meia Conquistada"). T. M. Perry, leitor de geografia da Universidade de Melbourne, no seu livro "A Descoberta da Austrália", e o Prof. Russel Ward, na sua obra "A Austrália Desde a Chegada do Homem (Australia since the coming of man)" admitem igualmente esta "descoberta" da Austrália, aceitando a tese de que a descoberta da Austrália pelos portugueses, antes de 1536, foi, "uma possibilidade, uma probabilidade, uma verdade conclusiva". Na prática, porém, o Capitão James Cook continua ainda a ser tema da descoberta da Austrália em muitos livros escolares.



Fig. 6. Ruínas em Nova Gales do Sul (The Portuguese Discovery of Austrália, Kenneth McIntyre).

Não há dúvida de que uma teoria tão radical como a de McIntyre vai demorar mais de uma geração a impor-se à burocracia educacional. Curiosamente porém, foi o estado de Vitória, de onde é natural e onde trabalhou sempre McIntyre, o primeiro a incorporar tal teoria nos livros de história oficialmente utilizados. Quando os portugueses aqui estiveram (Austrália) na primeira metade do século XVI, os aborígenes viviam contentes e nalgumas regiões do país haviam-se habituado a mercadejar com estrangeiros. Há provas evidentes disso com os pescadores e mercadores de Macassar, na altura uma possessão dominada pelos Portugueses, na qual havia sido adoptado um dialecto crioulo derivado do Português.

O próprio Capitão Cook regista na passagem por Savu com a data de 19 de Setembro de 1770, ter-se servido de Manuel Pereira, o português embarcado na "Endeavour" no Rio de Janeiro para se entender com os locais. A presença de aborígenes brancos está assinalada, assim como a presença de mestiços aborígenes com traços timorenses ou malaaios, nas costas ocidental e norte da Austrália.

Para a presença dos portugueses, como a História pela mão de Kenneth McIntyre parece provar, curioso será recordar uma "descoberta" em 1967: uma construção em Bittaganbee (Fig. 6), perto de Eden, na costa sul de Nova Gales do Sul. As ruínas ainda hoje existentes atestam a presença de uma casa de pedra, com uma plataforma de 30 por 30 metros,

rodeada por largos pedaços de rocha irregularmente cortadas, que em tempos serviram de paredes a tal construção, com existência de alicerces. A construção, sem tecto, é feita de pedra local, e pedaços de conchas marinhas servindo de estuque. (McIntyre interroga-se "*Seria isto o quartel general de Inverno de Mendonça?*")

Dentre as possibilidades de analisar essa construção, uma é a do enorme esforço e trabalho que a mesma terá envolvido para transportar, trabalhar e erigir a mesma, em especial dado o tamanho de algumas daquelas pedras. Esse tipo de construção só pode ter sido efectuado por uma tripulação completa de um navio da época, não podendo ser obra de um pequeno grupo de degredados ingleses ou pessoas isoladas.

O primitivismo da construção, semelhante a uma fortificação, é único na Austrália, e decerto antecede em séculos a formação da vila que só foi fundada em 1842 com materiais e fundos londrinos.

Mas, curiosamente se aquela construção aqui está fora de lugar, esta construção é semelhante a outra descoberta nas Novas Hébridas, também em 1967: a célebre "*Nova Jerusalém*" criada em 1606 por Pedro Fernandes Queirós, que juntamente com Luís Vaz de Torres eram portugueses, ao comando de naus espanholas navegaram por estas paragens austrais.

Um outro facto perturbador é o de existir uma data inscrita numa das pedras que 15(?)4, embora o terceiro dígito não pareça um 2, o que a localizaria na época de Mendonça. Cristóvão de Mendonça teve uma presença marcante nestas costas australianas e neozelandesas que importa desvendar. Uma das suas caravelas perdeu-se nas dunas de Warrnambool na Austrália do Sul, a segunda, provavelmente na costa neozelandesa, mas decerto a terceira conseguiu regressar a Malaca, Goa e Lisboa. Faria e Sousa⁽⁶⁾ regista que Mendonça efectuou uns anos mais tarde nova viagem a Goa, antes de ser nomeado Governador de Ormuz, quiçá por serviços prestados na descoberta da Austrália.

Em 1817, quando o governo da coroa britânica se mostrou interessado na Nova Zelândia, que em breve se tornaria sua colónia, o almirantado em Londres estudou os mapas ingleses da época comparando-os com a versão de La Rochette (1807). Neles existe uma anotação dessa data (1817) afirmando que embora a Nova Zelândia tenha sido descoberta por Abel Tasman em 1642, a sua costa era conhecida dos portugueses desde 1550.

(6) Faria y Sousa, E. de, *Ásia Portuguesa*, Porto, 1590-1607, traduzido para Inglês por J. Stevens, 1694, Londres.

Este documento ainda hoje existe nos Reais arquivos públicos de Londres. No Museu de Wellington (Nova Zelândia) existe um sino de bronze⁽⁷⁾, descoberto pelo Bispo William Colenso em 1836 e o qual estava na posse dos Maoris (aborígenes locais) que declararam tê-lo há muitas gerações. No sino existe uma inscrição em Tamil (língua indiana, o idioma da Goa de então, que era a capital oriental do Império Português. Idênticos sinos foram descobertos em Java datados do início do século XVI e todos os barcos portugueses da época transportavam consigo goeses e outros indianos, os "Lascaria" como ajudantes da tripulação.

Relativamente a este assunto, outro semelhante tem surgido nalgumas páginas da imprensa local (australiana), ou seja, o estudo da presumível descoberta da Nova Zelândia pelos portugueses, face a recentes descobertas ali efectuadas de restos de naus quinhentistas e utensílios tipicamente portugueses.

Na altura (1984), o Consulado Geral de Portugal em Sydney, recebeu pedidos de colaboração para o estudo em causa, por parte de historiadores neozelandeses. Será que algo foi feito? Quase vinte anos mais tarde sabemos que nada se concretizou. *Terão de ser sempre os estrangeiros a dizerem-nos o que descobrimos, como e quando? Haverá, em Portugal, alguém interessado em ajudar a desvendar este e outros factos gloriosos da epopeia lusa?*

O interesse existe neste continente australiano para se estabelecer a verdade histórica dos factos: será que os homens de hoje têm a vontade e capacidade de reporem Portugal no lugar a que tem direito, como país pequeno *que deu novos mundos ao mundo*, tal como aprendi nas cábulas de ensino oficial anteriores ao 25 de Abril? Ou será, que na pressa de escrevermos a história presente olvidaremos os grandes homens do passado, a quem devemos hoje esta cultura miscigenada que nos distingue? A resposta, a quem competir responder. Chegamos aqui primeiro e aqui estou eu a repetir um trajecto de antanho, projectando uma imagem do país que fomos e que gostaríamos de voltar a ser. Quando nos aproximamos dos 500 anos passados, quem chegou primeiro a estas plagas?

Depois dos aborígenes, tudo parece confirmar que foram os portugueses os primeiros europeus. Quando, como, e em que condições? Para

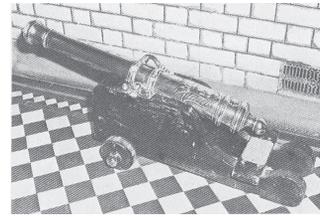


Fig. 7. Canhão Português do séc. XVI Austrália Ocidental (The Portuguese Discovery of Australia. Kenneth McIntyre).

(7) De construção e material similar ao do canhão mostrado na Fig. 7.

quando a verdadeira história dos descobrimentos, agora que a celebração dos seus 500 anos já passou à história?

Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Duma estatura quási giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais àvante o Estreito que se arreia
Co' o nome dêle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra que fica onde,
Com suas frias asas, o Austro a esconde.

In Luís Vaz de Camões. Canto X, 141, Lusíadas 1572.

2. Os Avós de Barra e os Avós de Baía

Os Avós de Barra e os Avós de Baía (*em crioulo os Yawujibarra e os Yawuji Baía*), eram tribos aborígenes quiçá descendentes de Portugueses, e linguisticamente a eles identificados. Trata-se de dois grupos de inter-relacionamento matrimonial numa tribo afro-australiana, falando Português e Crioulo de 1520 a 1580.⁽⁸⁾

A costa do noroeste australiano, de há muito ignorada, pode ter sido a base da colonização portuguesa deste continente, de acordo com as teorias circuladas pelo filólogo e historiador Dr. Carl Georg von Brandenstein. O acesso a esta obra só foi formalmente conseguido em Junho 1992, e apesar de ter sido deste autor a tradução do filólogo, a relação entre o autor e o filólogo, nem sempre foi pacífica, acabando o autor por ser responsável pela divulgação mundial da sua obra.

Note-se que Brandenstein discordou sempre e não quis autorizar o autor a juntar as suas teorias às de McIntyre num documentário histórico para o canal de televisão australiano SBS, como no página a seguir se pode ver. Respondi-lhe que também a minha fidelidade linguística e cultural a Portugal me levavam a divulgar as suas teorias...

Voltemos pois a estas: No século XVI, a acreditar na teoria, os portugueses ter-se-iam estabelecido na região dos montes Kimberley tendo inclusive trazido escravos africanos, os quais mantinham até 1930 um dia-

(8) Seguimos nesta parte os trabalhos do Prof. Dr. Carl von Brandenstein, a cujo texto base, revisto, editado e compilado, foram acrescentadas, anotações, dados de pesquisa e investigação e explicações descritivas..

lecto mescla de aborígene e de português crioulo. A importação de escravos teve início em 1444 pelo Infante D. Henrique e cresceu rapidamente a partir daí, mas nada há escrito ou conhecido que prove que escravos africanos terão vindo para Timor durante a primeira centena de anos de ocupação portuguesa.

Segundo von Brandenstein (um excêntrico personagem octogenário em 1990, de trato difícil e desconfiado, mas categorizado linguista e historiador) existem mais de 80 nomes de lugares que são portugueses, para além de um total de 260 palavras de origem portuguesa. Esta revelação, que inicialmente data da década de 60, mereceu em 1992 a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam sobre a necessidade de reescrever a história do país e datá-la em termos quinhentistas.

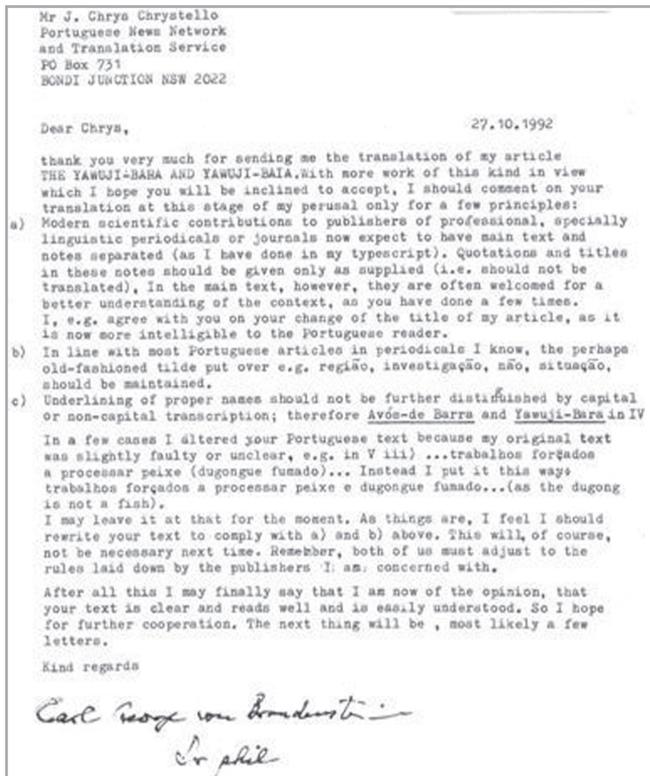


Fig. 7. Carta de Carl Georg von Brandenstein ao autor.

1) *As descobertas em 1967,⁽⁹⁾ e 1989,⁽¹⁰⁾ de material linguístico Português na zona das tribos aborígenes Kariyarra (Karriera) e Ngarluma, que residem na região de*

(9) Brandenstein, C. G. von, A situação linguística na região de Pilbara –passada e presente. Pacific Linguistics, Papers in Australian Linguistics #2. Série A, Occasional Papers #11, Canberra, pp 1-20 a.

(10) Brandenstein, C. G. von, Os primeiros Europeus a chegarem à costa ocidental da Austrália (The First Europeans on Australia's West Coast), Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau #3, pp. 169-188. The First Europeans on Australia's West Coast, Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau #3, páginas 189-206.

Pilbara⁽¹¹⁾ foram alargadas pela descoberta de uma vasta colónia portuguesa na região dos montes Kimberley⁽¹²⁾. Esta abarcava uma área oeste-leste do arquipélago Buccaneer até ao vale de Fitzroy, e pelo menos, até à passagem ou travessia de Fitzroy. Crê-se que a Terra de Dampier (Dampierland), a Angra do Rei (King Sound) e a sua costa leste, desde aproximadamente Derby até à foz do rio Fitzroy, em Yeeda, foram exploradas e parcialmente colonizadas. O mesmo se diria da estrada de Broome até Yeeda, com uma vasta base de exploração “Jaulaenga” e uma aldeia ou povoação “Recém Vila”, no rio Logue ambas rodeadas de florestas de baobás.

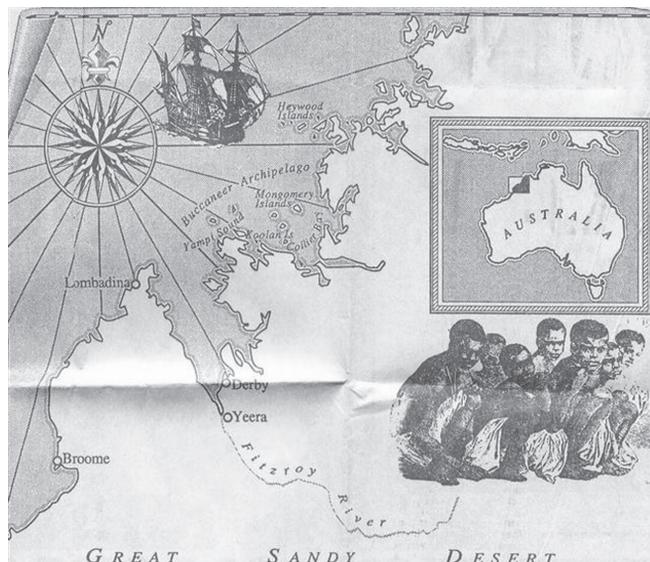


Fig. 8. A região dos Kimberley onde von Brandenstein coloca as tribos.

2) A colónia durou sessenta anos, entre 1520 e 1580⁽¹³⁾, podendo inclusive ter sobrevivido muito mais tempo com proprietários portugueses, de direito próprio à posse daquela estação. A preocupação principal aqui é relativa ao impacto da ocupação durante sessenta anos em relação à população aborígine. De acordo com os estudos existentes, eles não só lançam novas pistas sobre a situação linguística na região, mas revelam igualmente aspectos inesperados e híbridos numa tribo aborígine, que tem sido descrita com diferentes nomes, tais como: **Jaudjibara**, **Jawdjibara**, **Yawidjibaya**, que se supõe ter habitado as ilhas Montgomery.

2.1. Descrever ou dar provas de hibridismo observado por diversas vezes na região do arquipélago Buccaneer, não é solução para todos os problemas daí advinentes, dado que tal só poderia ser feito com o auxílio da antropologia, da física ou genética.

(11) Derriman, Philip 1990 Why Western Australia's Aborigenes are speaking Portuguese (Porque é que os Aborígenes da Austrália Ocidental estão a falar Português), jornal Sydney Morning Herald, 30 Julho 1990.

(12) Derriman, Philip 1992 Creole echoes from our Past (Ecos Crioulos do nosso passado), Sydney Morning Herald, 9 Maio 1992.

(13) Birdsell, Joseph B. 1954, M S Field Notes (na posse de J. B. B.).

Embora aquela tribo tenha deixado de existir desde 1987, pode não ser demasiado tarde para que os peritos com conhecimentos relevantes possam estudar o assunto, falando com descendentes da tribo, estudando fotografias e relatórios, tais como aqueles efectuados pelo professor J. Birdsell em meados da década de 50⁽¹⁴⁾. Tal esforço concertado poderia atingir o veredicto há muito necessário para explicar a natureza híbrida daquela tribo. No que concerne à parte linguística descobriram-se, sob detalhado estudo de nomes e outras referências, a existência de dois grupos tribais miscigenados através de laços matrimoniais: os **Yawuji Bara** (em crioulo português) ou os **Avós de Barra** (em Português⁽¹⁵⁾) e, os **Yawuji Baía** (em crioulo português) ou os **Avós de Baía**. O primeiro nome significa Antepassados da Barra, sendo esta a existente na região envolvente das ilhas Montgomery. O segundo nome significa Antepassados de Baía, que pode ser a baía de Collier sendo Collier um anglicismo da palavra **Colher**, significando (re)colher velas para aportar.

2.2. Adiante se descrevem de forma breve todos os actores envolvidos nesta ocupação clandestina dos australianos montes Kimberley:

2.2.1. um número indeterminado de pessoal náutico da Armada Portuguesa,

2.2.2. um número indeterminado de civis, dentre eles membros do clero, cientistas, artesãos e potenciais residentes ilegais⁽¹⁶⁾,

2.2.3. mais de um milhar de negros africanos, calculados pelo número de cabanas de pedra para albergar trabalhadores e escravos, ainda existente na ilha High Cliff (Altas Escarpas). Eles eram provavelmente utilizados pelos portugueses como escravos das galés, para trabalhos forçados a processar peixe e dugongo fumado e a cortar pedra duma mina de pedras semipreciosas de Calcedónia e duma mina à superfície de minério de ferro na ilha Koolan.

2.3. A importação de escravos e as primeiras expedições portuguesas à costa noroeste africana datam de 1434. A partir de 1450, a maior parte dos seus escravos veio das regiões ribeirinhas do centro e sul da costa africana ocidental, agora Guiné-Bissau. Por volta de 1500, Angola, o Cabo da Boa Esperança e Moçambique haviam sido anexados e Madagáscar descoberto, e havia também escravos retirados desta parte de África. Rapidamente, a maior parte das nações coloniais se apercebeu de que os escravos africanos eram os melhores.

2.4. Os Portugueses tentaram utilizar escravos malaios em Java, naquilo que se provou ser um grave erro, jamais repetido. Os escravos malaios tinham uma reputação de serem bastante autoritários e mandões⁽¹⁷⁾ e até mesmo de gerirem os negócios dos

(14) Birdsell, Joseph B. 1954, M S Field Notes (na posse de J. B. B.).

(15) “Português” ou “Português Puro” significa neste contexto a língua praticada em pleno século XVI, com a ortografia moderna adoptada (desde 1947). Crioulo Português é a língua portuguesa, léxica e gramaticalmente Português Puro mas falada, isto é, pronunciada e acentuada de acordo com a fonologia aborígene.

(16) (N. do T.: estes não eram colonos, mas eram cidadãos livres deixados em terras descobertas).

(17) Reader's Digest 1988, Illustrated History of South Africa - The real story. About the Malays página 50 (História Ilustrada da Africa do Sul - A História Real. Notas sobre os Malaiois.

seus donos. Os índios americanos (ameríndios), quer do Norte, quer do Sul, tinham uma reputação de serem inúteis e perigosos. Não havia ninguém melhor do que os Negros da África Ocidental para trabalhar nas plantações de cana do açúcar no Brasil.

2.5. *Em poucas décadas, mais de quatro milhões de escravos africanos foram vendidos e enviados para as Américas. Tudo parece apontar para que os escravos portugueses na Austrália fossem originários da África Ocidental, em vez da África Oriental ou Madagáscar, e existe outra pista que apoia esta versão: a existência de árvores baobá nos montes Kimberley (ver 2.8). A maior parte destes escravos africanos terá ficado quando os portugueses abandonaram a região dos Kimberley, cerca de 1580, na esperança de poderem regressar um dia. É altamente provável que, antes e depois do período de ocupação, eles se tenham miscigenado com os aborígenes das ilhas da baía Collier, e a norte desta. Durante 470 anos, as duas metades, miscigenadas através do casamento, desenvolveram-se num grupo étnico híbrido, transportando consigo os nomes de origem portuguesa, como **Avós de Barra** e **Avós de Baía**, os quais sobreviveram até aos nossos dias.*

2.6. *Os escravos na Austrália falavam a língua portuguesa. Os portugueses começaram as suas expedições em busca de escravos, cerca de noventa anos antes de se estabelecerem na Austrália. Por volta de 1520, os seus escravos falavam Português há duas ou três gerações.*

2.7. *Até 1520, os subsequentes **Yawuji Baía** não existiram, mas os seus antepassados eram aborígenes puros, talvez relacionados por sangue e língua aos **Worrora**, vivendo lado a lado na baía de Collier e suas ilhas adjacentes, nunca a mais de vinte quilómetros da costa, que era o limite máximo das suas embarcações. Quando a armada invasora portuguesa aportou à costa dos Kimberley, ao largo da ilha Champagne (vd. 7), de acordo com planos prévios e bem organizados, acostou primeiro na ilha das Altas Escarpas (High Cliff) no grupo das ilhas Montgomery, a seguir na ponta sul da Baía, a que então deram o nome de Baía Colher (“Baía de recolher velas para aportar”). Os portugueses amigaram-se com os aborígenes locais e para ganhar a confiança destes para fins tão distintos como a pesca, a guarda costeira e expedições, forneceram-lhes canoas feitas de madeira, até então deles desconhecidas. Os portugueses chamavam a estas canoas “**nau mendi**” ou “**barcos de mendigo** (beggar ship)”. Este termo permaneceu em toda a região costeira dos Kimberley como **namandi** (Crioulo) ou **namindi**. A maior mobilidade e velocidade deste tipo de embarcação e o seu mais amplo limite de acção, permitiu aos aborígenes adquirirem com este meio de navegação acesso a ilhas mais afastadas. Eles também se miscigenaram com a mão-de-obra africana inicialmente estacionada na ilha MacLeay (em português **Galés irá**, em crioulo **Galij irra**, ou seja o local para onde os escravos irão). Os seus locais de trabalho eram em High Cliff (Altas Escarpas) e a ilha Koolan (vd. 6.6)*

2.8. Outra tribo aborígene a ter tido contacto com os portugueses terá sido a dos **Nyikina**, que vivia a sul da Angra do Rei (King Sound) e na baía de Fitzroy, até à zona de Passagem ou Travessia de Fitzroy. Para além da existência de membros destas tribos com uma aparência física diferente da raça miscigenada, parece existir pouca evidência física deste contacto. Contudo, há alguns termos importados e um deles é extremamente importante pois dá-nos a saber como a árvore baobá originária de África chegou aos Kimberley: o termo em **Nyikina largari** (baobá) dificilmente pode ser dissociado do seu étimo português [árvore] **larga**. Da mesma forma conspícuo é a presença do termo **langurr** (marsupial roedor, de cauda anelar ou Ringtail Possum), conhecido pela facilidade com que é capturado, apático e lento, quando se compara tal termo com o étimo português **langor**, definido como lento ou preguiçoso. Espero que mais termos adoptados por empréstimo venham a ser descobertos.

2.9. Um grupo de tribos aborígenes da Angra do Rei (King Sound) e a oeste da mesma, cujos nomes se perderam desde o impacto da invasão portuguesa, adoptaram o nome global de **Jauí, Jawi ou Chowie**, todos eles sendo uma deturpação do étimo **chave**, nome bem apropriado para o novo quartel-general nas ilhas Sunday. Provavelmente, os aborígenes ali residentes foram forçados a abandonar as ilhas durante o período de ocupação, tendo regressado depois da partida da Armada. É igualmente provável que os membros do clero tentassem disseminar a fé entre os infieis. Pelo menos sobreviveu a implantação de **inferno**, enfaticamente substituída por um padre pela exclamação **Dor quê!**, como seu sinónimo. Este étimo é ainda utilizado pelos **Jauí** e noutros idiomas da região da Angra do Rei (King Sound) e no dialecto **Ngarinyin** como **dorge**, significando inferno⁽¹⁸⁾.

3. A vasta topologia e toponímia deixada pelos portugueses na região dos Kimberley provam para além de qualquer dúvida, a existência de uma vasta colónia portuguesa. Para o afirmar, as muitas instâncias em que a análise linguística dos étimos é consistente com a realidade geográfica e a possibilidade histórica. Até ao momento⁽¹⁹⁾, apuraram-se 101 étimos de Português ou Crioulo Português. Adicionaram-se igualmente palavras isoladas, na sua maioria importadas para dialectos locais, dentre um vocabulário português que se cifra, à data, em 260 palavras. A densidade populacional portuguesa na área de colonização europeia teria de ser reduzida e isso prova, de forma evidente, que a presença portuguesa terá sido maior do que qualquer descoberta arqueológica – sem proporcionar nomes – poderia provar. Contudo, em ambos os casos, auxiliam a identificar o enigmático caso das cabanas de pedra em High Cliff (Ilha das Altas Escarpas).

(18) Coate, H. H. J. 1966, The Rai and the Third Eye - north west Australian beliefs (O Rai e o olho do meio - crenças do noroeste australiano), publicado em Oceania, 37,2:93 - 123, dorge páginas 103 - 104 texto 1.328 sq.

(19) 1991.

Foi apenas depois da descoberta toponímica portuguesa do professor Brandenstein que houve a possibilidade de fazer pesquisas arqueológicas onde estas jamais haviam sido feitas. Refiro-me à área de Derby a Yeeda e Willare, dado que o leito do rio Fitzroy de há 470 anos é agora o rio Yeeda.

Não surpreenderá assim saber que o termo português **Ida**, equivale ao termo crioulo **Yida** (significando porto de embarque ou destino, cais) e que a feitoria **Jaula-enga**, ou estação rural de Yeeda⁽²⁰⁾, teria sido um ponto de transbordo durante a época dos portugueses, onde as naus poderiam carregar ou descarregar no mesmo cais - consoante as marés - em simultâneo com as barcaças fluviais. Estas, transportavam produtos agrícolas, rio abaixo e rio acima até Bruten Hill (a colina Bruten) no ribeiro Christmas, para a estação de Cherrabun e até Noonkanbah, na parte mais meridional que se podia atingir no rio Fitzroy.

3.1. A evidência para este tráfego fluvial é proporcionada, uma vez mais, pelos nomes acabados de mencionar. No português **brotem** [podem flutuar (o barco numa curva depois da colina)], é a terceira pessoa plural do conjuntivo de **brotar**. **Cherrabun** é o equivalente português de **Cheira a bom**⁽²¹⁾. **Noonkanbah** era uma estação pastoril cujo passado se desconhece, mas que em 1880 era gerida pelos (irmãos) portugueses Emanuel, de acordo com E. Koliğ [1987: 19]: “Surpreendentemente as histórias aborígenes falam numa fase anterior de paz e de harmonia racial. A origem desta tradição oral é algo misteriosa, carecendo ao que parece, de substanciação histórica.”

3.2. Será mesmo assim? A palavra **Noonkanbah** soa bem ao português **Nunca pá**, como grito de alívio ou desalento⁽²²⁾. Será que alguém se fartou de remar rio acima e rio abaixo? ou todos os remos de uma barcaça se foram numa manobra errada? Escusado será acrescentar que a estação de Noonkanbah se localiza no rio Fitzroy, e a 12 quilómetros para leste fica a estação pastoril de Kalyeeda. Sete quilómetros a noroeste e sete a nordeste daquela o rio Fitzroy forma duas largas curvas, em cuja margem ou flanco existe uma pista de gado onde este tem acesso à água. Este tipo de pista para o gado beber corresponde totalmente ao significado português de **Calheta**, cuja ortografia actual é **Kalyeeda**. Obtiveram-se, até ao momento, mais 22 nomes de locais habitados na região do rio Fitzroy.

3.3. Existe ainda, um último étimo, dado ser extremamente comum e ter uma importante relação geográfica para o que foi, em tempos, o proeminente porto de **Yeeda**. Actualmente, trata-se de importante ponto de paragem ou abastecimento à margem da estrada, mas **Willare** é claramente o mesmo que em Português **Vila à Ré**⁽²³⁾ tal como era vista de Yeeda lá atrás, ou vista de cima.

(20) (N. do T.: feitoria ou estação rural no sentido australiano de rancho agro pecuário para exploração pastoril).

(21) (N. do T.: ou Cheira Bem).

(22) (N. do T.: “nunca mais aos remos, ou nunca mais às pás das embarcações”).

(23) (N. do T.: ou Vila à Ré).

4. *A análise de acontecimentos históricos e condições no auge do poder colonial português, quer nas Índias Orientais ou fora delas, não pode ser tomada como sendo infalível e final. Em especial no que concerne à retirada da armada da região dos Kimberley cerca de 1580, as conjecturas podem ser reduzidas a uma pergunta alternativa: "Terão os colonos portugueses e a sua comitiva partido com a armada, ou ficaram amigavelmente com os aborígenes locais, desenvolvendo as estações pastoris cujos nomes ainda hoje se mantêm, e quiçá talvez tenham vivido felizes para sempre, até que Alexander Forrest e os padres, Sir John e Matthew exploraram e adquiriram vastos interesses na área dos Kimberley a partir de 1879?"* Como foi dado a entender no capítulo anterior, as tradições locais aborígenes apoiam a teoria da estadia pacífica dos primeiros colonos europeus (ou seja, os Portugueses).

O cuidadoso planeamento de uma estrita invasão clandestina dos Kimberley necessitou de uma palavra de código para todos os que, como parte das suas obrigações de serviço, participaram sob promessa e juramento de não divulgação. Será importante recordar que havia um profundo relacionamento entre causa e efeito de obrigações e deveres por parte das autoridades portuguesas, e pela lealdade e obediência por parte dos seus escravos negros, fundadores da única tribo afro-australiana na História. A sua fidelidade ininterrupta durou 407 anos, entre 1580 e 1987. Esta história contém algumas deduções, as quais demonstram de forma importante os meios de que as autoridades portuguesas da época se serviram para evitar um estado declarado de guerra com os seus competidores espanhóis nas Filipinas, enquanto que simultaneamente distendiam o seu vasto Império pelos quatro cantos do mundo. A operação nos montes Kimberley deve ter sido fruto da brilhante mente de Francisco Rodrigues⁽²⁴⁾, o melhor estratega e planeador que à data os Portugueses tinham em Malaca. Foi ele aliás que mais tarde preparou a conquista de Macau, na China, em 1557. Para ele, era uma absoluta necessidade a invasão clandestina dos montes Kimberley. Ele estava cónscio de que se os espanhóis descobrissem que os portugueses estavam a fazer um esforço de descoberta e avanço para sul ou para leste, a guerra era um facto inevitável. Isto tinha de ser evitado a todo o custo pois resultaria na perda das Malucas e do lucrativo comércio das especiarias obtido em Ternate em 1512, para além de pôr em perigo a conquista de Timor em 1516. A paz aparente e periclitante assinada em 1529 entre Portugal e Espanha dá-nos uma indicação de que a operação clandestinamente engendrada por Rodrigues surtiu efeito entre 1516 e 1529. A minha convicção e melhor aposta são que "tal aconteceu na década de 20"⁽²⁵⁾.

A fim de desencorajar explorações de descobrimento no mar de Timor e potenciais informadores aborígenes, todo o pessoal, incluindo escravos e colonos livres a bordo da

(24) Fernandez-Armesto, Felipe 1991, Atlas of World Exploration (Atlas das Descobertas no Mundo). The Times, Times Books, página 146 (Sobre as actividades de Rodrigues).

(25) [N. do T.: 1520].

armada, tiveram de jurar segredo sobre a sua identidade nacional, ou seja, as palavras Portugal e Português foram banidas do vocabulário por uma palavra de código que fosse idêntica em todos os vocabulários dos poderes coloniais que então lutavam pela supremacia. Numa mistura de orgulho e prudência a escolha recaiu em Eufonia, do grego clássico Euphonia, significando com boa e forte voz. Recorde-se que naquela época, a pena capital era o castigo imposto a todos os participantes na operação que violassem o juramento sagrado. Assim, a língua portuguesa oficialmente falada nos novos quartéis-generais da armada em Chave (actualmente a ilha Sunday) era denominada "Eufonia". Quando os poucos aborígenes autorizados a entrar no local fizessem perguntas ficavam a saber que aquela palavra era o nome dos recém-chegados e do seu idioma. Para os aborígenes porém era difícil aprender este étimo estrangeiro Eufonia. Dada a diferente fonologia eles pronunciavam Eufuni'a mantendo apenas E, n, a, e substituíam o estrangeiro som uf por w, o segundo u, por ?, deixando de fora a intonação forte de i' a, transferindo-a para o E' inicial. Isto produzia Ewnya, ou transcrito por nós como Ewanya⁽²⁶⁾, a versão crioula do português Eufonia, sobrevivendo os últimos 470 anos, ainda no seu habitat temporário de antanho na ilha Sunday. Por um erro, perfeitamente compreensível dos sucessores dos portugueses da ilha Chave, o seu nome e o do seu idioma derivou para Jaii, do étimo português chave. Alguns Jaii admitiram considerar Ewanya como o nome da sua língua, mas os Jaii deixaram Chave (ilha Sunday) como os portugueses o haviam feito e vivem agora numa região designada "One Arm Point (Ponto de um Braço)" na região continental mais próxima. Foi desta forma que o código secreto Eufonia e o crioulo Ewanya sobreviveram, guardando o seu segredo até aos dias de hoje.

5. *O que aconteceu aos escravos negros quando os portugueses deixaram a Austrália em 1580, por ordem do seu novo rei e inimigo, Filipe II de Espanha ficará para já no limbo das conjecturas. Existem boas razões para acreditar que os escravos foram deixados na terra onde viviam e trabalhavam há já sessenta anos. Provavelmente foilhes dito que tinham ainda certas obrigações para com os seus donos e ameaçados com punições e nova escravatura, se alguns deles ou seus descendentes falasse com pessoas de outros grupos étnicos, ou divulgasse o nome da sua língua e nacionalidade. Os aborígenes que não fossem de descendência afro-australiana, em especial, eram para ser tratados com desconfiança. Será lógico e realístico admitir que depois da partida dos portugueses do arquipélago Buccaneer tenha havido uma familiarização mais relaxada entre os afro-australianos, resultando numa hibridação nos seus novos locais de residência insular.*

Um desenvolvimento importante das preferências linguísticas dos parceiros na nova tribo é significativo, derivando do facto de os machos africanos estabelecerem a

(26) Tindale, Norman B. 1974, Aboriginal Tribes of Australia (Tribos aborígenes da Austrália), p 241 Djaii.

tradição de manter o Português Puro como sua língua em todas as ocasiões. As suas parceiras aborígenes tinham apenas a lei da inércia a seu favor, contribuindo para um lento crescimento do Português Crioulo, dada a falta de habilidade dos seus parceiros aborígenes dentro da tribo em reproduzirem de forma correcta a fonologia portuguesa. Isto era aceite, ou tolerado, pelos africanos dado que eles eram capazes de compreenderem, e é provável, que as crianças – em especial os varões – aprendessem Português através dos seus pais, que nem estariam interessados em aprender as línguas puras aborígenes. Assim, sob a influência africana durante um certo decurso de tempo, toda a tribo – sem mais estrangeiros com quem comunicar – se torna monolíngue, numa mescla de Português Puro e de Português Crioulo. Na parte ocidental do arquipélago Buccaneer a escolha de transmitir às gerações vindouras os nomes Portugueses em Crioulo foi mais ditada pela necessidade de ocultar a sua origem não **Yawuji**, tais como os **Jauí**, ou de europeus, como N. B. Tindale. Desta forma mantiveram os seus nomes mas não o significado dos mesmos.

Gostaria de poder discutir aqui dois casos individuais que podem explicar o comportamento dos afro-australianos **Yawuji** sob pressão para não revelarem a sua verdadeira identidade: No primeiro caso temos uma pessoa cujo Português é o seu idioma nativo e que utilizou este idioma quando, pessoas estranhas tais como antropólogos australianos, missionários ou linguistas começavam a fazer perguntas para as quais não estava preparado/a a dar uma resposta. J. Birdsell, um antropólogo norte-americano, perguntou a esta pessoa, em 1954, pelo nome real do seu dialecto e tomou nota daquilo que pensou ser um só étimo, obviamente o nome que havia utilizado para perguntar. Tal “nome” que apontou no seu livro de notas era **“Bergalgu”**. Este nome foi mencionado por N. B. Tindale em “As tribos aborígenes da Austrália [1974, 242, 268 Aboriginal Tribes of Australia]”. Entretanto em Português coloquial puro: **“Perca Algo”**, uma mescla que significa **“perca”** (1: pode perder ou, 2: peixe perca), e **“algo”** (alguma coisa) significando **“uma perda qualquer”** ou **“uma perca pequena”** ou seja, uma forma expressiva de comunicar uma meia verdade de forma evasiva. Este homem estava determinado a não deixar que Birdsell soubesse a verdade sobre a sua língua **“aborígene”**. De qualquer modo, manteve-se calmo, arrependido, inconspícuo e bem comportado.

Embora menos diplomática, mas de igual forma não menos determinada é a declaração espontânea que outro informador deu a H. H. J. Coate (data imprecisa), tal como citado no livro de W. McGregor **“Handbook of Kimberley Languages(1988:97)”**. Após ter declarado que o nome da tribo era **Yawuji Bara** acrescentou mais duas palavras, que Coate assumiu tratar-se de um nome alternativo da ilha de Montgomery. Tratava-se de um excesso temperamental da pessoa em questão. Embora a princípio parecesse e soasse tipicamente aborígene, trata-se de uma forma crioula de Português: **Winjawindjagu** (de acordo com Coate) em vez daquilo que devia ser **wynia, winjwegui!**. Isto é de facto Português **vinha, vindico**, uma

forma causal consecutiva dos verbos *vir* e *vindicar*. A nasalação frequente do **n** antes do **d** em Português não pode ser repetido pelos aborígenes que falam Crioulo. Em vez disso, em Português **ngd** passa em Crioulo a ser **nyj**. A tradução deste segmento é clara: “[Como] eu vim dali e quero-o de volta”. A súbita raiva do informador aborígene ressaltava da sua lembrança de ter sido detido pelos brancos em 1931 e forçado a viver no seio dos **Worrora** num campo fechado e sobrepovoado numa terra estranha. Durante toda a sua vida ele tinha aproveitado as delícias da vida, do dugongo à tartaruga, ao peixe e ao caranguejo em abundância, mas agora a sua dieta além de lhe ser estranha era monótona. A mudança de vida, do estilo de vida marinha saudável das suas ilhas para a situação presente, das gentes da sua tribo numa reserva asquerosa em Derby ou na missão lamacenta de Morwanjum deve ter sido profunda: “Quero voltar para donde vim!” Quem seria incapaz de sentir o mesmo? Mas quer aquela personagem quer a sua tribo não teriam hipóteses de escolha, a não ser manterem-se firmes na sua decisão firme de 1580 de jamais revelarem o segredo da sua origem, frustrando tanto quanto possível os esforços e perguntas inquisitórias de estrangeiros. Estas são as virtudes imprevistas e não recompensadas de uma tribo independente e híbrida afro-australiana, descendente dos **Avós de Barra** e dos **Avós de Baía**, de língua e nacionalidade portuguesas, incapazes de respeitarem passivamente as reivindicações britânicas de duzentos anos mais tarde.

Estes atrasados comentários elegíacos dos **Yawuji Bara/Baía** podem dar lugar a variadas questões: “Porque é que os australianistas ou missionários que com eles lidaram jamais consideraram o Português como língua de origem dos seus enigmáticos idiomas?” A única exceção pertence a J. Urry e M. Walsh (1981:106)⁽²⁷⁾ que compreenderam que algumas das palavras ouvidas por B. Ryder (1936:33)⁽²⁸⁾, e então assumidas como Espanhol ou Latim, eram de facto Portuguesas. Mas eles negaram o relatório de Ryder, como não substanciado, declarando e, aqui cito: “Os termos portugueses se assim forem provados podem ser derivados de termos comerciais malaios”. Como obviamente estavam apenas interessados no idioma e povos de **Macassar**, foram incapazes de ver os Portugueses como os grandes colonizadores da era moderna, referindo-se a eles apenas como ubíquos negociantes algures na zona norte da Austrália. Outra pergunta que se poderia pôr é por que é que B. Ryder da Real Sociedade de Geografia de Londres sugeriu Espanhol ou Latim, em vez de Português? Por que é que J. R. B. Love⁽²⁹⁾ que conhecia e trabalhou

(27) Urry, James e Walsh, Michael 1981, A língua perdida de Macassar da Austrália do Norte (The lost Macassar language of Northern Australia), Aboriginal History (História Aborígine) vol. 5, 1-2:91-108.

(28) Ryder, Bernard C. 1936, A vida selvagem no extremo noroeste (Wild Life in the far North West), Walkabout, Janeiro, 1, p. 32 e 33.

(29) Love, J. R. B. 1936, Os homens do mato da Idade da Pedra hoje: vida e aventura entre uma tribo de selvagens na Austrália do Noroeste (Stone Age Bushmen of Today: Life and Adventure among a Tribe of Savages in North Western Australia), Blakie, Londres. (Curiosamente não citado por Norman B. Tindale em Tribos Aborígenes da Austrália, 1974).

entre os **Yawuji** durante mais de vinte anos deixou a sua críptica nota sobre o seu idioma como sendo dialecticamente discreto? No primeiro caso, quem aconselhou as autoridades da Austrália Ocidental para que a remoção dos habitantes das ilhas Montgomery e a sua reinstalação no continente fosse um tipo desejável de acção? Por que é que eles foram obrigados a aprender uma língua estranha e difícil como a dos **Worrora** quando já detinham como sua uma língua europeia própria? Ou seria porque alguns dos seus antepassados de há mais de 470 anos poderiam ter dominado o dialecto **Worrora**? Por que não ensinar-lhes directamente Inglês, que teria sido bem fácil, considerando as inúmeras similaridades de vocabulário entre o Inglês e Português. Depois do seu desaparecimento em 1987 qual é a utilidade de encontrar uma resposta a todas estas questões? Nem uma única qualquer que seja!

6. Para o caso das actividades dos portugueses na parte oriental do arquipélago *Buccaneer* temos o apoio de resíduos arqueológicos. Embora nunca tenham sido totalmente explorados ou avaliados (Sue O'Connor 1987:30/39; 1989:25/31), o seu total e localização são equivalentes aos dos maiores centros de actividade dos portugueses na mesma área. Nas inúmeras e dispersas ilhas da parte oriental do arquipélago *Buccaneer*, Sue O'Connor encontrou apenas três locais de relevância:

6.1. na ilha MacLeay “pequenos artefactos espalhados”;

6.2. na ilha High Cliff (Altas Escarpas) “literalmente coberta por restos de ocupação, incluindo estruturas de casas de pedra e largos artefactos espalhados”, e um “abrigo de rocha”;

6.3. na ilha Koolan “dois abrigos de rocha”.

Dentre os vários nomes portugueses da parte oriental do arquipélago *Buccaneer* apenas três têm importância histórica:

6.4. A ilha MacLeay pelo seu nome português de **Galés irá**, crioulo **Galij irra**;

6.5. A ilha Montgomery inclusa com a ilha High Cliff (Altas Escarpas) para o seu homónimo português de seus habitantes nativos **Avós de Barra**, em crioulo **Yawuji Bara**, iniciais aliados dos Portugueses;

6.6. A ilha Koolan cujo homónimo português é **Colham**, em crioulo **Koolan [Ko:lan]** (arrear velas aqui) que na gíria dos marinheiros significa Podemos ficar aqui!, não para ver a paisagem mas para minar à superfície o minério de ferro. Os abrigos de rocha ou pedra, atrás referidos, eram parte da área de habitação dos africanos e, as duas pequenas ilhas gémeas “As irmãs (The Sisters)” eram a sua área recreativa ou zona das suas escapadelas.

7. A Armada invasora portuguesa na sua incursão ao flanco sul, através da costa dos montes Kimberley, quando atingiu um grupo de ilhas a cerca de 70 quilómetros a

norte do seu paradeiro inicial: ilhas Collier e Montgomery, obviamente decidiu prosseguir viagem a partir daí em linha contínua. Deixou unidades singelas em posição, possivelmente anteriores manobras de reconhecimento haviam revelado que não havia nativos nas ilhas a atingir. Tudo isto pode ser deduzido de um simples nome português: o da ilha *Champagny* ou *Champagney*. Mas, aprendemo-lo com uma vingança: a forma peculiar da sua ortografia não se refere a uma forma antiquada de Inglês, mas sim à forma portuguesa de *champanhe*, um francesismo. Se quisermos ir mais profundamente ao segredo do *champanhe francês* (engarrafado?) - em 1520 numa ilha isolada ao largo da costa dos *Kimberley*, teremos a recompensa ao analisar o étimo aborígine que lhe foi dado. Não se trata de um termo aborígine, nem de nenhuma língua aborígine. H. H. Coate (W. J. & Lynette F. Oates 1970:47) cita *Windjarumi*, enquanto W. McGregor (1989, 1-56) cita *Winyjarrumi*.

Para facilitar a compreensão do original em Português, separe-se a palavra composta e desta forma há duas versões possíveis:

(Crioulo) *Winy(j)u arrumi* < (Português) *Vinho arrume* (O vinho deve ser guardado). Com tal leitura teríamos uma ligação com o nome das ilhas no mapa *Champagny/ey* =(Port.) *Champanhe*, derivado do étimo francês *champagne*.

(Crioulo) *Winyja rumi* < (Português) *Vinda Rume* (para a queda ou sorte inesperada, devo decidir o rumo, ou partir sem ele?!)

Decerto que se trata de um caso raro em baptismo nominal, em que duas palavras alternativas na sua fonologia acabem de facto por representar o mesmo significado: **“Se o armário do vinho for encerrado, a queda está iminente.”** Quer navegantes quer passageiros saberiam sobre isto. No caso presente dos três nomes supostos para o grupo de ilhas situadas na latitude sul 15° 18/19”, longitude leste 124° 14/17”, o assunto de importância real contido no nome **“Vinda Rume”** foi simultaneamente e, por uma razão bem aceitável, expresso pelo som similar mais mundano e bem sonante de **“O vinho que tenho de armazenar em primeiro lugar”**, e isto aconteceu nas ilhas *Champagney*. A história destas ilhas nascida desde os anos 1520 até à sua última impressão nos mapas (1:100 000) podia ser viável apenas nas “vinhas”.

Esta teoria, que inicialmente data da década de 60 mereceu em 1992, a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam sobre a necessidade de reescrever a história do país e datá-la em termos quinhentistas. A revelação vai mais longe ao definitivamente identificar nomes próprios de origem portuguesa ancestral, justificando o silêncio dos portugueses com base no Tratado de Tordesilhas e, citando a existência de construções e artefactos que datam de entre 1516 a 1580, aguardando-se apenas a sua verificação científica da sua origem, de

acordo com o professor von Brandenstein. Vejamos em mais detalhe esta explicação da presença dos primeiros europeus na Austrália, de acordo com as próprias palavras do professor:

8. *A descoberta aqui revelada e documentada é um fruto do meu trabalho de pesquisa linguística, liderando uma descoberta arqueológica e prometendo futuras descobertas de arqueologia marítima. Demorou-me mais de vinte e cinco anos para percorrer os quatro estádios desta descoberta. Entre 1964 e 1967 foi a descoberta do problema linguístico, seguida do reconhecimento e identificação da evidência arqueológica em 1967 e manter a pesquisa não obstante o silêncio de descrédito imposto por colegas entre 1967 e 1976.. Finalmente, ao completar vinte e cinco anos de estudo, decidi, em 1989, tornar públicos os meus estudos. Espero que com o apoio do Museu de Marinha da Austrália Ocidental e da Real Marinha [Australiana], ou organismos privados, possam ser descobertos segredos que jazem no fundo do Oceano Índico e que nos ajudarão a descobrir a história marítima dos últimos quinhentos anos. Em 1964, assumi um trabalho de pesquisa linguística como Membro Associado do Instituto Australiano de Estudos Aborígenes na Austrália Ocidental, tendo escolhido as áreas tribais dos Ngarluma e dos seus vizinhos Karriera, juntamente com tribos mais interiores tais como os Yindjiparndi, baseado nas características peculiares dos idiomas utilizados por estes grupos. A zona ocupada por estas tribos tem uma área costeira de mais de 120 km. entre o arquipélago de Dampier e o rio de Grey, passando por uma cordilheira montanhosa chamada Hammersley. O comportamento linguístico totalmente anómalo destas tribos diz respeito a gramática e conceitos de acção verbal.*

8.1 *A maioria das tribos aborígenes australianas dispõe de conceitos ergativos onde a ênfase se concentra na acção verbal sobre o objecto. Contrastando com isto as tribos Ngarluma, Karriera e outras utilizam um conceito verbal europeu, com ênfase na acção nominativa do sujeito e o objecto no acusativo. Isto torna-se ainda mais interessante ao verificarmos que estas tribos utilizam a voz passiva, inexistente em qualquer outra tribo australiana. Outra peculiaridade no triângulo verbal Ngarluma-Karriera é a existência no seu vocabulário de palavras de origem Portuguesa, que já não são consideradas como palavras estrangeiras pelos contemporâneos e portanto devem ter sido adquiridas há muito tempo.*

De uma lista de 60 palavras idênticas às suas versões portuguesas, seleccionarei aqui apenas 16:

8.1.1. (P) tartaruga ⇒(N, K) thatharuga. O termo português deriva do grego tartarouoxos (do diabo), do latim tartarukus, do italiano tartaruga, do espanhol tartuga. Esta palavra foi criada dentro do simbolismo cristão. Curiosamente quer o Português, quer os dialectos Ngarluma e Karriera distinguem dois sons de “r”, um

rolado e outro dobrado, o que acontece em poucos idiomas no mundo. Uma das razões da aceitação de uma palavra estrangeira, pode resultar da importância ecológica da tartaruga ao longo de toda a costa do noroeste. Os portugueses e os aborígenes dependiam dela como meio de obterem comida, e elas encontram-se em inúmeras ilustrações aborígenes em rochas, desde a foz do rio de Grey até à península Burrup. Dado não haver qualquer influência italiana na Austrália de antanho a única origem possível para o termo tem de ser portuguesa.

8.1.2. (P)chama, ⇒(N, K) thama, pronunciado tchama;

8.1.3. (P)fogo, fogueira ®pugara (pron. fugara) (Y, Yindjiparndi) ⇒ puua/pughara;

8.1.4. (P)cinza⇒(N, K, Y) tynda pron. cindza;

8.1.5. (P)monte⇒(N, K, Y, Pnj) monta / manta;

8.1.6. (P)fundo⇒(N, Y) punda pron. funda;

8.1.7. (P)paludismo⇒(N) paludi significando águas paradas, pântano, poça;

8.1.8. (P)mal⇒(N) malu, significando mal, diabo, cobra má que morde, raia;

8.1.9. (P)pintura⇒(K) pintyura significando pintura, desenho,

8.1.10. (P)tardar⇒(N, Y) thardari, significando tornar-se lento, hesitar, demorar;

8.1.11. (P)manjouro⇒(N, K) mandyara, manyara, manya (pron. manjiara, manja), significando caminho ou calha para beber ou comer;

8.1.12. (P)caço, caçoila, caçarola⇒(N) Kadyuri pron. Caçiula

8.1.13. (P)perdição⇒(N, K, M) Manduthurnira) perdidya, perdalya, perdadya, significando vingança, morte secreta, combate mortal, perda mortal;

8.1.14. (P)bola (esfera para jogar)⇒(N, K, Y) p/bula significando redonda, bola;

8.1.15. (P)tecto⇒(N, K) thatta significando o mesmo que o original em Português;

8.1.16. (P)por⇒(N, K) puru, significando através, atrás, por trás ou sob como aposição (oposto a preposição, ou seja utilizado após e não antes). Em Português “*por tecto*” e em Ngarluma Karriera “*hatta puru*”, ambas com o mesmo significado.

9. As balas de canhão.

Existem várias balas de canhão escondidas em vastas áreas ocupadas pelos Ngarluma-Karriera-Pandjima, e embora a sua força ou valor mágico não possa aqui ser discutido por motivos óbvios, poderemos concentrar-nos no seu valor linguístico. Ngarupungku significa literalmente atirar e esmagar, embora originalmente as tribos aborígenes nada tivessem para projectar as balas de canhão, feitas de material granítico.

Uma das pessoas que me ajudava respondeu-me em Karriera-Ngarluma que as balas estavam por toda a parte, ao fundo de uma colina na ilha Depuch e que estavam lá desde tempos imemoriais, num campo sagrado, tal como citado por Robert Churnside, Roeburn em 18/9/67.

Gordon Mackay registava em 15/9/1967: “As balas foram desde tempos perdidos na memória trazidas de onde estavam junto ao mar. Todos os anciãos respeitáveis respondiam que as balas estavam todas numa certa área da ilha Depuch, que era terreno sagrado. Uma das balas que eu vi tinha 12 centímetros de diâmetro, e segundo testes recentes era de granito.”

Dada a natureza geológica da região, ou as balas faziam parte do balastro de navios ou eram de facto balas de canhão. Se eram balas, o local onde foram descobertas era o local óbvio de naufrágio de um navio. Dezenas de anos mais tarde as balas de canhão continham ferro e eram de calibre diferente das utilizadas no século XVI. Os Portugueses ocuparam Goa em 1510, Malaca em 1511 e as Malucas ou Ilhas das Especiarias em 1512. Timor foi descoberto por António de Abreu entre 1511 e 1515, sendo o enclave de Oé-cusse e a capital, Lifau, ocupados em 1516. Uma das razões para os portugueses, sempre tão secretos em assuntos marítimos, se manterem ainda mais silentes a sul das Malucas, era a de ali se situar a linha divisória da metade portuguesa e da metade espanhola do mundo.

Esta é uma das razões porque tão poucos mapas portugueses eram publicados, mas em 1529, o francês Jean Parmentier da escola cartográfica de Dieppe rumou com pilotos portugueses para Samatra onde morreria. Dois dos barcos da sua expedição regressaram e, em consequência disso dois mapas portugueses, até então desconhecidos, foram publicados com inúmeros mapas derivados desses mapas portugueses.

Já em 1957, O. H. K. Spate, publicava em Melbourne a obra “Terra Australis - cognita?”, na qual dizia que não havia dúvidas de que o Mapa Delfim, e versões posteriores tinham por origem fontes portuguesas desconhecidas, e que vários estudiosos e académicos haviam já aceite a hipótese de a Austrália ter sido descoberta pelos portugueses no século XVI. Num dos mapas aparece um porto, na foz de um rio, a que é dado o nome de Porto do Sul (em francês Havre de Sylla), que parece localizar-se na foz do rio Fitzroy em Vitória.

Dado o potencial marítimo dos portugueses até ao mar de Timor, deve ser assumido que qualquer nau na costa noroeste será portuguesa, e este facto torna-se mais evidente, como vimos atrás, pela herança linguística deixada. O cenário possível é o de os portugueses terem naufragado na ilha Depuch e estabelecido contacto com as tribos Ngarluma e Karriera, sem terem tido a oportunidade de construir novo barco que lhes possibilitasse o regresso.

Eventualmente aceites pelos nativos, ter-se-iam acasamentado, daí derivando a razão de as mulheres e filhos reproduzirem termos portugueses utilizados pelos pais, as quais acabariam ao longo do tempo por permear as línguas indígenas, como atrás foi visto.

Na opinião do professor von Brandenstein “Este naufrágio terá ocorrido entre 1511 e 1520 na região da ilha Depuch.”

Cinquenta anos antes dos holandeses surgirem no oceano Índico, em 1616, 1618, 1619 e 1622 na costa ocidental da Austrália, os portugueses utilizaram a rota de Java, com pilotos indianos de Goa. O livro “*História Trágica Marítima*”, de Bernardo Gomes de Brito, Lisboa, 1735-1732, conta a história de uma segunda viagem à Austrália ocorrida em 1560-1561, que culminou com o naufrágio da nau São Paulo, tal como narrado pelo sobrevivente, o apotecário Henrique Dias. De acordo com este, os portugueses conheciam os ventos da região, 50 anos antes da primeira chegada dos holandeses e entre 1557 e 1558 a nau São Paulo utilizou a rota de sudoeste no regresso à Índia.

Na viagem de 1560 – 1561, a São Paulo foi mais para sul e leste, chegando até 900 milhas para ocidente da costa ocidental da Austrália antes de regressar a Samatra onde naufragou. O piloto de Goa, nesta segunda viagem tinha directivas do rei de Portugal que parecem levar a concluir a importância desta nova rota.

Um outro aspecto socioeconómico particularmente único dos Ngarluma e Karriera é o do método de cultivo e armazenamento, que se não encontra noutras tribos. Sob a supervisão dos “*líderes idosos (venerandos anciãos)*” toda a tribo utiliza contentores de forma cilíndrica, da mesma altura e diâmetro, para recolher os grãos de spinifex (“*Triodia sp.*”)⁽³⁰⁾. Os grãos são depois contados e esvaziados em caves secas e frescas, sendo constantemente guardados.

A sua distribuição era feita de acordo com as necessidades de justiça social, atribuindo primeiro aos mais velhos e depois aos mais jovens. Isto

(30) O spinifex é um arbusto nativo, tipo relva com espinhas aceradas, que só se encontra em certas regiões da Austrália e que pode chegar a atingir dois metros de altura.

- (Port.) **Ilha de Ciciar** ⇒ (Creo) Cissiarr ?
 (Et.) island of Whispering = (Em.) Cæsar Is. (18 km. NW das ilhas Koolan).
- (Port.) **Bilha unha** ⇒ (Creo) Bila:nya (ver Bi lancha)
 (Et.) Twin Is. holding fast = (Em.) Cockatoo Is.
- (Port.) **Ilha costeiam** ⇒ (Creo) Ilya Kutjun
 (Et.) (The) island they can coast along by = (Em.) Rankin Is. até às ilhas da Baía a 400 m. da costa.
- (Port.) **Galés irá** ⇒ (Creo) Galij irra
 (Et.) (Island where) the slaves will go = (Em.) MacLeay Is.
- (Port.) **Ilha Meloa mais** ⇒ (Creo) Melomys
 (Et.) (Island where) mostly round melons (are) = (Em.) Melomys Is. para as ilhas da Baía >(Em.) Wood Is.
- (Port.) **Ilha Mel o Mais** ⇒ (Creo) Melomys
 (Et.) (Island) most (of which) is honey = (Em.) Melomys Is., Woods Is.
- (Port.) **Nu Monstro** ⇒ (Creo) Numuntju
 (Et.) Naked Monster - uma rocha no farol da ilha Cafarelli.
 É possível que o nome “Naked Monster” seja moderno e dado pelos **Yawuji Bara** antes de 1931. À falta de melhor comprovativo uma pedra de aspecto e formato peculiar poderá ter levado os portugueses a denominar de Ilha do Nu Monstro.
- (Port.) **Ilha do Pó Doido** ⇒ (Creo) Pudu:du
 (Et.) island of the Painful Dust = (Em.) Bathurst Is.
- (Port.) **Ilha Sítio Lancha** ⇒ (Creo) Tjitulanj
 (Et.) island site of a launch (Em.) Gibbins Is. no canal Goose.
- (Port.) **Ilha Travessa** ⇒ (Creo) I’lya trrawetja ?
 (Et.) Contrary Winds Is. (Em.) Traverse Is. as ilhas da Baía.

(Port.) **Ilha Vão Ganir** ⇒ (Creo) Wanga'ni:
(Et.)-(Island) where you shall howl in vain = (Em.) Irvine Is. a mais
próxima a este de Cockatoo Is.

(Port.) **Ilha Vinhei** (imperativo dialéctico obsoleto)
(Port.) **Ilha Venhi!** (imperativo plural) ⇒ (Creo) ?
(Et.) Come Back (to this island) (Em.) Viney Is. às ilhas de Baía.

(Port.) **Ilhas de Baía** ⇒ (Creo) I'lyaji Baia
(Et.) Islands of (Collier) Bay (Em.) Collier Bay Is.

(Port.) **Ilhas de Barra** ⇒ (Creo) I'lyaji Bara
(Et.) Islands of the Bar/Breakwater/Reef (Em.) Montgomery Is.

(Port.) **Ilhas de Carnagem** ⇒ (Creo) Gar'rrena:t
(Et.) Islands of Bloodshed / Meat provisions = (Em.) Bedford Is.

(Port.) **O Canal** ⇒ (Creo) Canal ?
(Et.) The Canal =(Em.) The Canal, lado sul da ilha Koolan.

(Port.) **Onda Maranhá** ⇒ (Creo) Unda Marra
(Et.) Wave (flood) turbulence = (Em.) Foam Passage, NW da Baía de Collier.

(Port.) **Ponta Nariz** ⇒ (Creo) Punta Nares
(Et.) Point Nose = (Em.) Nares Point, SW da ilha
Koolan na Angra de Yampi.

(Port.) **Varar** ⇒ (Creo) Wa'rar tb utilizado em Wunambal⁽³¹⁾
(Et.) To run her aground (ship) = (Em.) a noroeste e norte de Kimberley

(Port.) **Vago** ⇒ (Creo) Wa:ko [N.B. Tindale 1974:146 mapa]
(Et.) Empty, unoccupied = (Em.) um vasto espaço vazio a cerca de 6 km da
Angra de Yampi no continente, assinalado por N. B. Tindale com um ponto.

(31) Tindale, Norman B. 1974 Tribos Aborígenes da Austrália, University of California Press, página 153 Os marinhos Wunambal visitando os corais e dunas desde Long Reef chamavam a estes "Warar".

Sugiro que ele não tenha compreendido a mensagem do seu informador de fala crioula **Yawuji Bara**, que apenas queria informá-lo que nada havia para buscar. A má interpretação de Tindale de Wa:ko como nome de lugar, marcado com um ponto no mapa, demonstra a existência de um povo com nome português utilizado pelos Yawuji na época contemporânea.

(Port.) **Vista Encare** ⇒ (Creo) Widzh inka'rri
(Et.) I/He should keep the view (from here) under strict observation! (Eu/ Ele deve manter-se em vigia (daqui))

Quererá isto dizer de Freshwater Cove, no continente, até sudoeste em High Cliff (Altas Escarpas) e para o mar, ou ao contrário de High Cliff Is. para noroeste em Freshwater Cove? De qualquer forma, o nome demonstra o papel desempenhado pelos **Yawuji** para os Portugueses. Sue O'Connor dá o nome crioulo de **Widgingarri**, mas o nome em português **Vista Encare** [pronunciado Vishtaencarre] é bem significativo. Ela localiza-o em Freshwater Cove, a 13 km. das ilhas High Cliff (Altas Escarpas)⁽³²⁾.

11. Notas finais

Seria desejável acrescentar aqui, outra lista com as regras da conversão fonética de Português Puro para Português Crioulo. A razão pela qual a mesma não é incluída baseia-se na vasta gama de palavras de diferentes regiões, que será necessário subdividir –mais tarde ou mais cedo– sob o nome de Crioulo Português. Pode acontecer que o Crioulo de origem afro-australiana aborígine difira entre o grupo **Jauí** através do vocabulário que eles tomaram de empréstimo. Seria extremamente difícil definir tais variações em função da origem tribal.

*Como exemplo, pode citar-se uma área localizada entre a cordilheira Óscar e o rio Fitzroy onde se falava **Punaba**. O nome desta área é mantido pelos aborígenes como **Mowanban**, que é assumido como um nome **Punaba**. Admitindo contudo que esta região foi sempre uma via de tráfego importante para todos os movimentos de aborígenes ou recém chegados até às duas últimas décadas do século passado (século XIX), será importante lembrar o avanço dado pelos colonos portugueses de 1520 e depois de 1580 nesta área. **Mowanban** não era uma palavra **Punaba**, mas Português Puro **Movam bane**, uma ordem significando*

(32) N. do T.: Outras palavras de origem portuguesa são BARRADA, CABRA MARRA, BARRIL, CUCA BARRA, LOMBADINHA, CURA, CULINA, CULUNA, BARANDA, BINGARA.

“se eles se moverem ou ficarem impacientes vejam-se livres deles.” É exactamente disto que os poucos contemporâneos Punaba se queixam, com excepção de um pequeno detalhe: desde metade do século passado até metade deste século (o último caso aconteceu em 1940, de acordo com E. Kolig 1987:17)⁽³³⁾ “a polícia do homem branco e os seus “guias” mataram-nos.”

Os portugueses que ali ficaram tinham-se visto livres deles [Punaba]. Este é um caso típico de uma palavra obtida por empréstimo de outra língua que pode trazer à mente – aparte o valor histórico – a necessidade de fazer uma mais detalhada busca linguística de Português na região dos Kimberley.

Limitaram-se aqui todas as explicações ao problema dos afro-australianos da tribo **Yawuji**, ou seja, os **Antepassados da Barra e da Baía** num período de 470 anos. Espero que para fazer o mesmo para o vale do rio Fitzroy e áreas adjacentes, em especial se se tiver o apoio de arqueólogos demore bastante mais, mas poderá inclusive proporcionar resultados mais positivos e quicá menos trágicos.

Falta agora apenas quem possa fazê-lo e seguir as pisadas do professor von Brandenstein. O desafio aqui fica, a herança portuguesa dos **avós de Barra e avós de Baía** assim o exige de todos nós para que a História seja reescrita em toda a sua plenitude e os nossos vindouros saibam.

Desde há mais de 15 anos que tento divulgar estas teorias que deveriam encher de orgulho e justificado interesse em aprofundar tais estudos, todos os que se interessam pela língua, cultura e história portuguesas mas apenas escutei o silêncio cúmplice dos que se sentem culpados do Tratado de Tordesilhas ter sido violado. Recordemos que até 1832 a Inglaterra não reconheceu como suas as possessões da Austrália Ocidental aguardando que Portugal as reclamasse. Quem sabe se hoje não teríamos metade deste enorme continente a falar Português? Decerto que muitos dos cerca de um milhão de aborígenes poderiam não ter sido exterminados como foram e a Austrália poderia ser mais multirracial do que é. Este era o tema do tal documentário ficcionado que apresentei à televisão SBS e à ABC. Ambas as teses aqui delineadas hoje deviam constar dos programas curriculares portugueses como já constam de muitos dos programas australianos.

(33) Kolig, E. 1987, *The Noonkanbah Story*, University of Otago Press, Dunedin, Nova Zelândia página 17.

Presença da língua castelhana na literatura popular galega

José Luís Forneiro

(Universidade de Santiago de Compostela)

Como já temos indicado em diversas ocasiões, o romance tradicional na Galiza, tal como se passa nas outras áreas hispánicas nom castelhanas, é um género em que está mui presente a língua de Castela. Este facto revela, por um lado, a orixe do romanceiro ibérico, assi como a respectiva história sociolingüística dos povos da periferia peninsular: enquanto no romanceiro português actual mal achamos castelhanismos lingüísticos, nas versons das áreas leonesas están quase completamente ausentes as falas autóctones, porém, os romanceiros da Catalunha e da Galiza apresentam um bilingüismo, mais castelhano no caso galego que no caso catalám⁽¹⁾.

Mas o castelhano nom tem estado ausente nas outras manifestaçõs literárias que acompanhárom secularmente aos membros das comunidades tradicionais galegas nos momentos de lazer e de trabalho. O uso do castelhano nos diversos géneros do folclore literário da Galiza tem sido umha realidade ocultada, ou bem reconhecida com dó, pola maioria dos estudiosos galegos que se ocupárom da literatura popular do país. Estas actitudes respondiam à procura dos ilustrados do século XVIII e dos românticos do século XIX dum povo galego livre das influências da língua e da cultura do centro peninsular; a este preconceito somárom-se no século XX dous novos factores: a consideraçom da literatura galega como a literatura expressa nesta língua, e a concepçom da língua galega como um idioma independente do português desde o século XV (e mesmo antes) e "limpo" de contactos com a língua castelhana até datas mui recentes.

(1) Sobre o contacto de línguas no romanceiro da tradiçom oral da Galiza *vid.* de José Luís Forneiro, *El romanero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun, Sendoa, 2000 e *Allá em riba un rey tinha una filha. Galego e castelhano no romanceiro da Galiza*, Ourense, Difusora, 2004.

Destarte, para investigadores como o Padre Sarmiento as composicións transmitidas em castellano só podiam pertencer às camadas mais superficiais do saber tradicional galego⁽²⁾. No século XIX Marcial Valladares⁽³⁾, Antonio de la Iglesia⁽⁴⁾ ou Manuel Murguía⁽⁵⁾ lamentárom ou minimizárom o emprego de umha língua alheia na literatura galega de tradiçom oral, e já no século pasado Xaquín Lourenzo censurava a falta de "sentido crítico" dos *labregos* por cantarem cantigas de outros cancioneiros⁽⁶⁾; Manuel Fabeiro Gómez⁽⁷⁾ e Ramón Cabanillas⁽⁸⁾ constatavam com desagrado a influéncia doutras culturas no acervo popular galego, e o conservadorismo de ambos fazia que considerassem como motivo de escándalo a presenza de diversos géneros da cançom popular urbana em língua espanhola (o tango, o mambo, o cuplé, o flamenco, etc.) nas bocas das classes populares da Galiza⁽⁹⁾; Antón Santamarina e Dorothé Schubarth incluía, num primeiro momento, com mais incómodo que resignaçom as composicións em castelhano habituais da literatura oral⁽¹⁰⁾, e Clodio González Pérez viu no uso do castelhano no folclore literário umha inequívoca prova de auto-ódio das clases subalternas para com a sua cultura⁽¹¹⁾.

A nom assunçom da existéncia do castelhano junto das camadas populares evidencia umha atitude paternalista, à par que ideologicamente interesseira, das classes letradas galeguistas, umha vez que no âmbito urbano ou letrado som reconhecidas as bondades do pluri-

(2) Apud José Luis Pensado, "Sociología de las coplas gallegas", *El gallego, Galicia y los gallegos a través de los tiempos*, A Coruña, La Voz de Galicia, 1985, p. 192.

(3) Apud Domingo Blanco, *A poesía popular en Galicia 1745-1885*, vol. I, Vigo, Edicións Xerais, 1992, pp. 56-57.

(4) Antonio de la Iglesia, *El idioma gallego*, vol. III, La Coruña, La Voz de Galicia, 1886, p. 104.

(5) Manuel Murguía, *Historia de Galicia*, La Coruña, Librería de Eugenio Carré, 1901², p. 298.

(6) Xoaquín Lorenzo Fernández, *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Vigo, Galaxia-Fundación Penzol, 1973, p. 259.

(7) "Cancionero de Muros", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 30, núms. 345-360, 1968, p. 60.

(8) *Cancioneiro popular galego*, Vigo, Galaxia, 1972², p. 78.

(9) Na Catalunha o crego Josep Torras i Bages (1846-1916), o principal teórico do nacionalismo catalán conservador, junto ao jornalista Joan Mañé i Flaquer (1823-1901), detestava as músicas urbanas, principalmente o flamenco: "En asuntos culturales Torras i Bages también adoptaba la línea dura. Estaba en favor de la cultura popular, los festivales, de cualquier cosa que surgiese <de la gente>; y en contra de la modernidad, la internacionalización y lo que ahora podríamos ver como una primera cultura pop. Los bailes de la plaza del pueblo, bien; el baile en los salones, mal. Todo es vanidad: <La moda huera consigue corromper el buen gusto natural [...] en la actualidad, Cataluña está inundada de canciones castellanas, y se olvidan las hermosas y sinceras canciones catalanas>. En particular, profesaba auténtico odio hacia el creciente gusto popular por el flamenco, que se había propagado desde sus orígenes en Andalucía" (Robert Hughes, *Barcelona*, Barcelona, Anagrama, 2002⁶, p. 417).

(10) Dorothé Schubarth e Antón Santamarina, *Cancioneiro galego de tradición oral*, A Coruña, Fundación Barrié de la Maza, 1982, p. 27.

(11) Clodio González Pérez, "Aproximación á antropoloxía e conflito de linguas en Galicia", em *I Coloquio de Antropoloxía de Galicia* (Santiago, Febrero-1982), Sada, Cadernos do Seminario de Estudos Galegos, n.º 45, Edicións do Castro, 1984, p. 155.

lingüismo, ou som apreciados os cantos e danças doutras culturas. Todavia, nesses ambientes é julgada como perniciosa a presença de línguas e de manifestações culturais forâneas no contexto da cultura tradicional. Esquece-se, por um lado, que nom a hai nada menos nacional que o folclore (como bem dizia Menéndez y Pelayo) ou que a diglossia, quer intralingüística, quer interlingüística, existe nas situações comunicativas e na literatura oral tanto das comunidades bilingües como as monolingües; conseqüentemente, o emprego de distintos registos ou línguas nem sempre implica umha atitude negativa para com os idiomas ou variedades próprias ou cotidianas⁽¹²⁾.

Se o romance tradicional tem sido transmitido durante séculos na Galiza numa língua mista em que predomina o castelhano, nas outras amostras da literatura popular a participação da língua de Castela é muito menor e, sem dúvida, mais recente, pois nasce do maior contacto do "vulgo" com o mundo exterior, graças, sobretudo, ao ensino e aos meios de comunicação. A pobre colecção de textos literários folclóricos galegos em época contemporânea, tal como a procura nestes de todo o tipo de traços diferenciais a respeito de Castela, nom nos permiten saber ao certo até que ponto os investigadores galegos prescindírom ou retocárom as composições da literatura popular que topárom em castelhano. Em datas recentes, a pesar da inclusom de textos nesta línguanos rigorosos e fundamentais trabalhos de Schubarth e de Santamarina, houve quem prescindisse dos materiais em castelhano na edição da poesia popular galega publicada de 1745 a 1885 (em prejuízo do acervo popular galego e da oralística⁽¹³⁾).

Ao nosso parecer, a maioria dos colectores galegos dos últimos cento e cinqüenta anos deixárom de anotar ou de publicar aquelas composições em castelhano porque se tem considerado os textos total ou parcialmente nesta língua como um fenómeno recente e superficial no folclore da Galiza. Sem dúvida, o célere processo de castelhanização que produzido nas comunidades rurais galegas durante as últimas décadas repercutiu na literatura residual ainda conservada, mas nom devemos esquecer os testemunhos do século XIX anteriormente assinalados, a que

(12) Dous interessantes artigos recentes recolhem o uso duma língua alheia em textos da literatura oral, concretamente sobre o emprego do castelhano em orações dos judeus portugueses (José Manuel Pedrosa, "La bendición del día: correspondencias cristianas y judías de una canción de alba hispanoportuguesa", *Entre la magia y la religión: oraciones, conjuros, ensalmos*, Oiartzun, Sendoa, 2000, pp. 20-29) e sobre umha cantiga em inglês macarrónico de Menorca (Simon Furey, "Echoes of empire: a remnant of english in the folk song of the Balearic Islands, *Estudos de Literatura Oral*, nº 6, Universidade do Algarve, 2000, pp. 77-82).

(13) Blanco, *A poesía popular...*, p. 112.

podemos acrescentar o de Saco y Arce que certificou com objectividade a participacão do castelhano na literatura popular da Galiza⁽¹⁴⁾.

O romanceiro vulgar nom tradicionalizado

Embora o romanceiro vulgar, também conhecido como romance de cego ou de cordel⁽¹⁵⁾, tenha chegado a tradicionalizar muito o seu discurso⁽¹⁶⁾ nas suas versões galegas, curiosamente apenas integrou neste formas lingüísticas autóctones, e, em boa lógica, os romances de cego nom tradicionalizados ainda oferecem menos galeguismos lingüísticos.

Dentro do romanceiro vulgar os romances noticiosos locais, aqueles que relatam acontecimentos extraordinrios na monótona vida do lugar e que estm vinculados mais directamente  vida da comunidade, costumam manifestar-se em galego, mas, o idioma de Castela nem sempre está ausente neste tipo de canes narrativas locais. Sem dvida, o facto do carácter marcadamente castelhano do resto do romanceiro semiculto fai que se componham também nesta língua "romances" sobre a realidade mais imediata:

-Ahora voy a contarle lo que aquí ha sucedido
en Castromil de Galicia con dos mujeres de abrigo⁽¹⁷⁾.

-Escuchen, mi auditorio, una copla verdadera
un caso que sucedi a un marinero de tierra,
el cual se meti a piloto en la barca de Losada⁽¹⁸⁾.

En la provincia de Orense, Castromil se llama el pueblo,
ocurri una disgracia en las tierras del Penedelo⁽¹⁹⁾.

(14) Juan Antonio Saco y Arce, *Literatura popular de Galicia*, Ourense, Deputación Provincial, 1987, pp. 45-46.

(15) Este gnero da poesia narrativa, que nasceu nos fins do século XVI e inícios do XVII, caracterizava-se polos seus assuntos trágicos e pelo seu estilo pomposo e foi difundido principalmente, até hai poucas décadas, polos cegos em folhetos de cordel. Sobre as diferenças entre este gnero e o romanceiro tradicional *vid.* o esclarecedor artigo de Diego Catalán, "El romance de ciego y el subgnero <romancero tradicional vulgar>", *Arte poética del romancero oral. Parte I^a. Los textos abiertos de creación colectiva*, Madrid, Siglo XXI, 1997, pp. 325-362.

(16) Ou seja, a renov-lo em variantes, quer no plano da expressão, quer no plano do contdo.

(17) Dorothe Schubarth e Antón Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, A Coruña, Fundación Barrié de la Maza, 1988, p. 50, n 40.

(18) *Ibidem*, p. 59, n 70.

(19) *Ibidem*, p. 62, n 84. Na mais recente coleco de Xosé Luís Rivas Cruz e Baldomero Iglesias Dobarrio, *Cantos, coplas e romances de cego* (Lugo, Ophiusa, 1998) encontramos nom poucos romances locais em castelhano, principalmente entre os classificados dentro de "Sucesos" e "Crimes e asasinatos".

À diferença da quase nula presença de formas galegas no conjunto do romanceiro vulgar alguns romances locais em castelhano apresentam trechos em galego, como podemos ver no seguinte exemplo:

-Atención pido, señores, un momento por escrito
para escuchar la canción del caballo de Dosito:
El día 3 de setiembre qué día tan descgraciao
para los de Rui de Ferros para Dosito y Castro
[...]
sal a María de Palheiro chillando coma as culebras:
-Deixa-me algo desses huesos pra amecer as minhas pernas⁽²⁰⁾.

Alguns romances de tipo local começam em castelhano, de acordo com a tendência geral do romanceiro de cordel, mas nom tardam em expressar-se na língua do país por ser a comum entre o auditório, e, portanto, a que melhor pode reflectir os factos narrados. No seguinte texto fai-se explícita esta mudança de língua:

Ese día tan nombrado se empezó la carretera
empezaron los lamentos para los que dan las tierras.
Pra que melhor nos entendan deixemo-lo castelhano
para contar o que passou desde o porto hasta Navalhos⁽²¹⁾.

Por outro lado, "a musa popular" também compujo temas em galego que nom tenhem necessariamente a ver com acontecimentos do lugar ou com o mundo rural. Em língua galega encontramos "romances" até de tema político como o intitulado *Resposta encontra unha inxuria* (1936), de ideologia anti-republicana:

Uns lampantins, sinvergonzas qu' a Pasionária amanceba,
sin migalha de coraxe pra batir-se nas trincheiras⁽²²⁾,

ou como este dedicado a Francisco Franco que principia:

(20) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, p. 66, nº 95.

(21) *Ibidem*, p. 45, nº 26.

(22) Un cantor de Cortegada, *Resposta encontra unha inxuria*, Vigo, Artes Gráficas Gutenberg, 1936, *apud* Anexo a Xesús Alonso Montero e Miro Villar, *Guerra Civil (1936-1939), e Literatura Galega. Textos e Documentos para unhas Xornadas de Estudio e Debate*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 2000 (www.consellodacultura.org/mediateca).

*Viva Franco, viva Franco, nunca el havia morrer
foi o melhor governante que no mundo pudo haver!*
[...]

e termina:

*-I aquí acabei, señores, o que eu lle pude explicar
recemos todos por Franco que el pra todos foi bom pai⁽²³⁾.*

O parrafeo ou desafío

Alfonso Hervella Courel, no prefácio à magnífica colección de romances que obtivo antes de 1909 na sua terra natal do Bolo, incluí un parrafeo cujos versos iniciais están em castelano: "He aquí uno de estos parrafeos o *enchoyadas*, copiado fielmente por nosotros en un *fiadero* de nuestras montañas":

Home:	Tenga usted muy buenos días y también las madrugadas, señora que andas <i>na</i> huerta <i>colhendo maravalladas</i> .
Mulher:	Márchate con Dios, galán, <i>que est' ano já nom me caso</i> o anoxo do meu pai já lle vai indo pasado [...]

"Puede verse por este ejemplo, cómo son en general los parrafeos que aquí se estilan. Algunos de sus versos están en castellano; no pocas estrofas son consonantadas (acomparadas, como aquí dicen) en los pares, y casi todas comienzan repitiendo un tanto modificado el último o últimos versos de la estrofa anterior, medio que, unido a ciertos lugares comunes

(23) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, pp 84-85, nº 141. A identificación da lingua galega com as forças democráticas, incluída o galeguismo, que resultáron derrotadas na Guerra Civil do 36, nom é totalmente certa. Nom só durante o franquismo escritores que eram galeguistas antes da deflagraçom e que passáron para o lado contrário, como Risco ou Cunqueiro, nom abandonáron num grau u outro o uso escrito do galego, senom que durante o conflito bélico das fileiras dos sublevados se compugérom textos semicultos em galego, na sua maioria de carácter político como se pode ver nos trabalhos de Claudio Rodríguez Fer (*A literatura galega durante a Guerra Civil (1936-1939)*, Vigo, Edicións Xerais, 1994) e de Xesús Alonso Montero ("*Literatura en lingua galega de 1936 a 1953: Algúns aspectos da represión lingüística*", especial *Os anos despois (1936-1953)*, *A Nosa Terra*, Vigo, 1987), por citar só os dous principais contributos destes autores sobre o tema.

que el uso consagra, simplifica en gran manera la labor improvisadora o retentiva"⁽²⁴⁾.

Numa obra mais recente, no Cancioneiro Popular Galego de Schubarth e Santamarina, a maioria dos parrafeos velhos están em galego, embora haja alguns em castelhano⁽²⁵⁾; encontramos mais compostos na língua de Castela entre os classificados como parrafeos novos⁽²⁶⁾.

A lírica tradicional

O mais conhecido género literário oral na Galiza (tal como nos outros países ibéricos) a canção lírica, a *cantiga* ou *cántiga*, tampouco é alheio à presença do idioma castellano. Já Saco y Arce na sua *Literatura Popular de Galicia* (reunida antes de 1881, ano da morte do seu compilador) recolhia um número importante de canções em língua castelhana (exactamente 208, assi como 14 seguidilhas)⁽²⁷⁾, mas na maioria dos trabalhos dos séculos XIX e XX do cancionero popular galego é raro incluírem cantigas em castelhano⁽²⁸⁾. No entanto, na mais recente e completa e edição da canção tradicional galega, o criterioso *Cancioneiro Popular Galego* de Schubarth e Santamarina, as cantigas na língua de Castela somam um número considerável: em quase todas as páginas do volume VI desta obra encontra-se, no mínimo, umha composição em castelhano.

A notória presença de canções neste idioma na Galiza obedece a causas diversas, entre elas a influência do género romancístico no seu homólogo lírico. Assi, por exemplo os dous versos iniciais das duas variantes desta cantiga estão tomados de *O Conde Ninho*):

Válgame Dios lo que canta
la sirenita en el mar;
os navios deram volta
sólo pola ouvir cantar.

(24) Alfonso Hervella Courel, *Romances populares gallegos recogidos de la tradición oral*, 1909, cópia do Archivo Menéndez Pidal, pp. XI-XIV (inédito). No entanto, os únicos versos em castelhano destas enchoiadas som os que aqui reproduzimos.

(25) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego. Cantos dialogados*, vol. V, t. II: Letra, núms. 1 a, 1b e 1c.

(26) *Ibidem*, núms. 72, 78, 79, 82 84, 85 e 86.

(27) Saco y Arce, *Literatura ...*, pp. 165-181, pp. 186-187 e pp. 191-192.

(28) Duas excepções seriam o já mencionado artigo de Fabeiro Gómez (vid. nota 2) e o de Víctor Lis Quibén, "Cancionero y refranero de los canteros de Galicia", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 28, núms. 321-326, 1957, pp. 151-164.

¡Válgame Dio-lo que canta
a sereninha na mar!
Os marinheiros dam volta
sólo pola oir cantar! ⁽²⁹⁾

A canteira está bem dura
e temo-la de arrombar
iá ama do señor cura
la tenemos de matar⁽³⁰⁾.

cujo último verso recorda a *Má sogra*. Também os dous primeiros versos da seguinte *cantiga* som dous hemistíquios formulaicos presentes em diversos romances como *O Conde Flores*, *A apariçom*, etc.:

A la entrada de este pueblo,
salida de este lugar,
prometêrom-me umha tunda
salga quien me la ha de dar⁽³¹⁾.

Esta interacçom da cançom épico-lírica ou romance com a cançom lírica que podemos ver na tradiçom popular galega dos nossos dias trata-se de um velho fenómeno já documentado na literatura castelhana medieval⁽³²⁾.

Grande parte das cantigas em castelhano que figuram na colecçom de Saco som de assunto amoroso ou de tema filosófico e religioso, e igualmente se passa no *Cancioneiro* de Schubarth e Santamarina, onde muitas das composiçons líricas de *namorar*, das filosóficas e das religiosas⁽³³⁾

(29) Xoaquín Lorenzo, *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Vigo, Galaxia, 1973, p. 161, e Domingo Blanco, *Escolma de literatura popular galega*, Vigo, ASPG-A Nosa Terra, 1996, p. 73.

(30) *Ibidem*, p. 29.

(31) *Op. cit.*, vol VI, p. 227.

(32) Samuel G. Armistead, "Estudio Preliminar", em Paloma Díaz Mas, *Romancero*, Barcelona, Crítica, 1994, pp. XIII-XV.

(33) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego. Coplas diversas, cantos ennumerativos e estrófic*, vol. VI-t. II, 1993, pp. 72-74, 193, 207 e 219. No *Cantigueiro* de Xoaquín Lorenzo hai alguns exemplos de uso do castelhano nas cantigas amorosas:

"Debaixo da tua ventana
tem a perdiz o seu ninho;
eu, como som perdigom,
a tu reclamo he venido". (p. 67, 710)

"Deches-me un dulce te amo
un día nun cementerio;

fôrom transmitidas em castelhano, o qual evidencia que também se prefe-re esta língua no âmbito rural para os momentos de maior intensidade afectiva ou de maior reflexom intelectual. Por outro lado, nesta última compilaçom pode-se ver como se manifestam em castelhano as cantigas para apresentar-se ou chamar-se, da mesma maneira que na comunicaçom quotidiana as saudaçoms e os nomes se expressam nesta língua⁽³⁴⁾.

A língua castelhana das cantigas galegas, como nom podia ser de outro modo, incorpora traços da sintaxe da língua do país, enquanto que os galeguismos léxicos costumam estar relacionados com o mundo referencial mais próximo:

La despedida te doye
como da la *pita* i al gallo
cómo me he de apartare
de ese cuerpo tan resalao⁽³⁵⁾.

Cómo se colea
la *troita* n'el agua,
cómo se colea
tu cuerpo, rapaza,
tu cuerpo, rapaza,
cómo se colea
la *troita* n'el río⁽³⁶⁾.

¡Cuánto vale un cuerpo bueno
puesto en una bocacalle,
con la mano en la *ilharda*:
por aquí no pasa nadie!⁽³⁷⁾

Yo quisiera tener madre,
aunque fuese de una *silva*,

de amor que nace entre mortos,
cal será o fim *postrero*?"(p. 67, 717)

Também a maioria das *coplas* em castelhano que aparecem num dos mais recentes e conseguidos trabalhos sobre o saber popular galego, son de assunto amoroso, *vid.* M. Ofelia Carnero Vázquez *et alii.*, *Da fala dos brañegos. Literatura oral do concello de Abadín*, Deputación Provincial de Lugo-Mueso Provincial de Lugo, 2004.

(34) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. VI, pp. 247-248.

(35) *Ibidem*, p. 38, 166b.

(36) *Ibidem*, p. 53, 265.

(37) Saco, *Literatura...*, p. 170, nº 65.

que aunque la *silva* picase,
siempre era la madre mía⁽³⁸⁾.

No te fies *en* los hombres,
aunque los veas llorar,
al *virar* de las espaldas,
el pago que te *han de dar*⁽³⁹⁾.

Debajo de tu ventana
sepultura debe haber,
para enterrar los deseos
que tenía de *te ver*⁽⁴⁰⁾.

No repertório das cantigas locais das colectáneas de Saco e de Schubarth-Santamarina pode-se deparar com textos em língua castelhana, independentemente do carácter urbano ou rural da localidade:

Tres cosas hay en Orense.
como no las hay en España.
el Santo Cristo, la puente,
y la Burga hirviendo en agua⁽⁴¹⁾.

Adiós, villa de Vivero,
ventanas y corredores,
todo queda relumbrando,
convento Val de Flores⁽⁴²⁾.

El cielo de La Coruña
está cubierto de azul;
por eso las coruñesas
tienen la sal de Jesús⁽⁴³⁾.

(38) *Ibidem*, p. 174, nº 112.

(39) *Ibidem*, p. 173, nº 104.

(40) *ibidem*, p. 175, nº 125.

(41) *Ibidem*, p. 181, nº 201.

(42) *ibidem*, p. 170, nº 70.

(43) *ibidem*, p. 166, nº 20, hai-na também em galego: p.159, nº 1159.

Soy de Bande,
soy de Bande,
soy de Bande,
soy bandesa,
soy de Bande,
soy de Bande,
y aunque lo soy,
no me pesa⁽⁴⁴⁾

Soy de Muros muradana,
soy de la costa de Muros,
soy de donde me da la gana⁽⁴⁵⁾.

No los quiero de Melide,
de Melide no los quiero,
no los quiero de Melide,
que gastan mucho salero⁽⁴⁶⁾.

Por outro lado, también encontramos cancións sociais em castelhanao como esta que recolheu o professor Xesús Alonso Montero antes de 1968:

Señores, en este pueblo
hay un motor
que se lleva ocho partes
el armador.
Sólo piensa en este mundo
amontonar
y ganar unas pesetas
del sudor ajeno.
¡Eso está muy mal!
¡Pun!⁽⁴⁷⁾

(44) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, p. 125, 374 b. Rosalia de Castro nos seus *Cantares Gallegos* acaba o poema 18 com umha cantiga popular antecedente desta em castelhanao: "Anque che son da montaña/ anque che son montañesa/ anque che son, non me pesa" (*Cantares Gallegos*, (ed. Xavier Rodríguez Baixeras), Vigo, Edicións Xerais, 1990, p. 142).

(45) *Ibidem*, p. 125, nº 375 b.

(46) *Ibidem*, p. 151, nº 528 bis.

(47) Jesús Alonso Montero, *Realismo y conciencia crítica en la literatura gallega*, Madrid, Editorial Ciencia Nueva, 1968, p. 211.

A festa dos *Maios*

A festividade agrária dos *Maios*, que com notável vitalidade se mantém na maioria das principais cidades e vilas da Galiza, não tem sido alheia ao emprego do castelhano, em boa medida devido ao seu carácter urbano. As mais antigas cantigas e cantares deste rito popular que se conservam são posteriores à segunda metade do século XIX, e os cantos tradicionais que acompanhavam esta festa foram progressivamente substituídos por cantigas em que predominava o sentido crítico sobre factos da actualidade, que são as que hoje se transmitem⁽⁴⁸⁾. Em geral, os novos cantares desta comemoração primaveril foram compostos na língua autóctone, mas o castelhano nunca esteve ausente nesta festa, sobretudo em certos lugares. Assim, em Pontevedra a substituição do galego pelo castelhano produziu-se nos meados do século XIX, e este uso foi crescendo até inícios do século XX; também nalgumas vilas próximas à capital do Lérez como Redondela e Marim transmitiram-se durante o mesmo período textos em castelhano⁽⁴⁹⁾.

Junto das mencionadas cantigas modernas de maios em castelhano que, tal como as compostas em galego, se caracterizam por criticar factos recentes, e que são cantadas num só ano e por um único grupo, existe um outro grupo de cantigas em língua castelhana. Aqui incluem-se uma série de canções que se transmitem todos os anos, e que segundo Clodio González Pérez, o maior estudioso actual desta tradição na Galiza, são habituais nos maios do centro e do leste peninsulares: a Serra de Albaicín (Cuenca), as áreas castelhanas de Valência e algumas províncias de Castela e Andaluzia⁽⁵⁰⁾. Este etnógrafo constatou a galeguização de algumas palavras destes cantos forâneos, concretamente nuns textos obtidos em Santiago e em Tordoia (Corunha)⁽⁵¹⁾.

A respeito das cantigas tradicionais que acompanhavam às comemorações dos maios, algumas eram cantadas em castelhano ou em galego dependendo da localidade; por exemplo, uma cantiga das maias pagás que em Muros se conhecia em galego, em Carnota era transmitida em castelhano⁽⁵²⁾. González Pérez, ao indicar as diferenças entre as maias pagás, antecedentes das actuais cantigas críticas, e as maias cristás, apon-

(48) Clodio González Pérez, *A festa dos Maíos en Galicia*, Pontevedra, Deputación Provincial, 1989, p. 57.

(49) *Ibidem*, p.59.

(50) *Ibidem*, pp. 233-234.

(51) *Ibidem*, pp.234-235.

(52) *Ibidem*, p. 57.

ta o maioritário castelhanismo lingüístico destas últimas, fenómeno devido ao seu carácter urbano e à sua temática religiosa⁽⁵³⁾.

Oraçons

A secular indiferença da Igreja Galega pola língua do país, que inclusive fiço ouvidos surdos às recomendações de evangelizar o povo na sua própria fala do Concílio de Trento (1545-1563) e do Concílio Vaticano II (1963), explica que a maioria das oraçons, assi como doutras composições de carácter religioso, sejam transmitidas em castelhanu ou em *castrapo* na tradiçom oral da Galiza. Segundo Vicente Risco, as oraçons galegas eram, em termos lingüísticos, "unhas en galego, outras en castelán, outras en castrapo ou en mistura; enxebres unhas, importadas outras; de fonte erudita ou de fonte popular"⁽⁵⁴⁾. Polo seu lado, Clodio González salientou o castelhanismo lingüístico predominante em grande parte dos textos de carácter religioso do folcloru galego, assinalando algunhas das razons desta realidade:

... os máis dos nosos ensalmos, bendicións, oracións, etc., etc., non son máis que unha mistura lingüística, unhas veces debido a que en un principio deberon estar en castelán e outras -quizais as mais-, feitas exprefeso nesta lingua para darlle máis poder de curar diante dos galegofalantes⁽⁵⁵⁾.

Mas, como se pode comprovar nos trabalhos ou nas colectáneas sobre a literatura oral galega, como os de Vicente Risco, as monografías locais do Seminário de Estudos Galegos, a revista *Nós* ou, posteriormente, a *Escolma de Carballedo* (1976) de Nicanor Rielo Carballo, as oraçons muito raro aparecen em galego e quando se produze a galeguizaçom lingüística esta costuma ser parcial⁽⁵⁶⁾.

Os ensalmos

Embora a maioria dos ensalmos de *La medicina popular en Galicia* de Víctor Lis Quibén se encontrem na língua do país, no entanto, o castelhanu nom é elemento estraño nas prácticas curativas do campesinado da Galiza como já vimos na cita anterior de Clodio González. Na obra clás-

(53) *ibidem*, p. 243.

(54) Vicente Risco, "Etnografía ...", p. 369.

(55) González Pérez, "Aproximación á antropoloxía e ...", p. 152.

(56) Algunhas oraçons em galego com castelanismos podem achar-se nas pp. 370-371 do trabalho citado de Risco.

sica de Lis Quibén aparecem na língua de Castela ensalmos para curar os diversos males de ar⁽⁵⁷⁾, o meigalho⁽⁵⁸⁾, as afecções dermatológicas⁽⁵⁹⁾, doenças do abdómen e das costas⁽⁶⁰⁾, as úlceras da córnea⁽⁶¹⁾, a icterícia⁽⁶²⁾, enfermidades infantis⁽⁶³⁾, a pústula maligna⁽⁶⁴⁾, as queimaduras⁽⁶⁵⁾, os vermes⁽⁶⁶⁾ e nos tratamentos do gado⁽⁶⁷⁾. Além dos ensalmos em castelhano com algum que outro galeguismo ocasional, quase todas estas afecções também podem ser tratadas com ensalmos bilingües que podem principiar em galego e continuar em castelhano:

Pola ponte de San Fiz
unos pasan y otros non,
preguntando los unos a los otros:
¿De qué mal es esta Pozoña?⁽⁶⁸⁾(mal de ar)

Hidrope, Hidropesía,
almarén, esmerén,
saca todo o mal que no corpo tem.
No te vengo para cortar
que te vengo para sanar.
Con el poder de Dios
y de la Virgen María,
un Padre Nuestro
y un Ave María,
a la Santísima Virgen⁽⁶⁹⁾. (hidropisia)

Ou vice-versa, começar em castelhano e seguir em galego:

(57) Víctor Lis Quibén, *La medicina popular en Galicia*, Madrid, Akal, 1980², pp. 47, 52, 63-64, 68-69, 77, 82 e 84-87.

(58) *Ibidem*, pp. 105-106 e 109.

(59) *Ibidem*, pp. 131, 155 e 162.

(60) *Ibidem*, pp. 176-177 e 180-182.

(61) *Ibidem*, pp. 188, 190-192 e 195.

(62) *Ibidem*, pp. 209-210.

(63) *Ibidem*, pp. 264-265.

(64) *Ibidem*, p. 286.

(65) *Ibidem*, p. 289.

(66) *Ibidem*, pp. 214-215.

(67) *Ibidem*, pp. 312-313.

(68) *Ibidem*, p. 51.

(69) *Ibidem*, p.281.

Nube negra
Dios te extienda
nube rubia
Dios te destruya, nube blanca
Dios te esparza.
Tres Apóstoles santos
iban *por un caminho*
co meu Senhor Jesucristo
atopárom.
Ò, meus santos, pra donde ides?
-Imos pro Monte Olivar.
-Que ides catar.
-Eroas é (de?) un año
pra curar Fístolas,
Chagas, Feridas.
Daqui vos volverés,
prometimiento me farés
que ouro nem prata nom tomares.
Tomarei a sal da mar
agua da fonte perenal,
la lidra (cidra?)
e aceite de oliva.
Con esto curares
Chagas e Feridas
co poder de Dios
e da Virge María⁽⁷⁰⁾. (curaçom de chagas, fístulas e feridas)

Este ensalmo (que apresenta formas incompreensíveis para o seu editor, tal como outras inexistentes em galego ou no castelhano de Galiza: *volverés, tomarés*) principia em castelhano para conjurar o que se crê ser o causante do mal (a nuve) para utilizar na curaçom do enfermo, a sua língua, o galego.

Noutros casos misturam-se passagens nas duas línguas:

(70) *Ibidem*, p. 275.

Jesucristo va delante
la madre que lo parió.
Santísimo Sacramento,
la cruz onde padeció.
En este cuerpo todas son cruces,
desde a cabeza hasta os pés;
si tuvieras algún demonio
"Verbim cruz perpetum non es",
porque yo bendizo este cuerpo,
desde a cabeza aos pés.
Corto plagas, rabias,
odios, malas vistas,
endemoniadas, enfeitizadas,
tamém che corto a brujería,
en este mal morrería,
en este cuerpo nunca entraría.
Corto-che o aire de morto
e de vivo e de escomunicado,
corto-che o aire da ventana
a e si che figérom algum feitizo
na roupa do corpo
ou en comidas ou en bebidas,
e desconxurado
de aqui pra fora.
Con la bendición de San Quiatán Avelino,
te recomiendo a San Vicente,
para que o demo nom che atente.
Con la bendición de Dios Padre
y de Dios Hijo
y del Espíritu Santo
y de la Santísima Trinidad
y de Nuestro Señor Jesucristo.
Amén⁽⁷¹⁾. (meigalho)

Ana, Susana, Santa Isabel,
ellas tres hermanas son,

(71) *Ibidem*, p. 108.

fueron al Monte Calvario
a buscar un ramo de oliva,
pra lhe erguer a Espinhela e Paletilla
a F. de T., *que a tem caída.*
Pola gracia de Dios
e de la Virgen María⁽⁷²⁾ (males das costas)

Toda a parte religiosa do discurso destes dous ensalmos é em castelhano, enquanto o galego é empregado para nomear o referente mais próximo que pode existir: o corpo. Algo semelhante acontece na seguinte versom: a cena entre Cristo e San Lázaro desenvolve-se, "naturalmente", na língua da Igrexa na Galiza, o castelhano, mas quando se procede a referir-se ao corpo e ao mundo natural recorre-se à língua do dia-a-dia da comunidade:

Estando San Lázaro no seu urzal
pasó por allí Nuestro Señor y le dijo:
-¿Qué haces ahí, Lázaro?
-Estoy llorando mis males.
-Bendícelos.
-Señor, yo no sé.
-Coge: *um raminho do teu urzal,*
umha agullinha de fonte plenas,
tres areninhas de sal do mar,
e tres carboncinhos do teu lar.
Ucera, Ucerón, Decipela, Decipelón
Mor Ardente, Xarampelo y Xarampón,
dá-lhe polos pés, dá-lhe pola cabeza,
pra que este mal non creça,
nim faga cousas
que mal parezcan.
Por la gracia de Dios
y de la Virgen María
un Padre Nuestro
y un Ave María.⁽⁷³⁾ (meigalho)

(72) *Ibidem*, p. 176.

(73) *Ibidem*, pp. 160-161.

Noutras ocasións inserem-se frases em castelhano num contexto galego que servem para enfatizar a voz da Santísima Trindade, como podemos ver nesta amostra:

Yo te corto, Herpes malino,
que baixes pra baixo,
e nom venhas pra riba.
Yo no soy quien te corto,
que es el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo.
Co poder de Dios
e da Virgen María,
un Padre Nuestro
e umha Ave María⁽⁷⁴⁾. (herpes)

A narrativa tradicional em prosa: o conto e a lenda

As narraçons tradicionais em prosa evidenciam, com umha clareza maior que os outros géneros de literatura popular transmitidos na Galiza, a realidade diglössica do país. Nos contos e lendas galegos quando se utiliza o castellano reflecte-se a que tem sido a situação sociolingüística galega até datas mui recentes: o castelhano é a língua das classes sociais altas, isto é, o idioma dos usos formais, ficando o galego como um registo inferior por ser a língua das classes subalternas. Nos contos e lendas os personages que ocupam as posiçons mais altas na pirâmide social se expressam na língua de Castela: os ricos, os padres, os mestres, os advogados (sobretudo quando realizam o seu labor profissional), e neste idioma, graças ao seu carácter extraordinário nas comunidades rurais, manifestam-se os seres extraordinários como Jesuscristo, a Virge, os santos, o demo, as mouras e, inclusive, os animais quando estes falam. As ordes som igualmente dadas em castelhano a fim de reforçar o seu sentido imperativo e alguns contos e lendas finalizam com umhas palavras em castelhano, trás ter sido recitados em galego. Mas nem sempre é estável o uso do castelhano na prosa tradicional da Galiza; assi, esta língua pode aparecer noutros contextos além dos que acabamos de assinalar, e nalgumhas localidades convivem textos monolingües em galego com outros bilingües ou diglössicos, se se preferir⁽⁷⁵⁾. Por outro

(74) *Ibidem*, p. 199.

(75) González Pérez, "A diglosia...", p. 183.

lado, o deficiente coñecemento do castelano de certos informantes explica que, por exemplo, unha mouro principie falando en castelano para despois pasar-se para o galego⁽⁷⁶⁾. Segundo Clodio González esta incorporación do castelano nalguns relatos trata-se de un fenómeno novo, minoritario face à imensa maioría de narracións tradicionais na lingua propia da Galiza.⁽⁷⁷⁾

A dramaturgia

As farsas relacionadas com o ciclo carnavalesco (tam arreigado na cultura rural apesar da prohibición do entrudo durante o franquismo) ofrecen varios testemuños da presenza da lingua castelhana na dramaturgia folclórica como o *Reinado y muerte del Urco*, farsa organizada en Ponte Vedra en 1876⁽⁷⁸⁾ ou o *Testamento do Entrudo* de 1948 de Casa de Naia (Antas de Ulha, Lugo)⁽⁷⁹⁾. Os chamados "encontros de xerais" da bisbarra do río Ulha realizan-se en galego e en castelano, num castelano muitas veces perfecto, como, por exemplo, o sermón de Santa Cristina de Veá de 1973⁽⁸⁰⁾. De acordo con Olimpio Arca Caldas, estudio desta festa popular nas terras da Estrada:

“O castelán está presente sempre nos parlamentos da tropa: correos e xerais, e noutros tempos nos cantares do coro e dos vellos. [...] O galego, hoxe, utilízase sempre no diálogo dos vellos e, case sempre, nas cancións do coro principal, se ben aínda se atopan cancións en castelán. O porqué desta dicotomía non somos nós quen para explicala. Segundo podemos recoller de gran parte dos entrevistados a razón de empregar o castelán nos xerais débese ó maior prestixio desta lingua por ser a lingua das autoridades. Non se concebía que un xeneral puidese falar galego. Algúns opinaron que os encontros dos xerais case sempre os facían persoas cultas e cunhas noicións da historia. Os versos dos cantares dos vellos eran compostos por xente da parroquia cun aquel natural para a rima. As cancións do coro pertencían a antigas cancións de espadelas e

(76) González Pérez, "A diglosia...", p.184.

(77) González Pérez, "Aproximación á antropoloxía...", p.155. Numa das mais recentes e ricas coleccións de contos populares tamén encontramos algúns textos com partes expresadas en lingua castelhana: *vid.*, por exemplo, nas pp. 202-205, 282-283, 327-328, 402-403 de Camiño Noia Campos, *Contos galegos de tradición oral*, Vigo, Nigratrea, 2002.

(78) Antonio Fraguas Fraguas "Antroido", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. II, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada, 1986, p. 123.

(79) Antonio Fraguas Fraguas "La farsa de Casadenaya (Antas de Ulla)", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 27, 1956, pp. 165-166.

(80) Fraguas "Antroido", pp. 123-124.

fiadeiros que se misturaban con outras de moda, xa fosen en galego ou castelán”⁽⁸¹⁾.

A cantiga habitual na carnavalesca *corrida do galo* expresa-se em castelhano (*Aquel día funesto/ Domingo de Corredores/ que en quitándome la cabeza/ me comerán los señores*⁽⁸²⁾), e na farsa de Meda de 1948, podemos ver como no julgamento polos delitos do galo prodúcese un claro exemplo de diglossia, umha vez que o juiz e os advogados falan em castelhano, enquanto que as testemunhas do povo o fan em língua galega⁽⁸³⁾. Noutras localidades estas farsas ou testamentos relacionados com o galo parece que se realizavam na fala do país, como em Ribadulha o Valga⁽⁸⁴⁾. Nas terras do sul de Cotobade a cantiga que se dedicava às máscaras dos *maragatos* (disfarce feito com um traje que se vestia ao revés ou com um uniforme militar que emprestava um morador) era em castelhano (*Maragato pato/rabo de la cincha/cuando el gallo canta/maragato rincha*)⁽⁸⁵⁾, e em dous lugares desta área, Augasantas e Valongo, recolheu-se um sermão de burlas dedicado ao santo do carnaval, Sam Garrán, em que se alternavam galego e castelhano praticamente na mesma proporção⁽⁸⁶⁾.

Numha terra de grande tradição carnavalesca como é Laça, também se realizam representações dramáticas como o *Sacrificio de Isaac*, que tem lugar os 3 de Maio, ou os encontros entre mouros e cristaos, eventos que se representavam em castelhano⁽⁸⁷⁾. Igualmente em Mouroás (San Joám do Río) os moros e cristaos parlamentavam nesta língua.⁽⁸⁸⁾

Na época da Natividade segundo Saco y Arce parece que se representava em Noia umha peça bilingüe:

En Noya nos han asegurado que se conserva aún allí una obra dramática, escrita, parte en castellano, parte en gallego, que desde muy antiguo venía representándose hasta hace pocos años en los días de Navidad⁽⁸⁹⁾.

(81) Olimpio Arca Caldas, *O entroido no Ulla. Medio século dos xenerais estradenses*, Vigo, Diputación Provincial de Pontevedra, 1995, pp. 41-42.

(82) Fraguas "Antroido", p. 121. Por outro lado, a cantiga para provocar as máscaras denominadas "maragatos" manifestava-se em castrapo (*Ibidem*, p. 122).

(83) Antonio Fraguas Fraguas, "Corrida do galo", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. VII, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada, 1974, pp. 176-179.

(84) *Ibidem*, pp. 179-181.

(85) Antonio Fraguas Fraguas, "O entroido nas terras do Sul de Cotobade", *Nós*, nº 77, 1930, p. 88.

(86) *Ibidem*, pp. 91-92.

(87) Antonio Fraguas Fraguas, "Laza", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. XIX, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada editor, 1974, pp. 2-4.

(88) Risco, "Etnografía...", p. 720.

(89) Saco, *Literatura...*, p. 37.

Em língua castelhana era representada na localidade ourensana de Seivalvo o martírio de Santa Adegá. De acordo com a informação de Vicente Risco o castelhanu utilizado polos paisanos na interpretação dos sofrimentos desta santa era tam deficiente que dava lugar ao escarnho do público, e mesmo na cidade de Ourense imitavam a representación de seus vizinhos seixalbeses:

Contaban que o Procurador román decía á Santa: "Adegá, ya que los ídolos no quisiste adorar, / los peitos te mandaré cortar!" E respondía o pobo román: "Que se los *cuerten* ! Que se los *cuerten* !" ⁽⁹⁰⁾.

Para Risco o facto desta mescla lingüística ser obxecto de troça contribuiu para o desaparecemento do martírio de Santa Adegá ⁽⁹¹⁾.

A ultracorreción do verbo *cortar* que acabamos de indicar é moi frecuente no romanceiro, sobretodo no tema da *Donzela guerreira*; tamén, segundo Vicente Risco, aparecía na representación que desta obra faziam em terras do Carvalhinho, mas aquí era a santa a que gritava: "*Que me los cuerten!*" ⁽⁹²⁾.

Os xogos

A generalización do ensino básico, e, principalmente, a rádio e a televisión teñem cumprido un papel fundamental na castelhanización das actividades lúdicas infantís. A escola foi sempre un activo elemento castelhanizador (mesmo hoje apesar da co-oficialidade do galego) e por isso a lingua vernácula non tem sido o único idioma utilizado polos nenos galegos nos seus xogos desde hai algunhas décadas. Nos estudos sobre o folclore galego dos anos 20 e 30 do século XX realizados por estudiosos do Seminario de Estudos Galegos recollêrom-se textos em castelhanu ou bilingües que se empregavam nos xogos infantís do ámbito rural. Na ourensana paróquia de Velhe dos anos 30 o castelhanu era a única lingua de xogos como o salto da corda, as rodas ⁽⁹³⁾ ou *o queda* a que pertencem estes versos:

Don Melitrón
tenía tres gatos

(90) Risco, "Etnografía...", p. 719.

(91) *Ibidem*, p. 719.

(92) *Ibidem*, p. 719.

(93) Vicente Fernández Hermida *et alii*, *Parroquia de Velle*, Santiago de Compostela, Seminario de Estudos Galegos, 1936, pp. 218-219.

que los hacía
bailar con los platos.
A la noche
les daba turrón.
Que vivan los gatos
de Don Melitrón⁽⁹⁴⁾.

Noutras ocasións recorria-se a umha ou outra língua numha mesma localidade como sucedia nas fórmulas de sorteio das escondidas en Velhe: junto a umha fórmula em galego apareciam outras cinco diferentes em castelhano⁽⁹⁵⁾. Algumas fórmulas dos jogos manifestavam-se em castelhano, em galego ou em *castrapo* dependendo da localidade, assi, em Santa Marta de Moreiras o único texto em galego dos cinco que se empregavam num dos jogos da pita cega, o jogo do couto, tinha o seu equivalente em castelhano nas terras da Gudinha⁽⁹⁶⁾; a fórmula do burro em Velhe era em castelhano, enquanto que⁽⁹⁷⁾ em Santa Marta de Moreiras⁽⁹⁸⁾ incluíam-se algumas palavras em galego. Por outro lado, um dos textos que se usava, entre outros jogos, para botar a sorte nas escondidas costumava recitar-se em diversas localidades em *castrapo*, mas também havia a sua correspondente versom em castelhano:

Pin, pin
Zamaramaca pin,
Quando el rey
por aquí pasó
siete aves convidó
sólo una que voló.
Zape, gache,

(94) *Ibidem*, p. 206.

(95) *Ibidem*, p. 210-211.

(96) José Ramón e Fernández Oxea (Ben-Cho-Shey), *Santa Marta de Moreiras. Monografía dunha parroquia ourensán (1925-1935)*, Sada, Edicións do Castro, 1982², p.332. Nesta monografía local informava-se-nos que o jogo de roda, o chamado *miquinho*, era realizado em castelhano (pp. 345-346).

(97) Fernández Hermida, *Parroquia...*, pp. 214-215.

(98) Ben-Cho-Shey, *Santa Marta ...*, pp. 329-330.

vete a esconder
detrás de la puerta
de San Miguel⁽⁹⁹⁾.

Outros jogos incluían fórmulas ou letras em que se misturava o galego com o castelhanao como no xogo de roda do *Mariquitas* (*Por eiquí me voy/ por eiquí me vengo/ mi Mariquita/ ¿qué estás haciendo?/ Estou degrañando millo*), no denominado *que salga la luna* (*Que salga la luna/ Que salga el sol/ De tantas cositas que quieres mejor:/ A naranxa*)⁽¹⁰⁰⁾.

Finalmente, debemos indicar que tamén existírom xogos tradicionais de adultos em castelhanao. No xogo de *prendas* denominado *xogo de rei*, que servía para amenizar os fiadeiros, as mulleres e os homes iam despidindo a roupa num diálogo em que predominava a línua de Castela⁽¹⁰¹⁾.

(100) Fernández Hermida, *Parroquia...*, pp. 209-210.

(101) Vicente Risco e Amador Rodríguez Martínez, *Terra de Melide*, Santiago de Compostela, Seminario de Estudos Galegos, 1933, 1978, pp. 534-535, e Fernández Hermida, *Ibidem*, pp. 199-200.

(99) V[icente] R[isco], "Outras variantes. Archivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza", *Nós*, nº 24, p. 16, tamén aparece em castelhanao em Ben-Cho-Shey, *Santa Marta* ..., p. 350: para as variantes em castrapoy *vijá*, Ben-Cho-Shey, "O xogo da raqueta. Archivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza", *Nós*, nº 24, 1925, p. 15, e Fernández Hermida, *Parroquia...*, p. 209.

A Viagem n'A Espera Crepuscular –uma possibilidade de leitura

Mônica Sant'Anna

(Universidade de Santiago de Compostela)

*Eu sou aquele que tem um museu imaginário,
para ali guardar momentos importantes...*

Roberto do Valle

A poesia de Carlos Quiroga viaja pelo mundo com olhos bem atentos –seu texto é transitivo entre uma partida e a possibilidade do regresso– *que é conforto*.

O livro *A Espera Crepuscular* aborda, principalmente, a temática da viagem –explícita no subtítulo da obra: *Viagem ao Cabo Nom-1*. Na verdade, trata-se de uma trilogia sendo *A espera crepuscular* a primeira parte (a segunda ainda não foi publicada e a terceira –*O Regresso a Arder*– acaba de aparecer. Temos então a partida e a chegada. Além de outros pontos relevantes à produção literária contemporânea, o que se releva mais e mais é a questão do “convite” à viagem pelos textos incorporados aos livros. Numa tentativa de proximidade semântica, usaremos uma nomenclatura que simule um roteiro de “viagem” para uma leitura um pouco mais atenta ou, talvez, mais organizada do livro.

Ponto de partida: *A Espera Crepuscular*

Se admitirmos a emergência de um novo tipo de sensibilidade poética, de novos e vários princípios estéticos, vamos encontrar em *A Espera Crepuscular –Viagem ao Cabo No-1*, não o novo, mas o “antigo revisitado”, com ares de novo: o tema –literatura de viagens, de descobrimentos– é antigo, a forma como o faz nestes dois livros rompe com a idéia tradicional de livro de viagens.

Se olharmos para a História da Literatura vamos encontrar de outros textos que têm como temática a viagem: como a *Odisséia* de Homero, *A Divina Comédia* de Dante, *Don Quixote* de Cervantes, *Os Lusíadas* de Camões, *As viagens de Gulliver* de Jonathan Swift, e mais alguns tantos...

O contexto de literatura de viagens já é canônico na literatura e em especial na portuguesa. Vale lembrar que ligada a um contexto histórico-social determinado, como o das grandes navegações e descobertas pelos portugueses, ocorridas a partir do século XV. No entanto, essa temática tem, ainda hoje, a capacidade de intertextualizar com o contexto-histórico contemporâneo. Buscando um pouco mais sobre o tema, encontramos um “conceito”:

Viagem possui uma significação muito rica, além de variada (...) busca da verdade, da paz, da imortalidade, na procura e na descoberta dum centro espiritual.(...)através de todas as literaturas, a viagem simboliza, portanto, uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento concreto ou espiritual. Mas esta procura não é mais do que uma busca e, na maior parte das vezes, uma fuga de si mesmo.⁽¹⁾

Aqui, em *A espera crepuscular*, a literatura de viagens ou descobrimentos surge como uma metáfora de desafio, de enfrentamento e vitória sobre perigos considerados intransponíveis, para alguns, como o trabalho da escrita, do fazer poético e, ainda, o entrelaçamento de diferentes tipos de textos: poesia, narração e fotografia.

Na verdade, o autor, num prefácio explicativo, fala sobre a união de dois fios de voz: romanesca e poética; também aborda a questão da fotografia *que exige tanta dedicação e paixão como a escrita, quero indicar que a escolha final foi sempre posterior ao texto, sem pretender entrar num diálogo berante.*⁽²⁾

Além disso, a metalinguagem está explícita no processo de composição do livro –*Nom vale a pena grandes distingos entre a viagem dela real e a viagem imaginária. Literatura, falamos. Para os efeitos desta viagem. Poéticos.*(p.41)

Estar de viagem é marcar seu lugar no mundo, parece-nos paradoxal, mas à medida que nos afastamos de nosso lugar, mais estamos nele.

(1) CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1994. p.691-692.

(2) QUIROGA, Carlos. “*Incipit*” In: *A espera crepuscular*. Santiago de Compostela: Laivento, 2002. p. 5. A partir da próxima citação indicaremos o número da página da obra em estudo a fim de evitar repetições da mesma referência em notas de pé de página.

Porque ter raízes profundas dalgum modo transmontanas nom impede ir ver o outro lado do mundo antes de voltar a aceitar. Viajar. Viajar ao Monte Fuji se puder ser. (p.18)

Ora, o ponto de partida nessa viagem é, na verdade, o olhar. Olhamos para e por –olhar para é como se estivéssemos fazendo o exercício de estar no mundo, uma correspondência do verbo enxergar; olhar para e por é quase fotografar, tirar um pouco do que se olha para guardar depois e tem uma correspondência com o verbo ver. Olhar é um exercício de vida e compreensão –como uma viagem, que, aos poucos, se vai descobrindo para que ela exista por completo.

O “fazer” está pronto e entregue à narrativa poética e a nós, leitores.

Primeira Parada: A metaliteratura

O meu mais antigo projeto de livro. De viagem.

Carlos Quiroga

Contemporaneamente, as relações entre as linguagens têm deixado à mostra os mecanismos e engrenagens do fazer poético: *Um metapoema não é aurático, e isso porque sua feitura está à mostra, dessacralizada e nua.*⁽³⁾

A prática da escrita –poética ou narrativa–, o conflito da folha em branco como uma luta, a busca da palavra –*le mot just*–, faz com que o poeta contemporâneo revire e reavive formas e gêneros. A metalinguagem é, num só gesto, criação e crítica.

A prática da poesia sentada no próprio centro de si seria a maneira eficaz de demonstrar as contínuas metamorfoses pelas quais passa a expressão poético-literária, desde o aspecto vocabular (etimológico e sintático) às hegemonias ideológicas e referências sócio-históricas diversas.⁽⁴⁾

Reconfigura-se aquilo que Jakobson já havia canonizado como –entre as funções da linguagem– função poética. No dizer de um crítico,

(3) CHALLUB, Samira. *A metalinguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. p.6

(4) SALGUEIRO, Wilberth Claython F. *Forças & Formas – aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)*. Vitória: EDUFES, 2002. p.140.

(...) aquela em que a comunicação é voltada para a própria mensagem, para que possa atuar na definição estrutural de um poema. (...) ao categorizar lingüisticamente a função metalingüística e ao propor ao seu modo de relacionamento com a função poética (...) Jakobson dá uma pista fértil para o estudo do poema moderno.⁽⁵⁾

Escapar da realidade, eis o mote. Auto-referencialidade, eis o texto. Feito um movimento endoscópico, o texto abandona a objectualidade exterior e destina-se a perscrutar as entranhas do seu funcionamento.

(...) a função metalingüística possibilita a auto-referencialidade que, como se viu, é uma das maneiras pelas quais o poeta escapa do esgotamento da representação da realidade. A significação que o poema incorpora instaura a sua própria área de dependência para o significado.⁽⁶⁾

Desta forma, é mais que perceptível que a passagem entre um e outro significante é possível, na perspectiva do leitor / interlocutor – numa relação metapoética, metanarrativa. A palavra poética quer constituir-se a si mesma. Rompe assim, a função referencial, transportando em estilhaços metafóricos, o sentido novo. Assim ocorre com a utilização de fotos ora como epitextos, ora como paratextos e, também o texto verbal – ora (meta)poético, ora (meta)narrativo.

Tais aspectos se evidenciam quando a voz do narrador explica: *O plano visa um roteiro poético de viagem, que, obviamente tem de ter as três partes obrigadas: partida, percurso, regresso.* (p.29) Ou ainda: *No meu caderno de apontamentos: o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor, objecto, actor, organizador e encenador da sua própria personagem.* (p.29)

O roteiro poético de viagem é importante se considerarmos simbolicamente afinidades/intertextualidades com outros textos canônicos de viagem: o viajante é masculino, enquanto as personagens femininas são aquelas que esperam e servem de apoio ao que viaja (aqui o viajante é masculino, que determina a rota e a que espera / ouve / perscruta é a interlocutora – (...) *a melhor maneira de viajar é sentir. É o que venho aqui trazer-te, querida.* (p.23)

A instância da viagem combina-se com a instância da(s) narrativa(s) – enlaçada com a exploração das convenções da tradição do romance. O

(5) BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.37.

(6) *Idem, ibidem*. p.39.

mote utilizado vem destacar que esta viagem não se restringe a um mero deslocamento espacial, pelo contrário, acentua a tensão entre a busca e mudança que determina o movimento e a experiência a partir desta. Segundo Jung, viajar é uma imagem de aspiração, de algo não alcançado e que em parte alguma encontra seu objeto.⁽⁷⁾

Há uma preocupação em legitimar como autêntica/verídica esta narrativa. O narrador da viagem expõe-se; faz conexões com fatos reais em suas impressões sobre o que vê/vive; além de expor o processo da escrita, declarando o fingimento do escritor: *Nom vale a pena grandes distingos entre a viagem dita real e a viagem imaginária. (...) Fingimento sem Realidade nom é fingimento.* (p.41)

A idéia maior de viagem metaforiza também o desejo de mudança da linguagem, muito acentuada em fios de voz, como dito antes: romanesca e poética.

Segunda Parada: um encontro com o narrador

(...) a diferença entre narrativa ficcional e narrativa histórica é uma diferença a *posteriori*, que se consegue levando em conta o aporte das teorias tradicionais. O tronco das duas, o que elas têm em comum, é o tronco poético de onde saem.⁽⁸⁾

Sim, há um tronco em comum –o poético como fonte para a instauração dos gêneros distintos em uma só obra, num entrelaçamento lúcido–durante a viagem proposta.

A primeira voz que aparece é a romanesca –numa postura de escancaramento para o mundo, este narrador transmite sua vivência de escritor.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão –no campo, no mar e na cidade–, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela

(7) Tradução livre de CIRLOT, Juan –Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Barcelona: Labor, 1991. p. 459-460.

(8) NUNES, Benedito. “A narrativa histórica e a narrativa ficcional”. In: RIEDEL, Dirce Cortês. (org). *Narrativa, Ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p.57.

mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila.⁽⁹⁾

Parece-nos, à medida que vamos lendo, que o papel do narrador é exatamente este –aos poucos dar forma ao texto– “modelando” aqui e ali numa rota ainda a ser mostrada. *Ai a tradição história existência simples da forma literária da viagem.* (p.23)

“Quem viaja tem muito a contar” –esta frase é dita pelo povo e repetida por Walter Benjamim para apresentar o modelo arquetípico de narrador que viaja, para ele, o narrador distingue-se por ter experiências a transmitir.

E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias contadas por inúmeros narradores anônimos (...) escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.⁽¹⁰⁾

Benjamim caracterizou três estágios que marcam a história do narrador: o narrador clássico, o narrador do romance e o narrador jornalista. O primeiro tem a função de proporcionar ao seu ouvinte uma troca de experiência; o segundo não mais falar de maneira exemplar ao seu leitor; e o terceiro, denominado jornalista, aquele que só transmite a informação.

Podemos situar o narrador de *A espera crepuscular* como uma mescla dos três. E, também, a saída do viajante ou seu retorno é que permitirão a revelação de experiências –quando a arte de narrar apresenta-se em relevo.

Um relevo que instiga a continuidade da leitura – podemos nomear este narrador como interventivo também –porque faz comentários, desvenda dificuldades *Espécie de desconforto vital subindo-me à boca regularmente sem conseguir começar o livro de viagem que premedito.* (p.24) ou seu oposto e dirige-se a um leitor específico– feminino. (...) *porque estou até o caralho do tópico “leitor”, sei que sempre é mulher a que lê mais.* (p.23) E, por ser um narrador homodiegetico cria uma maior proximidade com o leitor ou leitora.

(9) BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da Cultura. 2. ed. (Tradução Sérgio Paulo Rouanet) São Paulo: Brasiliense, 1986. p.205.

(10) *Idem, ibidem*. p. 198-199.

Além disso, não nos deixa esquecer da rota, da viagem, de que é um viajante: (...) *venho aqui traçar o mapa da escrita, ao Portugal dos inúmeros mapas e cartas que por esse mundo fora passam por castelhanos.* (p.35) E exemplifica quando alude a textos canônicos (...) *para o Corán todo o viajante solitário é o diabo; para a tradição greco-latina todo o viajante é um mentiroso; pelo próprio facto de que conta a sua história, de que conta histórias.* (p.29).

O narrador-viajante propõe-nos uma rota. Pouco a pouco leva-nos a espaços ora geográficos, ora não. Fugindo à rota proposta, como leitores rebeldes, faremos aqui uma outra rota – destacamos os textos narrativos em que há uma presença simbólica de espaços. Dividiremos o percurso em rotas interiores e rotas geográficas...

Rotas interiores –do narrador viajante à ‘rota narrativa’– do processo criativo

O narrador-viajante tem uma grande necessidade de isolar-se, de distanciar-se de seu foco para iniciar a sua escrita. Este processo de escrever, de projetar seu olhar para a viagem, lança mão de elementos com valor simbólico que revelam um tanto mais nos blocos –**Ser a tom, Pátio interior, Crepuscular, Acordado, Agonia umha, Estrangeiro.** Tentaremos esboçar algo do que estes textos/ espaços podem representar:

Ser a tom –(...) *mas eu estou aqui só para estar. Arrumar papéis com livro e a vida, ir armar projecto à tua vista, leitor que hás de ver.* (p.17) A necessidade da solidão, de estar *in solo* para perceber melhor a própria vida.

Pátio interior –A idéia de pátio interior representa a própria introspecção, o voltar-se para si a fim de reconhecer-se no mundo: *Podo admitir que o homem só adquire serenidade de alma e paz quando toma consciência de seu pequeno lugar no mundo.* (p.18) A simbologia de espaço remete

O espaço, inseparável do tempo, e ao mesmo tempo o lugar do possível sentido, simboliza o caos das origens e o lugar das realizações neste caso simboliza o cosmos, o mundo organizado. (...) **simboliza o infinito onde se move o universo.**

Espaço interior –quando se quer simbolizar o conjunto das potencialidades humanas na era das **atualizações progressivas**, o conjunto do consciente, do inconsciente e dos imprevisíveis possíveis.⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

(11) CHEVALIER, J. Op. cit. P.299.

Crepuscular – *E estes dedos para a viagem aguardando como numha zona crepuscular. (...) Volto à zona crepuscular. (p.24)*

Crepúsculo – símbolo estreitamente ligado à idéia do Ocidente, a direção onde o sol se põe, se apaga e se morre. Exprime o fim dum ciclo e, conseqüentemente a preparação da renovação.

O crepúsculo e uma imagem espacio-temporal – o instante suspenso. O espaço e o tempo vão soçobrar ao mesmo tempo no outro mundo e na outra noite. Mas **esta noite de um é anunciadora do outro – um novo espaço e um novo tempo** suceder-se-ão aos antigos. (grifo nosso)⁽¹²⁾

Acordado – *Afinal avanço deixando para trás algo da vida nessa vida que acorda. (...) A viagem imprevista. (p.30)*

Símbolo de um estado iniciático que o indivíduo atravessa. Sabe-se que o esquema de todos os iniciativos **compreende uma morte**, seguida de uma viagem ao país dos espíritos e de **um renascimento**. (grifo nosso)⁽¹³⁾

Agonia umha – Retoma a idéia de crepúsculo. *Tou agora já no fim da tarde sozinho olhando os ramos jovens e verdes das árvores (...)* (p.36) percebemos aqui, mais uma oposição antigo (*fim da tarde*)/novo (*ramos jovens e verdes*).

Estrangeiro – *Tens que fechar os olhos por semanas anos. (...) E talvez o único lugar do mundo onde podos circunstancialmente sentir a síndrome de estrangeiro, (...)* (p.54).

O termo estrangeiro simboliza a situação do homem. Adão e Eva, quando expulsos do paraíso, abandonam a sua pátria e têm, a partir de então, estatuto de estrangeiros, de emigrados. Fílon de Alexandria faz notar que Adão foi expulso do Paraíso, **isto é, condenado ao exílio. Todo o filho de Adão é um hóspede de passagem, um estrangeiro em qualquer país onde se encontrar, até no seu próprio país.**⁽¹⁴⁾ (grifo nosso)

Encontramos, nos pontos destacados, um feixe convergente de aspectos simbólicos que ilustram a consciência do narrador-viajante sobre seu

(12) *Idem, ibidem.* p.239.

(13) *Idem, ibidem.* p.38.

(14) *Idem, ibidem.* p.307.

lugar no mundo e a contínua busca do novo – aqui simbolizados por signos que remetem a: morte/vida; renascimento; novo espaço/novo tempo; *imprevisíveis possíveis*; e, principalmente, somos estrangeiros em qualquer país, até no nosso.

O narrador-viajante, além de outras paragens busca o renovar-se em si, na vida e, na própria escrita. Toda esta rota introspectiva bordeia com a escrita. Encontramos na fala de Alberto Pucheu um apoio para tais afirmações:

Não exatamente a linguagem, o poeta habita, mas percorre o movimento indizível de seus interstícios, como quem, por individualmente precedê-la, precisa recriá-la, inventando constantemente novos deslocamentos.⁽¹⁵⁾

Busca, também o narrador, um respaldo para esta introspecção (...) *gosto disso, da necessidade de enfrentar todo o processo em solitário, de ser possível isso só neste género* (p.29). É este “estado solitário” só é “possível” num movimento geográfico...

Rota geográfica –da possibilidade de percursos exteriores

A rota geográfica parece não ter sido espacialmente marcada desde o seu início, mas prepara-se uma clara convergência das duas ‘vozes narrativas’ (a das páginas pares e a das páginas ímpares) num espaço comum que tem por cenário uma Lisboa contemporânea, onde pactuar o próprio projecto literário em curso e onde já se encontra a primeira voz. Há marcas nítidas de um itinerário exterior mais evidente especialmente na segunda voz (nas páginas pares), que permitem vislumbrar uma deslocação “geográfica” mais minuciosa. Parece-nos que uma rota vivificada, presenciada, parte de Santiago de Compostela e realiza um breve trajeto galego antes de ir a Lisboa, cujo início se daria em **Vácuo Baco**: *Olho o Minho da ribeira de Chantada em encosta de verdura. Delirante de tons esmeraldinos*. (p.60)

Somos levados a Escaírom, província de Lugo pertencente à Galiza –que já marca metonimicamente sua presença, na obra, pela língua em que é escrita o livro. Mais adiante, chegamos a Portugal –desta vez em

(15) PUCHEU, Alberto. “Vale a escrita? Escrita e Vida, ESCRITOS DA VIDA”. In: *Vale a escrita?2: Criação e crítica na contemporaneidade*. OLIVEIRA, Bernardo Barros Coelho de. et alii. (org.) Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Estudos Literários: Flor & Cultura, 2003. p.12

metonímias: *Saramago; Sala Jorge Vieira; Parque das Nações; Ai, Herberto, quanta prosa boba e baba à tua.* (p.65)

Saindo das metonímias, percebemos uma paisagem lusitana mais concreta: *Lisboa: Ir aos Jerônimos; É o Portugal a derreter;* (p.71); *Finalmente a Lisboa que guarda segredos* (p.78)

O narrador-viajante revela uma familiaridade com a cidade:

E ando. E no entanto nem o Príncipe Real nem o Jardim Botânico nem a descida à Rua da Rosa para acabar no Cais do Sodré redimem de finalmente procurar a marquês de Abrantes nalgum momento. Calor humano e amigo de vez em quando. Tudo quase como em casa mas sem casa. (p.78)

Diferentes das rotas interiores que estão a ser descobertas, a ser renovadas, podemos tentar fazer um contraste entre o narrador-viajante arquetípico e o que se apresenta bem contemporâneo na obra em estudo –este último nos oferece um espaço para uma pausa– o que fortifica a interação entre narrador-viajante e leitor/espectador:

Depois, leitora, a dor nascida da dor por mim sentida, mas que objectivei no Fingimento, sente-a tu na dor lida, sente só a dor que tua nom é. (...) Eis a rigorosa objectividade da obra literária, a sua autonomia final em relação ao autor, a arte que nasce da realidade, desprende da realidade, renasce na realidade.(p.47)

A viagem que passa então a entrelaçar-se com discursos vários, entre os quais o de reconstrução de um universo com possibilidade de melhor: *No passado estamos presente para reinventarmo-nos. Propícias luzes e dispostos ânimos para novas paisagens. Viagens.* (p.60)

Estamos, todos, à espera crepuscular.

Terceira Parada: A voz do poeta ecoa

Poesia, sim... com ela, eu, tudo e todos que existimos em nossas diferenças específicas, através de nossas particularidades, num jogo de contradição libertador, experimentamos o indiscernível da vida, fazendo com que toda e qualquer individualidade, aberta à sua superação, torne-se, assim, uma vida (...).⁽¹⁶⁾

(16) PUCHEU, Alberto. *op. cit.* P.18.

Para ter com o poema, como o poema pede o leitor, acerco-me das palavras de Roberto Corrêa dos Santos sobre –a força, produção e jogo– que compõem o exercício –inevitável, prazeroso e saudavelmente arriscado– da interpretação.

A interpretação –força, produção e jogo, excessivos e económicos– não se encaminha nem para o descritivismo neutro nem para a paráfrase lamuriosa. (...) o que se pretende, como uma de suas erversoes, e entrar no jogo da escritura, quebrando a passividade de uma leitura que tenda a seguir, sem brincar e sem considerar a ação escritural, um fio unitário de estória cujo desenlace se quer conhecer. A interpretação quer escrever sempre, diferente cada vez que tocar um texto. Dá-se como uma ranhura capaz de selecionar, combinar, produzir.⁽¹⁷⁾

Os textos poéticos presentes em *A Espera Crepuscular* anunciam-se com um traço bem destacado –a forma. A poesia que se segue é libertadora, diferente do aspecto introspectivo apresentado em boa parte da narrativa –sobretudo em seu grafismo. Ela se revela ora como significante ora como significado ou os dois simultaneamente, como ocorre em “ampersands”, que tem a imagem de cruz, estrada e também de ataúde que remetem ao sentido de descanso/morte: *tou cansado & cansado tou/com pavor de estradas/absorto/meditando e me deitando/por cima de todos os mortos da berma.* (p.38)

Ou a forma de uma nau cujo conteúdo também remete à viagem, a quilha...



(17) SANTOS, Roberto Correia dos. 'Estados da forma'. In: *Ipotesi*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999. V.3, n.2, p.20.

A poesia de Carlos Quiroga revela ser pertencente a “uma nova tradição” em meio a tantas linguagens (re)faz e (re)lança luz numa espécie de fuga e encontro ao estilo, ao mesmo tempo. Vivemos numa sociedade em que o consumo cultural acentua-se a cada dia e este não deixou de ser um consumo de signos. Passamos a ser consumidores de (meta)linguagens...

Como também consumidor de linguagens, Carlos Quiroga reinventa o poético –os grafismos e as fotografias estão bem costurados na composição da textura do poema– o reflexo: uma continua produção voltada para o(s) próprio(s) código(s), como já detectara Walter Benjamin ao falar da dessacralização do mito da criação e da perda da aura:

O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura. (...) Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial.⁽¹⁸⁾

Partindo da fala de Walter Benjamin, podemos afirmar que os poemas, na maioria das vezes em *A espera crepuscular*, tem a função de paratextos. A paratextualidade ocorre na maior parte do livro, como um fio condutor – texto narrativo, fotos, texto poético, continuamente, como se fosse circular. Entre as relações textuais mostradas por Genette, a paratextualidade é entendida como a

Relación (...) que, en el todo formado por una obra literaria, el texto, propiamente dicho mantiene con lo que sólo podemos nombrar como su paratexto: título, subtítulo, prefácios, intertítulo, epílogos, advertências, prólogos, etc; notas al margen, al pie de página, finales, epígrafes, ilustraciones; fajas, sobrecubierta, y muchos otros tipos de señales accesorias, autógrafas o alógrafas, que procuran un entorno (variable) al texto (...).⁽¹⁹⁾

Encontramos no movimento modernista brasileiro uma semelhança na produção dos textos poéticos –o concretismo– ligado ao avanço tecnológico coloca em destaque os hábitos de leitura do leitor que, antes,

(18) BENJAMIM, W. Op.cit. p.168

(19) GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. La literatura en segundo grado*. Madrid: Taurus, 1989. p.11.

estava vinculado ao ler, no concretismo intensifica-se o ver a poesia. A interação leitor-texto se faz sobretudo através da comunicação visual.

A principal característica do concretismo é o privilégio concedido aos recursos gráficos das palavras e abandono do discurso tradicional da poesia. Há, também, outras características: aproveitamento do espaço do papel como elemento significativo no poema, os vazios também são significativos; e, aproveitamento da camada material do significante – conteúdo sonoro e visual. Um exemplo são os dois primeiros poemas ' ferrugem na gorja 1 e 2' e o texto anterior a este ' pátio interior' – que tem uma relação de continuidade, completude: 'arde/a tarde/naparede e/o pátio cozinha o ar/apaga-se tudo em brutal/silencio na gigante cela (...) ou 'o pátio/capacete que/oprime a cabeça: (...).'

Haroldo de Campos traduz a nossa mirada, sobre o corpo poético aqui lido e (pouco) comentado, no poema "Ode (explícita) em defesa da poesia do dia de São Lukács"

poesia pois é
poesia
(...) porque não tens mensagem
e teu conteúdo e tua forma
e porque és feita de palavras
e não sabes contar nenhuma estória
e por isso és poesia
como cage dizia

ou como
ha pouco
augusto
o agosto:

que a flor flore
o colibri colibrisa
e a poesia poesia⁽²⁰⁾

(20) CAMPOS, Haroldo de. A educação dos cinco sentidos. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.19.

E a poesia em *A Espera Crepuscular* – mesmo que já sem aura, mesmo que metapoesia, mesmo que parapoesia – em uma sociedade consumista de signos vários – mas poesia (aqui poesia novamente como verbo) principalmente pela lucidez do escritor. Buscamos respaldo para tal afirmação em Eliot, no clássico artigo: “Tradição e talento individual”: (...) ‘e isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor torne-se mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade.’⁽²¹⁾

Quarta Parada: Um momento para o exercício do olhar – fotos

*Qualquer que seja o caso, as imagens,
assim como as palavras, são a matéria
de que somos feitos.*

Alberto Manguel

Desvendar imagens do seu tempo é um ritual tão antigo quanto o próprio homem. Desde as suas origens o homem procura, de alguma forma “reter” os movimentos das coisas e seres que estão em movimento ao seu redor – na ampliação de seu universo emocional, “inventou” a arte. E assim, na tentativa de representatividade de seu mundo, começou a fazer “registros” de seu mundo, seu *modus vivendi*. O início: pinturas rupestres, hieróglifos, pintura e, atualmente, entre tantas tecnologias, a fotografia é uma das possibilidades de inscrição, de “retenção” de alguma maneira, do nosso tempo e da nossa vida.

Fotografia vem do grego *foto*: luz, e *grafia*: escrita – escrever com a luz. Contemporaneamente podemos dizer reescrever-transcrever o mundo que rodeia o fotógrafo. O fotógrafo então cria e recria a realidade, criando e recriando o mundo-realidade. Talvez seja por isso a possibilidade de conexão com a literatura – têm um ponto em comum a literatura e a escrita: a “escrita”.

Atualmente, muito diferente da época de seu invento, a fotografia é, podemos dizer, um meio de comunicação e expressão de massa – dada a facilidade de acesso a uma câmera fotográfica e de registrar, de gravar, e de conservar as imagens de nossa percepção visual – somos essencialmente seres de imagens.

(21) ELIOT, T.S. ‘Tradição e talento individual’. In: *Ensaio de doutrina crítica*. Lisboa: Guimarães Editora, 1962. p.39.

Mas, o trabalho recriador do fotógrafo passa a ser o de recriar a realidade externa através de uma outra realidade: a estética. Antes de ser meramente um registro há o trabalho de concepção intelectual, que podemos traduzir como talento, sensibilidade, olhar –associados à técnica. Por detrás de um obturador, o fotógrafo passa a ser o mediador entre o que se vê e (re)cria e cristaliza ao pulsar o dedo no disparador da câmera.

A fotografia como arte estética é o que, de certa forma, diferencia a suscetibilidade de reprodução que Walter Benjamin anunciou: *aquilo que alguns homens haviam feito, outros homens poderiam fazer.*⁽²²⁾

É, como a conhecemos hoje, representada por uma outra concepção: valor cultural dos ícones, no dizer de Alberto Manguel: *Toda imagem é mundo, um retrato cujo modelo apareceu em uma visão sublime, banhada de luz, facultada por uma voz interior*⁽²³⁾.

E é esta a “terceira voz” que aparece em *A espera Crepuscular* – a voz silenciosa do fotógrafo.

As fotos são apresentadas em preto e branco –por questões econômicas de impressão– e tem suas cores bem marcadas no final do livro.

No dizer de Barthes, *o encontro da foto com a palavra revela uma infatigável expressão.*⁽²⁴⁾ Se observarmos a descrição literária, (no Realismo sobretudo), percebemos, desde há muito tempo, a presença da literatura na fotografia. Barthes também revela:

Notei que uma foto pode ser o objeto de três práticas (ou de três intenções): fazer, experimentar, olhar. *Operator* é o fotógrafo. O *spectador* somos nós (...). E aquele ou aquilo que é fotografado é o alvo, o referente, uma espécie de pequeno simulacro, de *eidôlon* emitido pelo objeto, a que poderia muito bem chamar-se *spectrum* da fotografia, porque esta palavra conserva, através da raiz, uma relação com o “espetáculo”.⁽²⁵⁾

Em *A espera crepuscular*, praticamos as três intenções: como *spectador* olhamos e, neste olhar, tentamos desvendar uma possibilidade de leitura, passamos a ser, dado este ponto de partida, um *operator* –na (re)cria-

(22) BENJAMIN, W. op.cit. p. 173.

(23) MANGUEL, Alberto. *lendo imagens. Uma historia de amor e ódio.* (trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Claudia Strauch). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.29

(24) BARTHES, Roland. *A Câmara Clara.* Lisboa: Edições 70, 2002. p.15

(25) *Idem, ibidem.* p.23.

ção mítica da foto– numa tentativa de recuperar a perdida aura do objeto de arte/foto, com base no pensamento de Barthes, *Eu sou o ponto de referência de toda a fotografia*⁽²⁶⁾, a partir de nosso repertório cultural, diante desta sensível mescla de linguagens. Quanto à linguagem, nos respaldaremos em Samira Challub:

Linguagem é signo em ação. O simples olhar ao redor implica um gesto de leitura do mundo. Há sempre o outro deflagrado diante do eu, há sempre relações –de passividade ou dinâmicas, de criação ou repetição, mas sempre relações entre linguagens.⁽²⁷⁾

Não somos passivos, é claro, buscamos o *punctum* da fotografia *o punctum da fotografia é esse acaso que nela me fere(...)*⁽²⁸⁾ e iniciamos a nossa leitura. Bem sabemos que a fotografia nos chega como fragmento, *leemos las fotografías trozo a trozo, elemento a elemento*⁽²⁹⁾

Algumas das fotos “lidas” apresentam índices que, como leitores, remetemos a um valor simbólico –respaldados pelos textos literários.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas–, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que ‘e limitado por uma moldura para um antes e um depois e (...) conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável.⁽³⁰⁾

Então, a partir de agora, exerceremos simultaneamente as funções de *spectador* –como leitores– e *operator* –porque estamos “criando” novas fotos a partir de nossa leitura.

Vamos nos deter na leitura de algumas fotos e sua relação com os textos narrativos e poéticos. Partamos, agora, para o primeiro texto que surge no livro: uma foto –sem nenhuma indicação verbal– mar, céu, areia, pirâmides invertidas e a presença humana em um avião que sobrevoa o mar, que é a mesma que o finaliza –um movimento circular, com o detalhe de que a primeira foto está invertida no final ou vice-versa.

(26) *Idem, ibidem*. p.19.

(27) CHALLUB, Samira. *A metalinguagem 2*. ed. São Paulo: Ática, 1988. p.6

(28) BARTHES, W. *Op. cit.* P. 47

(29) KRAUSS, Rosalind. *Lo fotográfico. Por una teoría de los desplazamientos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

(30) MANGUEL, A. *Op. cit.* 65.

Aparentemente comum, mas tentando aguçar o olhar um pouco mais além dos elementos pictóricos oferecidos pela foto, buscamos a simbologia dos elementos componentes deste primeiro quadro e encontramos:

Avião – (...) Dir-se-á que o seu levantar vôo pode exprimir uma aspiração espiritual: a da libertação do ser humano do seu EU terreno através do aceso purificador às alturas celestiais. Quer dizer também que a viagem de avião (...) conduz a um êxtase que não deixa de ter analogia com a pequena morte (ou orgasmo).⁽³¹⁾

Areia – fácil de ser penetrada e plástica, a areia adquire as formas que nela se moldam. (...) o prazer que se sente quando caminhamos sobre ela, quando deitamos nela, quando nos afundamos na sua massa suave – como se vê nas praias – relaciona-se inconscientemente com o regressus ad uterum dos psicanalistas. É efetivamente como uma procura de repouso, de segurança, de regeneração.⁽³²⁾

Pirâmide – (...) símbolo ascensional, tanto pela sua forma exterior, como, particularmente, pelos seus degraus serem chamados escadas ou escadarias (...)

(...) a *pirâmide invertida* sobre o seu vértice é a imagem do desenvolvimento espiritual: quanto mais sua vida se espiritualiza, mais a sua vida se engrandece, à medida que se eleva.⁽³³⁾

Água – As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenescência. (...) A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. (...) a água da vida que se descobre nas trevas e que regenera.⁽³⁴⁾

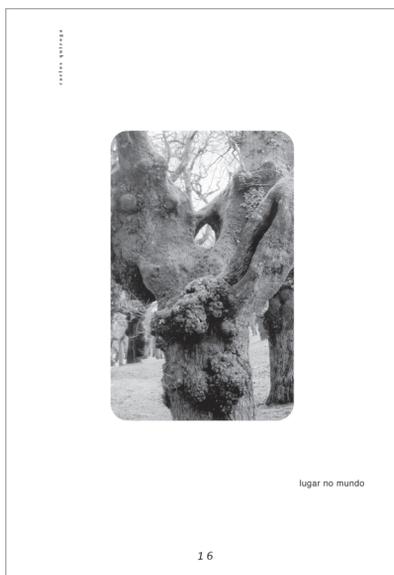


(31) CHEVALIER, J. op. cit. P.103.

(32) Idem, ibidem. p.85.

(33) Idem, ibidem. p. 528.

(34) Idem, ibidem. p.44 - 45.



Percebemos um ponto de interseção entre os simbolismos reveladores das fotos: morte/vida, elevação, regeneração –com os textos verbais paralelos/paratextuais ‘pátio interior’, ‘crepúsculo’, ‘acordado’ e ‘estrangeiro’– já comentados em outro momento deste trabalho. Nada é gratuito no processo de criação. O que vemos aqui –a partir de imagens e palavras nos faz concluir que o isolamento proposto a si (o narrador-viajante) em busca de inspiração, renovação, elevação para, além de passar por sua rota pré-estabelecida, encontrar uma possibilidade de conhecer-se/perceber-se e voltar ao seu lugar –como retratam os versos de Cartola, cantados por Marisa Monte: *Deixe-me ir, preciso*

andar/ vou por aí, a procurar/ rir pra não chorar/ se alguém por mim perguntar/ diga que eu so vou voltar/ quando eu me encontrar. Mesmo que para esse encontro seja necessário morrer...para, depois, renascer.

Tal representação vai ter uma relação de continuidade na foto seguinte –uma árvore– em primeiríssimo plano –com suas marcas de tempo em seu tronco. Há, junto a esta foto, uma frase, que tem a função de ancoragem: *lugar no mundo*. Mesmo com todo o sentido de viagem, estrangeiro –ter raízes para marcar seu lugar no mundo é primordial.

Terceira foto –percebemos aqui já uma intervenção do fotógrafo, com recursos informáticos– uma figura que pode nos remeter a dormentes destruídos e uma pomba.

Pomba – (...) é, fundamentalmente, um símbolo de pureza, de simplicidade e até mesmo, quando traz um ramo de oliveira para a Arca de Noé, um símbolo de paz, de harmonia, de esperança, **de felicidade reencontrada.** (...) Numa acepção pagã, que valoriza de forma diferente a pureza, não a opondo ao amor carnal, mas sim associando-se a ele, a pomba ave de Afrodite, representa a realização amorosa que o amante oferece ao seu objeto de desejo. (...) o termo pomba figura entre as metáforas mais universais que celebram a mulher⁽³⁵⁾.

(35) CHEVALIER, J. *op. cit.* p.533

Estrada – significa a via direta, a via reta. Segue em oposição aos caminhos tortuosos. Esta expressão, frequentemente utilizada no mundo antigo, aplica-se também à ascensão da alma.⁽³⁶⁾

Novamente encontramos representações que de uma maneira ou outra já foram mostradas anteriormente – aqui, porém, surge a metonímia de uma figura feminina, como a leitora “querida” a quem o narrador se dirige, ou, ainda presos em representações, aquela que espera a volta dos que se arriscam em grandes viagens, como Penélope, etc.

Na foto a seguir (p.22) temos árvores refletidas em água. O tronco destas têm o formato semelhante aos olhos – idéia reforçada pela frase ancorada: *água mansa nos olhos – olhos grandes dos cavalos*.

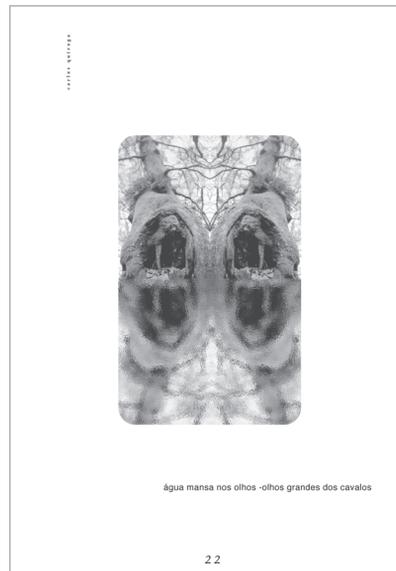
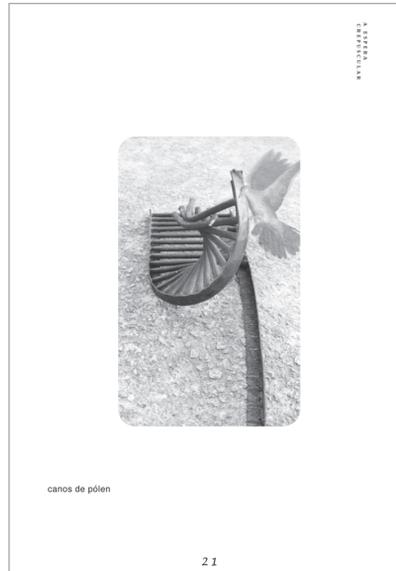
Olhos – símbolo do conjunto de percepções exteriores. (...) As metamorfoses do olhar não revelam apenas quem olha; revelam também, tanto ao próprio como o observador, aquele que é olhado. (...) O olhar do outro é aquele que reflete duas almas.⁽³⁷⁾

Espelho – revelação da verdade.⁽³⁸⁾

(36) *Idem, ibidem.* p.307

(37) *Idem, ibidem.* p.485

(38) *Idem, ibidem.* 301





Talvez estas imagens retratem o que o narrador-viajante busca quando parte em viagem –a verdade– como se, estando estrangeiro, olhasse com mais nitidez o seu lugar, a sua verdade.

De certa forma, as outras imagens convergem para estes mesmos aspectos – busca de verdade, de si; possibilidade de obstáculos quando há presença marcante de sombras nas fotos, ou “obstáculos” que impedem uma visão mais nítida como a presença de uma persiana em uma janela. Algumas das fotos são metonímias –com recortes– como as fotos das páginas 57, 63, 69, 93 –com enquadres que denotam uma sinédoque visual numa relação de continuidade ou corte.

Esta terceira voz –silenciosa– parece falar tanto quanto as outras vozes presentes na obra –cabe a nós o exercício de “decifrá-la”...

Parada final

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, (...) dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem ‘e definitiva ou exclusiva.’⁽³⁹⁾

Chegamos ao final de uma possível leitura de textos narrativos, poéticos e fotográficos –procuramos o nó, a fim de que nada seja desatado deste entrelaçamento. Relembrando o título do trabalho: “A Viagem n’ A

(39) MANGUEL, A. *op.cit.* p.28.

Espera Crepuscular: uma possibilidade de leitura” –destacamos da possibilidade não um temor, mas ser mesmo uma das muitas que poderão surgir.

A contemporaneidade se liga à formação das subjetividades. Cada vez mais definir arte (e poesia, etc.) é tarefa tortuosa – relativa e perspectívica: é como se, diante de novos textos, ficássemos sem raízes, sem ligações de identidade (estamos num tempo de vale-tudo). Mas, mesmo assim, há forças para tocar a sensibilidade que há em nós, esta já presa a muitas pré-leituras teóricas –Barthes, Chevalier, Krauss, Challub, Manguel, entre tantos– e, de mundo.

A escolha do livro partiu da curiosidade estrangeira em conhecer o que é produzido em terras galegas. O resultado: um exercício de olhar, às vezes mais de perto a fim de descobrir um *punctum* mais nos “quadros” apresentados, às vezes um pouco distante – com o afastamento necessário para ver uma obra em sua totalidade, sob ângulos diversos. Repetimos que não esgotamos aqui as leituras pertinentes – “registro” apenas uma possibilidade de.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BENJAMIM, Walter. *Mágia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. 2.ed. (Trad. Sergio Paulo Rouanet) São Paulo: Brasiliense, 1986.

- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1994.
- CHALLUB, Samira. *A metalinguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Barcelona: Labor, 1991.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. La literatura en segundo grado*. Madrid: Taurus, 1989.
- KRAUSS, Rosalind. *Lo fotográfico. Por una teoría de los desplazamientos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens. Uma história de amor e ódio*. (trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch.) São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NUNES, Benedito. “A narrativa histórica e a narrativa ficcional”. In: RIEDEL, Dirce Cortes.(org.) *Narrativa, Ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- PUCHEU, Alberto. “Vale a escrita? Escrita e Vida, ESCRITOS DA VIDA”. In: OLIVEIRA, Bernardo Barros de et alii. (org.) *Vale a escrita? 2: Criação e crítica na contemporaneidade*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Estudos Literários: Flor & Cultura, 2003.
- QUIROGA, CARLOS. *A Espera Crepuscular*. Santiago de Compostela: Laiovento, 2002.
- SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Forças & Formas – aspectos da poesia brasileira contemporânea*. Vitória: EDUFES, 2002.

Distribuição Diastrática e Diafásica do /R/ na região de Coimbra

Paulo Malvar Fernández

(Universidade de Santiago de Compostela)

Delimitação do Objecto de Estudo, Metodologia e Objectivos

Este trabalho limitará o seu Objecto de Estudo à análise da distribuição das variantes fonéticas da vibrante múltipla em posição inicial e intervocálica –hoje existentes em português e de reconhecido interesse no âmbito românico, saxão e eslavo–, isto é, [r], [R] e [χ], em relação com certos factores sociais, como a idade, a profissão, o nível de estudos ou o meio social de procedência; e com factores estilísticos que possam condicionar a variação de uma variante para outra no português falado na cidade e região de Coimbra.

A justificação de que o estudo da variável /R/ se limite só aos contextos intervocálicos e iniciais está em que nestas posições a variável tem valor funcional. Fica excluído, o contexto postvocalico implosivo, em que /r/ e /R/ se neutralizam num arquifonema, por não se opor funcionalmente, sendo que a ocorrência de variantes de uma outra variável depende só de factores individuais. Fica excluído por idênticas razões o contexto de aparição em grupos consonânticos.

Por outro lado, cabe dizer que a Metodologia empregada neste trabalho esteve condicionada e limitada pela dificuldade de acesso a falantes com características como a dos indivíduos entrevistados: pessoa originária ou moradora, desde há uma proporção de anos equivalente, mais ou menos, a 2/3 da sua vida, na região e/ou cidade de Coimbra; já que para a realização pormenorizada da análise deste tipo de variação seria precisa uma estância prolongada naquela cidade, de jeito que pudessem ser entrevistado um número de pessoas maior do utilizado neste trabalho.

As técnicas de recolha de textos incluem-se dentro das técnicas de sondagem descritas por Francisco Moreno Fernández para os estudos sociolinguísticos⁽¹⁾. Em concreto, foi utilizada a técnica da *entrevista não estruturada dirigida*, pois foram introduzidos certos temas e questões tanto da infância dos falantes como das festas de Natal, altura em que foram feitas as entrevistas, de maneira que isto facilitasse a abstracção da situação, um tanto violenta, de se sentirem observados. Há que dizer, porém, que esta abstracção não foi nem sempre conseguida, já que a visão da máquina gravadora é um forte elemento condicionante, que leva a um estado de coibição por parte dos entrevistados.

À técnica da *entrevista não estruturada* juntou-se a técnica de *entrevista estruturada*, pois foi apresentada uma relação de palavras que continham a variável em questão, com o intuito de observar as possíveis variações de frequência existentes na realização das diferentes variantes em relação com uma mudança de registo.

À identificação da variável seleccionada e as suas diferentes variantes seguiu-se o tratamento quantitativo dos dados, apresentados em diferentes tabelas sob a forma de percentagens, com o fim de facilitar a sua posterior análise e fazê-los visualmente apreciáveis. Da comparação dos dados percentuais obtidos fez-se uma interpretação quanto à distribuição das diferentes variantes em relação com factores sociais e estilísticos.

A finalidade deste trabalho é, deste jeito, realizar uma aproximação àquela realidade sociolinguística, debruçando-se num aspecto tão específico como é a variabilidade da vibrante múltipla na região e cidade Coimbra. Far-se-á, portanto, um estudo desta variação tendo em conta a relação desta com factores sociais e estilísticos. Tentar-se-á, assim, determinar em que medida esta variação pode constituir uma mudança em curso no português desta região e, por extrapolação, no português de Portugal, tendo em conta as apreciações feitas já por outros estudiosos neste mesmo terreno.

Introdução Histórica da Origem do /R/

A origem da vibrante múltipla uvular não se pode situar em nenhum caso nalguma possível variação acontecida no latim de qualquer parte da România.

Segundo todas as gramáticas latinas consultadas, no latim existia um único tipo de /r/, pronunciado sem dúvida apoiando a ponta da língua

(1) Moreno Fernández, Francisco- *Metodología sociolingüística*, Ed. Gredos, S.A., Madrid, 1990, cap 2.5.2.

nos alvéolos e realizando um único golpe de língua nestes. Deste jeito, a distinção entre <-r-> e <-rr->, isto é, a distinção entre a vibrante simples e geminada, como muitas outras distinções deste tipo dentro do latim, dependia da quantidade do som pronunciado. Desde este ponto de vista, a distinção não se podia considerar baseada em duas articulações diferentes de duas consoantes simples.

De qualquer maneira, a pronúncia era alveolar e assim permaneceu na passagem do latim coloquial tardio para os incipientes romances de toda a România, embora a distinção entre a vibrante simples a múltipla passasse a ser qualitativa e já não quantitativa:

“La r- inicial latina normalmente se mantiene. En sardo, español, portugués, catalán y gascón tiene una articulación fuertemente rodada”⁽²⁾

“500. Latín -rr- permanece [...] en sardo, suditaliano y centroitaliano: carru italiano carro, suditaliano, sardo karru.- En cuanto a la Romania occidental, -rr- se simplifica en [r] en norteitaliano y retorromano, confundándose con la -r- latina; y así, también en rumano [...]. En cambio, permanece -rr- en la parte oeste de la Romania occidental (francés antiguo, provenzal, catalán, español y portugués) como -rr- fuertemente arrastrada [...]”⁽³⁾

O surgimento da realização uvular da vibrante múltipla produziu-se no transcurso do século XVII no francês falado em Paris, estendendo-se rapidamente a outros centros urbanos, permanecendo como alveolar, sobretudo, no rural. Desta forma, a pronúncia alveolar foi progressivamente sendo associada com valores de rusticidade e incultura, questão que propiciou a sua rápida substituição por aquela pronúncia uvular:

“Dès le XIV^e siècle, l’abaissement de l’apex et le ralentissement des battements ramènent pratiquement l’émission à un sifflement: *chaire* devient *chaise*, *narillier*, *nassill(i)er* [...]”⁽⁴⁾

Este relaxamento na pronúncia estava, pois, trazendo consigo a confusão com o som [s], de maneira que no intuito de a evitar, a pronúncia da vibrante deslocou o seu ponto de articulação desde a posição alveolar para a uvular. Este novo ponto de articulação, que no início afec-

(2) Lausberg, Heinrich, *Lingüística Románica*, Ed. Gredos, Madrid, 1976 pág. 313.

(3) *Ibidem* pág. 411.

(4) Zink, Gaston, *Phonétique historique du française*, Linguistique Nouvelle, Presse Universitaires de France, Paris, 1986, pág. 245.

tava a vibrante múltipla, como já se disse, estendeu-se para a vibrante simples e para a actualização concreta do arquifona vibrante sito em posição implosiva.

A condição de língua franca que o francês foi atingindo a partir do século XVII, pois esta era a segunda língua aprendida na maioria de cortes europeias e, por imitação destas, na maioria de casas burguesas de toda a Europa; propiciou um a expansão da pronúncia uvular da vibrante múltipla a outras línguas da Europa.

“La /r/ uvular empezó en París probablemente hacia 1600; hacia 1780 había alcanzado Copenhague y en 1890 se había extendido hacia el sur de Suecia [...]”⁽⁵⁾

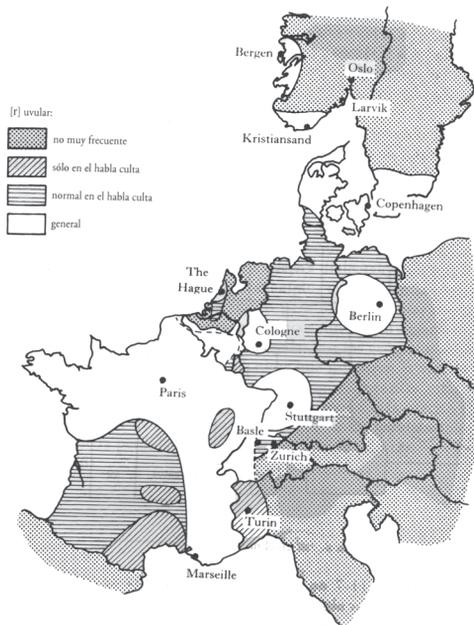


A interferência produzida poder-se-ia dever ao facto de ter sido esta pronúncia uvular sentida por parte das/os nobres e burguesas/es como uma particularidade linguística detentória de um certo prestígio social.

(5) Chambers e Trudgill. *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid, 1994 pp. 233-234. Também mapa pertencente à página 234 deste mesmo livro.

Isto é, ao ser o francês a única das línguas da Europa que possuía esta realização uvular, a utilização desta pronúncia nas suas próprias línguas podia ser uma demonstração do seu domínio da língua francesa, língua de prestígio na altura, e, portanto, marca de cultura e de prestígio social.

Esta é só uma hipótese, mas do meu ponto de vista perfeitamente plausível, dada a distribuição diastrática desta pronúncia registada no seguinte mapa⁽⁶⁾:



A distribuição social da variante uvular demonstra, pois, que esta se regista quantitativamente mais na fala culta do que na fala coloquial.

No que diz respeito à situação actual doutras línguas românicas, cabe pontualizar que no italiano ainda vigora a realização alveolar procedente do latim. “Teniendo en cuenta que las letras b, d, f, l, m, n, p, r, s, t, se pronuncian como sus correspondientes españolas, [...]”⁽⁷⁾.

No ocitano vigora também esta pronúncia em detrimento da uvular: “51. R lengadocian correspond pas a r francés mas a r catalan o espanhòl,

(6) Mapa pertencente à página 239 de Chambers e Trudgill, *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid.

(7) Battaglia, Giovanni- *Grammatica italiana*, Vittorio Bonacci Editora, Roma, 1962, pág. 10.

[...]”⁽⁸⁾. O catalão, por sua vez, também regista a realização alveolar; assim como o asturiano.

No castelhano a situação é, porém, mais complexa. Assim, enquanto na Península Ibérica a realização alveolar é considerada a normal e, portanto, a correcta, de maneira que a actualização dos alofones velar ou uvular é sentida como anormal;

“Los dos fonemas vibrantes /r/ y /r̄/ se realizan alveolares, pero no siendo distintivo este rasgo, hay hablantes que incorrectamente los articulan como velares o uvulares.”⁽⁹⁾

No espanhol da América convivem tanto a realização alveolar quanto a uvular. Neste sentido, as informações obtidas a partir do linguista D. Canfield apontam que a realização uvular é característica do espanhol falado em Porto Rico; se bem este não é um fenómeno desconhecido em Cuba, Santo Domingo ou nas costas de Venezuela e da Colômbia.

“[...] la /ʁ/ velar –sorda o sonora- que se da tanto en Puerto Rico, y que ahora se conoce en Cuba, en Santo Domingo y recientemente en las costas de Colombia y Venezuela.[...]”

El hecho es que el fenómeno [ʁ] se considera hoy puertorriqueño.”⁽¹⁰⁾

Este autor atribui esta realização uvular a uma reprodução do fonema /r/ e a uma subsequente perpetuação daquele alofone:

“[...] Sin embargo, esto no explicaría el caso francés y puede que haya sido efecto de la mala reproducción bajo condiciones que favorecerían la perpetuación de la nueva articulación.”⁽¹¹⁾

Para podermos fazer uma correcta interpretação deste fenómeno no português de Portugal e do Brasil, convir-nos-ia fazer primeiro um pequeno percurso histórico através do apontado por diferentes gramáticos.

Deste jeito, cabe notar que as primeiras pontualizações de teor gramatical, pertencentes a Fernão de Oliveira, demonstram que no s. XVI em Portugal só existia a realização alveolar, sendo que a uvular era ainda

(8) Alibèrt, Loïs- *Gramatica Occitana*, Centre d’estudis occitans, Montpelhièr, 1976, pág. 35.

(9) Alarcos Llorach, E.- *Gramática de la Lengua Española*, Espasa, Madrid, 1996 pág. 34.

(10) Canfield, D.- *La pronunciación del español en América*, Unyversity Microfilms International, Londres, 1979 pp. 91-92.

(11) *Ibidem* pág. 92.

desconhecida, dada a inexistência ainda desta realização no primeiro francês:

“Pronuncia-se o r singelo com a língua pegada nos dentes queixais de cima, e sai o bafo tremendo na ponta da língua. Do rr dobrado, a pronunção é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima, e o singelo não treme tanto, mas talvez é semelhante ao l.”⁽¹²⁾

Duarte Nunes de Leão e João de Barros apontam também na mesma direcção nos seus escritos gramaticais.

No que diz respeito ao Brasil, é necessário destacar que os portugueses aquando da sua chegada a estas terras ficaram surpreendidos com a ausência do fonema vibrante múltiplo:

“A língoa de que usam toda pela costa é hũa [...]. Carece de três letras, convém a saber, nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna d’espanto, porque assi nam tem Fé, nem Lei, nem Rei [...]”⁽¹³⁾

As primeiras informações que falam da realização uvular da vibrante múltipla pertencem à autoria de Gonçalves Viana, que a considera, no caso de Portugal, em 1883 como uma inovação oriunda da cidade de Lisboa e que não é senão uma variante individual:

“L’ancitipe centrale vibrante rr (r) est le initial ou rr double des langues néo-latine, le français excepté. Elle est prononcée un peu plus en arrière que r simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des r vibrantes uvulaires, même parmi de gens qui prononcent r simple comme une linguale.”⁽¹⁴⁾

Este linguista assinala, porém, que a realização uvular é muito característica dos brasileiros, se bem diz não a saber classificar nesse caso como dialectal ou uvular:

“Ce r fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le r vibrant; je ne saurais dire, toute-

(12) Isensee Callou, Dinah M.- *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987 pág. 13.

(13) Aparecida Ribeiro, Maria- *Literatura Brasileira*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995 pág. 20.

(14) Gonçalves Viana, A. R.- *Estudos de Fonética Portuguesa*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1973 pág. 102.

fois, jusqu'à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale [...]”⁽¹⁵⁾

Em 1902 na sua obra *Portugais* o próprio Gonçalves Viana volta mais uma vez sobre o tema, apontando que

“A pronúncia uvular de rr [...] difundiu-se cada vez mais nas cidades. Entretanto, considera-se ainda viciosa, sendo preferível sempre o rr apical ao grassement de R [...]”⁽¹⁶⁾

Leite de Vasconcelos na sua *Esquisse d'une dialectologie Portugaise* atribui a realização uvular aos habitantes de Setúbal, se bem considera esta pronúncia geral tanto para a vibrante simples quanto múltipla:

“[...] Dans la prononciation des habitants de Setúbal, [...], il ya une R grasseyée qui correspond soit à l'r «lenis», soit à l'r fort (rr) de la langue littéraire, [...]”⁽¹⁷⁾

Paiva Boléo omite qualquer referência à questão das realizações da vibrante, por não ter, segundo ele diz, ainda estudado a variedade de Lisboa, no momento de publicar os seus *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Resulta curiosa a apreciação de Pilar Vázquez Cuesta e M^a Albertina Mendes da Luz, as quais consideram a realização uvular uma pronúncia muito moderna. De qualquer jeito, mais notável é a apreciação que fazem quanto ao inexorável avanço desta pronúncia, “que tende a estender-se a todo o país em detrimento do r tradicional (r̄), que é igual ao espanhol.”⁽¹⁸⁾

Lindley Cintra e Celso Cunha na sequência dos anos 70 consideram já que a notação do fonema vibrante múltiplo deve ser /R/ “por ser esta a sua pronúncia mais corrente, no português de Lisboa e do Rio de Janeiro.”⁽¹⁹⁾

(15) Op. Cit. Gonçalves Viana, A. R., 1973 pág. 102.

(16) Op. Cit. Isensee Callou, Dinah M. pág. 10.

(17) Leite de Vasconcelos, J.- *Esquisse d'une dialectologie Portugaise*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1970, pág. 98.

(18) Vázquez Cuesta, Pilar e Mendes da Luz, M^a Albertina- Gramática da língua portuguesa, Edições 70, Lisboa, 1971 pág. 314.

(19) Cunha, C. E Cintra, L.- *Nova Gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 15^a Edição, 1997, pág. 46.

Reconhecem, porém, a ainda grande extensão na altura da realização alveolar, notando que no Brasil existe ainda mais uma realização chamada linguo-palatal velarizada, característica do Norte da região de São Paulo, Sul de Minas Gerais e outras partes do Brasil, conhecido pelo nome de r-caipira.

Paul Teyssier faz, por um lado, na sua *História da língua portuguesa* um breve repasso sobre a mudança ocorrida quanto ao ponto de articulação da vibrante múltipla, de alveolar para uvular; enquanto no seu *Manual da Língua Portuguesa* diz ser preferência adotar a pronúncia uvular, por ser esta a mais generalizada em Portugal e no Brasil.

Finalmente, o contributo de Morais Barbosa apresenta-se-nos relevante em dois sentidos. Em primeiro lugar, consoante à escola em que se insere, isto é, o Funcionalismo, Morais Barbosa diz dever-se a mudança de ponto de articulação a razões puramente articulatórias, já que “La réalisation du /r̄/ se fait par des vibrations, plus ou moins nombreuse (au moins deux), de la luette. C’est donc une consonne qui [...] demande normalement plus de temps que toute autre pour être articulée. Elle demande par là aussi un effort supplémentaire, auquel les sujets parlants n’ont pas dû être insensibles et qu’en toute inconscience ils auraient été naturellement tentés d’éviter. Le résultat d’un tel relâchement est un r constitué par une constriction du passage buccal à la hauteur de la luette, ce qui est fort explicable par le fait que l’articulation en question n’a pas besoin de ses battements uvulaires pour être parfaitement identifiable”⁽²⁰⁾

Em segundo lugar, a sua contribuição é relevante, pois ele nota se estar a produzir no português uma outra mudança que leva para a substituição da uvular sonora por uma uvular surda, [χ], em certo modo também devida a razões de economia. Deste jeito, “une partie de l’énergie de base est perdue pour les sonores à la hauteur de la glotte, lorsqu’elle est utilisée par la mise en vibration des cordes vocales”⁽²¹⁾.

Do meu ponto de vista, se bem o surgimento da realização uvular não pode ser atribuída a tais razões articulatórias, pois antes tem a sua base no prestígio do francês atingido no decorrer dos ss. XVIII e XIX, tal e como já foi explicado; o surgimento da realização surda sim poderá ter alguma base no menor esforço necessário para a actualizar.

Voltando sobre a primeira questão, cabe ainda dizer que só assim se poderia explicar a grande aceitação daquela pronúncia uvular no Brasil,

(20) Morais Barbosa, J.- “Sur le /R/ portugais” in *Miscelánea Homenaje a André Martinet*, 3, Universidad de La Laguna, 1962, pág. 222.

(21) *Ibidem* pág. 224.

que provavelmente veio da mão do assentamento da corte portuguesa no Rio de Janeiro, na sequência da sua fuga de Portugal na altura das invasões francesas do século XIX. O Rio de Janeiro, que se converteu em capital do Brasil foi também, do meu ponto de vista, centro irradiador desta realização para outras zonas de um Brasil, que no século XIX recebeu uma importantíssima influência francesa na corte de D. Pedro I, imitadora esta dos modelos mais prestigiados daquele século.

Assim, actualmente a situação é a seguinte no Brasil e em Portugal. No primeiro país temos para a vibrante múltipla quatro realizações possíveis.

- “1) Vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora: /r̄/
- 2) Vibrante múltipla posterior sonora (uvular, de preferência): [R]
- 3) Fricativa velar [χ], surda [...]
- 4) fricativa laríngea (aspiração) [h], surda [...]”⁽²²⁾

Sendo que “[...] a realização ápico-alveolar continua a ser considerada norma padrão para a linguagem da rádio, teatro e televisão, sendo, ainda, considerada a variante de “maior prestígio”,”⁽²³⁾

Em Portugal temos quando menos três realizações: uma alveolar, uma uvular sonora e outra uvular surda. Este trabalho tratará, pois, de desvendar qual pode ser hoje a sua distribuição diastrática e diafásica a partir da análise do caso particular da área metropolitana de Coimbra.

Definição dos Parâmetros Sociais distinguidos

Ao ser iniciada uma investigação sociolinguística não é possível conhecer a priori que factores sociais podem influir ou são relevantes na variação linguística de uma comunidade. Tal e como diz Moreno Fernández: “no es posible conocer de antemano qué tipo de variables sociales van a actuar sobre unos elementos lingüísticos en una comunidad dada. [...] porque los factores sociales actúan sobre la lengua de una forma irregular [...]”⁽²⁴⁾.

Neste trabalho foram seleccionadas, pois, a seguintes variáveis sociais, todas elas susceptíveis de influir na distribuição da variação das diferentes variantes da variável /R/:

(22) Op. Cit. Isensee Callou, Dinah M., pág. 8.

(23) Ibídem, pág. 17.

(24) Op Cit Moreno Fernández, F., 1998, pág. 33.

-Sexo: A justificação da escolha deste parâmetro vem de que nas investigações sociolinguísticas se tem observado que as mulheres são mais propensas a se ajustar a usos prestigiosos (não necessariamente normativos), dada necessidade sentida pelas mulheres de reafirmar a sua posição social, dado o seu tradicional rol de subordinação. Esta, porém, é uma tendência que progressivamente vai mudando (nalguns lugares mais rapidamente do que noutros), devido à incorporação da mulher ao mercado laboral e a incorporação a postos considerados de prestígio, em que detentam um certo poder.

-Idade: A preferência pela factor idade deve-se a que este parâmetro permite a observação das diferenças nos usos linguísticos das diferentes gerações que conformam uma comunidade, podendo-se estabelecer hipóteses acerca de possíveis processos de mudança em curso que possam estar a ter lugar numa língua, dialecto ou sociolecto específicos.

Neste trabalho fez-se uma divisão em quatro faixas etárias diferentes que permitirão determinar os processos de mudança em curso que possam estar a ter lugar no uso das diferentes variantes identificadas para a variável /R/. A saber: 16-25 anos, 25-40 anos, 40-60 anos e +60 anos.

-Nível de estudos: Tradicionalmente este tem sido um dos parâmetros usados para o estabelecimento das divisões dentro de uma outra variável, chamada Classe Social. Neste trabalho, dadas as dificuldades para o estabelecimento de umas claras divisões dentro deste parâmetro e ao difícil acesso a toda uma série de informações do tipo Ingresso Económicos, também empregues para o estabelecimento daquelas divisões; preferiu-se atender de forma independente tanto ao factor Nível de Estudos como ao de Profissão. Embora tenham um tratamento independente estes dois factores, vistos desde uma perspectiva global terão o mesmo efeito que o de Classe Social, pois a Profissão e o Nível de Estudos estão intimamente ligados, desde que é necessário o submetimento a uma escolarização sequencializada e continuada para o atingimento de certas profissões.

Atendendo particularmente ao Nível de Estudos é facilmente deduzível que um maior Nível de Estudos traz consigo uma aprendizagem mais fortemente formalizada tanto de usos linguísticos normativos quanto prestigiosos. Neste sentido, foram feitas três divisões

dependentes do grau de instrução dos informantes: Nível de Estudos Primários, Secundários e Universitários.

-Profissão: Como já foi explicado no parâmetro Nível de Estudos, o acesso a profissões de prestígio leva consigo necessariamente o submetimento a uma formação escolar sequencializada e continuada. Por isso, normalmente são associados usos linguísticos prestigiosos e profissões também prestigiosas.

Para o estabelecimento das diferentes categorias profissionais dentro desta variável social foram encontrados problemas que dizem respeito à representatividade das ocupações eleitas. Deste jeito, preferiu-se a delimitação de categorias mais ou menos gerais, que permitam uma certa flexibilidade na inclusão das/os informantes. Foram distinguidas, pois, as seguintes categorias: População não activa, Trabalhadoras/es não qualificadas/os, Trabalhadoras/es qualificadas/os e Funcionárias/os.

-Procedência Geográfica: Este é um parâmetro de suma importância nas sociedades em que existe uma clara distinção “rural” vs “urbano”. No caso da cidade e periferia de Coimbra este poder-se-ia dizer não ser um factor determinante, já que a diferenciação “urbano”/“rural” é mais progressiva do que taxativa. Porém, Portugal é um país em que as diferenças “campo”/“cidade” são muito fortes, dada a pouca mobilidade das/os suas/seus habitantes e a forte associação entre usos linguísticos arcaicos ou pouco prestigiados e as zonas mais rurais e/ou isoladas.

Neste trabalho diferenciar-se-á, portanto, entre: Procedência geográfica rural e Procedência geográfica urbana.

Análise quantitativa dos dados empíricos

Sexo

Tabela 1

Conversa	[R]	[χ]	[r]
Mulheres	24,7%	34,2%	41,1%
Homens	0%	0% 1	00%

Nesta tabela podemos observar uma clara preferência da variante [r] por parte dos Homens, enquanto nas mulheres as duas variantes uvulares têm em conjunto uma percentagem maior do que a alveolar. Dentro das uvulares podemos constatar, por sua vez, uma ligeira preferência pela variante surda.

Tabela 2

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
Mulheres	19,7%	19,7%	60,5%
Homens	0%	0%	100%

No caso dos Homens as percentagens permanecem idênticas às da tabela anterior, de jeito que a variante [r] é a majoritária. No caso das Mulheres as percentagens inclinam-se agora para a variante alveolar, que alcança uma percentagem de 60,5%. As variantes uvulares igualam as suas percentagens, mantendo-se em conjunto por baixo da percentagem da variante alveolar.

Nível de estudos

Tabela 3

Conversa	[R]	[χ]	[r]
Primária	13,3%	6,7%	80%
Secundária	11,7%	0%	88,3%
Estudos Universitários	25,5%	48,9%	25,5%

Observa-se uma clara diferenciação entre as percentagens de Primária e Secundária, por um lado, e as de Estudos Universitários, por outro. Para o primeiro grupo as percentagens de [r] são esmagadoramente majoritárias, situando-se por volta do 80%. Nos Estudos Universitários a situação muda. As variantes uvulares são em conjunto majoritárias, verificando-se dentro destas uma maior percentagem de [χ] que quase alcança um 50% do total à diferença dos níveis de Primária e Secundária, em que apenas se verifica esta variante.

Tabela 4

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
Primária	12,5%	12,5%	75%
Secundária	16,6%	13,3%	70%
Estudos Universitários	20%	20%	60%

Neste registo para qualquer dos níveis de estudos a variante [r] é majoritária, não baixando as suas percentagens do 60%. Cabe destacar, porém, um progressivo descenso destas percentagens conforme aumenta o nível de estudos. As percentagens são, pois, maiores quanto menor é o nível de estudos. Dentro das variantes uvulares não se pode apreciar uma significativa diferenciação entre as percentagens da variante sonora e a surda.

Origem Geográfica

Tabela 5

Conversa	[R]	[χ]	[r]
Urbana	28,8%	46,6%	24,4%
Rural	10,2%	8,2%	81,6%

Observa-se uma clara diferenciação entre as percentagens das/os informantes de origem Urbana e Rural. Enquanto para os primeiros são claramente superiores as percentagens das variantes uvulares; para os segundos a variante [r] é maioritariamente preferente. Dentro da Origem Urbana cabe destacar a preferência pela variante uvular surda frente à sonora.

Tabela 6

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
Urbana	36,6%	26,6%	36,6%
Rural	7,1%	10%	82,9%

Neste registo as percentagens são similares às da tabela anterior.

Idade

Tabela 7

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	21,1%	52,6%	26,3%
25-40 anos	75%	25%	0%
40-60 anos	18,2%	29,5%	52,3%
+60 anos	0%	0%	100%

Há que fazer dois grupos de idade entre os quais se observam notáveis diferenças. O grupo de informantes de 16-25 anos e de 25-40 anos mostram uma clara preferência pelas variantes uvulares; enquanto o

grupo de 40-60 anos e +60 anos mostram-na pela variante alveolar. Dentro do primeiro grupo observa-se uma diferença dentro das variantes uvulares, de maneira que para as/os informantes de 25-40 anos é majoritária a sonora frente à surda. Para os de 16-25 anos, porém, é majoritária a surda frente à sonora. Observa-se, pois, uma evolução para a surda conforme se desce de faixa etária.

Para o grupo de informantes de 40-60 anos e +60 anos observa-se um descenso dentro das percentagens da variante [r], passando de ser de 100% para as/os de +60 anos para 52,3% nas/os de 40-60 anos.

A tendência das percentagens indica uma progressiva perda da variante alveolar em favor das uvulares e, dentro destas, uma polarização em favor de [χ] nas idades mais novas.

Tabela 8

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	20%	20%	60%
25-40 anos	50%	45%	5%
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

Neste registo a variante [r] é majoritária para as/os informantes de 16-25 anos, de 40-60 anos e +60 anos, sendo nestas duas últimas faixas etárias a única variante registada. Deste jeito, fica isolada a faixa de 25-40 anos onde as variantes uvulares somam um 95% das realizações, não se apreciando apenas diferença entre as suas percentagens.

Profissão

Tabela 9

Conversa	[R]	[χ]	[r]
População não activa	14,3%	38,1%	47,6%
Trab. não qualificad.	21,1%	10,5%	68,4%
Trab. qualificadas/os	11,1%	0%	88,9%
Funcionárias/os	25%	41,7%	33,3%

A População não activa e as/os Funcionárias/os registam uma ligeira preferência pelas variantes uvulares; enquanto as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os e as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os mostram

uma já mais polarizada preferência pela variante alveolar. De qualquer jeito, na População não activa as percentagens de [r] acercam-se ao 50%. Tanto nesta quanto nas/os Funcionárias/os dentro das variantes uvulares as percentagens de [χ] são majoritárias.

Tabela 10

Leitura de palavras	[R]	[χ]	[r]
População não activa	30%	20%	50%
Trab. não qualificad.	25%	25%	50%
Trab. qualificadas/os	12,5%	10%	77,5%
Funcionárias/os	0%	10%	90%

No registo de leitura de palavras a variante [r] é majoritária para as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os e as/os Funcionárias/os; enquanto para a População não activa e para as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os as percentagens são de 50%, de maneira que se regista um equilíbrio entre as variantes uvulares e a variante alveolar.

No que diz respeito às variantes uvulares aprecia-se uma ligeira polarização em favor de [R] frente a [χ], se bem a diferença de percentagens não se pode afirmar significativa.

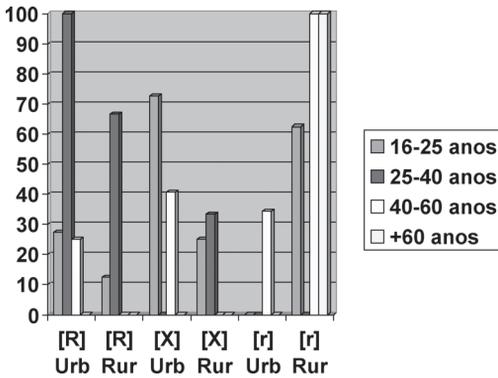
Uma vez estudadas todas as percentagens das variantes de /R/ em relação com os parâmetros sociais puros, pode-se dizer que resulta especialmente clara a distinção de percentagens das variantes uvulares frente à alveolar nos parâmetros idade, nível de estudos e origem geográfica. Deste jeito, a preferência pelas primeiras parece ser um fenómeno mais urbano, das idades mais novas e dos níveis de estudos superiores.

Quanto à diferença de estilos, resulta curiosa a maior predileção registada em favor da variante [r] no estilo mais formal de leitura de palavras frente à conversa. A diferenciação pode-se afirmar ligeira mas significativa. De qualquer jeito, esta polarização não deixa de resultar curiosa sabendo que a variante [r] é a etimológica do português e a mais usual entre as pessoas de origem rural e de menor nível de estudos e, portanto, menos vinculada a situações de formalidade. A isto cabe acrescentar que as variantes uvulares são as hoje preferidas pela norma, se bem existe qualquer relação da norma com a variante [r], pois esta era até há 20 ou 30 anos a veiculada pela própria norma. Desta forma, existiria uma certa relação entre as pessoas de idade avançada e níveis de estudos avançados, cuja preferência seria a da variante [r].

Isto poder-se-á verificar com mais claridade nas seguintes tabelas, já que serão cruzados alguns dos parâmetros sociais antes estudados com o intuito de comprovar as possíveis ligações entre eles.

Origem geográfica e Idade

Tabela 11

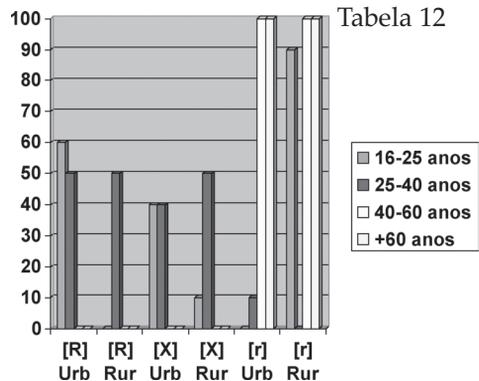


No estilo de conversa, a que pertencem as percentagens da tabela 11, observa-se para a Origem Urbana uma clara polarização para as variantes uvulares em todas as idades para que se têm dados, isto é, todas excepto informantes de +60 anos. Na faixa etária de 40-60 anos a variante [r] alcança, porém percentagens de realização de 34,4%.

Na origem geográfica rural a balança inclina-se do lado da variante [r], única nas faixas etárias de 40-60 anos e +60 anos e majoritárias (62,5%) na faixa etária de 16-25 anos. Curiosamente na de 25-40 anos só temos variantes uvulares registadas.

Dentro das variantes uvulares as percentagens oscilam de uma para outra variante sem se encontrar uma regularidade mais do que a preferência pela uvular surda na faixa etária de 16-25 anos, tanto para a Origem Urbana quanto para a Rural.

No estilo de leitura de palavras (tabela 12) observa-se para a Origem Urbana uma preferência pelas variantes [R] e [χ] nas faixas etárias 16-25 anos e 25-40 anos, em que a [r] é majoritária; enquanto se constata numa clara oposição a faixa etária



ria de 40-60 anos em que a variante alveolar é a única. Na Origem Rural esta variante continua sendo altamente preferida, sendo única para as faixas etárias de 40-60 anos e +60 anos. Curiosamente a faixa de 25-40 anos volta mostrar uma inclinação pelas variantes uvulares. Para estas variantes volta-se registar uma oscilação de percentagens que situa os seus índices de realização em posições mais ou menos equilibradas.

Profissão e Idade

Tabela 13- População não activa

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	27,3%	72,7%	0%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 14- Trabalhadoras/es não qualificadas/os

Conversa	[R]	[χ]	[r]
25-40 anos	66,7%	33,3%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 15- Trabalhadoras/es qualificadas/os

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	0%	0%	100%
25-40 anos	100%	0%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 16- Funcionárias/os

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	25%	50%	25%
40-60 anos	25%	40,6%	34,4%

No estilo de conversa (tabelas 13, 14, 15, 16) para a População não activa só se têm dados para as faixas etárias de 16-25 anos e +60 anos. A diferenciação quanto às preferências pelas uvulares ou a alveolar é clara. As/os informantes jovens preferem as uvulares, em concreto a variante [χ], e as/os mais velhas/os registam a alveolar como única solução.

Para as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os só se têm dados das faixas etárias de 25-40 anos e de 40-60 anos. A distribuição percentual continua sendo como a anterior, isto é, as/os mais velhas/os determinam

a alveolar como única variante e as/os mais novas/os as uvulares como preferentes, em concreto [R] como a mais registada.

Para as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os têm-se dados das faixas 16-25 anos, 25-40 anos e 40-60 anos. Neste caso [r] é única para as/os informantes mais novas/os e mais velhas/os e [R], isto é uma variante uvular, também única para a faixa etária intermédia.

Para as/os Funcinárias/os dispõe-se de dados das faixas 16-25 anos e 40-60 anos. Em ambas as faixas as uvulares são majoritárias frente à alveolar, que no caso das/os mais jovens diminui as suas percentagens para 25% das realizações totais.

Dentro das uvulares a variante surda é sempre a preferente, aumentando o seu índice de realização conforme se diminui em idade:

Tabela 17- População não activa

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	60%	40%	0%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 18- Trabalhadoras/es não qualificadas/os

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
25-40 anos	50%	50%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 19- Trabalhadoras/es qualificadas/os

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	0%	0%	100%
25-40 anos	50%	40%	10%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 20- Funcionárias/os

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	0%	20%	80%
40-60 anos	0%	0%	100%

No estilo de leitura de palavras (tabelas 17, 18, 19 e 20) para a População não activa as/os jovens continuam preferindo as variantes uvulares e as/os velhas/os a alveolar. Dentro das primeiras a variante sonora é agora majoritária.

Para as/os trabalhadoras/es não qualificadas/os, tal e como aconteciam no estilo de conversa, as percentagens mantêm-se na mesma direcção, isto é, novas/os registando as variantes uvulares como majoritárias, enquanto as/os velhas/os registam a alveolar. As percentagens de [R] e [χ] igualam-se na faixa etária de 25-40 anos com índices de 50%.

Nas/os trabalhadoras/es qualificadas/os mantêm-se também o mesmo tipo de distribuição percentual que no estilo de conversa. Só mudam as percentagens entre as uvulares na faixa etária de 25-40 anos, em que se igualam os índices entre a variante surda e a sonora.

Para as/os Funcionárias/os sim se constata uma mudança, aumentando as percentagens de realização de [r] até ser a única variante registada na faixa das/os informantes de maior idade e até se situar no 80% nos de menor idade. Vai-se, pois, confirmando a hipótese de estar ligada uma maior idade e um maior nível de estudos, necessário para desempenhar o trabalho de funcionária/o, e o facto de há 20 ou 30 anos ser [r] a variante veiculada pela norma.

Os seguintes parâmetros cruzados serão o Sexo e a Idade. Neste caso distinguir-se-á entre as diferentes faixas etárias para as quais se tenham dados dentro de Homens e Mulheres.

Tabela 21- Homens

Conversa	[R]	[χ]	[r]
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 22- Mulheres

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	21,1%	52,6%	26,3%
25-40 anos	75%	25%	0%
40-60 anos	24,2%	39,4%	36,4%
+60 anos	0%	0%	100%

No estilo de conversa (tabelas 21 e 22) para os Homens só se têm dados para as faixas de 40-60 anos e +60 anos, em que a variante [r] é a única registada. Para as Mulheres obtiveram-se dados para todas as faixas etárias, verificando-se através da comparação entre elas um progressivo descenso das percentagens de realização de [r], que passa de ser única para as/os informantes de +60 anos a ser minoritária no resto,

senão inexistente, como no caso das/os informantes de 25-40 anos. Só nestas/es a variante uvular sonora é majoritária, sendo-o [χ] nas/os de 16-25 anos e 40-60 anos, se bem se pode observar um progressivo aumento conforme diminui a idade.

Tabela 23- Homens

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 24- Mulheres

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	20%	20%	60%
25-40 anos	50%	45%	5%
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

No estilo de leitura de palavras (tabelas 23 e 24) a situação não muda para os Homens em relação às percentagens da conversa, mas sim no caso das Mulheres. Nelas, se bem a faixa etária de 25-40 anos continua preferindo as variantes uvulares maioritariamente. No resto de faixas as percentagens de [r] aumentam, fazendo desta variante a única registada nas/nos informantes de 40-60 anos e +60 anos, e elevando até 60% as percentagens nas/nos informantes mais jovens. Dentro das variantes uvulares as percentagens voltam a se equilibrar.

Nível de Estudos e Idade

Tabela 25- Primária

Conversa	[R]	[χ]	[r]
25-40 anos	66,7%	33,3%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 26- Secundária

Conversa	[R]	[χ]	[r]
26-25 anos	0%	0%	100%
25-40 anos	100%	0%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 27- Estudos Universitários

Conversa	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	26,7%	66,7%	6,6%
40-60 anos	25%	40,6%	34,4%

No registo de conversa (tabelas 25, 26, 27) para o Nível de Primária dispõe-se de dados para as faixas etárias de 25-40 anos, de 40-60 anos e +60 anos. As duas últimas faixas determinam a variante alveolar como a única, sendo que a de 25-40 anos prefere as uvulares e, sobretudo, o [R] frente ao [χ].

No Nível de Secundária têm-se dados das faixas de 16-25 anos, 25-40 anos e 40-60 anos. As/os mais jovens e as/os mais velhos registam como única variante [r], enquanto a faixa intermédia só regista a variante uvular sonora.

No Nível de Estudos Universitários, para o qual só se dispõe de dados das faixas etárias de 16-25 anos e 40-60 anos, pode-se observar uma situação de equilíbrio com predominância das variantes uvulares na faixa das/os informantes mais velhas/os. Este equilíbrio rompe-se na faixa das/os mais novas/os que maioritariamente registam realizações das variantes uvulares, sendo majoritária a uvular surda.

Tabela 28- Primária

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
25-40 anos	50%	50%	0%
40-60 anos	0%	0%	100%
+60 anos	0%	0%	100%

Tabela 29- Secundária

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
26-25 anos	0%	0%	100%
25-40 anos	50%	40%	10%
40-60 anos	0%	0%	100%

Tabela 30- Estudos Universitários

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
16-25 anos	30%	30%	40%
40-60 anos	0%	0%	100%

No estilo de leitura de palavras (tabelas 28, 29 e 30) para o Nível de Primária mantém-se a direcção das percentagens nas diferentes faixas etárias constatada no estilo de conversa. Isto é, as faixas de 40-60 anos e +60 anos têm como única realização [r] e a de 25-40 prefere as uvulares, que igualam os seus índices de realização.

Para o Nível de Secundária há que dizer o mesmo já apontado no Nível de Primária: manutenção da situação. Só muda a situação na faixa de 25-40 anos que nivela as percentagens de realização das variantes uvulares.

No Nível de Estudos Universitários a variante [r] passa a ser a única na faixa de 40-60 anos e aumenta as percentagens na faixa das/os mais novas/os, que igualando as percentagens continuam a preferir as realizações uvulares.

Origem Geográfica e Nível de Estudos

Tabela 31- Origem Urbana

Conversa	[R]	[χ]	[r]
Secundária	100%	0%	0%
Est. Universitários	25,6%	48,8%	25,6%

Tabela 32- Origem Rural

Conversa	[R]	[χ]	[r]
Primária	13,3%	6,7%	80%
Secundária	0%	0%	100%
Est. Universitários	25%	50%	25%

No estilo de conversa (tabelas 31 e 32) para a Origem Urbana foram distinguidos O Nível de Secundária e o de Estudos Universitários, observando-se uma forte polarização em ambos pelas variantes uvulares. No Nível de Secundária a uvular sonora é a única enquanto no de Estudos Universitários é-o a surda. As percentagens de [r] no Nível de Estudos Universitários procedem daquelas/es informantes cuja idade avançada e nível de estudos superiores determinaram uma aprendizagem normal desta variante.

Para a Origem Rural temos uma clara preferência da variante alveolar nos Níveis de Primária e Secundária. A maior preferência pelas variantes uvulares no Nível de Estudos Universitários aponta na direcção de serem

estas as realizações veiculadas pela norma. Mesmo assim cabe destacar a relativa presença da variante [r] devido à origem rural das informantes. A variante [χ] é também neste nível a que tem as percentagens mais altas de realização.

Tabela 33- Origem Urbana

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
Secundária	50%	40%	10%
Est. Universitários	30%	20%	50%

Tabela 34- Origem Rural

Leitura de Palavras	[R]	[χ]	[r]
Primária	12,5%	12,5%	75%
Secundária	0%	0%	100%
Est. Universitários	0%	20%	80%

No estilo de leitura de palavras (tabelas 33 e 34) para a Origem Urbana as variantes uvulares igualam as suas percentagens de realização no Nível de Secundária, mantendo-se como as variantes mormente realizadas. No Nível de Estudos Universitários a variante alveolar aumenta as percentagens de realização até 50%, equilibrando-se com as variantes uvulares, dentro das quais a sonora é preferida.

Para a Origem Rural verifica-se uma forte preferência pela variante [r], que é majoritária para todos os Níveis de Estudos.

Por último mostrar-se-ão as percentagens totais de realização das três variantes em relação aos dois níveis de formalidade estudados: conversa e leitura de palavras.

Tabela 35- Percentagens Totais

	[R]	[χ]	[r]
Conversa	19,1%	26,6%	54,3%
Leitura de Palavras	16%	15%	69%

Nesta tabela verifica-se, pois, o equilíbrio em geral registado entre as três variantes, alcançando as uvulares em conjunto percentagens que cabe ter em conta, sabendo que são uma inovação que se está a abrir caminho e a ganhar cada vez mais terreno.

Para finalizar, destacar a tendência regista ao longo de toda a análise dos dados empíricos estudados, isto é, uma maior tendência de realiza-

ção da variante [r] no estilo formal de leitura de palavras frente ao de conversa. O facto de esta ser uma variante veiculada pela norma há 20 ou 30 anos, tal e como já foi explorado anteriormente, parece ser uma poderosa razão para a verificação desta tendência.

Conclusões

Tendo em conta todos os dados analisados até agora, parece claro que o perfil das/os informantes relacionadas/os com as realizações da variante alveolar [r] é o de uma pessoa de origem geográfica rural, de idade avançada e com um nível de estudos baixo. Por outro lado, o perfil das/os informantes vinculadas/os com as realizações uvulares é o de uma pessoa de origem geográfica urbana, jovem e com um nível de estudos médio-alto.

Sabendo que a tendência de evolução de Portugal é para um crescimento das superfícies urbanas em detrimento das rurais e para um alargamento secular do ensino que alcançará massas populacionais cada vez maiores, em funda e clara relação com o aumento das tais superfícies urbanas; e tendo em conta que as faixas etárias mais jovens mostram preferência pelas variantes uvulares, pode-se concluir que na área metropolitana de Coimbra está a ter lugar um processo de mudança linguística ainda em curso que está a deslocar a etimológica variante alveolar de /R/ em favor das variantes uvulares: [R] e [χ].

A segunda das conclusões que se podem tirar é a constatação de um outro processo de mudança em curso que se define pela preferência entre as/os informantes mais jovens da variante uvular surda frente á sonora. Deste jeito, se no futuro se confirmar esta tendência, a variante uvular sonora será totalmente deslocada.

Uma terceira conclusão é a escassa importância dos parâmetros sociais de Sexo e Profissão em relação com a distribuição das três variantes de /R/. Unicamente se poderia fazer uma ligação do parâmetro Profissão com o Nível de Estudos, já que para alcançar certas profissões faz falta uma certa continuidade na formação académica das/os falantes. As percentagens são, porém, muito variáveis em relação com os parâmetros de Sexo e Profissão e, portanto, pode-se afirmar a escassa relevância destes parâmetros quanto à distribuição diastrática das três variantes [r], [R] e [χ].

Quanto à distribuição diafásica destas variantes, a quarta das conclusões que se pode tirar é a verificação de um certo aumento das percentagens de realização da variante alveolar em relação com o estilo de

leitura de palavras frente ao estilo de conversa. Tal e como já foi apontado ao longo da análise dos dados obtidos, isto poderia estar relacionado com o facto de esta variante [r] ser a veiculada pela norma há 20 ou 30 anos, de jeito que os efeitos da escolarização sofrida pelas/os informantes de maior idade estaria determinando, em certo modo, esta tendência registada.

A última das conclusões diz respeito às percentagens totais de distribuição das variantes. Neste sentido, constata-se hoje em dia um certo equilíbrio das variantes uvulares em conjunto frente à variante alveolar. Este equilíbrio, que poderíamos definir como instável, vê-se, porém, ameaçado pelo processo de mudança em curso que indica uma tendência geral no futuro de deslocamento da variante alveolar em favor das uvulares.

Como este trabalho não é (nem pretende ser) mais do que uma aproximação à distribuição diastrática e diafásica das diferentes variantes da variante /R/, para que possam ficar totalmente confirmadas as conclusões aqui tiradas caberá fazer um novo estudo no futuro que venha a confirmar ou a negar este processo de mudança em curso, de maneira que fica aberto um interessante campo de estudo que nos poderá ajudar a compreender como funcionam e evoluem as línguas.

Bibliografia

- ALARCOS LLORACH, E.- *Gramática de la Lengua Española*, Espasa, Madrid, 1996.
- ALIBÈRT, L.- *Gramatica Occitana*, Centre d'estudis occitans, Montpelhièr, 1976.
- APARECIDA RIBEIRO, M.- *Literatura Brasileira*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

- BASSOLS DE CLIMENT, M.- *Fonética Latina*, CSIC, Madrid, 1973.
- BATTAGLIA, G.- *Grammatica italiana*, Vittorio Bonacci Editora, Roma, 1962.
- CÂMARA, M.- *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão, 4º Edição, Rio de Janeiro, 1985.
- CANFIELD, D.- *La pronunciación del español en América*, University Microfilms International, Londres, 1979.
- CHAMBERS E TRUDGILL, *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid, 1994.
- COSERIU, E.- *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*, Ed. Gredos, Madrid, 1988.
- CASTRO MOUTINHO, Lurdes de- *Falar do Porto com Todos os Bês. Um estudo sociolingüístico*, Campo das Letras, Porto 2001.
- CUNHA, C. E Cintra, L- *Nova Gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 15ª Edição, 1997.
- DUARTE I MONTSERRAT, C.- *Gramàtica Històrica del Català*, Curial, Barcelona, 1984.
- FERNÁNDEZ JUNCAL, C.- “Elementos para una definición de clase social operativa en sociolingüística” in *Lingüística para el siglo XXI*, vol 1, Salamanca, Universidad.
- GARCÍA NEGRO, M. P.- *O Galego e as Leis. Aproximación sociolingüística*. Edicións do Cumio, Vilaboa, 1991.
- GONÇALVES VIANA, A. R.- *Estudos de Fonética Portuguesa*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1973.
- HANSEN, F.- *Gramática de la Lengua Castellana*, Librería y editorial «el Ateneo», Buenos Aires, 1945.
- ISENSEE CALLOU, Dinah M.- *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.
- JARTÍN CANCIO, L.- *Variación sociofonológica en el habla popular de Oporto*, Memoria de Investigación de Doctorado, 1998.
- JOLY, G.- *Précis de phonétique historique de français*, Amand Colin Editeur, Paris, 1995.
- JUNQUERA HUERGO, J.- *Gramática Asturiana*, Academia de la Llingua Asturiana, Oviedo, 1991.

- LABOV, W.- Principios del Cambio Lingüístico Vol I e II, Ed. Gredos, Madrid, 1996.
- LAUSBERG, H., *Lingüística Románica*, Ed. Gredos, Madrid, 1976.
- LEITE DE VASCONCELOS, J.- *Esquisse d'une dialectologie Portugaise*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1970.
- M. LLOYD, P.- *Del latín al español. Fonología y morfología históricas de la lengua española*, Ed. Gredos, Madrid, 1993.
- MORAIS BARBOSA, J.- "Sur le /R/ portugais" in *Miscelânea Homenaje a André Martinet*, 3, Universidad de La Laguna, 1962.
- MORENO FERNÁNDEZ, F.- *Metodología sociolingüística*, Ed. Gredos, S.A., Madrid, 1990.
- MORENO FERNÁNDEZ, F.- *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, Ariel, Barcelona, 1998.
- PAIVA BOLÉO, Manuel de- *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica, Vol. I, Dialectologia Histórica da Língua Portuguesa. Tomo I*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1974.
- ROTAETXE AMUSATEGUI, K.- *Sociolingüística*, Editorial Síntesis, Madrid, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand de- *Curso de Lingüística General*, Alianza Editorial, Madrid, 1998.
- TEYSSIER, P.- *História da Língua Portuguesa*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1994.
- TEYSSIER, P.- *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*, Coimbra Editora, Coimbra, 1989.
- VÄÄNÄNEN, Veikko- *Introducción al latín vulgar*, Ed. Gredos, Madrid, 1975
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e Mendes da Luz, M^a Albertina- *Gramática da língua portuguesa*, Edições 70, Lisboa, 1971.
- ZINK, G.- *Le Moyen Français*, Press University de France, Paris, 1990.
- ZINK, G.- *Phonétique historique du française*, Linguistique Nouvelle, Presse Universitaires de France, Paris, 1986.

r e t a t o

Baobá - A caminho de Dakar, Senegal (14-9-97)



p o e s i a

Diatou - Dakar, Senegal (17-9-97)



A ÚLTIMA VIAGEM DO VERA CRUZ

Francisco Guedes

I

Vou dizer adeus ao meu pai, foram as palavras ditas naquela madrugada nevoenta, apesar de ser o último dia de Julho e o verão ir alto, fria como frias seriam as pedras onde nos separaríamos. Vou dizer adeus ao meu pai, e um a um descendo lentamente os degraus gastos da Sul Americana no reencontro da memória de dias e noites e dias entrelaçados, a vida vivida à flor da pele, no andar de baixo por detrás da porta deixada no trinco, na calma com que esperavas na penumbra o momento, nos olhos, esmeraldas turvas pelas lágrimas sustidas corajosamente, olhando-me silenciosos, aguardando as palavras que ambos sabíamos ía dizer " João, vou partir, vou partir para Angola. Não sei se voltarei, se te verei outra vez", enquanto o nosso abraço aos poucos se desfazia e me passavas pela última vez essas mãos grandes de ternura pela minha cabeça de menino que ainda o era, e o quarto cadavez se estreitava mais nas sombras de um desespero futuro, enquanto quase a medo a voz da porta me chamava " São horas, vamos " e eu não queria sair do teu abraço amigo e a memória outra vez me trazia o sarampo, os queixos partidos, a flor dada à minha irmã no seu primeiro mênstruo, os dentes perdidos de aftosa a baloiçarem de encontro ao teu peito verde, a memória, a mão ainda na minha cabeça quando a porta se fechou sobre nós e todas as palavras— substantivos, adjetivos, advérbios, conjunções, artigos definidos e indefinidos, prefixos, preposições, sufixos, verbos regulares e irregulares, pronomes — definham nos lábios naquela manhã amanhecida triste e cinzenta, apesar de o verão ir alto e ser o último dia de Julho, apesar dos abraços, das juras de eterno amor, da vozeria de pais, de tios, de irmãs, de amigos, de namoradas, de noivas, de mulheres, das palavras de esperança e temor (voltarás?), colados e eram só uma quando quatro horas passadas subi as escadas íngremes do portaló e não mais te distingui entre a multidão de lenços brancos, gaiotas em voos

picados de aflição, (voltarás?), quando o silvo grave do Vera Cruz deu ordem de desacostar e as amarras caíram pesadas nas águas de chumbo do rio os gritos inundaram as pedras pardacentas do cais, que fria e definitivamente nos separavam, quando os primeiros vômitos três horas depois começaram a colorir os corredores do navio de medo e cerveja, quando a meio-Tejo o derradeiro lamento do pacote se fez ouvir regressei ao convés num último aceno e não eras senão aquele ponto parado na margem, quando na solidão do beliche Lisboa era já memória e todas as palavras eram só uma nos versos "... e é do destino // de quem ama // ouvir um violino // até na lama " colada no silêncio dos corpos à força separados, compreendi, naquele último dia de Julho em que parti, e o verão ía alto, que a guerra começara.

26/6/03

II

Só lhe senti eram os dedos em meu pescoço, enluvados, feitos garras que me silenciavam meu grito de alerta, meu aviso, era ainda escuro quase que amanhecia, hora ainda de todos os sonos, meus sonos de mona no luando junto o calor quente do corpo de minha mãe Ana, seu braço por encima meus sonhos, assim me cobrindo, protegendo-me meus sonhos de menino fechados em minhas mãos pequenas, minhas juventudes de fogar nos tugás como o mais-velho que falou nossa luta, nossas guerras, ontem em volta da fogueira, era já noite, naquele tempo de cacimbo em que as árvores deixavam cair suas lágrimas gordas de água e tristeza como agora caíam as minhas silenciosas de meus olhos aterrorizados de espanto e medo no chão de terra quente e acolhedora das matas do Canacassala, minha aldeia, meu mundo.

Quando saí embora da cubata, de debaixo o braço de minha mãe, nada que vi em meus olhos mal amanhecidos, só os le-

nhos pretos, queimados, da fogueira ainda que deixavam algumas chamas pequeninas saltar fora na noite, já quase sem calor, só sua luz fraquinha anunciava nossas manhãs, era ainda escuro, o galo velho não tinha cantado seu coquericó de amanhecer, Muxima, minha cadela nem um ano que tinha, não se desenroscara do seu corpo cocegando bons dias em minhas pernas, era ainda noite quase que dia e minha cabeça só que pensava era brincadeiras nos meus amigos, brincadeiras de bassulas e esconde-esconde na lavra, nossos risos de meninos soltos por entre as mandiocas castanhas, nossa pele nossa comida, era só o que brincava já em minha cabeça naquela quase manhã ainda noite, no acordar dos pássaros em sua alegria cantando seus cantares no quieto das árvores de nossas matas, e os braços de minha mãe que me esperavam ainda em seu calor de resto de noite acolhendo meus sonos, meus sonhos estilhaçados na luva preta em meu pescoço, que não me deixava quase que respirar, que meu grito de alerta ficou fechado em minha garganta e em meu terror, no estrondo surdo de repente esventrando minha aldeia, no tiro primeiro que foi direito na cabeça de Zeca, meu mais-novo, deixando seus futuros ali espalhados no chão de terra de nossa aldeia, seus futuros de Zeca, de engenheiro com escola no Congo, ali caídos despedaçados junto nossa fogueira, sua cabeça quase que abandonada em seu pescoço, seus olhos de criança já quase sem força de vida quem que me diziam ainda "foge" de dentro de sua cabeça arreventada naquele primeiro tiro daquela manhã amanhecida nas garras pretas que me apertavam o pescoço e não deixavam soltar meu grito de alerta, e Zeca estilhaçado ali no chão de nossa aldeia já sem ouvir os estrondos e os tiros, e minha mãe Ana que não via onde que estava, e os gritos e os empurrões, e o tuga que me levava na sua frente por caminhos que nunca que vi, por cima as pedras do outro lado do rio, e eu caía e tropeçava em meu medo e nas pedras, e o tuga agarrava-me do chão molhado, e os nossos tiros cadavez mais longe e eu que queria olhar para trás a descobrir os olhos perdidos de minha mãe na confusão ensanguentada de minha aldeia do Canacassala, meu mundo, minha escola.

Fodemo-nos, pensei, enquanto desarrolhava o cantil e o levava aos lábios, secos, deixando escorrer um bochecho daquela água pútrida, choca, a saber a plástico, para limpar o sarro de cordite e medo que me entupia por completo a garganta, enquanto vigiava o trilho por onde nos desenfiáramos como fantasmas, engolidos pela névoa fria da manhã que se levantava. Fodemo-nos, pensei, quando o primeiro tiro explodiu certo no cacimbo e a cabeça do miúdo se estilhaçou em mil pedaços num amálgama de morte e sangue de encontro ao chão de terra batida, o corpo mais pequeno ainda definitivamente parado junto á fogueira borrarhenta, e a aldeia acordou estremunhada envolta no espanto paralisante do som cavo das granadas que lançávamos para dentro das cubatas espalhando certezas de destruição e dor.

Tudo está silencioso, demasiado silencioso, agora.

CRÓNICA 3

O Homem desenrodilhou-se. Esticou as pernas, espreguiçou-se, bocejou, pôs os pés no chão e dirigiu-se para a casa de banho. Mirou-se no espelho. As olheiras faziam prova da noite dormida em tracejado. Noite de insónia entrecortada pela excitação. Aliás, desde que lera o anúncio, o cérebro não mais parara: ia daqui para acolá, sempre a viajar, mostrando a sua arte. O mundo esperava-o. Duchou-se longamente sob a água tépida. Depois escanhou-se. Demorou tempo a vestir-se, mas quando se olhou pela última vez ao espelho — fiel amigo há mais de duas décadas —, o Homem viu-se reflectido como sempre imaginara: de fato, sem uma dobra fora do sítio, o nó da gravata azul-meia-noite, de malha de seda, a meio, exactamente a meio, do corpo, dava-lhe um ar distinto. Faltavam os óculos, de aros de tartaruga. Colocou-os e, pela última vez, viu-se reflectido na superfície fria do espelho. Gostou do que viu, pegou na pasta, que sempre o acompanhava, e saiu da Residencial, sua casa desde que aos vinte anos

viera para a cidade trabalhar como contabilista. Sentiu a brisa ainda fresca das primeiras horas da manhã, eram seis e trinta, e deixou-se arrastar para o Café no fundo rua. Pediu um cimbalino em chávena quente, como gostava; tomou-o lentamente, saboreando-o. Passou os olhos pelo jornal. Depois de pagar voltou ao seu trajecto. Continuou a descer a rua em direcção ao rio. De quando em vez avistava-se por entre o granito do casario a luz doirada do rio. Só no verão, e a esta hora, o rio tinha esta cor doirada.

Chegado ao local tirou o ticket. Havia muita gente à sua frente. Pouco lhe importava. Sentia que o emprego seria seu. Tinha-se preparado durante anos para este momento. Sabia tudo acerca de pássaros. Remíges, rectrizes, bicos, olhos, patas, côres, sobretudo o tipo de voos de cada uma das espécies: as andorinhas, os pardais, os peneireiros, as rolas, os corvos, as águias. Sabia tudo sobre aves. Passara horas, dias, anos, a observá-las, a treinar-se para este dia.

A esta hora, do outro lado da cidade, no escritório, o Alves, seu ex-patrão até ao dia anterior, devia andar de um lado para o outro, furioso, cigarro atrás de impropério na boca “Onde raio se terá metido o cabrão do Rodrigues? Silvina ligue outra vez para a Residencial, talvez esse desgraçado tenha voltado...”, e ele ralado. Pouco lhe interessava o que podia pensar o Alves. Faltavam dez para a sua vez. Agora já faltava pouco. Mesmo assim, a excitação nocturna voltava a assaltá-lo. Suores frios, a boca seca, uma imensa necessidade de andar sem rumo, de calcorrear caminhos desconhecidos. Chegou o momento. Subiu os dez degraus, abotoou o casaco, com o indicador ajustou os óculos. Estava a um passo da liberdade com que sempre sonhara. Entrou. “Bom dia”, disse para uma secretária coalhada de dossiês, para dois telefones pousados nos respectivos descansos. Do outro lado só uma cadeira vazia. Ninguém. Ter-se-ia enganado no dia, no local. Pânico. Um autoclismo fez-se ouvir. A porta, em que não reparara abriu-se e um homem enorme, em mangas de camisa, encarou-o, abotoando a braguilha. “Que sabe fazer?”, inquiriu-o, mirando-o de alto a baixo. “Imito pássaros, qualquer espécie:

rolas, águias, pombos, corvos, todos os pássaros da Terra.” Uma ruidosa e desagradável gargalhada encheu a pequena sala. Os braços, num gesto largo, abarcaram o mundo. “Ó homem, nós temos domadores, acrobatas palhaços ricos e pobres, elefantes, leões, cães amestrados, tudo o que há de bom no mundo do espectáculo, e você diz-me que imita pássaros! Esta é uma grande empresa com nome até no estrangeiro, temos um nome a defender. Pássaros? Esta agora! O seu lugar não é aqui.” O Homem levantou-se vagaroso da cadeira, aproximou-se da janela aberta, olhou a montanha de banhas, virou-se, e, sem sequer responder, abanou as asas e saiu voando em direcção ao azul do céu.

22/12/04

A CIDADE NOM PODIA SER TOMADA DOUTRO JEITO

I

No sono do mundo,
o nom-eu molhado pola xerfa de estrelas.
A tua mao debuxando no meu corpo
Com umha folha de barbear.
Gradando na alma
em compassadas cadências.
Tronçando-me o peito
kochnianamente.
Lavrando linguagens antigas

nas lajes das minhas maos, liorna de orfo pias.
A treu,
poalham as bombas
sobre as agras do coraçom cartografado.
Ecoam dous tiros na Gram Via.
Pola bufarda aberta no corpo arrefecido
um upwelling de sangue fugidio,
desce,
lento e espesso pola encosta lastrada.
Na avenida dos franco-atiradores
só ficam
ela
e o silêncio.
A revoeira soerguendo um aquelarre de esperanças agostadas.
E ponho-me a chover báguas
sobre a cidade
atordoada e fumarenta.

II

Baixarei às antigas praias
reconquistadas ao mar derrotado.
Procurarei entre o malhante,
os sonhos primigénios,
entre anémonas, garrafas e corpos marinhos.
Imaginarei-te dormida
no colo do mar.
Eu,
ao teu pé,
escuitando-te ao respirar.
Observando-te
adicto às tuas palavras
e aos teus silêncios.
Deveço polo teu corpo de camoesa.
Deveço polos beijos que punhas nos meus lábios.
Há tanto já.

**(Nom chores menina
pola maré ausente.
Logo ha de vir
e beijará os teus pés enlamados).
Chantado no Cabo dos Fumeiros
achegarei torgas à lumieira acesa.
Apanharei ácios de bucho bravo
e farei um leito de fentos frescos.
Espreitarei a tua chegada
A cavalo das vagas,
à orça,
neste mar lóbrego e desacougante.
Neste orfo piornas labiríntico.**

* * *

ENCONTRO
entre um mundo em descomposição;
o sangue seco e enegrecido nas cabeças de dromedário,
o olho de peixe cristalizado,
a transfiguração da matéria;
e a composição sensitiva das especiarias
numha mistura recombinante e proporcional
de renúncia e afirmação.
O subtil da cor azul,
o controvertido da cor laranja.
Naquele mercado em Dar Beida
havia a cromaticidade violenta dum Bacon.

7 CANÇÕES

Para António e Carmo

I.

CANÇÃO PARA O CASAMENTO DO ENFETIÇADO

Vêm aqui escutar a música
os hinos fortes e tristes
que iluminam o temor
e as noites do espírito.

Vêm ouvir as melodias que
encantam os dedos, como cigarros
e fumo, envoltos numa
transitória, delicada dança.

Ouvir histórias que alimentem
armários vazios, rapsódias
para a felicidade das tumbas.

Porque esse é o destino da pele,
converter-se no palácio dos vermes
em breve.

Ao mesmo tempo, este, nosso momento,
de sombra e música, é único,
porque podemos
aprendemos como voar e cantar
e crescer altos e definitivos sobre o lume.

Vimos aqui bailar e aprender
uma nova voz cantada
que não ensina nada
que não dura
que morre e em cada gesto
permanece, sístole e
diástole do amor, metáfora
do entendimento.

Vimos aqui cantar a nossa morte
Cantar, após a morte, a nossa vida.

II.

**Dançar com os intérpretes
da melodia do mundo,
os que dão à luz um universo de encontros
e inauguram, intactos,
um Sol novo
e uma Lua nova,
dançarinos nas sombras.**

**Um barco de algazarras atravessa o perfil
e inicia a luz de um dia
a luz, a que plantou
as velhas oliveiras,
calcanhares surdos
da nossa promessa.**

**O meu lugar é aqui,
em toda a parte,
onde cantar,
e devotar-me a um exercício milagroso
de encantamento e penumbra.**

**Quem me dera voar na vertigem
das selvas da nossa própria carne
e vestir-me de negro e esmeraldas
arrumando a velocidade do corpo
para um universo novo de rum e especiarias
invisível através de ti.**

III.

**Escrever é deixar esses passos vazios,
riscar sobre o mapa do tempo os indícios
de um outro tempo que apaga tudo,
e sussurrar
o velho nome das
partes do corpo.**

**Escrever acendendo uma lâmpada
que ilumina os povos, dar esses passos
rumo a um outro tempo
que
queima
tudo.**

**Caminhar pela beira do frio
a cantar fardados de ódio,
beijar os acidentes do nosso mapa interior
e imaginar um outro tempo
em que ardeu tudo.**

**Escrever polos cantos da casa
polos corredores do mundo
inicial.**

**Lembrar, sementar, sofrer, empurrar,
escrever.**

IV.

**Estou sustido por nada
abatido do nada que fai
iniciando o labor maior
a pintura tenebrosa da palavra**

**Vestido do gesto no meu trono de nada,
com pombas,
em plena soberania apagada,
cantando sem abrir os olhos
cantando sem que nada meu seja
diferente da ausência que me canta**

**Assim rodeado de tudo
assentado na misericórdia da canção
que como uma faca meridional
atravessa o pulmão do Mundo.**

V.

**Estrelas em esquema pura conjugação
de versos animados altura
propícia
estrangeira a voz que me conduz
a estrutura do relâmpago
e os versos como rios pronunciados
cintilando pola cintura do presente**

**todas as sonatas têm um segredo
e os amantes loucos são
novos
intérpretes**

**No senhor da voz e do relâmpago
descanso os meus dedos para a revelação,
elefantes inconscientes
das
ciências acendidas,
procurando o fulgor
do último caminho.**

VI.

Rumo à voz dormida planetária
o poeta exultante sem parte nem amor
a canção desabitada.

Trilhos da terra sem voz.
No arquipélago da luz,
o sorriso
das pérolas

profundo.

VII.

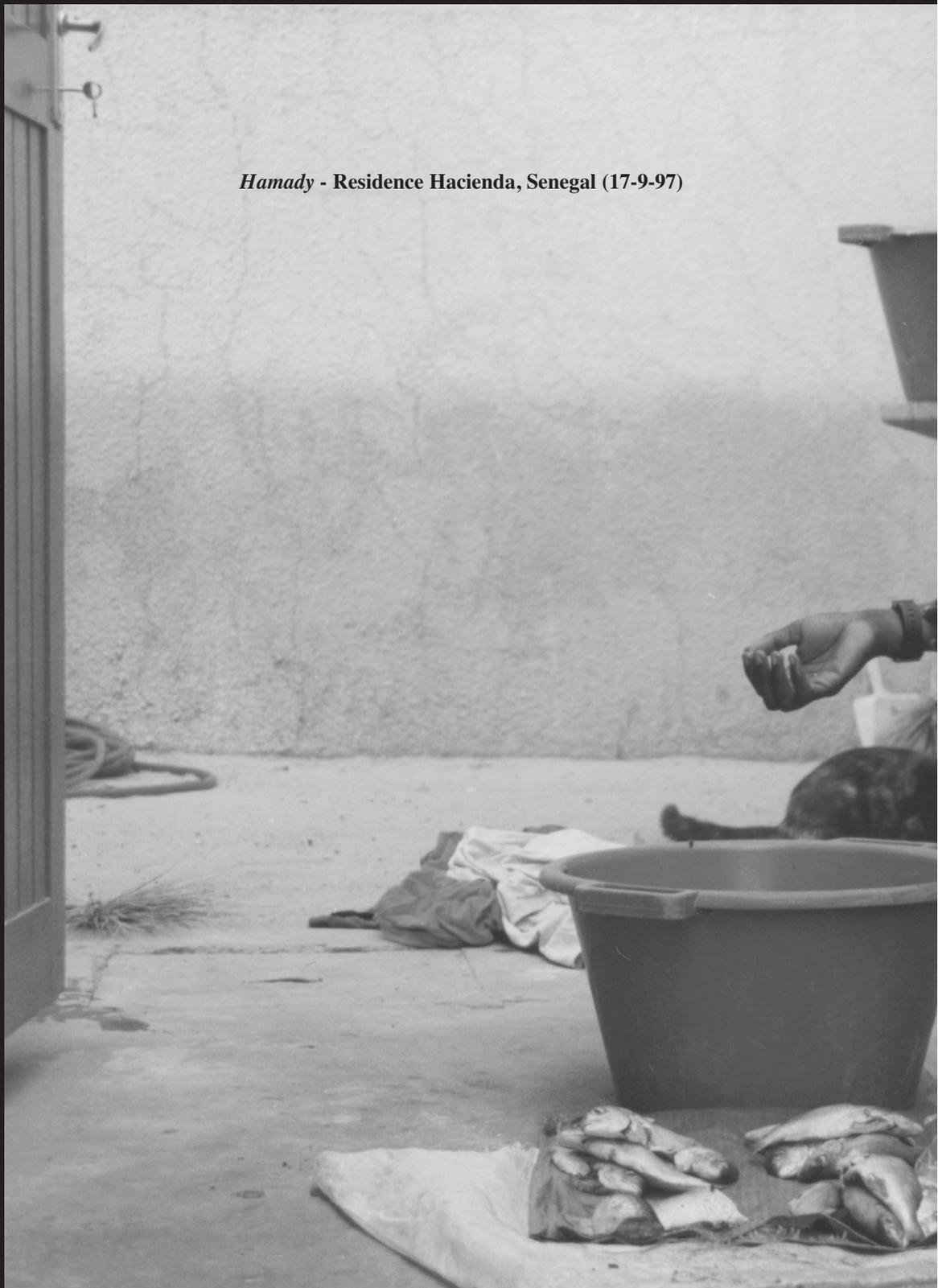
A guitarra empurra, coxa virtuosa
rãzinha dos lagos das artérias,
ó música de corda do coração.

Rua da lua exorbitada
no poço.

Nua,
as patas nas entranhas
captura a forma e a matéria
na sua boca estranha.

E nós dormindo,
sabendo quanto é ido,
dispomos de um arqueiro que inda pode
acender a voz.

Hamady - Residence Hacienda, Senegal (17-9-97)





n o t a s

Bar - Le Lac Rose, Senegal (14-9-97)



eston

A língua e a educação ambiental –breves palavras

Cristina Girão Vieira

“A terra diz: dá-me e eu dar-te-ei”

Prov. português

É frequente os professores de língua portuguesa perguntarem de que modo poderão incluir as temáticas que leccionam num projecto de educação ambiental. Nada mais fácil! Pois é na língua de Camões que os participantes no projecto vão fazer as pesquisas e se vão exprimir e apresentar os resultados! Com efeito, são várias as formas como a língua, reflexo do ambiente natural em que surgiu, pode e deve ser utilizada nas temáticas de ambiente.

É também com as palavras que introduzimos e esclarecemos conceitos essenciais a uma boa compreensão do ambiente. Com efeito, se perguntássemos a um grupo de cidadãos o que entendem por ambiente seriam múltiplas e variadas as definições que coligiríamos. É também frequente haver alguma confusão acerca do termo **natureza**, sendo considerado, erradamente, por alguns como sinónimo de **ambiente**. Todavia, o conceito de ambiente é mais englobante. Por isso, e por nos parecer importante clarificar esse conceito, aqui o apresentamos, tal como vem consagrado na Lei de Bases do Ambiente portuguesa:

“Ambiente - Conjunto de sistemas físicos, químicos, biológicos e suas relações, e dos factores económicos, sociais e culturais com efeitos directos ou indirectos, mediatos ou imediatos, sobre os seres vivos e a qualidade de vida do homem.”

Uma vez apresentado o conceito é fácil darmos razão aos especialistas da língua que nos ensinaram que a expressão “meio ambiente” é incorrecta, porquanto é um pleonasma. Para além

disso, esta expressão dá azo a trocadilhos como “É só meio ambiente? O que fizeram com a outra metade?” Por isso, brincadeiras à parte, falemos então de ambiente.

Como resultado da nossa incapacidade de apreender uma tão vasta realidade, convencionou-se dividir o ambiente em duas componentes: **meio natural** e **meio humano**.

O legislador português considera ainda que, o **meio natural** é “constituído pela terra, solo e subsolo, ar, águas continentais e marinhas, zonas ribeirinhas, plataforma continental, flora e fauna, espaços naturais continentais, submarinos e subterrâneos e, em geral, todos os elementos que compõem a Biosfera.” Como podemos constatar, aquilo que se entende normalmente por “Natureza” está englobado nesta definição de meio natural.

Por **meio humano** considera-se a “envolvente socio-cultural da humanidade, o património histórico-artístico e os estabelecimentos humanos, urbanos e rurais.”

Como se vê, não há como definir os conceitos para compreendermos que, na educação ambiental, se versam não apenas os assuntos da “natureza” mas também os culturais e sociais e as suas múltiplas inter-relações. Com efeito, em países como Portugal seria impossível compreendermos a nossa paisagem sem conhecermos as alterações que a nossa espécie lhe provocou.

Dizem alguns autores (e com razão) que o homem molda o território e este molda o homem. Basta pensar nos socalcos do Douro, onde as encostas foram trabalhadas à custa de braços e de trabalho árduo para sustar com muros de pedra o solo das encostas, diminuindo assim a erosão.

É ainda usando a língua e pesquisando os termos da toponímia que podemos conhecer o meio natural que, no passado, existiria em determinado local, bem como aspectos histórico-culturais. Assim, nomes como Teixeira, indicam locais onde existiam teixos, planta altamente venenosa, mas a partir da qual se pode obter o taxol que tem efeitos benéficos sobre vários tipos de cancro. Infelizmente, no nosso país já restam poucas destas belas árvores a partir das quais se faziam excelentes arcos, no tempo em que as armas eram as flechas.

Poderíamos encontrar muitos outros termos, como:

Troviscal e **Troviscoso** –de trovisco, provavelmente a planta *Daphne gnidium*, conhecida também como trovisco-fêmea e que é

autóctone do nosso país; **Sobreira e Sobreda** –de sobreiro, planta cuja cortiça é exportada por Portugal e que permite ao sobreiro resistir ao fogo ao proteger os tecidos vivos da planta; **Ericeira** –do latim *ericiu* que significa “ouriço”, devido aos ouriços-do-mar que enchem a praia; **Amieira** –de amieiro, planta ripícola, ou seja das margens dos rios. Infelizmente, têm sido destruídas as galerias ripícolas tão importantes para evitar a erosão das margens, para manter fresca a água dos rios permitindo assim que aquela tenha mais oxigénio, e que possibilitam recantos para que os peixes e outros animais nelas se abriguem. Para além disso, a vegetação da margem dos rios serve de corredor ecológico permitindo a dispersão e migração dos animais; **Olivais** –zonas de oliveiras, planta de grande simbolismo e que foi usada para coroar alguns jogadores nos Jogos Olímpicos, pois medrava nos solos gregos, pobres e desgastados pelo sobre-pastoreio; **Raposeira e Golphadeira** – locais onde existiam raposas; **Carvalheiras, Carvalhal** –de carvalho –*Quercus* spp– cujo género seria o mais representativo, em termos de plantas arbóreas, em Portugal continental. Note-se que o termo terá origem pré-romana; **Souto** –usado principalmente no norte do país e que poderá provir do lat. *salto* que significará “floresta espessa”, ou aglomerado de árvores fruteiras como castanheiros, espécie introduzida em Portugal, provavelmente pelos romanos. Hoje o termo “souto” é utilizado para designar um local plantado com castanheiros para obtenção de castanhas; **Junqueira** –de junco, denotando uma zona húmida; **Linhares** –de linho; **Ervedeira** –de medronheiro ou ervedeiro, planta que produz frutos comestíveis e cuja madeira é excelente para lenha; **Feteira** –zona com fetos; **Sanguinhal** –da planta sanguinho; **Murteira, Murtas e Murtosa**– de murta cujo nome latino provém do grego “*Myrtos*”, derivado de “*Myron*” que significa perfume, dado ser uma planta muito aromática, pelo que as noivas judias, no dia da sua boda, costumavam usar grinaldas de murta. Foi cultivada desde a Antiguidade nos jardins mediterrânicos, romanos e hispano-árabes, pela sua elegância como arbusto, pelo aroma que dela se desprende e pela beleza dos seus frutos. Estes são utilizados como condimentos de pratos, compotas e xaropes. Em alguns cultos religiosos queimava-se como o incenso, sendo usada hoje, em cosmética e perfumaria; **Zambujeira** –de zambujeiro ou oliveira brava, **Vale do Grou, V. de Lobos, V. da Ursa**– mostrando que o Urso pardo (*Ursus arctus*) apesar de ter sido uma espécie cinegética

ca relativamente abundante no nosso país, foi extinto em meados do séc. XVII ou talvez mesmo no séc. XV, visto que o último registo de um urso morto foi no Gerês e poderia tratar-se de um animal vindo de Espanha. D. Dinis (circa 1300) teve pelo menos um encontro com um urso, em Belmonte junto ao Guadiana que, segundo reza a história, matou à punhalada e que ficou registado em pedra no túmulo daquele rei que está no convento de Odivelas. Nos tempos de D. Afonso V (1438-1481) os ursos começaram a rarear e este rei, para evitar a sua extinção, decretou o pagamento de uma avultada quantia de dinheiro para quem ousasse matar um daqueles animais, infelizmente tal medida foi insuficiente e os ursos extinguiram-se no nosso país.

Como vemos, podemos começar um projecto de educação ambiental usando apenas os nomes das povoações. Outros topónimos como “Algarve” denunciam a natureza calcária daquela região, onde existem vários algares (cavidades que se desenvolvem, verticalmente e em profundidade), mas se pretende conhecer uma destas belas formas geológicas há que visitar o Algar do Pena no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, situado também numa zona calcária. Outros termos como Caldas (do latim *caldu* que significa “quente”) sugerem a existência de fontes de águas termais associadas a falhas geológicas, tal como sucede nas Caldas do Gerês. Para além dos aspectos naturais, nomes como Gafeira (local onde se aglomeravam os leprosos), Antas, Castro, Oleiros ou Moura dão-nos indícios acerca da ocupação humana das regiões e permitem-nos vislumbrar algo sobre a história das mesmas.

Mas não precisamos de obter um mapa do nosso país para vermos como a língua nos dá preciosas indicações sobre o ambiente. Os nossos próprios apelidos são disso um bom exemplo. Assim, não é por acaso que o apelido mais comum em Portugal era “Silva”. Este termo deriva do latim “silvi”, que significa “floresta”, denotando que o nosso país estava coberto, não de pinhais e eucaliptais como hoje encontramos, mas sim de florestas diversificadas onde predominavam os carvalhos.

Todavia, alguns acontecimentos históricos, como os **Descobrimentos** tiveram um grande impacto negativo, principalmente sobre a nossa flora, não só devido ao derrube de árvores (principalmente **carvalho-alvarinho** *Quercus robur*) para a

construção de naus como também devido à importação de espécies exóticas.

Assim, muitas (e demasiado rápidas e profundas) têm sido as alterações provocadas no ambiente pela nossa espécie, pelo que a toponímia e os apelidos já pouco parecem dizer acerca do que hoje existe nos vários locais.

Com efeito, têm sido muitos os habitats destruídos e as espécies extintas. Apesar da extinção ser algo natural no processo evolutivo, actualmente, devido às actividades humanas, as espécies e os ecossistemas estão hoje mais ameaçados do que em qualquer outro período histórico. Na Europa, estima-se que **o ritmo de extinção das espécies poderá ser hoje mil a 10 mil vezes superior à taxa natural** (Paiva, 1998). Tal facto prende-se com a destruição de habitats, por vezes como resultado da expansão das áreas urbanas e das vias de transporte, especialmente rodoviário que, para além de os destruírem, os fragmentam impedindo, p. ex. que diferentes populações de animais se encontrem e se cruzem.

A destruição de habitats é sem dúvida o grande problema que afecta a biodiversidade (na Europa perderam-se mais de 50% das zonas húmidas) seguido pela sobre-exploração de recursos e introdução de espécies exóticas e invasoras. Uma “nova” e grande ameaça são as alterações climáticas que poderão, em termos mundiais e segundo alguns autores, conduzir à extinção de uma em cada 3 espécies.

Talvez seja interessante lembrar que, no velho continente, cerca de 42% dos mamíferos estão ameaçados, bem como 15% das aves e 45% das borboletas e répteis (in *Environment for Europeans*, nº 16, Maio 2004, p. 3). Mamíferos como o lince-ibérico (que é o felino mais ameaçado do mundo), a raposa do ártico, os esquilos nativos, os golfinhos, as focas e as baleias são apenas alguns exemplos de animais que correm sérios perigos.

Apesar de todo o progresso científico ainda não sabemos quantas espécies existem na Terra. Calcula-se que sejam cerca de **5 a 100 milhões de espécies**, mas destas apenas estão identificadas cerca de 1,8 milhões. Os grupos **melhor investigados são os vertebrados e as plantas com flor**, mas organismos como p. ex. os fungos, as bactérias e os líquenes são ainda pouco estudados. De igual modo, há habitats melhor investigados do que outros, p. ex. os recifes de coral, as profundidades oceânicas e os solos tropicais necessitam

de estudos mais completos. Ainda recentemente, cientistas portugueses descobriram uma nova espécie de animal marinho nas fontes hidrotermais ao largo dos Açores.

Mas, já que falamos de biodiversidade e para que não haja equívocos, convém definirmos o que é.

Biodiversidade – (in Decreto n.º 21/93, de 21 de Junho, que ratifica a Convenção da Biodiversidade) “variabilidade entre os organismos vivos de todas as origens, incluindo, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte; compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas.” Note-se que a biodiversidade engloba também a diversidade genética e alélica, pelo que a diminuição do efectivo das populações para níveis drásticos pode fazer com que, apesar de não se perderem espécies, se perca diversidade genética e isso pode colocar em risco a capacidade evolutiva e de adaptação da espécie.

Para além de causarem problemas ambientais, as extinções têm consequências no desenvolvimento económico e social. Isto porque a espécie humana depende da diversidade biológica para a sua própria sobrevivência, dado que pelo **menos 40% da economia mundial e 80% das necessidades dos povos dependem dos recursos biológicos.**

Segundo o boletim *Environment for Europeans*, de Maio de 2004, os ecossistemas naturais fornecem bens no valor de **26 triliões de euros por ano**, duas vezes o valor da riqueza produzida pelo homem.

A título de exemplo, refira-se que cerca de 2 mil *taxa* de plantas medicinais e aromáticas são comercializados dos quais 2/3 são nativos da Europa. Estima-se que 90% são colectados na natureza. Apesar das plantas serem raras no meio natural, o seu cultivo é todavia mais dispendioso do que a colheita na natureza. Na UE as plantas medicinais e aromáticas são cultivadas numa área estimada de 70 mil ha, compreendendo 130-140 espécies.

Segundo a TRAFFIC Internacional (1996, 1998) numa década a Europa ocidental multiplicou por 2 o uso de plantas medicinais. Assim, a colecta na natureza é particularmente importante na Albânia, Bulgária, Turquia, Hungria e Espanha. Note-se que os colectores são principalmente habitantes de zonas rurais, frequen-

temente mulheres e crianças, para as quais esta actividade é uma fonte suplementar de rendimento.

Todavia, é necessária mais informação para assegurar que o uso das plantas medicinais e de outras é sustentável. Com efeito, há claros sinais de sobre-exploração em algumas zonas da Europa. Note-se que associada a essa riqueza biológica está um conhecimento rico e único das comunidades humanas que usam as plantas selvagens e que é também importante preservar. Convém não esquecer a história da aspirina: durante séculos os índios norte-americanos mastigavam a casca do salgueiro-branco (*Salix alba*) para terem alívio para as dores. Em 1827, em França, um cientista isolou uma substância química da casca do salgueiro a que chamou salicina. Graças a esta descoberta produz-se hoje industrialmente o ácido acetilsalicílico, vulgarmente conhecido como aspirina.

Estima-se que de 250.000 espécies de plantas apenas 2% tenham sido estudadas com vista à descoberta de produtos químicos com uso medicinal. Atendendo a que, diariamente, são destruídos os habitats das espécies nativas perdem-se muitas plantas e animais que poderiam ter interesse para a medicina. Lá diz o povo e voltamos à língua e, desta vez, aos ditados populares “Deus dá o mal e a mézinha.” e “Deus criou uma erva para cada doença”, basta pois tentarmos descobrir qual foi!

Para além disso, quanto mais rica é a diversidade biológica, maior é a oportunidade para **descobertas** não só no âmbito da medicina mas também da alimentação e, no geral, do desenvolvimento económico. É também maior é a hipótese de serem encontradas respostas às alterações ambientais. Por isso, manter a diversidade é, não uma moda ou mania, mas uma questão de sobrevivência!

Para mantermos essa biodiversidade e assegurarmos um desenvolvimento sustentável é necessário investir em vários campos, tais como na investigação, na legislação (criando normas legislativas que permitam o seu uso regrado), na fiscalização dessa mesma legislação (caso contrário, esta será quase inútil) e na educação ambiental, se pretendemos que os cidadãos tenham os comportamentos necessários a um uso adequado da Biosfera.

Também neste último campo são as palavras que nos ajudam, uma vez mais, quando pretendemos iniciar uma actividade ou projecto de educação ambiental/conservação da natureza. Com

efeito, devemos começar por determinar quais os conhecimentos, comportamentos e atitudes que os participantes têm antes do nosso projecto se realizar, caso contrário não poderemos proceder a uma verdadeira avaliação final. Para além disso, devemos determinar quais as **percepções** que os participantes têm acerca do ambiente ou do tema em estudo. Com efeito, se acerca destes os participantes utilizarem palavras com conotação negativa (ex. mau, poluído, sujo, perigoso, triste...), há que realizar um maior esforço no sentido de alterar essas concepções subjacentes, pois ninguém colabora na defesa de algo que, para si, é negativo ou ameaçador.

Para se saber quais as “ideias feitas” que as pessoas têm, ou se faz um questionário muito bem elaborado ou será melhor não as interrogar directamente. Isto porque há sempre tendência para responderem usando o “socialmente” correcto ou as definições decoradas na escola. Com efeito, é frequente os alunos dizerem que “ambiente é tudo o que nos rodeia”. Porém, quando falamos com eles um pouco mais, descobrimos que, pelo menos para alguns, ambiente é igual a poluição, enquanto para outros é igual a natureza, o que não é verdade.

Uma das formas muito simples (e que por isso deve ser associada a outras técnicas) para se saber quais são as verdadeiras percepções que as pessoas têm acerca do Ambiente e da Natureza é desafiando-os a fazerem um poema “modernista”, sem rima e sem métrica. As regras são muito fáceis. A principal é que o poeta tem de ser sincero e usar os seus sentimentos, mais até do que a razão.

Aqui ficam as instruções:

Glosando o ambiente

(adaptado de Morales & Varela, 1992)

- 1º verso – a palavra **ambiente**.
- 2º – 2 palavras que **descrevam** o ambiente.
- 3º – 3 palavras exprimindo o que **sentem** pelo ambiente.
- 4º – 4 palavras indicando **para que serve** o ambiente ou que funções tem.
- 5º – uma palavra que, **para o poeta**, signifique **o mesmo que** ambiente (mesmo que seja algo subjectivo).

Esta actividade pode ser feita no início e no fim de outras, de modo a se determinar se houve ou não alteração das percepções acerca do ambiente.

Um inquérito realizado na Austrália demonstrou que a maioria dos estudantes vê o ambiente como um local. Porém, os que o vêem como uma relação (natural-social) aderem mais facilmente a acções com vista à resolução de problemas ambientais. Por isso, há que construir esta visão relacional do ambiente.

É um pouco esta visão integradora e até dinâmica e de causa-consequência que podemos encontrar nalguns ditados populares, tais como “Quando bebes a água, pensa na nascente”, “As pessoas admiram o carvalho, mas quem pensa na bolota que o fez nascer?”

Curiosamente, são também os ditados que nos dizem que a experiência e a vivência é essencial para que se apreendam não só os conhecimentos mas a vontade de participar na defesa do ambiente. Assim, “para saber não basta ler, é preciso viver e ver”, algo que a investigação em EA nos diz ser essencial, pois os estudos mostram que não é por as pessoas terem mais informação acerca do ambiente e problemas a ele associados que o protegem. Lá diz o povo que “Instrução não é educação”.

Na verdade, é essencial experienciá-lo, vivê-lo, pois as pessoas que têm um contacto mais directo com o meio natural e que conseguem ter experiências em áreas mais naturais (tais como as Áreas Protegidas) têm mais vontade de participar na sua defesa.

Do mesmo modo, ao falarmos de processos naturais é importante mostrar exemplos *in loco*, pois “aquilo que o olho não vê, o coração não crê”. Portanto, ao falarmos de erosão ou de caça ilegal, não há como ver os regos provocados pela água em solos despidos de vegetação ou mostrar armadilhas montadas por caçadores furtivos e que colocam em perigo não só espécies, por vezes protegidas, mas também a vida de trabalhadores rurais e de viajantes.

Podemos também usar os adágios populares para introduzir temáticas como as da precipitação oculta. Assim, nalgumas zonas, como sucede em áreas desérticas, pode até não chover, mas os nevoeiros podem trazer água que se condensa nas folhas ou até na parte exterior (a que os entomólogos chamam de exoesqueleto) do corpo dos insectos e assim ficar alguma água disponível para os seres vivos. Por isso, não é em vão que se diz que “Quem se acolhe debaixo de folha, duas vezes se molha.”

Já referimos que a defesa do ambiente e a sua utilização sábia é uma questão de sobrevivência da espécie humana. Um provérbio índio refere que “a rã não esvazia o charco onde vive”, pelo que sendo a Terra a nossa casa (o nosso “charco”) é suicídio continuar-mos a destruí-la como temos feito.

Cada vez com maior frequência, assistimos a cheias e deslizamentos de terras, mas raramente associamos esses desastres às alterações climáticas e à destruição das florestas. Esquecemo-nos do ditado “não utilizes o machado na árvore que te protegeu da tempestade” e destruimos as florestas ou não as gerimos de modo a que os incêndios não as devastem. Depois queixamo-nos que os solos das encostas começam a perder a produtividade e deslizam na altura das chuvas e que os rios estão assoreados e turvos...

Diz o povo (no qual me incluo) que “quem come tudo num dia no outro assobia”. Portanto, se esgotarmos os solos com plantações não adequadas e com práticas agrícolas desajustadas, e destruir-mos solos com boa aptidão agrícola construindo sobre eles edifícios, rodovias e outras infra-estruturas arriscamo-nos a passar o futuro com fome e assobiando (se tivermos forças para tal).

Mas, como dizem os orientais, “falar da bondade não serve de nada. O que é necessário é pô-la em prática.”. Poderíamos substituir a “bondade” por “ambiente” e concluiríamos que, nos últimos anos, muito se tem falado de temas ambientais, mas os problemas parecem agravar-se. Por isso, apesar da língua ser importante para a Educação ambiental, mais importante ainda é a Acção, é agirmos, é termos comportamentos correctos e concretos que permitam melhorar o ambiente.

Lamentavelmente, a maioria das pessoas considera que a defesa do ambiente é da responsabilidade dos outros, pois eles não se consideram culpados pelos problemas ambientais. Todavia, essa é uma forma de enterrarem a cabeça na areia, algo que nem as avestruzes fazem (estas não enterram a cabeça, apenas encostam o ouvido ao solo para assim escutarem melhor).

Diz o meu povo “Muda-te a ti próprio e o mundo mudará” sinal que se queremos um mundo com menos problemas ambientais, com um melhor e mais justo uso dos recursos será necessário questionarmos e mudarmos o nosso comportamento. Com efeito, fazer-mos actividades apenas de sensibilização, visitarmos áreas protegidas ou lermos acerca do ambiente não chega. É necessário agir-

mos conscientemente para que a Terra possa continuar a manter a sua riqueza biológica.

Se pensarmos um pouco, há imensas coisas que podemos fazer e que até nos podem fazer poupar dinheiro. Cada vez que recusamos um saco de plástico estamos a poupar petróleo e energia. Considerando que o petróleo vem do estrangeiro, ao poupá-lo estamos a contribuir para diminuir o deficit externo, melhorando assim a nossa economia. Ao colocarmos os materiais para reciclar nos ecopontos o resultado será o mesmo, pois cumpriremos as metas estabelecidas pela UE, pouparemos água, energia e recursos, tais como árvores e petróleo. Por isso, quem clama contra os problemas dos eucaliptos deve poupar papel, utilizar as folhas dos dois lados, preferir o papel reciclado e colocar o papel usado no ecoponto. Este Natal tenho uma sugestão para si: reutilize as folhas de papel de embrulho ou embrulhe as prendas apenas com uma fita e escreva algo como “Os velhos amigos contribuem para um bom ambiente”. Lembre-se que ao poupar folhas de papel (já reparou que se chamam “folhas”?) está a poupar árvores e a evitar que mais áreas sejam ocupadas por eucaliptos que tantos problemas causam no nosso país aos solos e à biodiversidade.

Um dos ditados populares que mais aprecio é “Quem não poupa água nem lenha não poupa nada que tenha”. Na verdade, proponho uma actualização (afinal, a sociedade evolui!) para “Quem não poupa água e energia não poupa nada com sabedoria!”. Sendo a água essencial à vida, torna-se necessário poupá-la e evitar que a sua qualidade se degrade. Se pretende poupar água, instale fluxómetros em vez de autoclismos ou se não o puder fazer coloque pelo menos uma garrafa de litro e meio cheia e tapada no depósito do autoclismo. Assim, gastará menos água, mas terá a mesma pressão.

Também a poupança de energia e a substituição dos combustíveis fósseis por fontes de energia renováveis permite que se diminua a emissão de gases com efeito de estufa (que estão na base das alterações climáticas) e de outros poluentes. A utilização de lâmpadas económicas, o desligar os aparelhos eléctricos desnecessários (tal como desligar a televisão quando ninguém está a olhar para ela) em vez de os deixar em “Stand by” (perdoem-me o estrangeirismo), comprar frigoríficos e aparelhos de alta eficiência energética (parecem mais caros, mas ao fim de pouco tempo saem

mais baratos atendendo a que poupam electricidade e divisas devido ao petróleo, e em doenças respiratórias devido à diminuição da emissão de poluentes).

É curioso que, por vezes, chamam à energia solar e eólica “novas energias”, mas esquecem-se que elas são usadas pelo homem há muito mais tempo do que o carvão ou o petróleo que, por sua vez, são também resultado da existência de seres vivos que viveram há milhões de anos.

Mas pode também contribuir para manter a biodiversidade ao não comprar animais e plantas de outros países. Muitos são obtidos através do tráfico ilegal de espécies e pode estar a contribuir para a sua extinção nos habitats naturais. Os animais não gostam de viver fechados (imagine-se a viver num espaço do tamanho da sua casa de banho sem qualquer contacto com outros seres humanos. Gostaria?) seja em gaiolas, seja em jardins zoológicos ou parques marinhos.

Para além disso, não traga animais e plantas das suas viagens. A introdução de espécies é um perigo real para a biodiversidade, pois algumas podem tornar-se invasoras (caso do chorão, das acácias, da erva-das-pampas ou penachos, do jacinto-de-água, do lagostim-vermelho-da-Lousiana...) e contribuir para a extinção de espécies autóctones (espécies naturais de determinada zona ou país). Com efeito, a UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza) considera que a prevenção na introdução de espécies invasoras “é a maneira mais barata, e a solução preferível e à qual deve ser dada a máxima prioridade”. Lá diz o povo: “É mais fácil não semear a bolota, do que arrancar um carvalho.”

Para os que continuam a pensar que não há razões para preocupações e que a Natureza tem uma capacidade infinita de recuperação, façamos um pequeno exercício usando novamente a língua materna.

Escreva um pequeno texto sobre ambiente ou ecossistemas, por exemplo:

"O Ambiente é tudo o que nos rodeia. Como fazemos todos parte do Ambiente, todos devemos cuidar dele, evitando desequilíbrios, tais como a poluição, a destruição dos recursos naturais e a extinção de espécies."

Agora, tente construir uma nova frase com o mesmo significado usando o mesmo número de letras que aparecem no texto acima. O texto deverá versar o mesmo tema e ter nexos, não sendo permitido "inventar" palavras (apesar do Português ser uma língua viva).

Esta actividade pode ser uma forma ligeira de iniciar os participantes de um projecto de educação ambiental no estudo da complexidade dos ecossistemas e nas interligações entre os seus componentes (nas frases há, por exemplo, sujeitos, predicados, complementos directos, indirectos, tendo cada um a sua função e o seu lugar), podendo ser bastante útil para a compreensão de que o ambiente e os ecossistemas são constituídos por formas vivas e não vivas, mas que estas não estão misturadas ao acaso. Nos ecossistemas há vários elementos distintos e cada um deles desempenha um papel: há produtores, herbívoros, predadores, decompositores, necrófagos, há fauna e flora...

Esta é mais uma forma de associar o estudo da língua às questões ambientais. Na verdade, é extremamente difícil, senão impossível, construir um texto diferente com as mesmas letras e com o mesmo sentido. Há sempre algumas letras que aparecem mais ou menos vezes do que no original.

Assim, ao destruímos um ecossistema ou ao degradarmos o ambiente, as formas vivas, que iremos encontrar após a recuperação (que poderá ser mais ou menos longa), serão diferentes, senão em espécies pelo menos em estrutura (simbolizadas pelas mesmas letras, mas em número diferente do original) mesmo que haja um esforço humano para a sua recuperação (simbolizado pelo esforço mental dos jogadores).

Uma frase não é um amontoado de palavras e cada uma destas, apesar de poder ser parecida com outras, tem o seu significado particular e a sua importância. De igual modo, cada ecossistema não é um amontoado de factores bióticos (os seres vivos) e abióticos (água, luz, solo...). Ele apresenta uma estrutura complexa que somos incapazes de compreender na íntegra e de reproduzir. Por isso, não devemos nunca destruí-los. Convém não esquecer que podemos viver sem energia eléctrica, sem gás, até sem casas luxuosas, mas não conseguiremos nunca viver sem plantas (quem produz o oxigénio e o papel onde está escrito este artigo??) ou sem animais.

Voltando uma vez mais à língua, foi um poeta –Sebastião da Gama– que levantou a voz em defesa da Serra da Arrábida. Pois

que se levantem os poetas e que se use a língua para que todos saibam e não esqueçam que a defesa do ambiente é tarefa de todos e não pode esperar!

Porque é urgente passarmos das palavras aos actos, esperamos que este pequeno artigo leve o leitor a agir, no dia-a-dia, mais conscientemente acerca das suas responsabilidades face ao seu/nosso ambiente.

Bibliografia

- BOGNER, F. (1998) – The influence of short-term outdoor ecology education on long-term variables of environmental perspective, *The Journal of Environmental Education* vol. 29, nº 4, 17-29.
- DETTMANN-EASLER, D. e PEASE, J. (1999) - Evaluating the Effectiveness of Residential education programs in Fostering positive attitudes toward wildlife, *The Journal of Environmental Education*, vol. 31, nº 1, 33-39.
- MORALES, J. e VARELA, I. (1992) – *Actividades de Educación Ambiental* . 1ª ed., Valladolid, Junta de Castilla y León. 31p.
- PAIVA, J. (1998) – *A crise ambiental, apocalipse ou advento de uma nova idade I*, 1ª ed., Lisboa, Liga dos Amigos de Conímbriga, C. Form. Prof. de Conímbriga, 36 p.
- PALMBERG, I. e KURU, J. (2000) – Outdoor activities as a basis for environmental responsibility, *The Journal of Environmental Education*, Vol. 31, nº 4, 32-36.
- ZELEGNY, L. (1999) - Educational interventions that improve environmental behaviors: a meta-analysis. *The Journal of Environmental Education*, vol. 31, nº 1, 5-14.

Da Perda do Talento à Cultura dos Genéricos (*)

Manuel Rivero

“Quando num povo morre um velho, desaparece um magnífico zoólogo, um excelente botânico e um fantástico conservacionista do meio”

A capacidade de conhecer a flora, a fauna e a de estabelecer relações adequadas com o meio é um dos talentos com que conta a natureza humana, à qual podemos denominar inteligência naturalista ou da natureza. Uma das formas de diagnosticar o estado de saúde desse talento é perguntar as pessoas pelo nome das ervas, dos pássaros, das frutas e dos diferentes espaços das terras de labor, de campos, touças e do comunal onde eles habitam. Isso foi o que se fez neste trabalho de investigação: o trabalho de campo realizou-se durante a segunda metade do ano 2003 e a primeira do ano 2004, em três freguesias da Baixa Límia: O Banho, Santa Comba e Santa Cristina; e numa da marinha luguesa: Sam Miguel de Reinante.

O trabalho de contraste realizou-se em quatro aldeias: Ganceiros em Lóvios, Prado em Lalim, Cabanelas em Návía de Suarna e Porreira em Aviom.

Perguntou-se a cento e sete pessoas de diferente idade e sexo por esta ordem: “diga-me nomes de ervas, de pássaros, de frutas e de espaços do lugar que você conheça”.

Para nos enviesarmos a informação, tomamos nota pela ordem em que nos iam enumerando as diferentes espécies e espaços do lugar. Ao mesmo tempo, analisamos a importância da enumeração na estrutura do discurso aquando a sua interpretação.

Ao findarmos o trabalho, ordenámos as respostas por faixas de idade e fizemos quatro grupos:

(*) Texto da conferência proferida em dia 23 de Outubro de 2004 em Vilar de Santos, no quadro das "Jornadas sobre Património de Tradição Oral", que organizou essa Câmara Municipal. Foi distribuído em formato pdf no Portal Galego da Língua, www.agal-gz.org

De quarenta ou mais anos até noventa e cinco, que é a idade da mais idosa das pessoas entrevistadas: encontramos uma informação uniforme quer em quantidade quer em qualidade e significado da mesma.

Estas pessoas conhecem:

- De 20 a 25 nomes de pássaros
- De 35 a 42 nomes de ervas
- De 9 a 11 castas de maçás
- De 7 ou 8 nomes de peras
- Entre 80 ou 90 nomes de espaços do lugar.

E, quando falamos de conhecerem, é de saberem para que servem, quando vem, quando se vam, em que me ajuda, como se interrelacionam.

De trinta para quarenta anos:

Dependendo dos lugares encontramos pessoas de trinta e três anos que nos forneciam mais dados que uma de trinta e sete anos, apareciam certos dentes de serra, que se compensavam ao analisarem-se num intervalo mais alargado.

Descobrimos que se perde informação e, ao mesmo tempo, aparece un aviso negativo, que se vai confirmar no intervalo seguinte. Assim:

- Pássaros, ficam abaixo de vinte com muita frequência
- Ervas, nom chegam a trinta a maior parte das vezes
- Peras, apenas cinco
- Maçás, com frequência abaixo de sete
- Espaços do lugar, encontramos uma ligeira perda.

Verificamos que o suporte da faixa anterior faz de resistência a este intervalo que tem muitas dificuldades para superá-lo. A informação que se perde é mais de quantidade que de qualidade.

O que sim apreciamos é uma sensível variação negativa na sua enumeração em todos os pontos perguntados.

De vinte para trinta anos acontece o mesmo que na faixa anterior, os altos e baixos compensam-se ao serem analisados com a uniformidade do intervalo completo. Comprovamos que se perde quantidade, qualidade e significado informativo. Confirma a tendencia anterior e acentua a pendente negativa da mesma. Assim:

- pássaros identificam, mas nom conhecem em profundidade, entre 7 e 10, começam a incorporar espécies foráneas como o "periquito", o "colibri" e a "paloma" em várias ocasiões.
- ervas identificam, como máximo, dez ou doze, a maioria das vezes ficam abaixo das dez espécies identificadas.
- maçás diferenciam entre duas ou três, e incorporam com muita frequência a "golden" que é foránea.
- peras com muita dificuldade identificam uma, mas a mor parte das vezes ja as chamam peras.

Para os espaços do lugar por volta de metade, ou menos, nom seguem o esquema de proximidade que utilizam as duas faixas anteriores.

O efeito divisor e a perda de significado, bem como a dimensom quantitativa/qualitativa, é tam evidente como preocupante neste intervalo de idade.

De 20 para abaixo podemos fazer também algum subgrupo, mas, para a nossa investigação, chega com a tendência que se vem marcando desde os quarenta anos. Continua a perder-se, de forma acentuada, quantidade e qualidade informativa e de conhecimento de todo o que os rodeia. Ratifica a tendência anterior de forma mais acusada, quebra o suporte e a queda parece levar indícios de ser livre, assim:

- pássaros, identificam dous, três, quatro , ou, como muito, cinco
- ervas, de três a seis espécies diferentes
- maçás e peras, nom identifican nenhuma
- nomes de espaço do lugar, entre sete e dez.

Esta investigação confirma-nos o que estávamos a recear: está-se a perder talento. Mostra-nos a descapitalização progressiva do património cultural, intelectual e lingüístico do meio rural.

Comprovamos que o processo de empobrecimento é tam intenso, que difícilmente vai ter remédio e mostra-se de forma diáfana em cada uma das análises das variáveis lingüísticas, sociológicas, psicológicas, culturais, económicas ou mesmo sociais:

a) Lingüísticas: a palavra é um dos meios mais adequados para transmitir conhecimentos, ritos, costumes, mitos, crenças, normas e valores da comunidade. Ao ir-se perdendo este vocabulário, produz-se:

–uma perda de capital quer qualitativo quer quantitativo; o que som e para que servem as cousas, as quais perdem o seu significado: nom é o mesmo identificar uma maçá camoesa polo seu nome que polo genérico de maçá.

–um distanciamento entre os membros de mais idade de uma comunidade com os de menor idade da mesma. Essa distância lingüística é cada vez mais intensa, o que faz com que cada dia os vá situando em zonas de preocupação diferente. Estám-se a substituir as pontes da socialização e da coesom comunitárias polos muros do distanciamento entre as diferentes faixas etárias da populaçom.

b) Sociológicas: Ao analisarmos este fenómeno desde o plano da sociologia, descobrimos a evoluçom que se foi dando, passando do positivo para o negativo, das fortalezas para as fraquezas e das oportunidades para as ameaças. Assim temos o seguinte ciclo evolutivo:

–Dependência: coloca-nos na etapa em que a vida da aldeia dependia do meio, e o cuidado deste, que permitia a alimentaçom e o desenvolvimento dos diferentes ecossistemas de vida. As coortes máis novas nom precisam desses recursos, daí o escasso interesse que mostram quando se lhe fazem as perguntas no inquérito.

–Interdependências: essa relaçom de intercâmbio contribuía para um estado de comunhom do homem com seu contorno, descobrindo o benefício mutuo que lhes garante. Essa forte inter-relaçom, fez que afloressem as relações de consenso, mimo e cuidado do meio.

–Oportunidades, as pessoas mais idosas viram no seu meio, e nos seus pássaros, frutas e ervas, muitas oportunidades, estas afloram de forma nítida na medida que no-las nomeiam: começam sempre polas mais medicinais quando falam das ervas, as mais saborosas quando o fazem das frutas, os mais vistosos, cantores ou coloristas quando nos falam dos seus pássaros.

–Têm a cabeça estruturada em positivo, as suas crenças determinam essa atitude positiva e de beneficios

–Fortalezas: essas ervas, frutas, espaços ou pássaros faziam parte das alavancas que potenciavam a suas fortalezas, eram meios que estavam aí para tornar a vida mais lúdica e fácil, com o curar das suas doenças, matar a sua fome ou alegrar o seu espírito.

–Indepêndecias: a separaçom progressiva que se vai dando a partir de vinte e cinco anos para abaixo, leva a ver-se de forma independente. Botaram a andar un caminho sem retorno e em direcçom oposta, e como

muito toleram-se, se é que nom se obstruem. Neste momento as sinergias vam cada uma por seu lado.

–Indiferenças: dado a que cada vez se precisam menos, nom se interessam, nem se admiram ou respeitam, e a indiferença é tal que nom se conhecem polo seu nome. Para identificá-los chega-lhes com dizerem que é “um pássaro “, “uma erva” ou está “no monte”, sem poderem especificar que pássaro é, de que erva se trata ou o nome do monte onde está.

–Ameaças: o que nas camadas superiores de idade eram oportunidades, faz apenas quarenta anos, agora tornam-se ameaças: quando nos falam das ervas, a mor parte das vezes, reconhecem a urtiga em primeiro lugar, o qual nos dá a entender que nom se deve ao seu efeito medicinal, antes bem ao prurido que deixa quando se tocam.

–Debilidades: Enumerar uma ou duas espécies de trinta ou quarenta que os rodeiam, pode-se considerar uma pobre colheita.

c) económicas: som de destacar:

–correlaçom positiva: esta vai a par da idade, a mais idade maior apreço, valorizaçom, memória, visom positiva, conhecimento e influência. O que fizer o homem terá de ser no medio, e o que se passar no meio vai influir no homem. Por exemplo, se houve uma má colheita de fruta isso envolvia fame para esse ano.

–correlaçom negativa: inverte a tendência anterior, a menor idade menos tem a ver, isto é, menos se interessam e se influem. O que se passa no meio da aldeia já nom tem de ver na vida do homem, que mesmo parece que está habitá-lo de forma circunstancial ou de passagem.

Representada num eixo de coordenadas, ao cruzar as variáveis idade com número de espécies conhecidas, aparece um "sino de Gauss", no qual som identificadas a zona útil das coortes de mais idade, e a zona parasita das de menor idade, que passa a acentuar-se de forma intensa na medida que nos aproximamos aos membros mais novos da comunidade. Adopta a forma de curva negativa decrescente, sendo mais marcada de vinte anos para abaixo. Quer dizer-se, a maior idade maior conhecimento dos elementos perguntados; e a menor idade mais desconhecimento e escassa ou nula valorizaçom dos mesmos.

d) psicológicas, cada vez é menos o tempo que dedicam a cuidar, observar, escutar, saborear ou pensar nas suas ervas, fruta, espaços e pás-

saros. Esta dinâmica faz que se empobreça o seu conhecimento e, ao ocupar cada vez menos espaço na sua mente para armazenar esse saber, isto resulta em que falhem as ideias criativas, o apreço, carinho, utilidade ou proveito, que, apesar de nom serem necessárias desde o plano económico, continuam a ser uma fonte de riqueza desde a dimensom psicológica, sociológica e social.

e) sociais, este traballo de investigación, foi-nos levando por:

- o cume da notoriedade, quando os protagonistas foram as pessoas de entre quarenta a noventa e cinco anos, o conhecimento, apreço e utilidade é fundamental, as relações som de cuidado polo benefício mútuo que contribuem.
- na meseta de interesse relativo, ou etapa de transição, quando nos encontramos com as camadas intermedias de trinta a quarenta anos.
- o vale da indiferença actual, quando falamos das coortes de vinte anos para abaixo.

Essa situação, falando em terminologia médica, leva a estabelecermos um **diagnóstico**, no qual:

Estamos perante a ponta do grande icebergue, cuja tendência é um processo sem retorno é um desconhecimento por parte do homem de todo o que o rodeia. Há uma separação e um distanciamento progressivo do homem com o seu meio, sem se identificarem, amarem-se e mesmo precisarem-se.

Começa um período de viver de costas voltadas para as suas ervas, as suas frutas, os seus pássaros e os nomes dos diferentes espaços, tanto comunais como privados, os quais nom faz muito tempo, eram amados, apreciados e cuidados polas pessoas hoje mais idosas.

Estám num tempo de indiferença, de anestesia e de esquecimento, até porque:

–as ervas boas, por fortuna, nom as precisam para curar as suas doenças, pois hoje podem acudir à medicina moderna que é mais eficaz, tanto curativa quanto preventivamente.

–as ervas más nom criam preocupações, porque mal se semeia ou cultiva, e entom já nom incordiam.

–os pássaros, nem polo seu canto, nem pola sua beleza, presença ou ausência criam um estado de interesse.

–as frutas, já nom as cuidam, nem as necessitam. Nom se aprecia a diferença de sabor ou arrecendo do próprio face ao alheio.

–os espaços perderam significado, quase nem se utilizam ou se percorrem.

Prognóstico

Perante estes dados, além de descobrir a tendência negativa, nom é difícil predizer que o capital acumulado e conservado polos nossos antepassados está a ser dilapidado num espaço muito curto de tempo, pois estamos a falar de menos de trinta anos, no qual:

–os nosos pássaros já nom vam ser identificados como gaios, pegas, melros, poupas ou cucos. O seu canto, colorido ou tamanho nom se vai ter em conta na altura de identificá-los, e serám uns vulgares “**pássaros**” OU OBJECTOS VOADORES, talvez já de aqui a pouco tempo;

–as nossas ervas deixaram de ser malvelas, milhás, trigás ou leitarugas, e nom se terá em conta o seu tamanho, flor ou espaço onde estão acomodadas, para serem reconhecidas por um algo tam ambíguo como o de “**ervas**”, OU ESSAS COUSAS VERDES;

–o nome dos espaços perdem a identidade, e serám nomeados pola função ou utilidade que tiverem de: “**campo, monte, terra, horta ou touça**”;

–as peras e maçás, serám frutas, sem se diferenciar, a forma, cor, sabor ou arrecendo, se som temperás ou serôdias, e para identificá-las vai chegar com “**frutas**”.

Estas novas gerações nom vam poder transmitir aos seus filhos algo tam enriquecedor, apreciado e útil, com o que conviveram e se interrelacionaram num ecossistema común, no qual cada um tinha o seu protagonismo, o seu tempo, o seu modo e sua utilidade, como as ervas, os pássaros, as frutas e nomes de espaços onde se criavam.

Este tipo de comportamento, irremediavelmente conduz para a cultura da pobreza e da ignorância que nom é outra que a dos “**genéricos**” de pássaros, ervas, frutas e lugares.

Terapia

É difícil encontrar uma medicina para restaurar este desvio que há tempo que começou a fraguar-se e que se materializou nestes últimos anos. Esta actuaçom tem de vir por várias vias:

–passar da visom superficial ou indiferente da actualidade e aprofundar nos dados que nos ministram, associá-los e ver a informação que nos proporcionam, descobrir o conhecimento que encerram até chegar a desfrutar desta sabedoria que de forma "grátis" está ao nosso alcance.

–descobrir o alto valor qualitativo desse património acumulado ao longo do tempo polo que é e o que significa.

–dar a conhecer e potenciar esse recurso natural.

–recuperar a capacidade de assombro ao deter-se a contemplar os seus tamanhos, formas, cores e matizes.

–querer esse capital que de forma grátis conservaram e puseram ao nosso alcance os nossos antepassados.

–reparar em que a modernidade nom está rifada com a tradição, e que antigo nom é sinónimo de rançoso e obsoleto, antes a tradição a maioria das vezes é talento e, claro, sabedoria.

–também é necessário que as pessoas que gozam deste conhecimento, se interessem por transmiti-lo, crer no seu valor e esforçar-se por socializar as novas gerações no interesse polo mesmo.

–a escola tem de estar compromissa, e deve de interessar-se por este saber, e ministrá-lo como matéria.

–a administração nom pode ser alheia a este deterioramento, e deve de pôr meios para paliar a desídia actual.

–redescobrir de novo o seu valor e a riqueza da sua diversidade.

–é necessário catalogar de forma urgente todas esas ervas, pássaros, frutas e nomes dos espaços, dado que de aqui a muito poucos anos nom vamos ter quem nos informe das mesmas.

O ritual da vida actual, faz que nom se precise:

–da sinfonia de sons dos nossos pássaros.

–da paleta de cores das nossas plantas, flores e ervas

–dos matizes e contrastes das nossas florestas

–nem da pluralidade de arrecendos e sabores das nossas frutas

Temos de reparar que estamos a perder sabedoria dia a dia, e disso todos somos culpados. Nom podemos prescindir da inteligência naturalista que tinham os nossos pais e avôs, autênticos mestres da botânica, da zoologia e das relações com o meio.

Anexos

Estes pássaros som os que mais se repetem no intervalo de quarenta anos em adiante:

Ferreirinho	Codorniz (= paspalhás)
Escrevedeira	Estorninho
Navinheira	Cuco
Andorinha	Cegonha
Figo-rodrigo	Gaio
Azuleira	Melro
Laverca	Rola
Lavandeira	Pombo
Pardal	Perdiz
Cariça	Moucho
Pisco	Gaviám
Poupa (= bubela)	Pega
Pito-rei	Corvo

Ervas:

Valeriana	Portuguesa
"Manzanilla brava"	Trigá
"Manzanilla blanca"	Arnica
Alecrim (= romeu)	Miltraste
Ruda	Fieito
Paletária	Fenta-trevo
Erva-luísia	Coantrilho
Hortelá	Cardo
Tantage	Estraloque
Ceruda	Estofos
Menta	Crista-de-galo
Milhá	Agriom
Crista	Moruja
Saincho	Papoula
Trepadeira	Madruinha
Erva-do-rato	Língua-de-ovelha
Gramma	Joage
Couselos	Malva
Leitaruga	Malvela
Labresto	Murgo
Molar	Urtiga

Maçás:

Trigás	Da arriga
Camoesas	Repinaldos
Rechinas	Reinetas
Coiro-de-sapo	Tabardilha
Do Inverno Brancas	

Peras:

Verdeais	Pé-de-pombo
Santiago	Do Inverno
Urracas	Peros
Manteca Baguín	

Na coorte de trinta a quarenta anos o suporte do intervalo de quarenta em adiante fai-lhe de resitência, detecta-se perda sensível e aparece um aviso de que algo falha, este aviso vai-se a confirmar no intervalo de vinte a trinta anos, onde se acelera esta perda, tanto na classificação de pássaros, ervas, frutas e nome dos espaços com que conta a aldeia.

Com frequência dá-se a incorporaçom de elementos foráneos como próprios, tal é o caso dos:

- Piriqitos, "palomas", beija-flor (= colibri) e canários em pássaros
- limoneras e conferência quanto às peras
- golden, no tocante as maçás

Ao subtrairmos estas incorporaçoms, a perda é mais forte. De todas as formas, já nos encontramos com um pobre resultado ao comprovar que o efeito divisor aparece de forma nítida.

Pássaros, nomeian entre sete e dez espécies diferentes; os que aparecem com mais frequência som:

Corvo	Codorniz
Melro	Pardal
Andorinha	"Paloma"
Periquito	beija-flor (= colibri)
Canário Pega	

Ervas:

Urtiga	Fieito
Miltrastes	Erva-luísia
Trevo	Moruja

Maçãs:

Golden
Reineta

Trigás
Do Inverno

Peras: nesta rubrica incorporam as foráneas, limonera ou conferência, e as do lugar já as identificam com muita freqüência com o nome genérico de peras. Estes pobres resultados acentuam-se na coorte que vem a seguir, que é o intervalo até os vinte anos, onde a enumeração fica quase na metade.

Pássaros:

Corvo
Canário

Pardal

Ervas:

Urtiga

Miltrastes

No referente às frutas, identificam-nas com o genérico de peras ou de maçãs, e no seu discurso nom aparecem referenciadas polo seu nome próprio.

Bibliografia

- BERGER, P. 1991. *La construcción social de la realidad*. Amorrortu Editores. Buenos Aires.
- GARCÍA, M. 1985. *Socioestadística*. Alianza Editorial. Madrid.
- GARCÍA, M. 1986. *El análisis de la realidad social*. Alianza Univesidad. Madrid.
- GEERTZ, C. 1998. *El surgimiento de la antropología posmoderna*. Gedisa. Barcelona.
- MATEO, M.J. 1987. *Estadística em investigación social*. Paraninfo. Madrid.
- VELASCO, H. 1997. *La lógica de la investigación etnográfica*. Editorial Trotta. Valladolid.

Confronto do Galego e do Português através da Língua Medieval

Miguel Afonso Linhares

(UFC)

A Espanha mostra desde o nascimento das suas nacionalidades quatro feições bem marcadas, espelhadas por exemplo no escudo do Estado, que é composto pelas armas dos reinos de Castela, Leão, Aragão e Navarra. É, pois, indispensável, antes de fazer uma análise diacrônica duma língua, informar-se da sua formação cultural, histórica e política. Neste caso, tal estudo nos levará somente até aos primeiros séculos de vida, onde nos deteremos.

Nos manuais de Filologia e de História, discorre-se amiúde sobre a conquista de Roma e o triunfo do latim fixando-se nas repartições administrativas mais altas, as províncias. Quanto à nossa língua, é preciso dizer portanto que a região onde se desenvolveu foi a derradeira que os romanos tomaram, assim que teve uma romanização tardia a Gallaecia et Asturica, que pertenceu no momento da conquista à Hispania Ulterior, mas passou logo à Prouincia Tarraconensis.

Esta linha de pesquisa e reflexão pode ser produtiva, como no que diz respeito aos movimentos que levaram a civilização dos Césares ao meio dos galecos e dos ástures, que partiram, segundo os especialistas, desde a Baetica através da Lusitania, e, considerando que os testemunhos apontam que Hispalis era quase uma segunda Roma, o feito histórico serve para esclarecer por que o galego e o português se apresentam diante dos demais romances peninsulares tão conservadores nalguns traços. Mas, apesar da demonstração, cremos que, ao tratar dum sistema lingüístico da Península em particular, seria mais vantajoso ter em conta a divisão menor e de justiça, os conventos. Assim, da Hispania Citerior Noua (o nome com que Caracala criou em 216 da era cristã a província da Gallaecia et Asturica) faziam parte os conventos de Lucus (Lugo), Iria Flauia (Santiago de Compostela), Bracara (Braga) e Asturica (Astorga). Os limites deste último explicam a existência de dialetos leoneses dentro do Estado português, já que Miranda do Douro e os demais povoados de língua leonesa pertenciam ao Conuentus Asturicensis. Doutro lado, o filólogo Ricardo Carballo Calero pergunta-se se alguns fenômenos dialetais do

galego teriam origem nas povoações pré-romanas dos conventos de Lucus, talvez habitado pelos ástures (autóctones da Península?), e de Iria Flauia, talvez habitado pelos galecos (lígyres assimilados por celtas?). Nós, a nosso turno, questionamo-nos se o romance do convento e posterior diocese de Bracara já possuía cedo um uso maior de certas tendências que apartam hoje os falares das duas margens do Minho. Além disso, é tentador pensar num substrato ligúrico para o galego, se damos uma olhada no atual dialeto genovês, encontraremos *a ciave* [a.ltʃa|ve], *l'avenn-a* [la.lveŋa], *o xeuo* [u.lʒo|u], semelhantes demais a *a chave*, *a avêa* (arc.), *o vdo*.

Dos tempos das invasões germânicas há pouco de que falar, pelo menos à língua, pois na política e na economia é justo atribuir à ordem estabelecida pelos visigodos as bases sobre as quais surgiram os estados nacionais e o regime senhorial. No entanto, antes de que este povo se apoderasse de toda a Península, respectivamente como mercenários entre as legiões, delegados do Império e, a partir de 586, reis da Hispania, o Noroeste foi ocupado durante pouco mais dum século por outra estirpe teutônica, os suevos.

Os hispanienses, além de seguirem falando a sua língua romana rústica, continuaram governando-se pelo direito romano e crendo na Igreja de Roma. Os godos não só tinham uma língua, uma cultura e uma religião diferentes (professaram o arianismo até 589), mas nem sequer se permitia o casamento entre eles e os hispano-romanos, uma proibição que já estava contida entre as leis dos vencidos. Portanto, pode-se dizer com segurança que não há quase nenhum influxo do gótico sobre as estruturas dos romances peninsulares, pois aconteceu precisamente o contrário, cercados por uma cultura mais desenvolvida, os vencedores foram esquecendo de geração em geração a sua própria língua, adotando as instituições dos subjugados (daí sai o *Codex Alaricianus*, convertido mais tarde no Foro Julgo) e fundindo-se à população hispânica.

Se nos inteiramos de que no começo do século XVIII houve contendas dentro da monarquia visigótica e que um dos bandos fez pleito com os berberes recém islamizados, parecer-nos-á incoerente crer que os muçulmanos atravessaram em arrastão as Colunas de Hércules. Não achamos razoável que uma doma tão presta tivesse topado com uma forte resistência. A nobreza gótica, quebrantada, procurou abrigo detrás dos montes asturianos, e, depois de se terem estabilizado em Leão, voltaram a reclamar o Império, o que fomentou em todos os cristãos um sentimento de comunidade, uma unidade moral que, junto aos interesses dos caudilhos muladitas, provocou rebeldia nos moçárabes do Emirado e a perseguição na época do Califado. O mito de Santiago Mata-mouros veio

a enriquecer o conteúdo religioso da Reconquista. Aqui nos aproximamos do ponto que nos atrai, o feito de que após estes séculos escuros, quando os romances gestavam dentro do latim, as primeiras manifestações literárias do reino de Leão não se deram em asturo-leonês, e sim em galego, pois a Galiza tinha mais vida cultural, havia uma população maior, vários portos e Compostela crescia enquanto destino de romaria.

Sob o arcebispo Gelmires, Santiago chegou a ser o terceiro santuário da Cristandade. Ele foi contemporâneo do rei Afonso VI de Leão, de Castela e da Galiza (o seu pai, Fernando Magno, o primeiro rei de Castela, herdara Leão em 1038) que, ao que nos parece, não lhe restou ou não teve filho varão, casando D. Urraca, a herdeira do trono, com Raimundo de Borgonha, a quem fez conde da Galiza, cujo território chegava cerca de 1095 até a pouco além do Mondego. Por esta data, o soberano leonês, que já assinava *regnante... in Toletis et Legionis, Castellam, Galletiam et Portugalem*, doa todas as terras galegas a sul do Minho a Henrique (primo de Raimundo), marido da sua filha bastarda, D. Teresa.

Dum lado, subiu ao trono o primogênito do Casal da Galiza, Afonso VII. Porém, devido à menoridade, a regência coube durante bastantes anos à odiosa rainha-mãe. Doutra lado, Afonso Henriques, herdeiro do Condado de Portugal, deveria continuar prestando vassalagem a Leão, mas desde cedo (1139) se intitula *rex portugalensis*, feito a que é determinante a inimizade e o ódio de D. Teresa, pois se D. Afonso não era considerado conde, a mãe exigira sempre dos súditos o título de rainha. Nos fidalgos portugueses forjou-se um sentimento anticastelhanista, e a independência foi lograda e reconhecida depois de o novo monarca aceitar Afonso VII como imperador da Espanha, uma designação honorífica, por certo. Enfim, percebemos que Portugal foi na origem um pedaço da Galiza, assim também devemos ver o português no princípio como um galego fronteiriço.

Esta língua primeva há de provar, com a ajuda da Dialetoлогия, que não tem fundamento tomar do ponto de vista estrutural as expressões das duas bandas do Minho como sistemas lingüísticos independentes desde o século XV, quando começam séculos escuros para o galego. Vários filólogos portugueses e brasileiros, inclusos José Leite de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto, insistem em falar mais da Lusitania que da Gallaecia. Ora, parece-nos inconcebível crer que o português guarda algo de lusitano. Se algum substrato influenciou nos traços do português sulista, tal influxo se deu pela aljama que se falava aí, e que, a julgar pelos testemunhos, não comungava com o galego no que tem de mais próprio (por exemplos, a queda do /n/ e do /l/ intervocálicos). Hemos de entender, pois, que o elo não se quebrou, ainda que os desti-

nos se tenham distanciado, o galego mantido preso à terra, rompida a sua tradição literária, manchado o seu prestígio; o português levado pelos mares, engrandecido por gênios imortais, estatizado. Mas a recuperação do galego desde o seu Rexurdimento é notável, e decerto já é hora de todos os galego-falantes de além e aquém Minho, de além e aquém mar restaurarmos a consciência de comunidade.

O fundo ideológico está, pois, fixado, pelo que partamos para a análise, obedecendo a hierarquia da estrutura da língua, passando da fonologia à morfologia, permeando o vocabulário, confrontando-a com as variantes modernas do galego e do português.

Seria bastante proveitoso encetar discorrendo um pouco sobre dois pontos polêmicos do sistema vocálico, a nasalização e a neutralização. O primeiro considera-se comumente geral na língua antiga, e o segundo, praticamente ausente, tanto por pesquisadores do lado português como por aqueles que dizem investigar o galego, e servem atualmente de componentes iniciais para uma defesa da separação dos dois co-dialetos, fazendo uso do termo de Leite de Vasconcelos.

Quanto à nasalização, empregando uma teoria para as vogais francesas, pode-se dizer que, após o período pré-românico, o fonema nasal trávante tomou uma realização velar, posteriormente nasalizou e enfim se fundiu à vogal. Não acreditamos porém que este fosse um resultado geral na língua antiga, contrapondo-nos ainda à opinião de Pilar Vázquez Cuesta de que o galego moderno sofreu uma desnasalização, já que apresenta tão-somente a velarização. Tal processo teria feito com que desaparecessem /'ɛ/ e /'ɔ/ etimológicos, que não se submetiam à metáfora nestes tempos, como veio a acontecer ao português, *genro* ['e]), *bom* ['o]). No entanto, a professora madrilena mesma assinala que em galego não se perdem os ditos fonemas, *tempo* ['eɲ], *ponte* ['ɔɲ]. Soma-se a isto o fato de que o dialeto de Ancares (comarca da província de Leão) possui vogais nasais. Postos juntos todos os argumentos, tendemos então a julgar que havia um [ɛ̃] e um [ɔ̃], mas podemos ir além e reconhecer que as duas formas, nasalização e velarização, sempre conviveram na estrutura superficial do sistema, assim que grafias medievais como *lãa*, *cẽa*, *lũa* (e também *certão*, *varões*) representam uma nasalidade livre igual àquela que se observa hoje no galego *umha* [uɲa] e no brasileiro dialetal *ũa*.

Sobre a neutralização, nos textos arcaicos os casos são pontuais. Um testemunho melhor oferece a Dialectologia. Supõe-se que o processo se iniciou pelo século XVI, restrito a fim de palavra, é o que indicam os falares brasileiros, onde se neutralizam apenas as vogais finais (*minino* e *gurdura* são exemplos de harmonização). O fenômeno vai enfraquecen-

do-se aqui em direção ao Sul. No Nordeste registra-se [-I], [-e], [-u]; em São Paulo, [-i], [-a], [-u]; no Rio Grande do Sul, [-i]/[-e], [-a], [-o]/[-u]. Portanto, a hodierna realização do sistema vocálico átono da maioria dos dialetos portugueses continentais ocorre a partir do século XVIII, mas é interessante notar que também há ocorrências em galego dentro de certos contextos, *v'rilhas*, *c'reija*, *C'runha* (*andurinha* e *muinho* parecem análogos ao brasileiro). Ademais, é costume ouvir dos espanhóis que os galegos fazem soar os *oo* em fim de palavra semelhante ao *u*.

Certamente, não será mister dizer que o [ə] ou [ɪ] paragógicos que se ouvem das bocas dos portugueses em vocábulos terminados em /r/ e /l/ estão ainda mais presentes na Galiza, *mulher[e]*, *fácil[e]*, *pai[e]*, *coraçom[e]*.

Outro rasgo menos discutido, a metafoia, comprovadamente se dá tanto em galego como em português, embora esteja muito mais estendida pelo segundo, mormente sobre os nomes, pelo que, distancia-se mais da língua das cantigas, que, a julgar pelos estudos da rima, desconhecia tal mutação, mantendo até ante *wau*, *éu*, *Déus*, *méu*, *judéu*, *perdéu*, o timbre aberto que herdara do latim vulgar, tão bem conservado pelas variantes central e oriental do galego, mas exposto ao dito fenômeno na região costeira desde as Marinhas da Corunha, passando além do Minho para cobrir todo o domínio do português, salvo talvez a raia transmontana. Ao arcaísmo “lucense”, *medo* [ʼɛ] e *medos* [ʼɛ], *novo* [ʼɔ] e *nova* [ʼɔ], *el* [ʼe] e *ela* [ʼe], *forno* [o] e *fornos* [o], opõe-se o mediato “iriense”, *medo* [ɪɛ] e *medos* [ɪɛ], *novo* [ɪɔ] e *nova* [ɪɔ], *il* e *ela* [ɪɛ], *forno* [o] e *fornos* [o]. Percebe-se que a metafoia galego-portuguesa é originalmente condicionada pelo /a/ final, evoluída e ampliada pela inovação “bracarense” que se deixou influir também pelo /-o/, criando até plurais analógicos para os casos de /e/ mutante e outros vocábulos que nunca experimentaram mutação no singular, como testificam os mesmos exemplos, *medo* [e] e *medos* [e], *novo* [o] e *nova* [ɔ], *ele* [e] e *ela* [ɛ], *forno* [o] e *fornos* [ɔ]. Por outro lado, é arcaizante a pronúncia dos comparativos, *menôr*, *maiôr*, *piôr*, *melhôr*.

No que se refere à metafoia verbal, o galego guarda o timbre etimológico na primeira conjugação, mas converge com o português na segunda e na terceira (exceto no imperativo, que soa fechado), embora o /n/ travante não impeça a abertura, *vendes* [ɛɲ], *vende* [ɛɲ], *vendem* [ɛɲ], e tenda a igualar por analogia a vogal temática do último grupo, *sirves*, *sirve*, *sirvem*.

Os derradeiros processos fonéticos relacionados às vogais a serem tratados são a crase e a ditongação sofridas por hiatos da língua medieval que, a sua vez, procedem da elisão de consoantes intervocálicas do latim vulgar. Os resultados são variados, mas a crase é comum, *maa* > *má*, *lêe* > *lê*, *riir* > *rir*, *coor* > *cor*, *têer* > *ter*, *vüir* > *vir*, *sõo* > *som*, *üu* > *um*. Quando o segundo

componente do hiato se trata dum [o], a Real Academia Galega não recomenda que se assilabize, entanto as pronúncias *feu* e *feio*, *céu* e *céio*, *irmau* são habituais, e, com este último exemplo, vê-se que na Galiza, pelo menos a leste, se perde mais fortemente a nasalidade, *cea* > *cea* e *ceia*, *bõa* > *boa*, *lúa* > *lua*, e além *mão* > *mao* e *mau*, *corações* > *coraçois*. O quadro da nasalidade em fim de palavra é porém mais complexo e ficará exposto adiante.

No tocante às consoantes, parece-nos conveniente que se comece a falar das sibilantes, que para Luís F. Lindley Cintra podem constituir a base duma nova classificação dos dialetos galego-portugueses. As diferenças diatópicas se fundam pois num menor ou num maior apego ao sistema arcaico, que conservou puramente o que recebeu do latim. Assim, distinguem-se cuidadosamente *c^{e,i}* (e *ç*) e *s* (e *ss*), *z* e *-s-*, *ch*, *x* e *g^{e,i}* (e *j*). Nas cantigas *fez*, *vez*, *sandez* nunca rimam com *medês*, *mês*, *três*, tampouco havia homofonia entre *cervo* e *servo*. Acontece que *c^{e,i}* e *z* soavam africados, /*ts*/ e /*dz*/, ao passo que *s* tinha um valor ápico-alveolar, um tanto retroflexo, /*β*/. No galego central e no oriental esse /*ts*/ de *paço* converteu-se em /*θ*/, *paço* [paθo], e nos dialetos portugueses setentrionais simplificou-se, [lpasʊ], conservando portanto a distinção fonêmica com *passo*, que segue com a ápico-alveolar em ambos. Ao contrário, nos dialetos portugueses meridionais e nos brasileiros houve uma uniformização, diferindo apenas as surdas e as sonoras, *paço* [s] e *passo* [s], *cozer* [z] e *coser* [z], *caça* [s] e *casa* [z]. O galego ocidental foi mais longe, perdendo as sonoras que permaneceram no norte de Portugal e sobreviveram como surdas no centro e no leste da Galiza (*cozer* [z] e [θ], diferente de *coser* [z] e [ʃ]), anulando deste modo todas as distinções a favor dum só fonema pré-dorso-alveolar. Resta-nos enfim as sibilantes palatais, que apresentam dois processos uniformizantes diversos, intermediados pelos dialetos portugueses setentrionais. Dum lado, o galego ensurdece /*ʒ*/, fazendo soarem igual *queijo* e *queixo*, mas continua com /*tʃ*/, *chave*. Doutro, os dialetos portugueses centro-meridionais e os brasileiros mantêm a sonoridade, mas perdem o carácter africado de /*tʃ*/. Não parece necessário esclarecer que sesseios ápico-alveolares e parciais ou a presença dum fenômeno nuns termos e a ausência noutros se dão naturalmente em zonas de transição.

Em relação às demais consoantes, há que dizer somente que o galego e o português setentrional carecem de /*v*/ lábio-dental, e tem até casos dobres o brasileiro (*bassoura* e *vassoura*, *assobio* e *assovio*), cujo testemunho nos demonstra que é posterior ao século XVI a fricatização das oclusivas sonoras, gal. *chúvia* e port. set. *chuíva* [β], gal. *perdom* [ð], gal. e port. eur. *vesgo* [b]. Observa-se que o galego assim como o português nortenho têm

ainda o ditongo arcaico /uj/, *truita*, *escuitar*. No galego atlântico e normativo preza-se mais a variante com abaixamento da vogal, *loita*, *moito* (confronte este derradeiro com *mãe*, que em galego se diz *mai* ou *nai*, sem a assimilação nasal própria do português).

Depois, dois rasgos exclusivamente galegos, ambos próprios da área mais ocidental, chamam-nos a atenção. O primeiro é a monotongação de /wa/ após as velares /k/ e /g/ em começo de palavras patrimoniais, *catro*, *cando*, *garda*, *corenta*, *coresma*. Estes dois últimos se conhecem também na língua popular de Portugal e do Brasil. O segundo fenómeno trata-se da “gheada”, que consiste na realização aspirada do fonema /g/, com matizes que vão duma glotal sonora a uma fricativa velar surda, [x]. A “gheada” não conta com nenhum prestígio, pelo que surgem mesmo ultracorreções ao falar castelhano, como *paga* e *rogo*, por *paja* (“palha”) e *rojo* (“vermelho”).

Antes de partirmos para a morfologia, resta uma dívida, expor os resultados antigos e modernos das consoantes nasais mediais do latim. Diante da multiplicidade, vemo-nos obrigados a fazê-lo através da montagem dum quadro. A variação corrobora a nossa crença de que a nasalização nunca foi geral em galego-português, muito menos uniforme.

latim vulgar	gal.-port. antigo	português padrão	galego oriental	galego central	galego ocidental
-ana	<i>lãa</i>	<i>lã</i> ¹	<i>lá</i>	<i>lá</i>	<i>lam</i>
-anas	<i>lãas</i>	<i>lãs</i>	<i>lás</i>	<i>lás</i>	<i>lans</i>
-ane	<i>pam</i>	<i>pão</i>	<i>pam</i>	<i>pam</i>	<i>pam</i>
-anes	<i>pães</i>	<i>pães</i>	<i>pais</i>	<i>pás</i>	<i>pans</i>
-anu	<i>mão</i>	<i>mão</i>	<i>mao/mau</i>	<i>mao/mau</i>	<i>mam</i>
-anos	<i>mãos</i>	<i>mãos</i>	<i>maos/maus</i>	<i>maos/maus</i>	<i>mans</i>
-inu	<i>caminho</i>	<i>caminho</i>	<i>camim</i> ²	<i>caminho</i>	<i>caminho</i>
-inos	<i>caminhos</i>	<i>caminhos</i>	<i>camios</i>	<i>caminhos</i>	<i>caminhos</i>
-one	<i>cançom</i>	<i>canção</i> ³	<i>cançom</i>	<i>cançom</i>	<i>cançom</i>
-ones	<i>canções</i>	<i>canções</i>	<i>cançois</i>	<i>cançôs</i>	<i>cançons</i>
-anu	<i>órfão</i>	<i>órfão</i> ⁴	<i>orfo</i>	<i>orfo</i>	<i>orfo</i>
-ine	<i>homem</i>	<i>homem</i>	<i>home</i>	<i>home</i>	<i>home</i>

(1) Registra lão no Minho e Douro Litoral, ou seja, um seguimento da zona galega de o *irmám* e a *irmám*.

(2) No Nordeste do Brasil também se ouvem *camim* e *camios*, e assim como no dialeto de Ancares, *gaía*.

(3) Encontra-se *canção*, [kã.ʎsõw], no Baixo Minho, Baixo Douro e parte da Beira, e até mesmo *pão* e *mão*, o que pode constituir um estágio anterior aos ditongos padrão. No Brasil, não será exagero conceber a forma coloquial *num*, que serve de primeiro marcador da negação (p. ex. *Num sei não*), como resíduo do antigo *nom*, já que o conectivo *com* se realiza como [ku] num registro mais livre.

(4) A desnasalização é comum na fala popular de Portugal e Brasil, aqui mormente no Nordeste *Cristovo e a muié* (mulher) *fizero* a promessa à *Virge Maria*.

As formas normativas galegas são *la, las, pan, pans, man, mans, camiño, camiños, canción, cancións, orfo, home*. O iode em *canción* (e também em *diferencia, espacio, Galicia*) não passa dum castelhanismo consagrado. No poema que deu origem ao hino da Galiza, Eduardo Pondal escreveu *Os tempos son chegados / dos bardos das idades / que a vosas vaguedades / cumprido fin terán; / pois donde quer, xigante / a nosa voz pregoa / a redenzón da boa / nazón de Breogán*. Percebeu-se já que a norma de que se faz uso neste texto é a proposta pela Associação Galega da Língua (AGAL).

Os plurais das palavras acabadas em /l/ formam-se em analogia com aquelas em /n/. De leste a oeste aparecem *animais, animás e animals*, permeadas pelo castelhanizado *animales*. Neste caso, a formação em {-is} é a mais recomendável numa linguagem mais culta.

O artigo não apresenta grandes divergências além do fato de que no atual galego literário também se funde à preposição *com* nas formas *co* (e *cos; coa, coas*) e *cum* (e *cuns; cumha, cumhas*), que se encontram em português nalguns registro poéticos. Vale ressaltar que do Nordeste do Brasil conhecemos as formas [kūw] (e [kūws]; [kūv], [kūvs]) e [kū˘] (e [kūʃs]; [kūʃv], [kūʃs]). Além disso, em galego tanto os artigos quanto os pronomes átonos de complemento direto continuam na forma antiga após um verbo que termina em /r/ ou /s/, assimilando estas consoantes, mas sendo assimilado após /n/, por exemplo, *Quere-lo ou nom o (nom-no) queres? Quando aprenderás a fazer o (fazê-lo) debuxo?* O caso dos pronomes junto aos verbos é aceito pelo português padrão, mas todos se acham vivos na linguagem coloquial de Portugal.

Com relação aos demais pronomes, persistem em galego diferenças entre o acusativo e o dativo na segunda pessoa do singular. Em princípio, havia *mi* (< *mī* < *mihī*), para a primeira, *ti* (< *tī* < *tibi*) e *che*, que nasceu do cruzamento de *ti* e *o* (*ti-o* > *cho* > *che*). Desde cedo, há uma certa preferência da parte dos escritores galegos por *che* e da dos portugueses por *ti*, que, junto a *mi*, acabaram deslocados pelos outros átonos *me* e *te*, que assumiram as duas funções. A forma *che* sobreviveu contudo em galego, e parece ter-se estendido para a morfologia verbal, vindo a constituir a desinência da segunda pessoa do pretérito perfeito, sing. *falache* ou *falaches*, plur. *falaches* ou *faláchedes*⁵. Aliás, neste tempo verbal acha-se uma das diferenças mais antigas entre o galego e o português, os pretéritos fortes, pois do latim saíram duas construções. Numa, a primeira pessoa

(5) Em realidade, há algo obscuro detrás destas flexões, pois no sertão do Nordeste do Brasil aparecem [kēltasi], [dīltesi], [puldési] por *cantaste, disseste e pudeste*, que suscitam curiosidade. Teriam alguma ligação com as formas galegas?

do singular (que leva um morfema {-i} nos registros mais velhos, convivendo com {-e} durante o resto do Medieval) difere da terceira por força da metafonia, *fiz* e *fez*, *pude* e *pôde*, *pus* e *pôs*, *tive* e *teve*. Nalguns casos, entretanto, a alternância metafônica mostrou-se impossível, *coube* e *coube*, *disse* e *disse*, *houve* e *houve*, *quis* e *quis*, *soube* e *soube*, *trouxe* e *trouxe*. Noutra, evita-se a confusão criando uma desinência {-o} para a terceira pessoa, *fige* e *figo*, *puide* e *puido*, *puge* e *pujo*, *tive* e *tivo*, *coube* e *coubo*, *dixe* e *dixo*, *houve* e *houvo*, *quige* e *quijo*, *soube* e *soubo*, *trouxe* e *trouxo*. Percebe-se que a palatalização e a metafonia surgidas na primeira pessoa passam a todas as demais. Ademais, a oposição {-e} e {-o} é reforçada hoje pelo acréscimo à primeira duma nasal travante, que está presente também nos pretéritos regulares, *temim*, *fugim*, *figem*, *coubem* (e *falêim*, no dialeto oriental), e, como nos referimos ao dativo, o galego e o português mostram cedo escolhas próprias. Na *Demanda do Santo Graal* quase não se faz uso do tipo com {-o}, ao contrário aparecem amiúde na *Crônica Troiana*. São ainda arcaizantes as formas verbais galegas *estê* (*esteja*), *fais* (*fazes*), *podo* (*posso*), *som* (*sou*) e o morfema da segunda pessoa do plural, {-des}.

Finalmente, antes de nos sentirmos tentados a prosseguir pela sintaxe, registramos alguns resíduos medievais que se dão no vocabulário galego. Na gramática restam os pronomes *acá* e *acô* (*cá*, *aqui*), *alá* e *alô* (*lá*, *ali*), *elo* ou *ilo* (neutro), *nengum*, (nenhum), *rem* (*nada*) e *u* (*onde*), que encabeça ainda orações interrogativas diretas, *U-los estám, os meus livros?* Dentre os advérbios há *avondo* (*bastante*), *aginha* (*assim*, *agora*), *mentres* (*enquanto*), *quiçais*, *secais* ou *cicais*, e ademais *coma* e as conjunções *ca* e *pero*. Dentro do léxico constituem arcaísmos os vocábulos *afeites* (*enfeites*), *arrincar*, *bautizar*, *embigo*, *fiestra* (*janela*), *geonlho*, *maridança*, *pacer* (*apascentar*), *probe*, *reganhar*, *salvage*, *soidade* (*solidão*), *tirar* (*atirar*), e o rotacismo de /l/ pós-consonântico na língua popular, que é freqüente também no Brasil, *craro*, *frauta*, *pranta*.

Encerramos esta discussão esperando que a questão que a norteou tenha chegado a uma resposta, o galego e o português nunca se apartaram, os antigos elos não se foram, sobrevivem numa parte ou noutra, testemunhando que a diversidade não danifica a unidade, e um reconhecimento oficial disto, com as mudanças que se requer, seria tão-somente lucro para as culturas que se expressam por tal língua. Do ponto de vista estrutural, o problema de fazer conter todas as variantes dentro do mesmo sistema resolve-se através da adoção dum nível hierárquico superior, o diassistema, que para Jean Dubois “permite dar conta da complexidade dos fenômenos dialetais, caracterizados pela constante diversidade e continuidade”.

Referências bibliográficas

- CARBALLO CALERO, Ricardo. *Problemas da língua galega*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- DICCIONARIO da Real Academia Galega*. 3ª ed. A Coruña: Real Academia Galega, 2000.
- GARCÍA DE DIEGO, Vicente. *Manual de Dialectología Española*. 2. ed. Madrid: Cultura Hispánica, 1959.
- NORMAS ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. 18. ed. Real Academia Galega, Instituto da Lingua Galega, 2003.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- TAMAMES, Ramón, Quesada, Sebastián. *Imágenes de España*. Madrid: Edelsa, 2001.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Textos arcaicos*. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1970.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar, DA LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

Seguindo a Norma: o O “Premio de Novela Manuel Garcia Barros” (Dos prêmios literários no sistema cultural galego)

Susana M^a Sánchez Arins

*“Unha cultura está normalizada e vive no mundo,
medíndose coas outras culturas. Unha cultura é un
brinquedo moi manexábel e alí calquera é rei.
Merda para as culturañas”*

Suso de Toro: *Ten que doer.*

0. Objectivos

Queremos fazer um estudo da função dos prêmios literários no sistema cultural galego, comprovando em que medida som importantes para consolidar autores, gêneros, obras, etc. Para isto decidimos **centrar-nos em um só Prêmio**, analisando a sua história, e elegendo o “Premio de Novela García Barros” por:

- 1) ter umha dotação económica o suficientemente importante como para ser tido em conta a nível galego, sobrepassando a influência local;
- 2) ser um prêmio relativamente novo, com dezasseis edições realizadas e umha décimo-sétima em fase de execução.

Pretendemos comprovar se:

- 1) a sua convocatória se corresponde com a capacidade de um concelho como o da Estrada;
- 2) a selecção do júri responde a umha coordenadas ideológicas, políticas ou de grupos de poder concretas dentro do mundo cultural galego;
- 3) existe algumha vinculação ideológica, editorial ou cultural clara entre @s ganhadores/as;
- 4) essa possível vinculação se corresponde com a dos membros do júri.

1. O Prémio

O "**PRÉMIO DE NOVELA MANUEL GARCÍA BARROS**" foi criado em 1989 polo Concelho da Estrada. É umha continuación mais ambiciosa de um outro prémio de narrativa, o **Vila da Estrada**, que só conheceu umha edição, em 1988. Tomava o Concelho o compromisso de dar-lhe sentido e conteúdo estável. O prémio tinha duas funções essenciais, segundo a Delegação de Cultura, promotora do mesmo: "dar-lhe pulo às nossas letras" e "fomentar na memória de uns e recordar na de outros, a todos os estradenses que fôrom deixando os dias das suas vidas em luitas, com a única finalidade de erguê-la cultura do nosso povo, em muitos momentos esquecida e incluso assobalhada"¹.

O homem que dá nome ao prémio é umha das pessoas essenciais para conhecermos a história da Estrada da primeira metade deste século. **Manuel Garcia Barros** foi labrego, mestre, jornalista, sindicalista e escritor. Começou ligado ao movimento agrarista, fundou e foi diretor de vários jornais comarcais, foi também concelheiro e formou parte do Partido Galeguista. Como mestre fomentou a escolarização de nenos e nenas e se preocupou de que a escola nom exercesse umha função desgalguizadora, fomentando a participação da comunidade nas suas actividades por meio da criação de grupos teatrais, massas corais, excursões guiadas e jornadas de intercâmbio com escolas de outras paróquias. A sua filosofia docente respondia, ponto por ponto, à de qualquer dos grupos de renovação pedagógica mais democráticos e avançados que poda existir na actualidade. Durante a Guerra Civil tivo que ser agachado por estar amiaçado de morte e depois foi represaliado e isolado praticamente até a sua morte.

2. A Hipertrofia

Umha das intenções no nosso trabalho era comprovar até que ponto um concelho como o da Estrada tinha capacidade, sobretudo económica, para a realização de um prémio literário da quantia deste. Pretendíamos demostrar que se trata de um claro caso de **hipertrofia cultural**, é dizer, um intento de aparentar um nível mais alto do realmente existente.

Tentamos conseguir dados orçamentários por parte do Concelho da Estrada. Interessava-nos fazer umha comparativa entre o orçamento da Concelharia de Cultura para actividades culturais durante todo o ano, a parte do pressuposto destinada a fomentar o associacionismo, a parte

(1) *La Voz de Galicia*, 14 de Abril de 1989 (pág. 32).

adicada a publicações próprias (revistas, jornais, monografias...), a parte destinada a infraestruturas e a adicada ao Prémio. Pretendíamos demonstrar a descompensação do pressuposto em favor do *García Barros*. Nesta altura ainda nom tivemos acesso a esses dados económicos, polo que esta parte do trabalho nom pudo ser realizada.

Em todo o caso, sim figemos umha pequena comparativa referida aos **Prémios Literários de Narrativa havidos na Galiza** e em galego (ou bilíngües) no ano 2004. Recolhemos informaçom tanto de prémios de narrativa curta como longa, e encontrámos os seguintes²:

PRÉMIO	MONTANTE	ENTIDADE CONVOCADORA
BLANCO AMOR	12.020 €	Consórcio de Concelhos (360 €. cada um)
SAN CLEMENTE	3.000 € (obra em galego)	IES Rosalía de Castro (sob patrocínio)
EIXO ATLÁNTICO	18.000 €	<i>La Voz de Galicia</i> / <i>Público</i>
TORRENTE B.	25.000 €	Deputaçom da Corunha
PASTOR DÍAZ	3.000 €	Concelho de Viveiro (bianual)
XERAIS	15.000 €	Edicións Xerais de Galicia
C. de VILALBA	3.000.€ Finalista 1.000 €	Concelho de Vilalba
X. MAGARIÑOS	1.500 €	Concelho de Negreira Fundaçom Feiraco
CAMILO J. CELA	1.500 €	Concelho de Padrom
LUEIRO REI	3.000 €	Concelho de Ogrobe
CARVALHO C.	3.600 €	Concelho de Ferrol Sociedade Medúlio
N. por ENTREGAS	6.000 €	<i>La Voz de Galicia</i> Canal Voz
LOSADA DIÉGUEZ	6.000 €	Concelho de Boborás Concelho de Carbalhinho Deputaçom de Ourense
TERRA DE MELIDE	6.000 €	Concelho de Melide
MANUEL MURGUIA	3.665 €	Concelho de Arteijo
A. de TARAMANCOS	3.000 €	Concelho de Noia
GARCIA BARROS	9.000 €.	Concelho da Estrada

(2) A fontes de referências para a recolhida de toda a informaçom deste trabalho están na internet. Utilizamos basicamente o fondo de arquivo da página www.cuturagalega.org e a secçom de Hemeroteca de www.lavoz-degalicia.es, fora pesquisas pontuais noutros foros.

Nesta tabela fai-se evidente a hipertrofia: só um concelho galego (Melide) organiza um prémio anual de narrativa que se achega em quantia ao García Barros, outorgando, ainda assim, um **terço menos** que o estradense. O resto de concelhos que convocam certames deste tipo, dos que aquí aparece umha nómina significativa (9), destinam bastante menos (poucos passam dos 3.000 €, um terço do G^a Barros), e incluso os há que recebem apoio de patrocinadores ou os organizam bianualmente.

O resto de prémios convocados ou tenhem como responsáveis entidades muito mais potentes que o Concelho ou som mais racionais na **captaçom de recursos económicos** (ligaçom de várias ou captaçom de patrocínios).

3. As Bases do Prémio

As bases do prémio sofrêrom poucas mudançás nos seus dezasseis anos de história, mas estas som significativas.

- A primeira faz referêncía à língua: a primeira edição permitia a concorrência a qualquer pessoa de qualquer nacionalidade que apresentasse originais escritos em língua galega. Desde a segunda edição há umha referêncía explícita à norma lingüística: deve ser a "**normativa oficial vigente**", excluindo a todas aquelas pessoas que utilizem qualquer das outras normas existentes para o galego.

- Outra faz referêncía ao gênero literário premiado. Em 1995 muda-se a exigência de os romances terem umha **extensom mínima de 150 páginas**. É dizer, até esse momento o prémio era de "novela longa"; depois é de "novela" decidindo o júri que é romance e que nom.

- No mesmo ano de 1995 incrementa-se a **dotaçom económica** de 1.000.000 pts. a 2.000.000 repartidos em um prémio de 1.500.000 pts. e um accésit de 500.000 pts. com a ideia de consolidar e aumentar o prestígio do prémio (a primeira edição fóra de 700.000 pts., aumentando em 1990 a 1.000.000).

- Em 1999 **elimina-se o accésit**, para "reforçar o carisma do prémio", oficialmente; para compensar a retirada de fundos da Conselharia de Cultura, na realidade.

- Durante um ano, o Concelho da Estrada reserva-se a propriedade dos direitos de publicaçom da obra premiada. Para resolver os problemas reais de publicaçom que tivo o Concelho em vários casos, no ano 2000 assinou um **convénio de colaboraçom com a editorial Galáxia** ("a mais egréxia da nosa história literária", segundo a informaçom recebida

do concelho) polo que esta publicará as obras ganhadoras até a edición do ano 2010. Aínda que o convénio de colaboración nom faz **nengumha indicación** ao respecto, desde a súa assinatura forma parte do júri, cada ano, umha pessoa ligada á Editorial Galaxia.

4. A nómina de premiad@s

1989: MANUEL FORCADELA, *Paisaxe con muller e barco*. Xerais.

1990. XOSÉ MIRANDA, *História de un paraguas azul*. Xerais.

1991. Edición deserta.

1992. MANUEL RIVEIRO LOUREIRO. *O Corpo Canso*. Ir Indo.

1993. XOSÉ REI BALLESTEROS. *Talego*. Xerais.

1994. ANÍBAL C. MALVAR. *A man dereita*. Sotelo Blanco.

1995. MANUEL LOURENZO GONZÁLEZ. *Arqueofáxia*. Xerais.

Finalista: XAVIER ALCALÁ. *Memorias do Algarve*.

1996 Ex Aequo,

ALFONSO ÁLVAREZ CÁCCAMO. *O espírito de Broustenac*. Xerais.

XABIER QUEIPO. *O paso do noroeste*. Sotelo Blanco.

1997. MARÍA DOLORES GONZÁLEZ LORENZO. *Magog*. Xerais.

Finalista: A. RIVEIRO COELLO. *A história de Chicho Antela*. Espiral M.

1998. Edición deserta.

Finalista: ANXO FRANCO. *Hóspedes do medo*. Ed. embora.

J.I. PÉREZ MÉNDEZ. *A xustiza humana*.

1999. XOSÉ CARLOS CANEIRO. *Talvez melancolía*. Espiral Maior.

2000. ANTÓN RIVEIRO COELLO. *As rulas de Bakunin*. Galaxia.

2001. BIEITO IGLESIAS. *A historia escíbese de noite*. Galaxia.

2002. MIGUEL ANXO FERNÁNDEZ. *Un nicho para Marilyn*. Galaxia.

2003. XABIER LÓPEZ. *A vida que nos mata*. Galaxia.

2004. XERARDO AGRAFOXO. *O marcapasos de Heminway*. Galaxia.

Em 1991 o prémio foi declarado deserto, propondo o júri que o dinheiro adicado ao mesmo fosse destinado a umha **jornadas de estudo sobre a figura de Manuel Garcia Barros**, que fôrom celebradas com o nome "Manuel García Barros: encontros para um estudo".

5. @S ganhadores/as

Das pessoas ganhadoras do prémio G^a Barros, tínhamos interesse sobretudo nos dados que recolhemos na seguinte tabela.

Interessava-nos conhecer a sua **profissom**, por sabermos em que medida eram pessoas vinculadas ou nom ao mundo editorial e/ou cultural. Dada a quantia do prémio sempre é importante saber se este é utilizado como "soldada" para autores/as adicad@s exclusivamente à literatura. Também tínhamos interesse em conhecer se tinham recebido **prémios literários com anterioridade** ao G^a Barros e que prémios. Com isto poderíamos ver se som autores/as já conhecid@s, se tenhem ganhado galardons de semelhante quantia, etc. A **editora** ou editoras em que publicam habitualmente estes/as autores/as também é do nosso interesse, sobretudo se existe ligação com aquelas que depois veremos representadas nos distintos júris que outorgárom os prémios. Existem umha série de editoras que consideramos *hegemônicas* e às que están ligadas umha série de pessoas que dominam o mundo cultural oficial galego. Finalmente queremos ver se @s autores/as premiad@s tenhem **obra publicada com anterioridade** ou som desconhecid@s no mundo editorial.

AUTOR	PROFISSOM	PRÉMIOS	EDITORA	PUBLICAÇÕES
M. Forcadela	PES	C. E. Ferreiro 82 Leliadoura 87	Xerais Ed. do Cúmio	3 poemários antes do prémio
X. Miranda	PES	M. R. Figueiredo 88 e 89.	Ed. Xerais.	1 livro contos
M. Riveiro Loureiro		M. R. Figueiredo 78-81-83-84-87-89 C. J. Cela 90	Ed. do Cúmio Ed Ir Indo	5 romances antes do prémio
X. Rei Bellesteros	Ed. Xerais		Xerais	Contos para Xerais
Aníbal C. Malvar	Jornalista		Xerais Sotelo Blanco	1 romance antes do prémio
M. Lourenzo González	PES	Torr. Ballester 90 M. R. Figueir. 90 Contos Facho 90 Cidade Velha 90 Pedrón Ouro 90	Xerais AS-PG Ed. do Cúmio	Livros de rela- tos com anterio- ridade
X. Alcalá		Cid. Corunha 80 Crítica Espanhola.	Galáxia Xerais	8 romances antes do prémio

A. Álvarez Cáccamo	Mestre	Catro a catro 88 Xerais 90 Á. Cunqueiro 93	Xerais	5 obras antes do prémio
X. Queipo	Funcionário UE	Crítica Esp. 90 Sotelo Blanco	Ed. Do Cúmio	4 obras antes do prémio
M^a D. González Lorenzo	PES	Merlín 92 Barco Vapor 93 Gran Angular 93 Caminho Stgo. 93 Caminho Stgo. 94	Xerais Ed. SM.	Numerosa obra infantil e juvenil: 8 obras em galego e castelhano
X.C. Caneiro	PES	C. E. Ferreiro 91 Xerais 92 Cidade Ourense 92 T. Ballester 96 Crítica Esp. 98	Xerais	8 obras antes do prémio
A. Riveiro Coello	Funcionário	M. Murguía 91 Camilo J. Cela 93 Fin. G ^a Barros 97 M.R.Figueiredo 97 Fin.T. Ballester 99 Café Dublín 99	Galaxia Espiral Maior	6 obras antes do prémio
Bieito Iglesias	PES	M.R.Figueiredo 88 Ciudad de Salamanca 00 (cast.) Merlín 99 Crítica 01	Xerais Galaxia	8 obras com anterioridade
Miguel Anxo Fernández	Mestre e crítico cinematográfico da <i>Voz de Galicia</i>	Chano Piñeiro 02 Sempre en Galiza de Ensaio 01 Fernando Rei da AGAPI	Galaxia	Ensaio sobre cinema e 1 livro de contos no prelo quando recebeu o prémio.
Xabier López	Advogado	Risco de Ltra. Fantástica 01 Lueiro Rey 02	Sotelo Blanco Galaxia	4 obras com anterioridade
Xerardo AgraFoxo	PES		Laivento	1 livro de relatos Obras historiográficas

De todos estes dados, tiramos as seguintes conclusões:

- Praticamente todos os premiados pertencem ao mundo da educação, sendo a maior parte deles professores de secundária, existindo só um autor ligado claramente a uma editora. Ainda assim alguns outros (Forcadela, Riveiro Loureiro, Alcalá, Manuel Lourenzo, Aníbal C. Malvar) têm ligação indirecta com editoras, reali-

zando para elas obra de encárrega (estudos literários, traducçõs, guias didácticas escolares...).

- Em quase todos os casos (todos os autores fora três), os ganhadores do García Barros obtiveram, com antelaçom, algúm outro prémio literário. Quase todos tinham recebido prémios de prestígio. Chama a atençom que, dos três únicos nunca antes premiados, um seja o trabalhador da editora Xerais e o outro conhecido por colaborar diariamente em páginas jornalísticas, precisamente, de cultura.
- Todos os autores premiados tinham publicada obra literária com antelaçom à consecuçom do prémio. Só em algum caso (Rei Ballesteros, Miguel Anxo Fernández, Xerardo AgraFoxo) a publicaçom é reduzida (un conto em umha obra colectiva, um livro de relatos). Todos os autores, ainda que nom o figemos constar na tábua, tenhem umha publicaçom posterior abundosa, e vários deles terám recebido nos anos seguintes prémios mais importantes e de mais reconhecimento que o estradense.
- Um dos últimos ganhadores (Bieito Iglesias) tinha formado parte, com anterioridade, do júri do Prémio.

Ante isto, vemos como o prémio nom serve como descubrimento de novos valores (atributo que, polo visto nestes casos, sim pode caber-lhe ao Modesto R. Figueiredo). Exerce a funçom de **consolidador de figuras** já conhecidas, que redondeiam o seu currículo literário com o Garcia Barros. Serve também o prémio para **avalar a mudançã de gênero ou de língua** de autores reconhecidos em outros campos literários: é o caso de Forcadela, eminente poeta cujo primeiro romance ganhou a primeira ediçom; o caso de M^a Gándara, importante na literatura juvenil em castelhano, que também levou o prémio com o seu primeiro romance em galego e "para pessoas adultas", ou o de Miguel Anxo Fernández, reconhecido crítico e estudoso cinematográfico.

No referido às vinculaçõs editoriais, existe umha hegemonia bastante evidente das duas grandes: **Xerais** e **Galaxia**, fazendo-se lugar entre elas **Edicións do Cúmio**. Esta última tem criada umha colecçom de romance policial, de claro carácter comercial, à que se fõrom ligando vários dos ganhadores do prémio. Ainda assim nom pudemos fazer umha recompilaçom polo miúdo das editoras em que publica cada autor e se há variaçom segundo o gênero literário e as obrigaçõs marcadas nos prémios (pensamos que sim existe).

6. As obras premiadas

Sobre as obras que tenham sido premiadas, queríamos comprovar se existe algum tipo de **(de)semelhança genérica** entre elas. Dado o carácter deste trabalho, nom se trata de fazer umha análise crítica polo miúdo de cada umha delas, mas de encontrar algum ponto em comum, ou nom, na sua estrutura superficial. Para isso optamos por comparar os ressumos que das mesmas se oferece ao leitor nas suas **capas**, ou, em caso de nom dar-se esse, a que poda aparecer nos **catálogos informativos** das editoras. É nestes pequenos ressumos, onde se salientam, directa ou indirectamente, as razons polas que o júri outorga o prémio.

Paisaxe con muller e barco

Romance de amor e obsessons, de dependências e paisagens fechadas, atmosferas sabiamente evocadas e, como pano de fondo, o mundo dos balneários e as grandes mansións da Mitelleuropa, aquela que passejou Vicente Risco e que se desangraria depois com a Segunda Guerra Mundial. Neste tempo se desenvolve a açom. Um pianista e três amores que, ao final, em umha volta fantástica e simbólica, tenhem um mesmo fio e som umha mesma obsessom. Crónica de um tempo que é, muitas vezes, tempo interior, jogo de símbolos, linguagem lírica de extraordinária capacidade de ensonhaçom e descriçom.

Historia dun paraugas azul

Este nom é um livro qualquer. Nom é literatura light. Pode que tam-pouco esté na linha de preferências ou modas literárias que nestes momentos dicta certo sector da crítica. Mas aquí há um escritor. Aquí há literatura. Boa literatura.

Trabalhando com os mitos, com a memória da própria literatura, aprendendo dos grandes mestres, cuidando o idioma, o autor enleia-nos em umha atmósfera distinta, noutra dimensom, povoada de personagens maravilhosos, exércitos que avançan através da soidade das chairas, heroes antigos, o senhor de Lanzós, a Irmandade Fusquenlla, (...) e un paráguas azul que é o fio condutor do relato, o animador de um variadíssimo retábulo onde todo se mistura, o presente e a história, o tempo e o espacio.

Corpo canso

O júri destacou dela a temática de actualidade que aborda: a marginaçom dos minusválidos e a sua luita por acadar un nível digno de consideraçom social. O relato cru e arrepiante, de intençom realista, é un manifesto ecológico fronte á agresividade despregada

polo poder político e económico contra o meio natural, contra a mesma sociedade.

Talego

Desenvolve-se arredor do mundo das drogas e pom em questom a imparcialidade do sistema judicial. Narrado em um rico argot carcerário, desfilam delinquentes, camelhos, heroinómanos, presos, o mundo da cadeia, as comisarías, os julgados, e uns protagonistas que vem devalar as suas vidas ilusionadas e comprometidas dos anos 70 desde detrás das relhas dos cárceres dos 80.

A man direita

O protagonista é um jornalista que se presta a servir de informante sobre os movimentos de um grupo de activistas políticos nos que decide infiltrar-se.

Arqueofaxia

Recorrendo a enfoques próprios da ciência-ficção, aborda as peripécias de um grupo de pessoas mui diferentes entre si, organizadas sob umhas siglas, que luitam de um jeito particular, violento e primitivo, contra o que sentem como injustiças sociais. É narrada, sobretudo, umha das açcons guerrilheiras, a sustida contra umha poderosa empresa farmacéutica com o fundo de umha terrível enfermidade que dezma a povoação.

O espírito de Broustenac

Romance de mistério, a cavalo entre o romance gótico e o histórico, sendo o primeiro que na nossa tradição literária se enfrenta com a diseção da vida interior de umha congregação religiosa, a do mosteiro de Oia. A trama, que se desenvolve nos dias anteriores à desamortização de Mendizábal no mês de Julho de 1835, artelha-se sobre o nascimento de umha estranha criatura, abandonada às portas do mosteiro.

O paso do Noroeste

História de umha expedição na busca de um passo que polo noroeste leve ao Japom e China, protagonizada polo capitám Duchesnoy.

Magog

Contribui de jeito decisivo, mediante a reconstrução da história do Antigo Reino de Galiza, em consoância com a produção recente de autores como Dario Xohán Cabana [*Morte de Rei*, mesmo ano, mesma editora]

Talvez Melancholia

Romance de protagonista, romance de personagem: a infelicidade encarnada em um professor de literatura que sofre um grave complexo de Edipo e um perpétuo desequilíbrio emocional.

As regras de Bakunin

O autor percorre o nosso século –o agrarismo, a república, a Guerra, a repressão, a emigração, a democracia– da mão de um militante anarquista que funde a sua história particular com a colectiva.

A história escrevese de noite

Umha revista encomenda ao protagonista, professor de secundária metido a repórter, a confecção de umha reportagem sobre o mundo da prostituição em Galiza.

Um nicho para Marilyn

A Frank Soutelo, protagonista do romance e detective californiano de pais galegos, encomendam-lhe o caso da desapareção do cadáver de Marilyn Monroe, com o que está relacionada umha rede de necrofilia de alto nível.

A vida que nos mata

Um duplo assassinio vai provocar umha série de acontecimentos que ham levar Sebastián Faraldo, jornalista obeso e sentimental, a um desenlace imprevisto

Umha viaxe no Ford T

O misterioso atractivo de umha mulher, a força sedutora da personalidade de Ernst Hemingway e a incansável busca de horizontes, levam o fotógrafo protagonista à descoberta de umha história de amor oculta durante muito tempo.

- Comprovamos como no seu início, o prémio se caracterizou pola **variedade de registros** nas obras premiadas: romance de amor, romance fantástico, de denúncia social, de ambientes marginais, ciência ficção, iniciático, de protagonista...
- Deduz-se, por vezes, que há a intenção por parte dos júris de escolher obras novidasas, ou que **cubram e reforcem espaços** valdeiros da narrativa em galego: assim, destaca-se de *O espírito de Broustenac* por ser o primeiro romance de mosteiro, ou *Magog*, por inserir-se no caminho aberto por *Morte de Rei*.
- A **denúncia social** e a **reflexom política**, aparece remarcada e posta em destaque em boa parte destas obras: *Corpo Canso*, *Talego*, *A man dereita*, *Arqueofaxia*...
- Também se detecta umha mudança desde a assinatura do convénio de colaboração com a **Editorial Galaxia**. Em todas as obras premia-

das desde o 2000, podemos seguir a linha de um fio condutor comum que as achega ao **romance negro ou policial**: *protagonista masculino investiga e descobre história oculta*; nuns casos o romance é emarcado como romance de mistério, noutros como romance histórico (seleccionando como marco da narração o Século XX).

Há umha clara evolución no carácter do prémio Garcia Barros. Nos inícios foi assumido desde umha **óptica normalizadora**, com a intención de encher ocos no sistema literário galego, respaldando obras que supuseram umha novidade, novos rumos narrativos, embora conlevassem algunha dificultade de lectura e, por isso mesmo, umha menor possibilidade de lograr a publicación sem um apoio detrás. Nos últimos anos o prémio está a ser visto desde umha clara **óptica comercial**. Um romance de mistério pseudo-histórico, se ainda por cima inclui personages baseadas ou calcadas de personages históricas (Marilyn Monroe, Hemingway) é muito mais atractivo a priori, para o público leitor, que umha reflexom sobre a infelicidade com complexos de Edipo polo meio.

Neste sentido chama a atención a advertência prévia sobre *Historia dun paraguas azul*, um dos primeiros romance premiados: "Este nom é um livro qualquer. *Nom é literatura light. Pode que tam-pouco esté na linha de preferências ou modas literárias que nestes momentos dcta certo sector da crítica.* Mas aqui há um escritor. Aqui há literatura. Boa literatura." Aquilo que a editora remarca da obra é a sua, provavelmente, escassa rendabilidade comercial, mas a sua **alta carga simbólica**. Na actualidade, o *García Barros* sim se deixa levar por modas literárias. É significativo que na entrega do último prémio, aquilo que se pom em destaque das anteriores obra premiadas seja o seu nível de vendas e nom o seu nível de boas críticas³, que as tenhem (*A vida que nos mata*, Prémio da Crítica Espanhola em galego 2003).

7. O júri

As bases estabelecem que o júri há de estar integrado por "cinco membros escolhidos entre reconhecidas figuras do mundo da cultura, actuando um deles como Secretário a proposta e em representación do Concelho da Estrada".

(3) "Y es que, según destacó el director de dicha editorial, Carlos Lema, el pasado 17 de diciembre en el transcurso de la entrega del XVI Premio de Novela a Xerardo Agrafoxo por su novela "Unha viaxe no Ford T", el "García Barros" es un certamen que cuenta con el apoyo de los lectores. De hecho, "A vida que nos mata" de Xabier López López, premiada en 2003 ya va por su segunda edición; "Un nicho para Marilyn" de Miguel Anxo Fernández, galardonada en 2002, por la tercera; y "As Rulas de Bakunin" de Antón Riveiro Coello, premiada en el 2000 por la cuarta". *Faro de Vigo*, 23 de Março 2005.

Das persoas que teñen formado parte do júri interessávan-nos dados ligeiramente diferentes aos das persoas gañadoras do premio. A **profissom**, por ver se eran persoas ligadas a algunha editora, institución concreta, etc... como no caso d@s premiad@s. Tamén queríamos saber de algunha relación directa con cualquier **editora**, para saber quais están máis ligadas ao premio e quais menos. Interessávan-nos coñecer as **institucións culturais ou políticas** ás que pertencen ou con as quais traballan os membros dos júris, pois tamén podíamos encontrar coincidencias interesantes e/ou ausencias evidentes. Finalmente acreditávamos importante comprobar se os membros do júri, máis que ter feitas publicacións propias de obra literaria, colaboran en **publicacións culturais** ou exclusivamente literarias. O resultado, con todas aquelas persoas das quais localizamos datos, é o seguinte:

PESSOA	PROFISSOM	EDITORIA	INSTITUIÇOM	PUBLICAÇOM
X. Alonso Montero	Prof. USC Galaxia	Akal	RAG Consello Cultura Galega	Gran Enciclopedia Gallega Anuario Estudios Galegos. La Voz de Galicia El Correo G.
Carlos Casares	Dir. Ed. Galaxia	Galaxia	RAG Consello Cultura Galega PSOE	Grial La Voz de Galicia
V. F. Freixanes	Dir. Ed. Xerais Prof. USC	Xerais- Anaya		La Voz de Galicia
David Otero	Mestre	Galaxia	Fund. Castelao Gáliz Pedrón de Ouro Nova Escola G. A.C. O Brado	El Correo Gallego Tabeirós-Terra
Suso de Toro	PES	Xerais Ediciones B		O Correo Galego La Voz de Galicia Luzes da Galiza
Ramiro Fonte	PES	Galaxia	RAG Grupo Poético Cravo Fondo	Anuario Estudios Galegos Bonaval Dorna
M. Forcadela	PES	Xerais Ed. do Cúmio		A Trabe de Ouro Luzes de Galiza A nosa terra X.Academo (Web)

Xabier Senín	Subdireitor General Conselharia de Cultura			
Modesto Hermida	Inspector Ensino Meio Dir. Lit. Galaxia Dir. Lit. Ir Indo	Galaxia Ir Indo		Boletín Galego de Literatura Dorna Grial Faro de Vigo El Correo Gallego
Bernardino Graña	PES	AELG		A nosa terra Faro de Vigo
Ramón Castromil	Industrial		Conselho Cultura Galega	El Correo gallego
Eulóxio Ruibal	Autor Teatral			
X.R. Pena	PES	Dir. Ed. Xerais		Faro de Vigo Anuário Estudos Galegos Luzes de Galiza La Voz de Galicia
Carlos Mella	Economista	Xerais Espiral Maior	AELG Galezuca Conselho Social USC	El Correo Gallego
X.C. Carballido	PES		Aula Castelao de Filosofía	
Chano Piñeiro	Direitor de cinema			
Mercedes Brea	Profa. USC	Dir. Serv. Publ. USC	C. Est. Ramón Piñeiro	
A. Fdez. Paz	Mestre	Xerais	Avantar	Fadamorgana
Mª Xesús Nogueira	Profa. USC			Dorna Boletín G. Lit.
X. López Valcárcel	PES	Galaxia Xerais	Grupo Poético Cravo Fondo	
X. Sánchez Puga	Xefe de Serviço Cons. Cultura			
L. Alonso Girgado	PES	Galaxia		El correo gallego La Voz de Galicia
Xabier P. Docampo	Mestre	Xerais		

Xabier Castro	PES	Galaxia	Assoc. Esp. Críticos Literários	Encrucilhada Xermolos Grial El correo gallego
Valentín G^a Gómez	Func. Concelho da Estrada		Fund.Castelao Fund.Neira Vilas F.C. A Estrada A.C. O Brado	Tabeirós-Terra
Benxamín Dosil	Subdireitor Geral Cons. Cultura			
Marcos L. Valcárcel	PES		Conselho Cultura Galega Assoc.C.Alexandre Bóveda	O Correo galego A nosa terra Luzes de Galiza
Olímpio A. Caldas	Mestre		Dir. Museu Povo Estradense	Tabeirós-Terra
Rosário Barba	Jornalista Xefa secçom O Correo Galego			O Correo Galego
X. Rábade Paredes	PES	Galaxia	PEN clube Colectivo Cravo Fondo	Gran Enciclopedia Gallega Grial Dorna Boletín G. Liter. Luzes de Galiza O Correo Galego
Bieito Iglesias	PES	Galaxia Xerais		Dorna Galicia Internac. La Voz de Galicia A nosa terra
Iris Cochón	Profa. USC			Dorna
Xurxo Souto	Músico	Xerais	Colectivo Bravú	Revista Bravú La voz de Galicia Luzes de Galiza
X. M. Eiré	PES			Crítico liter. A nosa terra
X.R. Fandiño	Funcionário Cons. Cultura			Dir. Enciclopedia Gallega
Teresa Araújo	PES			Boletín G. Liter.
X.Chavete	Pintor, Decano Belas Artes UV			

X.L. Axeitos	PES			Enciclop. Gallega Verba Grial Ínsula Antrhopos Boletín G. Literat. A Trabe de ouro Anuario Est. Gal. Revista das Letras (O Correo Galego)
Damián Villalaín	Ad. Direcçom Geral Galaxia	Galáxia	Conselho Cult. G. Centro Dram. G.	Grial Boletín G. Literat. Luzes de Galiza La voz de Galicia
Plácido Lizancos	Arquitecto e prof. da UC			Galicia Hoxe El Ideal Gallego
X.Henrique Costas	Profesor UV			

Encontramos os seguintes dados de interese:

- Em quanto às adicaçoms profesionais dos membros do júri volve a destacar o **ensino** como principal traballo, mas neste caso com representaçom dos três níveis, primário, secundário e universitário. Podemos pór de relevo dous pormenores: aparecen só profesores/as universitários vinculados à USC, sem quase aparecer profesores/as das Universidades de Vigo ou Corunha (esta tendência está a romper-se nas últimas edicoms). Do professorado santiaguês, a maioria está vinculado ao **Departamento de Filologia Galega**. Por outra parte, d@s mestres/as que aparecen, a maioria están ou estivêrom ligad@s a **postos administrativos na Conselharia**, e tenhem colaborado na elaboraçom dos programas de ensino de literatura, na elaboraçom de livros de texto ou de guias de leitura e livros de estudo de autores/as aos/às que se lhe adica o Dia das Letras Galegas.

Vemos como aparecen várias pessoas com cargos de poder em editoras galegas, sendo praticamente as únicas representadas **Xerais e Galaxia**.

Ao mesmo tempo vemos como houvo pessoas no júri que só estavam nele em funçom do seu posto político na **Conselharia de Cultura**, por ter aportado esta parte do dinheiro para o prémio.

- Polo que respecta às vinculaçoms editoriais indirectas (direçom de colecçoms, obra publicada, colaboraçom em revistas, etc...) salta à vista a presenza das duas grandes: **Xerais e Galaxia**, precisamente as

preponderantes entre os ganhadores do prémio. Galaxia leva a palma, pois praticamente todos os anos houve alguém no júri (in)directamente ligado a ela.

- Em relação com as instituições, merecem destaque vários aspectos. Um deles é a escassa vinculação da maioria das pessoas com **movimentos culturais de base**: ou bem esta possível actividade nom é tam importante como para figurar nos seus currículos, ou bem é umha actividade que realmente nom levam a cabo. É evidente, em troca, a vinculação geral com entidades da **elite cultural galega**: instituições oficialistas e hegemônicas como a **RAG** ou o **Conselho da Cultura Galega**, e a **AELG** som as mais habituais entre os membros do júri. Podem também ler-se entre linhas as relações de amizade ou de tendência ideológica, literária ou cultural: p.e., todos os poetas que formárom parte do júri som pertencentes ao **Colectivo Cravo Fondo**; @s autores/as de literatura infantil e xuvenil presentes som colegas ou companheiros entre eles, etc..
- No que respeita às publicações dá-se umha nota comum entre @s participantes: **tod@s colaboram em publicações culturais** ou em suplementos culturais de jornais, e quase tod@s o fam realizando **crítica literária**, à parte de artigos de opiniom. Isto assegura umha potencial presença do prémio nos meios de comunicação, e em todo caso, umha possível resenha crítica positiva d@ ganhador/a, pois nom seria lógico que a pessoa que elegeu a obra ganhadora, faga depois umha crítica negativa.

Entre as publicações periódicas culturais ou literárias destacam **Dorna**, editada pola Cátedra de Filologia Galega da USC; o **Boletín Galego da Literatura**, editado polo Departamento de Filologia Galega da USC; **Grial**, editada pola Editorial Galáxia e o **Anuário de Estudos Galegos**, editado também por Galáxia.

Entre os suplementos culturais de jornais destaca especialmente a parelha **El/O correo Gallego/Galego**, posteriormente **Galicia hoxe**, que até tivo a umha das suas trabalhadoras como representante no júri. **La Voz de Galicia** também tem presença importante, sendo menor a do semanário **A Nosa Terra**, mas nom insignificante. Outra revista na que colaboram bastantes membros do júri é **Luzes de Galiza**. De todas as formas, nestes últimos dous casos, contabilizamos todas as colaborações que encontrámos, sem comprovarmos se estas eram pontuais ou habituais, nom assim o caso das outras publicações.

- Também é interessante um apontamento com respeito às pessoas que representam ao Concelho da Estrada no prémio. Por umha parte destaca a presença de pessoas ligadas à **A. C. O Brado**, algumas das quais têm umha relação com a literatura praticamente nula. Por outra banda, destacam pola sua **ausência** outr@s estradenses que sim estão vinculad@s à literatura, bem como autores/as, bem como editores/as, crític@s ou estudos@s. Por exemplo, de colhermos o listado de colaboradores/as que participárom na elaboração da *História da Literatura Galega* editada por **AS/PG-A Nosa Terra**, comprovamos como de entre @s onze estradenses, tam só umha (Chus Nogueira) tem formado parte do júri. É casual que quase todas essas pessoas tenham estado ligadas ao **associacionismo cultural de base** da Estrada e muitas delas claramente ligadas ao **nacionalismo político**?

8. Conclusons e reflexons finais

Hipertrofiando. Pensamos que um concelho como o da Estrada nom é o mais adequado para convocar um prémio da importância (quando menos económica) do *García Barros*. É-lhe grande.

A existência de grandes certames, do tipo que seja, deve ser o derradeiro degrau dentro de umha escala de prioridades na política cultural dun concelho. Antes de nada haverá que fomentar a participação vizinhal e o associacionismo de base, depois criar umha série de infraestruturas que facilitem todo tipo de actividades culturais (bibliotecas, centros sociais, escolas de música, museus, etc...) e se algumha vez é conseguido todo isso, pode ser criado algum prémio que reconheça o labor de quem for no campo que for.

Umha vila como a da Estrada, que nem Casa da Cultura tem, cuja Biblioteca está em um estado paupérrimo, nom pode permitir-se o luxo de destinar 9.000 € (mais gratificações ao júri, mais publicidade, mais organização da cerimónia de entrega, mais...) a umha só pessoa, por mui encomiável que seja o trabalho dela⁴. Neste caso demonstra-se aquilo que afirma Dolores Vilavedra⁵: é um investimento com grande rendabilidade pública, pois aparece a instituição várias vezes nos meios, ademais de outorgar-lhe umha **legitimidade galeguista** que, doutro jeito, provavelmente nom teria. Que nom tem, afirmamos nós.

Apropriando. A figura de Garcia Barros é de umha dignidade tal que a sua utilização por qualquer instituição pode resultar, quando menos,

(4) Se a isto acrescentamos que nom é o único certame literário que organiza o concelho (Prémio de Poesia Avelina Valhadares; dotação: 1500 €), o grau de hipertrofia é muito mais elevado.

suspeitosa. Neste caso, muito mais, pois se ele foi um homem que tentou fazer ao povo apropriar-se de toda criação cultural, este certame literário é um apropriação à inversa: um poder político insensível àquilo que cheira a cultura, parasita a criação de artistas, para fazê-la passar por própria (*graças a nós, pode publicar*). Novamente damos com os focinhos com um intento de **legitimização galeguista e cultural**, apropriando-se da figura de umha pessoa apreciada e de umha categoria intelectual que niguém pom em dúvida na comarca.

Em todo o caso nom é a actividade mais adequada para difundir a figura de Manuel Garcia Barros, pois seguramente nom seria àquela a que ele recorreria. Por difundir, só difunde os apelidos. Quando em 1991 o prémio foi declarado deserto, com o dinheiro destinado ao mesmo fórom organizadas umhas **jornadas de estudo** sobre a sua figura. Esta ideia era a defendida polo associacionismo estradense (representado na Associação Cultural da Estrada e na Associação Reintegracionista Marcial Valhadares), que propujo eliminar o certame e seguir a organizar jornadas anuais, com a publicação de actas incluída, nas que fosse recuperada a história da comarca, a memória colectiva de épocas e pessoas passadas, de maneira a **revalorizar o património colectivo** (será esta umha das funções da política cultural dos concelhos?). Mas esta actividade sim que nom tivo continuidade...

Culturinando. Na selecção de pessoas para formar parte do júri existe umha **clara tendência ideológica**: de entrada están fóra todas aquelas que defendem políticas de normalização e normatização lingüística diferentes da oficial. Entidades como a AS-PG, a AGAL, A Mesa pola Normalização Lingüística, etc. nom tenhem quase presença no júri. Tam-pouco há presença de pessoas ligadas política e explicitamente ao nacionalismo de esquerdas, dando-se só a presença de nacionalistas moderad@s, ou "galeguistas conservadores".

Entre Ramón Piñeiro e Castelao, o concelho da Estrada opta claramente por Ramón Piñeiro. Entre Alonso Montero e Carvalho Calero a opção também é evidente: Alonso Montero. Esta escolha nom é inocente. Representa a de duas maneiras de entender o presente e o **futuro da cultura galega**.

E resulta que quem promove o certame é quem concebe a galega como umha cultura regionalizada, submetida, engebre, limitada a um espaço hermético e doméstico, sem capacidade para andar polo mundo fóra a se

(5) www.culturagalega.org. Tema do dia: As letras dos premios.

defender. Umha cultura que só pretende sobreviver, umha **culturinha**, como a denomina Suso de Toro.

Galaxizando. As **ligaçõs editoriais** som também transparentes: a hegemonia de Xerais e, sobretudo, Galaxia, nom é preciso volver a pó-las em destaque. Evidentes também som as ausências de outras editoras (Laiovento, Sotelo Blanco, Ed. do Castro, Bahia, A Nosa Terra, Ir Indo...).

As ligaçõs editoriais e pessoais correspondem-se com a de publicaçõs: as revistas e jornais alternativas às oficialistas nom temem presença nengumha no prémio.

Questionando. O **sistema literário galego**, nom é, evidentemente, um sistema normalizado nem estável. O trabalho desde as instituições de governo político e desde a indústria editorial devera encaminhar-se a normalizar o sistema, os primeiros por interesse cultural, social, os segundos por um básico sentido da supervivência. Mas nesta política de (re)criaçom de um sistema literário galego, **qual deve ser o papel dos concelhos**, criar umha nómina de escritores ou, mais bem, contribuir a acrescentar o público leitor? Nom se devera investir em bibliotecas, apresentaçõs de livros, campanhas de animaçom à leitura, umha rede estável de espectáculos teatrais, etc., enfim **labor de difusom cultural**, aquilo que se destina a prémios literários? Nom se está a abusar do espectáculo mediático, com rendabilidade electoral a curto praço? Nom é este um suicídio cultural a longo praço (meio?)?

Umha cultura complexa e contemporânea debe navegar entre duas águas, as da **ambiçom estética** e a da cultura de massas, dando espaço a um amplo abano de tendências estéticas que se movam por umha escala gradual entre um e outro pólo. Sem indústria cultural nom seremos cultura, mas sem qualidade que destaque na imensidade deste mundo global, tam-pouco.

Um prémio que pagamos tod@s, porque sai dos nossos impostos, nom devera premiar criatividade, questionamento, renovaçom, radicalidade, inquedaça, inteligência... experimentaçom? Para **premiar comercialidade** nom deveriam estar as editoras? A editora Xerais tem o seu certame de narrativa, com prestígio adquirido e umha clara e legítima intençom: criar **cultura de massas**. Por que os estradenses devemos financiar o prémio literário da editora Galaxia?

Seguindo a norma. Enfim, **o Prémio García Barros é um prémio da NORMA para a NORMA**, deixando fóra toda umha periféria de tendências, autores/as e ideias, que, quiçás, som as que ajudariam a crescer a literatura galega.

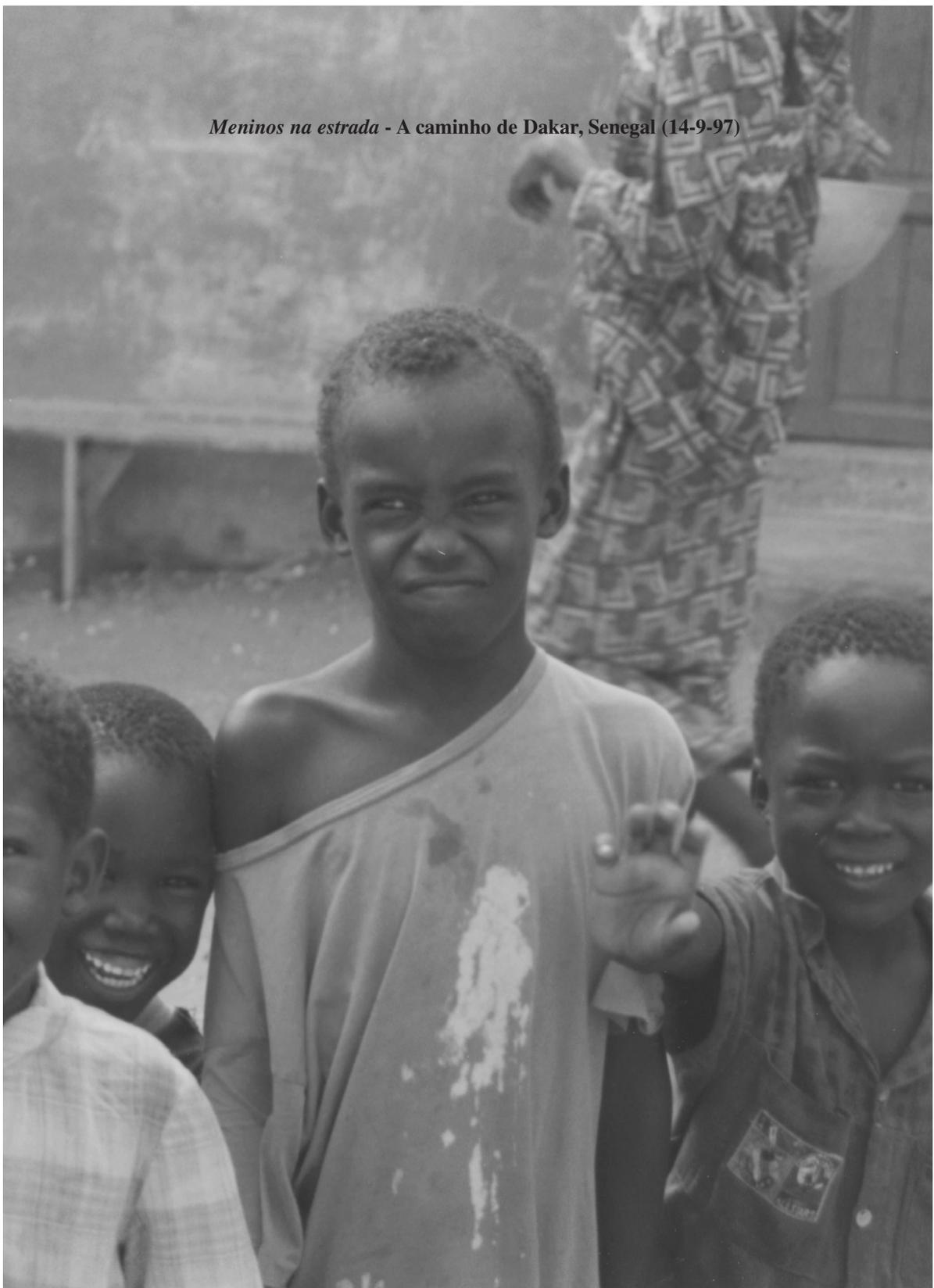
O sal - Le Lac Rose, Senegal (14-9-97)



recensons



Meninos na estrada - A caminho de Dakar, Senegal (14-9-97)





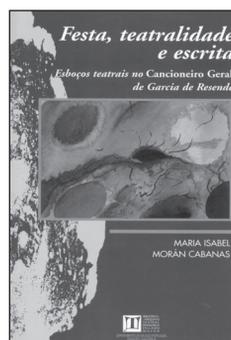
recessos

TEXTO LITERÁRIO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. A RESPEITO DE DOUS VOLUMES DE
TEATRO PORTUGUÊS EDITADOS NA GALIZA

A Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor da Universidade da Corunha publicou em 2003 dous novos volumes de teatro portuguê, com cuidada edição por parte de duas docentes universitárias galegas, e que resultam produtos de interesse para o público galego, mas com evidente projecção e validade para o restante âmbito lusófono e para os estudiosos, respectivamente, dos finais da Idade Media e início do Renascimento, e do século XIX. E nom só: a distância temporal ajuda a entender como evolui o texto literário e se adapta às transformações sociais e aos condicionantes que imponhem. Parece isto evidente, mas as visons imobilistas que por vezes oferece certa crítica nom sempre se preocupam de deixar constância dessas mudanças, resultado sempre de um processo e que costumam ter como alicerce luitas em diferentes campos, e progressivos avanços parciais, até frutificar nas novas propostas e formulações. As novidades no campo literário, a que pertencem estes textos teatrais, nom se devem, portanto, a qualquer genialidade relacionada com a inspiração ou o achado de essências por parte de um ou vários produtores, mas som consequência de se terem que adaptar às novas exigências que demandam novas realidades, e que por sua vez deslocam outros produtores, que ficam preteridos por representar tempos desfazados e/ou ultrapassados, favorecen-

do assim umha nova concepção e renovação do cânone.

**O Cancioneiro Geral
de Garcia de Resende**



No primeiro destes volumes⁽¹⁾ Maria Isabel Morán Cabanas, profesora da Universidade de Santiago, foca um assunto em que está especializada, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, repositório sobre o qual tem outros trabalhos, nomeadamente *Traje, Gentileza e Poesia* (de que se tem ocupado a revista *Agália*, em recensom publicada no número 69-70, pp. 219-230), ou dous estudos anteriores publicados na *Agália* (“A propósito da *Confissam* de Joam Gomes da Ilha no *Cancioneiro Geral*”, no número 48, pp. 435-450; e “O deslouror das damas no *Cancioneiro Geral*”, no número 59, pp.333-350).

Esta estudiosa procura os primórdios do teatro a partir da tradição do

(1) Morán Cabanas, Maria Isabel (2003), *Festa, teatralidade e escrita. Esboços teatrais no Cancioneiro Geral de García de Resende*. A Corunha, Universidade da Corunha, Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, nº 25, 223 páginas.

lirismo galego-português, e faz percurso por produtores considerados precedentes de Gil Vicente, a quem no cânone se lhe atribui, de regra, o ser iniciador deste género em Portugal.

No estudo (2003:11-63) que precede os textos antologados, som analisados os contributos litúrgicos, os momos e outros, e entra-se na polémica sobre a teatralidade ou nom dos mesmos, partindo de umha concepção de teatro como espectáculo. Morán oferece exemplos concretos (2003:65-212) de “esboços teatrais” de 56 produtores incluídos no *Cancioneiro Geral*, explicando como se elaborárom esses textos, publicados no século XVI por Garcia de Resende, quem considerou outros cancioneiros da altura como modelos. Os produtos seleccionados abrangem os reinados de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, e coexistem entre os produtores que inclui, como ela própria salienta (2003:23), “a tradição medieval e os novos ares da Renascença”.

O conceito de autoria e de texto eram muito diferentes na altura ao que acontecerá sobretudo a partir do século XIX, e assim encontramos que só o próprio Garcia de Resende, o Conde de Vimioso e, sobretudo, Henrique da Mota, este último com quatro exemplos, aparecem com produções próprias singularizadamente; nos outros casos a autoria é múltipla e partilhada: dos que se filiam no repertório do *Cuidar e Sospirar* oferecem-se contributos de sete produtores diferentes (Jorge Aguiar, Fernão da Silveira Coudel-Mor, Nuno Gonçalves, D. João de Meneses, Nuno Pereira, Pero de Sousa Ribeiro e Jorge da Silveira); dous no exemplo

seleccionado de Pero de Sousa (ele próprio e Francisco da Silveira), doze num dos de Henrique da Mota (Branca Álvares, João Álvares, Bastião da Costa, Fernão Dias, Mestre Gil, Agostinho Girão, Diogo Gonçalves, Diogo de Lemos, Afonso Fernandes Montarroio, Tomé Toscano, Gil Vicente e o próprio Da Mota), e 37 nas Justas Reais em Évora (D. João de Almeida, Pero de Abreu, Pedro Aires, Diogo Almeida, Nuno Fernandes de Ataíde, Arelhano, Rui Barreto, António Brito, Lourenço de Brito, D. Rodrigo Castro, D. Martinho Castel-Branco, Álvaro Cunha, D. Manuel [O Duque], D. João II, D. Fernando [filho do Marquês], D. Henrique Henriques, Pedro Homem, João Gomes da Ilha, D. João Manuel, D. Diogo Lobo, Fernão Martins Mascarenhas, Garcia Afonso de Melo, Diogo de Mendoga, D. João de Meneses, D. Rodrigo Meneses, D. Diogo Pereira, Prior de São João de Castela, João Lopes de Sequeira, Aires da Silva, Diogo Silveira, Francisco da Silveira, Jorge da Silveira, Garcia de Sousa, João de Sousa, Pedro de Sousa, Afonso Valente e Veopargas).

Trata-se de textos muito díspares: os do Conde do Vimioso e de Pero de Sousa-Francisco da Silveira ocupam apenas duas páginas (115-116 e 117-118), e os dos 37 autores das Justas Reais de Évora 8 páginas (2003:119-126) entre todos, sendo os exemplos mais compridos a selecção do repertório do *Cuidar e Sospirar* (2003:67-114), um dos próprios de Henrique da Mota (o da Mula, 2003:155-177) e mais o que partilham

Henrique da Mota e mais outros onze produtores (2003:179-200). Dos quatro restantes, o de Garcia de Resende sobre Inês de Castro ocupa as pp. 201-212, e os outros três de Henrique da Mota as pp. 127-135, 137-148 e 149-154, respectivamente.

Vale a pena citar Henrique da Mota e o próprio Garcia de Resende. Do primeiro deles, como se indicou, oferece o principal contributo, com cinco produtos, que foram reivindicados por estudiosos como Neil Miller pola sua teatralidade, antepondo-o mesmo a Gil Vicente. Isabel Morán foca a teoria deste pesquisador norte-americano, e compara-a com outros, frisando as matizações e as divergências ao respeito. A estudiosa galega filia-se na linha de aqueles que defendem serem todos estes textos esboços pré-teatrais, assinalando ao respeito, em nota (2003:49), que “independentemente de terem ou não sido representadas em termos de manifestações cénicas, a verdade é que elas figuram na compilação sob a etiqueta de *Trovas*, não se distinguindo nem tão sequer em termos de ordenação das restantes composições do autor”. Ainda ao apresentar os textos de Henrique da Mota, igualmente em nota de rodapé, no segundo deles, pom em destaque a professora compostelana que a intervençom da personagem do alfaiate na trova que lhe diz respeito deve ser compreendida pola (2003:145) “projecção cénica do texto”. Elementos estes que levam a pensar em que talvez a tese de Neil Miller nom fosse certamente despropositada, e nom todos os textos seleccionados mereçam umha mesma consideraçom. O contributo de

Garcia de Resende sobre Inês de Castro tem o valor de que, como a estudiosa galega assinala (2003:15), “talvez constitua o mais antigo texto puramente literário sobre tal figura”.

O trabalho introdutório de Isabel Morán finaliza (2003:60-63) com os critérios da ediçom, nos quais especifica e justifica questons como a diferente consideraçom dos textos portugueses e castelhanos; assuntos como a selecção das “composições colectivas”, ou o facto de que alguns textos pola “enorme extensão tiveram de recolher-se truncados”. Merece destaque o acerto de que, como assinala na página 62, “cantigas alheias (alegadas ou glosadas), motes, versos alheios e versos clichés registar-se-ão impressos em itálico com vista a salientar a sua presença no seio do texto e sublinhar a intertextualidade com que tanto deparamos na leitura da lírica cancionairil de Quatrocentos em todo o âmbito peninsular”. É esta umha escolha no instante de editar que ajuda o leitor a compreender melhor esse diferente conceito de textualidade que existia na altura e que ficou indicado anteriormente.

Morán opta por colocar só no final (2003:213-219) as referências bibliográficas utilizadas, ao pé dos índices; bibliografia em que aparece ela, com três trabalhos, como principal referência; e onde se encontram, a par de críticos de diferentes nacionalidades, outros estudiosos galegos desse período, como Carlos Paulo Martínez Pereiro, José Luís Rodríguez ou José María Viña Liste.

Teatro do século XIX



O segundo dos volumes trata-se de um texto de Francisco Gomes de Amorim⁽¹⁾, produtor português do século XIX conhecido pela sua relação com Almeida Garrett (a quem dedicou um referencial estudo biográfico) e a quem Carme Fernández Pérez-Sanjulián, docente da Universidade da Corunha, se refere como figura (2003:11) “singular, pois a sua formação e evolução posteriores não tiveram nada a ver com o habitual dos homens do seu tempo”. No estudo introdutório (2003:9-80) oferece dados biográficos, do repertório teatral no Portugal da altura, e umha análise do texto, estreado em 1857 e publicado por vez primeira em 1869, reeditado em Portugal em 1984, e de que por vez primeira se oferece agora em edição crítica.

Na análise do texto oferece dados da recepção da estreia, dos elementos metaliterários que se encontram

na sua construção, estrutura, assunto e motivos temáticos, espaço e cenografia, o tempo, e dedica especial atenção às personagens, com umha caracterização geral das mesmas e diferenciando as procedentes de textos teatrais anteriores do próprio Gomes de Amorim e de outros produtores (Mendes Leal, Shakespeare, Harriet Beecher Stowe, Cervantes, bem como da Bíblia e da mitologia clássica), para finalizar com duas epígrafes nas quais relaciona *Fígados de Tigre* com “o discurso crítico sobre o presente” pelas (2003:71) “referências a sucessos, costumes ou instituições do seu tempo” que se encontram no texto, salientando aqui que (2003:73) “a imagem que dos galegos e galegas projecta Gomes de Amorim nesta peça revela-se como especialmente cruel, pois dá a sensação de serem para ele, apenas, a parte mais risível da paisagem urbana da capital”; e finalmente ocupa-se das referências musicais, pois na peça o autor vale-se de (2003:74-75) “dezanove óperas” e “além disso, uma abundante utilização de diferentes ritmos e melodias de variadas origens (fado, lundu, brasileiro, fandango, chula minhota, tango, som de gaita de foles...)”. Inclui a seguir (pp. 81-86) as referências bibliográficas, e na continuação encontram-se (pp. 87-222) o texto dramático, precedido da dedicatória, e as compridas “Notas e esclarecimentos” do próprio Gomes de Amorim.

Fígados de Tigre aparece, pois, na segunda metade do século XIX, ins-

(1) Amorim, Francisco Gomes de, (2003), *Fígados de Tigre*, Edição, introdução e notas de Carme Fernández Pérez-Sanjulián, A Corunha, Universidade da Corunha, Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, nº 28, 280 páginas.

tante fulcral na evolução do campo literário, ao frutificarem mudanças como os rendimentos polos direitos de autor ou umha valorização diferente do trabalho por parte dos produtores, que pensam na posteridade e cuidam mais a sua produção, para além de deixarem de depender dos mecenas como era norma até aquela altura. Estas questões aparecem neste trabalho de Gomes de Amorim e no estudo prefacial de Pérez-Sanjulián, onde se faz referência ao rendimento económico que a peça teve para o autor.

A ánsia de glória de Gomes de Amorim conclui-se de muito diversos elementos que se encontram no texto dramático, e no “Prólogo” e as “Notas e esclarecimentos” do próprio autor na edição príncipe. Assim, Amorim alude em primeiro lugar a Epifânio Aniceto Gonçalves, exemplo de triunfador no teatro do seu tempo, indigitando-o como principal causante de ter escrito *Fígados de Tigre*, por considerá-lo modelo do teatro que ele procurava, e que seica não encontrara até deparar com este texto. Relata tal entusiasmo de Epifânio que mesmo lhe teria tirado o texto das mãos após a primeira leitura, e obrigara-o a continuá-lo sem parte dos primeiros originais, um elemento que tenta ser exculpatório dos fracassos iniciais da estreia, de que informa Pérez-Sanjulián, e que o levou a sucessivas emendas e reformulações, como também indica a estudiosa corunhesa.

Além disso, Amorim explica na primeira das “Notas e esclarecimentos” –a que remete o seu próprio “Prólogo”– como Garrett lhe tinha desaconselhado escrever semelhante

texto, quando lhe comunicou a intenção de fazê-lo, mas ainda assim redigiu esse trabalho dois anos depois de falecido o seu mestre e ilustre biografado, indicando (2003:25): “a minha obra foi festejada por muita gente; mas eu sinto que não devia tê-la escrita”, com o que visa firmar –e lembrar– o sucesso conseguido 12 anos antes. Reafirma ainda esse sucesso ao reproduzir, íntegra, umha recensão publicada em francês, exemplo de reconhecimento crítico internacional.

No próprio texto, ao pôr em contacto personagens de outras peças teatrais suas anteriores com outras já canonizadas (de Shakespeare, Cervantes, bíblicos ou mitológicos) Amorim procura o contágio da glória destes, ao tempo que se reivindica seu continuador. Ao respeito vale a pena frisar o que indica na nota XXXIII (2003:260-261), ao explicar que colocou o D. Quixote no Inferno “com a mesma liberdade usada por Dante no seu inferno. [...] espero que a pátria não seja ingrata para comigo, quando reparar que antes de mim só os maiores poetas se atreveram a levar os seus heróis onde eu levei o meu *Fígados de Tigre*”, com o qual ele reivindica um lugar entre esses “grandes poetas”. E do mesmo teor é a referência que se encontra na nota XXXVIII a Mr. René Lefebvre, ao afirmar Amorim a respeito do tratamento dado por esse produtor francês ao D. Quixote que “folgo que, depois de mim, viesse um escritor distinto, que decerto não conheceu o meu escrito, expor a mesma ideia de modo que parece a tradução do que eu havia dito anos antes”. Esta referência a Lefebvre tem

ainda outra função: a reivindicação por parte de Amorim do seu eruditismo, ao demonstrar não só ter bom conhecimento dos grandes clássicos canonizados e dos nomes de destaque do panorama luso coevo (Shakespeare, Gil Vicente, Cervantes, Garrett, Correia Garção, Gomes Junior, José Maria de Costa e Silva, Moutinho de Sousa, Vergílio, Hesíodo, Homero, Ovídio, Aristóteles, Dante, Milton, Luciano, Xenofonte, Tito Lívio ou Licofron, nomes todos eles a que alude neste produto), mas também de trabalhos especializados publicados no estrangeiro, como este de Lefebvre (editado em 1863) ou, com anterioridade, umha *Histoire de la Littérature Grecque* de Pierron, editada em 1857 igualmente na França e a que se alude na “Nota e esclarecimento” XIV (2003:239). O mesmo acontece nas citações musicais, onde demonstra conhecer bem o repertório de óperas estreadas no seu tempo em Lisboa (de Hoffman, Bellini, Verdi, Rossini, Meyerbeer, Petrella...), mas também o da zarzuela espanhola. E frisa o seu bom conhecimento do Brasil, onde residira anos, reprovando o desacereto no tratamento que se dava a certos elementos desse país e que ele corrige, arvorando-se assim também em mestre no assunto.

Existe, pois, clara intencionalidade de se reivindicar como nome cimeiro do seu tempo; um tempo de lutas sociais que se espelham no campo literário em acontecimentos como muito em especial a *Questão Coimbrã*, que decorre entre as datas de estreia e publicação de *Fígados de Tigre*. E aqui há que dizer que Gomes de Amorim, como os restantes pro-

dutores teatrais coevos, não se adaptou a essas transformações, que finalizáram com o triunfo do Realismo frente ao velho Romantismo; um Realismo em que não salienta o teatro, ao não se canonizar nenhum produto deste género.

No entanto, há que reconhecer que em parte Gomes de Amorim consegue o seu propósito, pois *Fígados de Tigre*, editado por primeira vez no ano em que mais textos teatrais viu publicados em vida (nesse 1869 apareceram mais dois, como indica o estudo de Pérez-Sanjulián), ficará com certeza como contributo teatral a ser considerado no cânone, a par do estudo biográfico garrettiano, como agora salienta a estudiosa da Universidade da Corunha.

Conhecida especialista em Otero Pedrayo, Pérez-Sanjulián põe ainda em diálogo, com acerto, a produção de Amorim com a segunda parte do romance do produtor galego *Os camiños da vida*; e também relaciona adequadamente este seu trabalho com contributos de Carlos Paulo Martínez Pereiro editados na Galiza, respeitantes ao teatro de Camilo Castelo-Branco (e nomeadamente a visom do galego neste produtor) e de Almada Negreiros.

Morán e Pérez-Sanjulián coincidem numa escolha metodológica alicerçada na dicotomia texto-contexto, segundo a qual realizam um trabalho muito correcto e sóbrio (e aqui podemos aplicar o que diz a personagem de Pedro, na cena II de *Fígados de Tigre*, na página 103: “a sobriedade é filha da sabedoria”). No entanto, em vista do estudo que realizam e dos elementos que utilizam, há que pensar que talvez com umha metodolo-

gia de corte mais sociológico conseguiriam um maior rendimento ao seu muito generoso trabalho como editoras destes interessantes contributos teatrais portugueses.

A colecção

Há que parabenizar à Universidade da Corunha por esta interessante colecção. Resulta com certeza positivo que se mantenha uma “Serie Verde”, especializada em “Literatura Teatral em Língua Portuguesa”, dirigida pelo Professor Doutor Francisco Salinas Portugal, que já com anterioridade incluía outros títulos portugueses e brasileiros⁽¹⁾ e que contribui, sem sombra de dúvida, para um melhor relacionamento da Galiza com o âmbito restante lusófono, mas também serve de referência para os estudiosos e especialistas, e nom só.

Surpreende, porém, que as duas estudiosas galegas utilizem nos seus estudos a língua portuguesa segundo o cânone vigorante no Sul do Minho, sem qualquer explicação. Porque nom estamos perante duas pessoas

desconhecidas: antes pelo contrário, Pérez-Sanjulián tem outros contributos científicos de fôlego e mesmo algum livro de texto importante que circulou nos centros educativos para o ensino da Literatura Galega na etapa obrigatória, sendo um nome de relevo entre os produtores e críticos que se filiam no Galego-Castelhano⁽²⁾; e Isabel Morán encontra-se entre as defensoras do Galego-Português⁽³⁾, até ao ponto de ocupar um alto posto directivo na Associação Galega da Língua.

Umha colecção universitária sempre é bom que tenha presentes formulações como a da própria Sala do Contencioso do Tribunal Superior de Xustiza de Galiza, que expressamente reconheceu a “finalidade lexítima de posibilita-la publicación de traballos que empregan outras regras ortográficas [refere-se a outras diferentes das derivadas do Decreto 173/82 da “Xunta de Galicia”, de 17 de Novembro, sobre normatização da língua da Galiza] do idioma galego asumidas e practicadas en eidos intelectuais e por capas sociais que atopan o seu fundamento e lexitimi-

(1) Mais em concreto: no número 12, *Castro*, de António Ferreira, em edição de M^{te} Rosa Álvarez Sellers; o número 15, *O espaço literário do teatro. Estudos sobre literatura dramática portuguesa I*, de José Oliveira Barata; no número 22 *Teatro brasileiro: Textos de fundação*, em edição de Maria Aparecida Ribeiro; e no número 23 *Teatro Brasileiro na Galiza*, de Roberto Cordovani, por citar os específicos, aos que se poderia acrescentar outros textos medievais, igualmente de interesse comum. A colecção da Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor tem ainda outras quatro series: Gris, dedicada a “Pensamento e estética”, ao cuidado de Carlos Paulo Martínez Pereiro; Azul, de “Literatura Teatral Galega”, dirigida por Laura Tato Fontañá; Vermella, de “Literatura Teatral en língua francesa”, dirigida por X. Carlos Carrete Díaz; e Branca, de “Outras Literaturas Teatrais”, ao cuidado de Carlos P. Martínez Pereiro. Ao igual que Salinas Portugal, todos os directores das séries som doutores e professores na Universidade da Corunha.

(2) Utilizo aqui Galego-Castelhano e Galego-Português segundo a conhecida doutrina de Carvalho Calero. É de justiça esclarecer, no entanto, que a Professora Pérez-Sanjulián tem também contributos no âmbito do Galego-Português, entre eles um muito interessante estudo sobre o teatro de Álvaro Cunqueiro, com o que se abre o número 25 da *Agália*.

(3) Dos 28 volumes editados, nunca o Galego-Português foi utilizado para redigir um estudo introdutório. Há de se reconhecer, no entanto, que no volume *Escritos sobre teatro*, de Ricardo Carvalho Calero, publicado no número 11 da colecção, preparado pela professora Laura Tato Fontañá, respeita-se a ortografia utilizada nos escritos originais, vários deles em publicações editadas pela Associação Galega da Língua.

dade en razóns históricas, consuetudinarias, xeográficas e de poliformismo propio das falas, e non lonxe de certo baseamento científico-lingüístico, que se está a debater precisamente no lugar onde corresponde, a Universidade, foro de debate científico e cultural. Consecuentemente, constituiría un atentado ó dereito á liberdade ideolóxica, científica, de expresión e de libre circulación das ideas, todo intento por parte de poderes públicos de seiturar, co gallo da defensa a ultranza dunha normativización oficial, posturas lingüísticas que, non apartándose do seo común de orixe e convivencia idiomáticas, se amosen como discrepantes e ata críticas coa normativa oficial⁽¹⁾. Sería pena, mesmo retroceso difícil de entender, utilizar a língua portuguesa com propósito estrangeirizante na Galiza do século XXI, nesta colección de tanto relevo, ou em qualquer outro espaço.

Joel R. Gómez

(Grupo de Investigación Galabra-USC)
Milhadoiro, Dezembro de 2004

CIDADE ALTA



En concreto, Mensagem

Para começar, um detalhe: ao lermos *En concreto*⁽²⁾, de Luísa Villalta, umha das cousas que chamou a nossa atención é umha notável cercanía, nalguns pontos, com *Mensagem* de Fernando Pessoa⁽³⁾. É, antes de nada, umha chamativa confluência formal, mas também se dá umha interessante coincidência de fundo. Ao nosso ver, com efeito, ambas as obras obedeceriam a um desígnio

(1) Sentença desse Alto Tribunal, constituído polos magistrados José María Gómez y Díaz-Castroverde (Presidente), José Antonio Vesteiro Pérez e Francisco Javier D'Amorín Vieitez, sendo este último magistrado-relator, com enxeño do recurso número 7.942/1992 apresentado pola Universidade de Vigo contra un acordo do "Consello da Xunta de Galicia". O texto encontra-se reproduzido facsimilarmente no número 33 da *Agália* (Verao 1993: 231-235). A própria Sala do Contencioso-Administrativo do Tribunal Superior galego ditou umha sentença utilizando o cónone ortográfico da Associação Galega da Língua (reproduzida no número 20 da *Agália*, Inverno de 1989: 512-513), como com anterioridade a Audiência Territorial da Corunha (quando era o máximo órgão judicial da Galiza, antes de funcionar o Tribunal Superior. Esta sentença está igualmente reproduzida facsimilarmente no número 7 da *Agália*, Outono 1986: 351-354). O Departamento de Galego-Português da Universidade da Corunha implicou-se muito decididamente para propiciar a mudança da normativa ortográfica aprovada pola Real Academia Galega em Julho de 2003; e sería bom que continuasse com um posicionamento de semelhante teor no respeitante a outras propostas, e nomeadamente a que defende a Associação Galega da Língua.

(2) Luísa Villalta, *En concreto*, Espiral Maior, A Corunha, 2004.

(3) J.A. Seabra (coord.): Fernando Pessoa, *Mensagem. Poemas esotéricos*, edição crítica, Siglo XXI, Madrid, 1993.

similar: poetizar o histórico-social profetizando⁽¹⁾ em termos histórico-sociais, em suma, fazer poesia social. O objecto, porém, é bastante diferente: Portugal, no caso de Pessoa, e a cidade (da Corunha), no caso de Villalta. Esta semelhança resulta, ao cabo, geral e remota, mas nom é desenhável.

Casualidade?

A confluência formal, nom sendo muita cousa, nom parece tampouco possível que seja fruto da casualidade. Com efeito, ambos os poemários contam com umha parte inicial similar: um conjunto de poemas agrupados sob o nome “brasom”. Ora, onde Pessoa descrevia e explorava o escudo de Portugal⁽²⁾, Villalta vai explorar e desenvolver a divisa da sua cidade: cabeça, garda, chave, força e antemural. Ora bem, esta confluência: procurou-na a nossa poeta? Em qualquer caso nom deixa de ser surpreendente.

Poesia social

Porém, a seguir, nas partes sucessivas, os caminhos som divergentes ou, melhor dito, distintos. Mesmo aproximar ambos os poemários, como fazemos na nossa leitura, pode parecer arbitrário, até forçado. No entanto, pola nossa parte, pensamos que, com independência dessa confluência inicial assinalada, ler ambos os textos tendo em mente o seu remoto paralelo pode resultar sumamente ilustrativo. A compara-

ção –com o mostrar de semelhanças e diferenças– deita umha luz clarificadora. Assi, prosseguindo com a analogia, em *Mensagem* fai-se um percorrido pola história; no entanto, nas páginas de *En concreto* o protagonismo tenhem-no a geografia urbana (“edifícios”) e humana (“estampas”) da cidade, sem quase haver lugar para a história, salvo como vestígio (“nomes”). E, finalmente, no desfecho deste poemário reencontramos a similitude e a distância com Pessoa: a mensagem de *En concreto* é semelhante, mas diferente, da lançada em *Mensagem*. Em ambos os textos, é formulada umha demanda de passagem ao acto, à acção construtora histórico-social: mas, no primeiro, no caso galego, fai-se através dumha interiorização subjectiva pessoal e, no segundo, no caso português, fai-se umha interpelação e um chamamento aos outros, aos nacionais, à colectividade. A razão destas diferenças no desenvolvimento e no desfecho dos poemários estaria, ao nosso ver, nom tanto no desígnio poético que anima ambos os vates, o lusitano e a galaica, senom, mais bem, na natureza e a substância dissímiles dos objectos abordados. Os dous fariam, no entanto, poesia social. Mas, com isto, deixemos a comparação para adentrar-nos no texto de Villalta.

En concreto

O seu livro é umha abordagem poética do social, concretamente da cida-

(1) Com “profetizar” quero dizer “falar diante e para diante”: i.e., falar “em público e para umha xente” e falar “mirando ao futuro e propugnando um porvir”.

(2) “Brasão”, a “primeira parte” do poemário (*Mensagem*, ed. cit., p. 7), compreende cinco secções: “os campos”, “os castellos”, “as quinas”, “a coroa” e “o timbre” (*Mensagem*, ed. cit., pp. 11-41).

de e, mais em concreto, da cidade da Corunha. Aí batemos já com o problema: fora do livro, é A Corunha umha cidade? Ou, dito com outras palavras, qual é *hic et nunc* (ou seja: na Corunha... e em geral *inter nos* ou em Galiza) a entidade do social: que entidade tem isso que vai tomar-se como matéria poética? É óbvio que um escritor pode inventar o seu tema seguindo os ditados da sua imaginação e, negligenciando por completo dados e feitos, nom deixar-se atar pola facticidade e a veracidade. Ao literato basta-lhe com ser verossímil, e isso num sentido muito largo. Ora, nom é essa a achega de Villalta, que prefere, desde o poema inicial, contemplar a cidade em termos que bem poderíamos chamar realistas⁽¹⁾: i.e., reconhecíveis e contrastáveis fora da óptica poética. O que se traduz em tratar a cidade (A Corunha), poetizá-la, dando conta da sua pouca entidade.

Cidade

Assi, desde os primeiros versos, sabemos que, nas páginas que seguem, o que teremos diante, “a cidade”, é um “eu en nós/ sen nós/ eu” (p. 9). Nom se pode dizer melhor com tam poucas palavras: a cidade é um sujeito colectivo (um “nós”), formado a partir do indivíduo (o “eu”), mas que verdadeiramente é pouco sujeito, por resultar incompleto ou deficiente (um sujeito capitidiminuído: um “nós sem nós”, i.e., um nós sem um nós) e estar pouco formado (um sujeito quase sem vínculos: um “nós sem nós”, i.e., um nós sem nó algum ou com poucos nós). É, em

consequência, um sujeito colectivo em formaçom ou cuja formaçom é possível a partir do individuo (o “eu” ou, mais exactamente, neste caso, “a” eu).

Brasom

O “brasón” (pp. 13-39) é a constataçom desse “quase nom haver cidade” ou, mais exactamente, do “pouco ser da cidade”. Esta quase nom existe: pouco mais é do que um rochedo, um penedo, rodeado polo mar e batido polos ventos. É, sobretudo, o soprar e rolar deles o que caracteriza a cidade. De facto, junto com os termos da divisa, os ventos componhem o brasom da cidade. Assi, poema a poema vam sucedendo-se: “habitar (cabeza)”, “norte (bóreas)”, “monstros (garda)”, “leste (euro)”, “iniciación (chave)”, “oeste (céfiro)”, “espello (forza), “sul (austro)” e “a cidade antiga (antemural)”. Apesar de nestes poemas estarmos a explorar a sua divisa emblemática, quase nom comparece a história e pouco o social. Ora, “quase nom” significa “algo si” e, ademais, esse algo é o que é salientado e sublinhado. De facto, da cidade o que sai é, sobretudo, a rua. O que hai dá-se, fundamentalmente, a partir dos olhos e os passos da eu a caminhar pola rua, do seu mover-se nesse espaço aberto delimitado polo mar e definido polo vento, a cidade, que, contodo, nom constitui só umha intempérie senom também um ponto de apoio.

Ar, vento

Por tanto, a partir desse brasom, poderia dizer-se que a cidade é umha

(1) Ou republicanos: como *res publica*, cousa ou objecto de domínio público.

substância aérea, envolvente e evanescente. É o lugar em que aparece a eu: o *subjectum* onde ela se dá, o que ela “tem debaixo”. Mas, também é o que aparece frente à eu: o *objectum* que se dá a ela, o que a eu “tem diante”. Por isso, a cidade resulta, à par, habitável e inóspita, sustento e obstáculo para a própria subjectividade. Daí arranca o andar –o deambular– da eu protagonista e, também, o desígnio poético da nossa escritora: a apropriação desse sujeito-objecto (a cidade), que se quer levar a feito pela via nom (ou, melhor dito, nom só) da privatização senom (também) da socialização. Assi, para a eu, o repto é fazer da rua umha casa: mais exactamente, ligando as interfaces achadas no espaço público, constituir e desenvolver umha rua-casa, unindo segurança e abertura. E, mais fundamentalmente, o desígnio da nossa autora é soerguer a cidade, para o qual solicita –quase explicitamente– a colaboração –e até a participação– do leitor. Como? Pois, calando: Villalta deixa de dizer –deixa cousas sem dizer– para que quem le pense e, conseqüentemente, escreva com o pensamento e, além disso, actue em consequência.

Silêncios

Assi, a estas alturas do livro, hai dous silêncios (ou apagamentos) que dam que pensar: serám em adiante, nas páginas que seguem, como duas perguntas, dous interrogantes, duas incógnitas que criam como umha espécie de tensom ou um suspense

na leitura mantidos até o desfecho do poemário. Designadamente, nos poemas do “brasón”, já fica perfeitamente identificada a cidade, é claramente A Corunha, mas em nengum momento é dito o seu nome. E, por outra parte, a divisa brasonada, que na realidade podemos ler inscrita na fachada da casa do concelho (o palácio municipal), fica incompleta: Villalta recolhe e explora parte do texto (“cabeça, garda, chave, força e antemural...”), mas nada di da “outra” parte do texto: “... do reino de Galiza”⁽¹⁾. Estas duas interrogações constituem umha interpelação ao leitor.

Edifícios

Mas, voltemos com Villalta ao livro, e com a eu protagonista às ruas: temos diante de nós agora “edifícios” (pp. 43-58), alguns deles inequívocos emblemas corunheses (eminenteemente, a “torre”). A paisagem é, agora mais que no “brasón”, urbana e o protagonismo segue a corresponder à rua. Nestes lugares (“ruínas”, “xardíns”, “torre”, “palacio municipal”, “solares”, “rañaceus”, “estación”, “obelisco”, “torre das ánimas” e “asilo”), autênticas interfaces da vida cidadina, achamos a sua pouca história, a magreza do social, a frouxidade e a escassez dos “nós” (os laços) que fam a cidade (os vínculos sociais). O veredicto é rotundo: “Onde nós non hai nunca outro destino/ que ser un anónimo fin/ ou un glorioso comezo” (p. 53). Ou seja: quase nom hai desenvolvimento,

(1) O texto completo é: “Muito nobre e muito leal cidade da Corunha, cabeça, garda e chave, força e antemural do reino de Galiza”.

quase nom hai história. Quase nom: porque, de facto, hai um germinar e um apagar-se, que, ademais, podem ser modificados: afastando-se tanto da glória como do anonimato. Precisamente, denominar –dar nomes e sair do anonimato– é deixar um rasto de glória e, com isso, perder a glória mesma. Que glória? A de ser conformes ao ditado de nom ter nome: “uniformes exiliadas/ infinitas pequenas repúblicas privadas” (p. 52). Isto nom fai que esses sujeitos estejam reconhecidos –nem sejam reconhecíveis– polo poder, senom que o que acontece é o contrário: esses sujeitos, no facto de eles nom ser, reconhecem o (ser do) poder. Contra essa profunda recusa de realidade, cujo modelo na vida individual quotidiana é a denegação da mortalidade (veja-se o poema “asilo”), escreve-se *En concreto*.

Estampas

A seguinte parte, “estampas” (pp. 61-86), é a exploração das interacções: as que se dam na cidade e, também, as da eu com a cidade. Trata-se, com outras palavras, da abertura ao possível no concreto: de detectar e desenvolver as possibilidades da vida cidadina. Ora, Villalta esforça-se em mostrar que o possível nom é alhures, que nom está alhures senom ao lado: é o prolongamento e aprofundamento do concreto. Assi: “O viver sempre atende á volta da esquina” (p. 61). Mais exactamente, o possível é o desenvolvimento do pre-

sente: do que se tem diante, do lugar e do tempo nos quais se está. Paradigmaticamente: “Nos cóbados das varandas cara o alén/ loce a noite un outro mundo/ que sabemos adherido ao que aquí se decida”⁽¹⁾ (p. 64). Ora, esse desenvolvimento comporta, como já digemos, um movimento duplo, complementar e concatenado, de apropriação e socialização: fazer, do que hai, o que se tem e, a seguir mas quase ao tempo, fazer, do que se tem, o que se dá. Acçons estas que às vezes, muitas vezes, resultam pouco realizáveis e mesmo irrealizáveis. Tal sucede na nossa cidade: segundo vemos nas “estampas”, as interacções da eu som algumas ricas (“cita”) e outras pobres (“horario”), mesmo muito pobres (“foula”, “frío inverno”). É rica a experiência da privacidade (nom sempre: “horario”), mas pobre a da civilidade (i.e.: a sociedade civil, o espaço público).

Exílios

Com efeito, a cidade –como fórmula de convivência num espaço e um tempo concretos– o que oferece fundamentalmente som contactos entre indivíduos. Ora, destes contactos e com esses indivíduos, o que resulta raro e difícil é conseguir fazer contratos, estabelecer relações intersubjectivas estáveis, sair do exílio na individualidade (“tarde no café”). A eu tenciona-o e logra-o a nível particular, no âmbito da privacidade (por exemplo, “cita”); mas acusa a sua falta a nível geral, no terreno da civi-

(1) Por outra parte, vemos nesses versos a pegada de Manoel-Antonio, um dos poetas galegos mais presentes –mais ressonantes– ao longo deste poemário. “Os cóbados n-o barandal” é o título dum poema em *De catro a catro* (Manoel-Antonio, *Poesías*, Galaxia, Vigo, 1972, p. 151).

lidade (entre outros poemas, “a espera”). Assi, ela –a eu– celebra alguns nexos “eu ti”, libertadores e enriquecedores para os sujeitos (os indivíduos intervenientes), mas deplora a pobreza –por nom dizer a ausência– do contrato social (ou, melhor dito, de contratos sociais) à escala da cidade. Aos seus olhos, esta aparece como um *modus vivendi*: mais que umha fórmula de convivência, é umha soluçom de conveniência para atalhar necessidades básicas (pois “outras non coñece”, p. 75). É umha cidade de eus sujeitos, que mormente están sujeitos sem serem sujeitos. Nela (“foráneos”), os imigrantes representam o caso extremo ou limite, mas constituem a expressom exemplar do “ser ninguém” dos eus sujeitos (incluída a eu). Com esses eus é difícil fazer nós, travar laços, construir um sujeito colectivo: de facto, de eles anoarem-se (“horario”) ou de anoá-los a cidade (“embotellamento”), o que sói resultar é um anoadamento, um “eu ti eu ti eu ti/ nós non nós non nós non” (p. 69) ou um “instante tan parecido á eternidade/informal de cadea perpetua” (p. 70).

Rua-Casa

Esse é o contexto, e o concreto, em que a eu (“antiquíssima”) realiza a sua tentativa: “construir a miña morada no reverso das rúas” (p. 76). Ora, este empenho difícil, fazer a rua-casa, nom exclui, senom que implica, a experiência interior e a vivência privada. Mas estas quase ficam à marge, praticamente nom se vertem na cidade (“arte”, “cita”). De facto, a eu, rica em experiência interior e vivência

privada, assume a cidade (“roupa”, “aderezos”), mas, contra o que poderia parecer, nom se identifica com ela (significativamente: “viaxe”). A eu é umha mulher cosmopolita explorando exaustivamente o (seu) presente (“abrente”, “desandando”): é, em concreto, cidadá dumha cidade, essa que ela própria ajuda a construir, mas como cidadá dum mundo possível num tempo factível. Por isso, o que quer fazer é umha rua-casa: abrir caminho, umha via, erguer um teito, umha morada.

Nome?

Finalmente, depois destas tres partes (“brasón”, “edificios” e “estampas”) venhem dous poemas, “nomes” (pp. 89-90) e “poema da cidade alta” (pp. 93-95), como duas novas partes, que constituem –também em termos de contido– o desfecho do livro. O primeiro, “nomes”, é umha afirmaçom da potência, e potencialidade, dos nomes próprios, pola sua capacidade para transformar um espaço e um tempo dados, concretos, fazendo deles um mundo com a sua história. Os nomes citados volvem ser característicos da Corunha mas tampouco neste poema, como no seguinte e o livro inteiro, se di o nome da cidade (A Corunha). Esse acto de nomaçom é deixado aos leitores: a eles corresponderá, se quigerm, tirar do anónimo a cidade. Villalta sem dúvida faria-o, mas é algo que nom chega com fazê-lo um só e que cumpre nom fazê-lo só. Soa, ela assume o seu próprio nome (Villalta: vila alta), ligando-o à cidade: “O meu nome é o da

Cidade Alta” (p. 93). Essa assunção do nome contrasta, sem dúvida, com o anonimato da cidade. Ela poderia ter concluído este “poema da cidade alta”, e com ele o livro, ao modo de Pessoa a sua *Mensagem*: com um chamamento à ação, lembrando a miséria presente⁽¹⁾. Ela podia ter escrito: “O Cidade (ou: O Corunha) hoje es nevoeiro.../ É a Hora!”. Mas preferiu estoutro final impactante: “Cabeza, Garda, Chave, Forza e Antemural do reino renacido” (p. 95).

Absoluta poesia

Em suma, na nossa opinión, é *En concreto* umha obra serena, formosa e inteligente, mostra dum “saber fazer” poético que entronca com o melhor da poesia social, essa que desde Rosalia, Curros e Pondal nom falta na literatura galega⁽²⁾ e que –por outra parte– é absoluta poesia⁽³⁾.

Luís G. Soto
USC

DE COMO FÔROM ESQUECIDAS AS DONAS DO TEMPO ANTIGO ⁽⁴⁾



No ano 2002 o júri do prémio Ricardo Carvalho Calero premiou umha investigación sobre um assunto pouco estudado, menos divulgado e vinculado com a história da literatura portuguesa. O júri demonstrou, com esta eleição, a sua capacidade para abstrair-se de determinadas formulações do nacionalismo mais convencional que consideram que a investigación em cultura na Galiza deve focar-se prioritária ou até exclusivamente sobre assuntos galegos, e premiou um investigador com trajectória e vocação internacionais suficientemente acreditadas nas suas intervenções em congressos celebra-

(1) O poema “nevoeiro” (*Mensagem*, ed. cit., p. 86).

(2) Presente, como visom ao longe ou rumor de fundo, neste poemário. Por exemplo, ao nosso entender, Rosalia e Pondal: “Rosa mártir” (p. 13) e “bardo de ferro” (p. 30).

(3) Poesia social/absoluta poesia: veja-se Luís G. Soto, “O compromisso ético-político na literatura... (galega)”, *Agália* n.º 63/64, Santiago de Compostela, 2000, pp. 185-202.

(4) Roberto López-Iglesias Samartim (2003): *A dona do tempo antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*, Santiago de Compostela: Laivento.

dos na Brown University (EUA), na Universidade Federal de Rio Grande do Sul (Brasil), na Universidade Autónoma de Barcelona (Catalunha) ou na Universidade de Rostock (Alemanha).

O texto premiado foi *A dona do tempo antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*, resultado de umha pesquisa aprofundada e rigorosa que levou o autor a realizar durante mais de um ano estadias em Lisboa e no Porto, para as quais recebeu bolsas de investigação do Instituto Camões. Neste trabalho, Roberto L. I. Samartim, membro do grupo de investigação GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela (USC), apresenta umha achega inovadora a um assunto poucas vezes abordado como é o das mulheres participantes nos campos da literatura e da cultura no século XVI. Rompendo com umha tradição que consagra a ideia de que as mulheres só começam a intervir na esfera pública depois da queda do Antigo Regime e, particularmente, com a consagração do modelo de sociedade burguesa do século XIX, o investigador da USC demonstra a existência de mulheres que, desde as suas diferentes posições (Luisa Sigea na corte, Joana da Gama desde o seu retiro conventual, e Leonor de Noronha desde ambos os espaços) actuam no campo quer seja escrevendo ou traduzindo, quer seja promovendo a impressom de textos.

Mas este trabalho nom fica polo simples resgate de uns nomes, de umhas biografias ou de uns textos, embora isto também esteja presente através da reconstrução das trajectó-

rias de cada umha das mulheres estudadas, da explicação pormenorizada dos seus *habitus* e da edição de alguns dos seus textos num anexo que recolhe a produção literária feminina que circula em Portugal durante o século XV e parte do XVI. Bem polo contrário, encontramos aqui umha abordagem inovadora e complexa que pretende, por um lado, superar a tradicional aproximação da historiografia literária à intervenção das mulheres no campo, e, por outro, romper com umha determinada forma de entender a literatura e os estudos literários, mais focada para promover modelos estéticos e ideológicos do que para estudar com rigor as funções da literatura e os seus processos.

Com estes objectivos, Samartim adopta umha metodologia concreta que toma como referência os estudos sistémicos de Itamar Even-Zohar e de Pierre Bourdieu. O autor explicita a sua metodologia na primeira parte do trabalho, páginas que, sem dúvida, serão de grande ajuda para quem se achegar por primeira vez a este tipo de estudo. Esta metodologia permite ao investigador aproximar-se livre de preconceitos e de apriorismos a umha realidade como a produção literária do Quinhentos português, pois parte de umha concepção da literatura que nom antecipa nem as suas funções sociais nem os agentes mais destacados em cada momento, mas também coloca um grande desafio, pois as exigências metodológicas quanto ao conhecimento do campo em todos as suas dimensões (cultural, filosófica, política...) som particularmente difíceis de

satisfazer quando se escolhe um período histórico recuado como o século XVI, e umhas protagonistas pouco conhecidas como as três mulheres principalmente focadas, das quais existe escassa bibliografia ou documentação. Todo isto é explicitado por Roberto L. I. Samartim, que, com honestidade investigadora, nom oculta nem as falhas de informações nem as dificuldades para analisar aquelas de que dispom, dificuldades todas estas contornadas graças à exaustividade da pesquisa e à capacidade de análise do investigador.

A utilização de umha metodologia rigorosa e nom apriorista, adaptada e reformulada para este caso particular, com todo, nom deve confundir-se com umha abordagem ingénua dos estudos literários, algo que está mui longe das intenções implícitas e explícitas do autor, pois a escolha do objecto de estudo também é feita em função da utilidade que os seus resultados podam ter no presente. Um estudo das mulheres que consegue mostrar que muito antes do que se costuma considerar estas tenham capacidade para intervir no campo da cultura, certamente contribui para desarticular a lógica de um sistema que argumenta a supeditação das mulheres na tradição ou na falta de referentes. Se bem Samartim fuge das habituais procuras de heroínas ou de grandes transgressoras, é inegável que ajuda para a reconstrução da história das mulheres nom apenas com a colocação de referentes, mas com o estudo das diferentes estratégias que estas tenham utilizado ao longo da história para contornar as limitações construídas

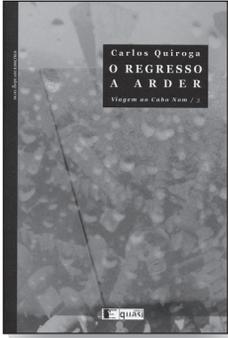
arredor das suas características biológicas, do seu género ou da sua posição social.

Para além disto, encontramos também umha análise das causas do esquecimento destas mulheres por meio do estudo das histórias da literatura e de todos aqueles textos que ajudárom a conformar um cânone que ignorou o papel desenvolvido por elas no campo apesar de ser verificável a importância deste. Assim nom só se dá visibilidade a umha série de agentes do campo cuja participação no sistema seria alegadamente desconhecida até agora, mas, o que julgamos mais importante, desconstroem-se os processos polos quais foi construído esse cânone que as pujo de parte.

O alcance desta investigação e a inovação metodológica que supom convertem este estudo num referente nom apenas para a investigação especializada no quinhentismo português, mas também para qualquer abordagem das intervenções das mulheres no campo da literatura e da cultura, ao que há que acrescentar a importância de que um texto escrito e publicado na Galiza obtenha impacto e prestígio entre os especialistas portugueses, e isso a pesar das deficiências de distribuição que caracteriza a circulação dos produtos galegos em Portugal.

Raquel Bello Vázquez
(Grupo Galabra-USC)

**O REGRESSO A ARDER,
DE CARLOS QUIROGA**



Carlos Quiroga, professor universitário (em Santiago de Compostela), poeta, viajante, enamorado da sua mágica Galiza e do vasto mundo das suas viagens, o Magreb, o lânguido e apimentado Brasil crioulo, Paris de todos os prazeres, até ou sobretudo intelectuais, discípulo de Unamuno e de Pascoaes, mas também coincidente com Bruce Chatwin na inocência da deambulação, dá-nos agora, após algumas mãos cheias de poemas, este extraordinário *O Regresso a Arder – Viagem ao Cabo Nom-3*⁽¹⁾.

Há livros que nos conquistam logo às primeiras páginas, porque são diferentes e têm um tique de alucinação e muita força e candura nos afectos. Este é um deles. Obra compósita que associa a escrita dia-

rial, o poema em prosa e o poema tout court, textos quase confessionais com salpicos de ironia e auto-ironia e flashes da vida real, que convocam para cenas galopantes personagens anónimas misturadas com amigos e escritores, José Luís Peixoto, Clara Pinto Correia, etc.

Carlos Quiroga vai quase de um extremo a outro, do lirismo mais delicado ao tom ocoso ou mesmo brejeiro que se espalha por contarellos em verso com “calor no ambíguo”, ou piadas de má-língua.

Encanta-me ver nestas páginas surgir a Galiza das meigas, dos bruxedos, dos cadáveres ardentes, cabras mal paridas, gatos à janela, do Obradoiro triunfal, das húmidas arcadas de Santiago, onde esvoaça o cheiro do incenso e por vezes vêm os olhos deslumbrados e os cajados dos peregrinos.

O andarilho que empreende a viagem ao Cabo Nom e vê no acaso o único deus, aquele que um dia desejou passar fulgurante para um rápido final, escreve:

“e anda dentro em volta um tormento denso
misterioso por insondável e nom visível
onde só empedernida a dor poderia caber”

Escreve também:

“Gosto do Ferrin sem ferro,
gosto do Guisan no mesmo afám
e sei que a prosa está para o ensaio
assim como a postura está para o coito,
e quem há-de negar que naquela está o primor?
E quem há-de negar que naquela está o primor?”

(1) Carlos Quiroga, *O Regresso A Arder*, Ed. Quasi, Famacião, 2005.

Os engates frustrados, o irrisório da sedução, certos cromos burlescos (ou filosófico-burlescos) lembram por vezes Almada Negreiros ou, mais perto de nós, Fernando Assis Pacheco, também de origem galega. Aliás, Carlos Quiroga é um leitor compulsivo da literatura portuguesa, citando com frequência Camilo Pessanha, o nosso supremo simbolista, afundado em Oriente.

Por vezes o discurso de Carlos Quiroga vai direito ao essencial da matéria do mundo, ao mais remoto e ao mais profundo, exprimindo a insatisfação de quem busca o absoluto, o princípio das coisas e a sua totalidade. Alguns passos desta viagem, recheada de contradições, relato que se fractura, se suspende, são orações

ros cabelos do vale que ascende. Delta fluvial. Eflúvio deltal. Brancos e verdes copulando lentos. Os dedos de gás definham pousados como rias de sonho num litoral primitivo⁽¹⁾.

A errância leva o autor-narrador, com a sua sede “dourada” do deserto, ao Rio do Ouro e a Marraquexe, a outros zimutes, por terras e mares azuis, em etapas entrecortadas por divagações literárias, que não esquecem o modernismo e a tentação surrealista. Viagem sempre em mudança a preto e branco ou sépia ilustrada por inesperadas imagens, misteriosas ou ingênuas.

Cito, a terminar, para vos aproximar de Carlos Quiroga, este excerto do seu belo poema “Fundação do Dia”:

“Umha mao de chuva entrou do mar na névoa aqui nos dentes de granito do estuário, abriu a boca deste rio Valdebois, foi fundando um corpo acima de cobra calma coagulando o céu em face à montanha e no Pindo estourou em luz e por ela viajou célere na alta velocidade em bala de espelhos flamejantes ao Potala ao Fujiyama ao Quirinal ao Quaf ao Olimpo e esta paisagem à volta ficou rica de cobre e ciliar como um estendal de maravilhas no bordo da Europa por séculos e séculos para a desmesura dos olhos⁽²⁾.”

à natureza, de um romantismo metafórico, com vislumbres de Kirkegaard. Tal o texto intitulado “Solsticial”, que nos convida para o vale profundo onde, ao romper de um dia de baixa neblina, só há algodão e eucaliptos. “A branca fumaça entrega-se a braços nos escu-

Urbano Tavares Rodrigues

(1) *Ibidem*, p. 26.

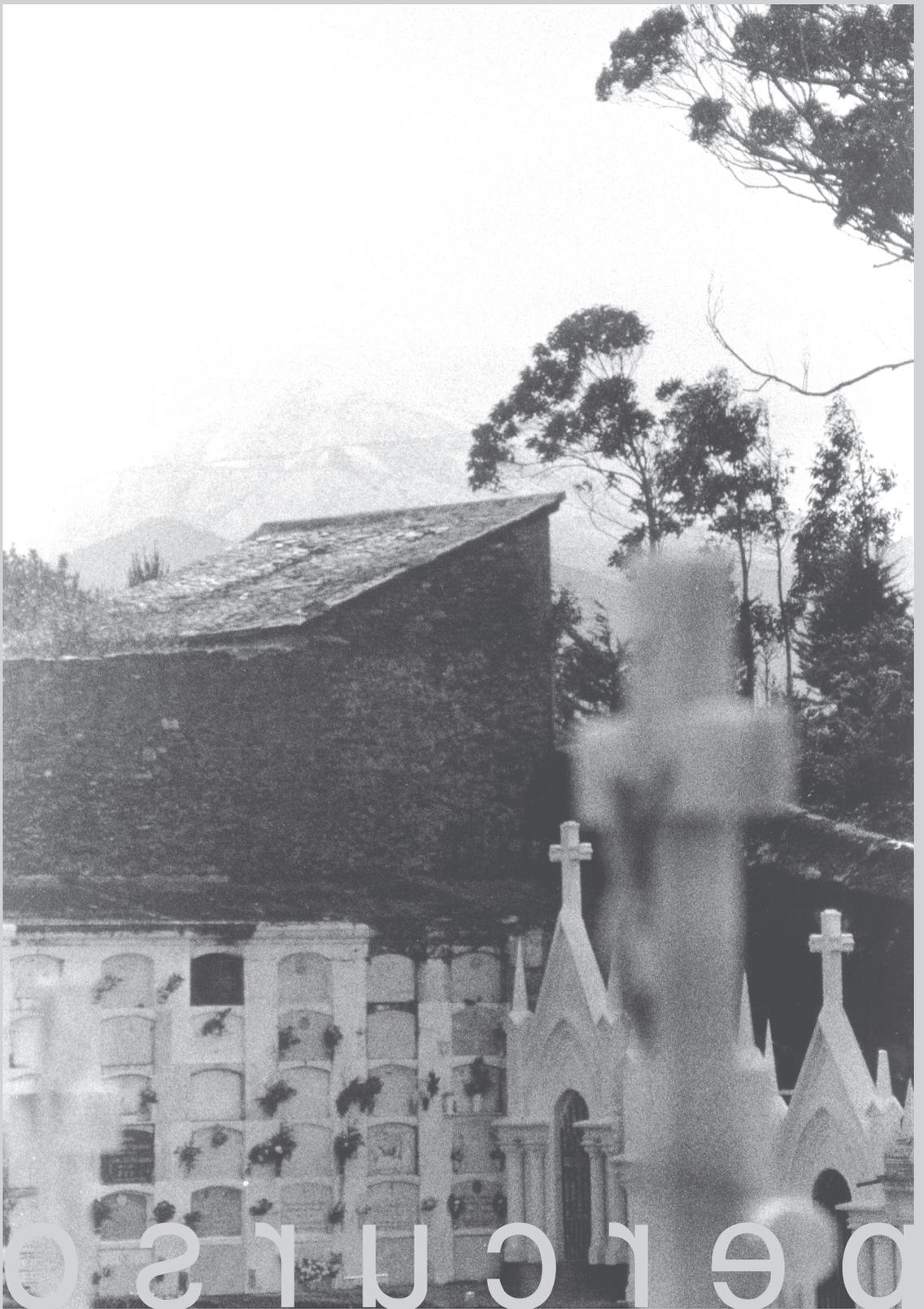
(2) *Ibidem*, p. 20.

RICARDO GARCIA
LOPEZ
EL 17-10-89
S 78 AÑOS
E P

DORES GARCIA
FALLECIO EL 16
11-71 A LOS 82 AÑOS
D E P

FRANCISCO
EL 25 1871
A LOS 17 AÑOS

percurso



Research

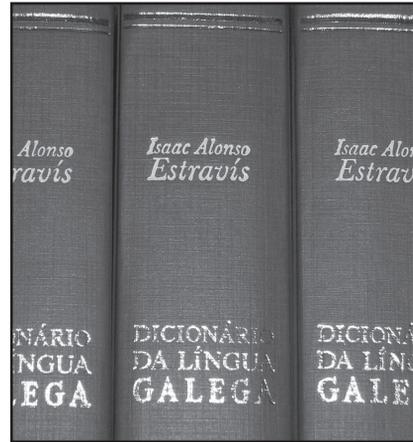
Apresentado Tesouro Lexical Galego

A versom electrónica do *Dicionário da Língua* de Isaac Alonso Estraviz foi apresentada publicamente na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. No acto, ao qual concorreu numeroso público, contou-se com a participação de Vítor Manuel Lourenço Peres (coordenador da edição electrónica do dicionário) e do próprio autor da obra, o professor Isaac Alonso Estraviz (Secretário da AGAL).

A obra de referência da lexicografia galega desde os anos oitenta fora inicialmente publicada, em três volumes, pela editorial Alhena; era o dicionário com mais entradas para o idioma galego. Posteriormente foi publicado por Sotelo Blanco numha versom um algo reduzi-da. O Dicionário Electrónico Estraviz está accesível em

www.agal-gz.org/estraviz

Nesta nova versom suprimiram-se entradas ou definições consideradas castelhanas e inessárias para o galego. Introduziram-se novos verbetes relacionados com as ciências e as novas tecnolo-gias; o número de vocábulos aumentou consideravelmente. Agora som mais de 91.000 entradas e o autor anuncia que em breve verá-se incrementado por 30.000 mais. Conta, aliás, com jogos (trivial, falsos amigos, analogias...). Pode-se estar todo o dia brincando com as palavras sem se aborrecer, como já o temos experimentado. É um dicionário de léxico com um fundo grande de didáctica.



A equipa técnica

Ao convite lançado por Vítor Manuel Lourenço Peres –que levou a coordenação dos trabalhos e a informática-responderam as seguintes pessoas: Sabela Agrelo Castro, Jesus Miguel Conde Llinars, Mário Herrero Valeiro, Raquel Miragaia, André Outeiro, José Manuel Outeiro, José Henrique Peres Rodrigues, Manuela Ribeira Cascudo, Valentim R. Fagim, Miguel R. Penas, José Maria Rodrigues, José Luís Valinha e Fernando Vázquez Corredoira. Todos os trabalhos foram revisados polo autor, que introduziu as novas entradas. Na parte informática, além de Vítor Manuel Lourenço Peres, também trabalhou Miguel R. Penas, a quem se lhe deve a formosa portada do *Dicionário e-Estraviz* ♦

Partido Popular ameaça mudar Lei de Normalização Lingüística

O conselheiro da presidência do Governo de Galiza, Jaime Pita, informou da hipótese dumha possível mudança da actual Lei de Normalização Lingüística galega. Contestando um requerimento do BNG, ao respeito da posição do Governo



na polémica do topónimo da Corunha. Assim, o representante do executivo galego mostrou a sua concordância com a actitude do PP da Corunha, em contra da legalidade vigente. Deixando as acções administrativas empreendidas contra o governo municipal corunhês como simples papel molhado.

O próprio presidente do Governo galego, Manuel Fraga, manifestou que de contar com o apoio do PSDG-PSOE estaria disposto a modificar a LNL para aceitar a forma castelhana de La Coruña. A pesar de ter fortes contradições internas, na altura o PSDG-PSOE tem rejeitado este oferecimento. Manifestando que em princípio manterá o seu apoio à continuidade da actual legislação lingüística galega ♦

prémio para *radioGaliza.net*

A rede brasileira «Direitos Humanos e Cultura» www.dhnet.org.br concedeu a radioGaliza.net, cuja emissão se faz via internet, o prémio Selo Direitos Nota 10. DHnet é uma organização que incentiva a valorização e difusão dos Direitos Humanos em língua portuguesa. A estação radiofónica radioGaliza.net foi instituída por pessoas independentes e diversos colectivos e projectos, todos com o objectivo comum de promover uma rede comunicativa independente e em galego-português na Galiza.

Ricardo Cabanelas, um dos responsáveis pola estação, disse que este reconhecimento, mesmo simbolicamente, "é muito importante para a continuidade futura de radioGaliza.net, mais ainda quando apenas são 6 meses desde o



lançamento em provas e pouco mais de 2 desde que conta com uma grelha de programação estável". Ainda, acrescentou, "é também uma vitamina para continuarmos na luta da defesa da lusofonia na Galiza, à par do que o desejo de atingir no nosso país uma comunicação social mais livre e independente" ♦

Portal Galego da Língua alcanza 345.000 visitas em 2004

Mais de 1.000 noticias publicadas em 2004 e mais de 345.000 visitas em 2004. Estas cifras ultrapassam largamente as nossas melhores expectativas. O ano 2003 fechava-se com 100.000 visitas polo que o crescimento é mais do triplo e situa-nos muito perto do milhar de visitas diárias em 2004. O número de páginas vistas é de 2.700.000, 2,7 páginas por segundo.

Outros dados que nos fornece o nosso serviço de hospedagem bem como o do próprio dominio são os seguintes: 1.471 cadastrados e cadastradas (em 31 de Dezembro de 2003 tínhamos 646); 1.700 noticias das quais 1.150 foram geradas este ano o que nos dá uma média de 3,5 noticias/dia; 100 arquivos para serem livremente descarregados♦

P
G
L

bancos galeguizados



A carteira de clientes que querem bancos galeguizados ascende já a dez millóns de euros

O Presidente da Mesa, Carlos Callón, apresentou a nova fase da campaña “O galego, sempre en conta”, que persegue a introdución do noso idioma no sector bancário. A Mesa mostra-se optimista diante da resposta que están a obter con esta campaña, pois os ordenados das persoas que están dispostas a domiciliar os seus ingresos mensais numha entidade galeguizada chegam já aos dez millóns de euros.

Carlos Callón estimou que esta cantidade se verá notablemente incrementada nas próximas semanas, pois aínda nom se celebráron todas as reunións comarcais de presentación da campaña e, ali onde se celebráron, están-se a acumular apoios que aínda nom fórom contabilizados. “Vamos poder negociar a introdución do galego através de grandes cantidades de dinheiro, e isso é umha grande noticia”, afirmou♦

AGIR por exames em galego

AGIR anima ao emprego do galego como «veículo de plena validez nas provas do mês de Fevereiro». Ante a proximidade dos exames, AGIR lançou um preciso chamamento à comunidade estudiantil para non ceder no exercicio dos seus dereitos lingüísticos, realizando un acto de coerença com a súa identidade nacional mediante o emprego da nosa lingua como vehículo válido nas provas de Fevereiro: "Sendo, como somos, parte integrante dumha comunidade cultural oprimida e portanto possuidora de uns traços identificativos gravemente deteriorados, só a luita diária na defensa dos valores que nos definem como povo permitirá que algun dia posicionamentos como este careçam por completo de utilidade, após umha plena normalizaçom que por enquanto anseiamos. Este combate que referimos sería pura retórica se nom for polo amplo e orgulhoso feixe de galegofalantes que pervive no contorno universi-



tário e ao que nos dirigimos. Como estudantes, membros da Universidade pública galega, podemos e debemos aproveitar esta cita oficial para superarmos a decadência idiomática, perda de utentes, alienaçom impingida polo galego folclórico do reitorado e a espanholidade dominante no professorado, e outorgarmos assim ao galego maiores quotas de domínio social" ♦

55º aniversario Castelao



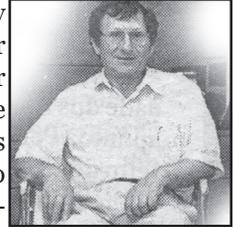
A Agrupaçom Cultural O Facho da Coruña realizou umha oferenda floral na cidade herculina, a comemorar o 55 aniversario do passamento de Daniel Castelao em Buenos Aires (7 de Janeiro de 1950). O presidente do Facho destacou a total vigência do pensamento de homem de esquerdas comprometido com o povo,

e o apagamento da figura e a ocultaçom do pensamento de Castelao por parte das instâncias públicas que afirmam estar ao serviço do país, e que mesmo deturpam e falseiam a memória do mais importante vulto político da Galiza no século XX. Boa prova disto é o busto que o Concelho do tam peculiar alcaide fiyo (por compromissos contraídos da anterior corporaçom municipal): «Ayuntamiento de La Coruña (sic) 1986». O estado de abandono também é notório. O alcaide da cidade refere Castelao com termos tam pitorescos como "Castelao o escritor" ou "Castelao o desenhador". O acto deu cabo com o Hino Galego. ♦

Tesouro lexical galego apresentado no Porto

A Universidade Fernando Pessoa do Porto acolheu a apresentação do Dicionário *e-Estraviz* no dia 11 de Fevereiro, com presença do Professor Isaac Alonso Estraviz e apresentação da Professora Larissa Semenova, na sequência do «II Simposium Luso-Brasileiro de Terapia da Fala».

O Presidente deste Simposium, o Prof. Doutor Alexandre Frey Pinto de Almeida, manifestou que «as apresentações do Senhor Professor [Estraviz] têm sempre imenso interesse e será um prazer ouvi-lo». O *e-Estraviz* fora lançado em dia 1 de Janeiro e, conforme o próprio Prof. Estraviz, a respeito do léxico nele recolhido «é dos mais completos do português da Galiza até Coimbra, pois o léxico nortenho foi a pouco e pouco desaparecendo dos dicionários portugueses».



A particularidade do *e-Estraviz* está em que além do léxico que se pode consultar livremente, inclui também umha série de jogos para poder brincar: Trivial, Falsos Amigos, Analogias, com o qual se converte numha ferramenta muito útil para os estudantes que podem estar horas e horas a brincar e aprender sem se aborrecerem ♦

Curso de português elementar em Compostela

A Delegação em Vigo do Instituto Camões colaborou neste segundo Curso de Português Elementar organizado polo Movimento Defesa da Língua por segundo ano consecutivo na cidade de Compostela. Nesta oportunidade contou-se com a co-organização da ANEL (Associação Nacional de Estudantes de Letras) e com a orientação da delegação em Vigo do Instituto Camões. Com este curso pretendeu-se a aproximação dos alunos a Portugal e à língua portuguesa, dotando-os das ferramentas e esquemas básicos para umha primeira competência linguística. Como curso de iniciação, pretendeu servir de primeira passagem para que qualquer aluno possa aceder à enorme quantidade de recursos que nos oferece a língua portuguesa do ponto de vista linguístico, cultural e laboral, assim como facilitar a obtenção do DEPLE (Diploma Elementar Português Língua Estrangeira) ofertado pelo Instituto Camões.

Pontos fundamentais do temário foram a ortografia e fonética, verbos, falsos amigos e campos léxicos, assim como também umha parte prática de leitura, compreensão, criação e tradução. O curso podia ser validado por um crédito de livre configuração por todos os alunos da Universidade de Santiago de Compostela, salvo os de Filologia ♦

CRIAÇÃO DA «SOCIEDADE GALEGA DE TERMINOLOXÍA»

(SGT)

A SGT nasce como associação profissional de âmbito galego, sem fins lucrativos, para a formação e coordenação de pessoas relacionadas com a Terminologia, tanto profissionais como afeiçãoados. Após um encontro inicial en Outubro do 2004 e dos trâmites burocráticos precisos, a Sociedade Galega de Terminoloxía organizou a sua assembleia constitutiva o 27 de Janeiro na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de

Compostela, com variada representación das Industrias da língua, entre os que se encontravam responsábeis de servíços lingüísticos públicos e privados, investigadores, tradutores/as, especialistas e estudantes, todos eles relacionados com o labor terminolóxico e interesados em formar parte desta iniciativa. Trátase da culminación de unha caminhada que arranca no I Simposio Galego de Terminoloxía, de Novembro do 2003, e dá resposta á necesidade percebida por boa parte dos 270 terminólogos/as subscritos/as ao foro de terminología da Secção de Língua do Consello da Cultura Galega: www.consellodacultura.org/interaccion/foros/terminoloxia.php

Os obxectivos da asociación visam facilitar o coñecemento e a encontro entre as persoas relacionadas con a terminología na Galiza, propiciar troca de información e coñecimentos neste terreno, promover accións formativas ou axudar a difundir a terminología galega. Além disto, procura establecer ligações com outras entidades similares especializadas no traballo terminolóxico, nomeadamente das línguas románicas, especialmente do contorno lusófono. Entre os seus fins também figura a melhora do status do/da traballador/a em terminología, assim como visibilizar a produción terminolóxica galega em redes internacionais e nacionais. Nasce, pois unha iniciativa que incide na configuración do galego científico e com vocación de saída internacional.

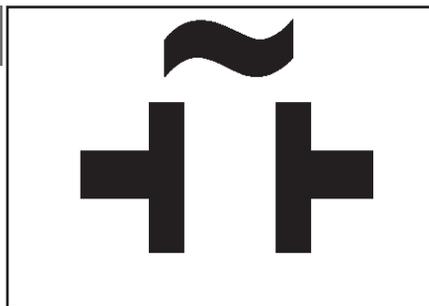
Nesta primeira assembleia tomáron-se acordos sobre o funcionamento geral da asociación, desenhose o programa de actividades para o ano 2005 e escolheu-se a primeira Junta Directiva, que estará composta por: Iolanda Galanes Santos (presidenta), Luís Daviña Facal (vicepresidente), Berta Castaño Torrado (secretaría), Anxos Sobriño Pérez (tesoureira), Manuel Núñez Singala, Ana Isabel Martínez Fernández, José Ramon Pichel Campos e Salvador Pérez Fróiz (vogais).

Entre as actividades propostas para este primeiro ano está programada unha conferencia da profesora M.^a Teresa Cabré Castellví, presidenta da Asociación Española de Terminología e directora do Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA) da Universitat Pompeu Fabra de Barcelona.

(Correspondência da SGT no Apartado dos correios 95 de Santiago de Compostela)♦

galego no Instituto Cervantes >>

RAG e IC declaram que na súa colaboración cabem «todas as posibilidades». O IC tenciona sistematizar o ensino do galego e favorecer o interese por esta língua em todos os seus centros se houber alumnos interesados. O director do Instituto Cervantes, o galego César Antonio Molina, declarou que era para ele motivo de intranquilidade nom incentivar o ensino da súa língua e nom utilizar o Instituto como «portavoz e escaparate de todas as línguas oficiais da España». O ensino do galego nom terá



unha perspectiva «historicista e limitada», mas de «língua viva» e ministrar-se-á nos centros do IC e no seu portal de Internet em colaboración com a Real Academia Galega. Os dous organismos

colaborarém também em outros projectos, como a organización de unha «Semana da Cultura da Galiza» em Nova Iorque, Londres ou Estocolmo.

O presidente da RAG, José Ramón Barreiro, anunciou também o projecto de traducir a diversas línguas a obra dos grandes autores da literatura galega, como Rosalía de Castro, Eduardo Pondal ou Álvaro Cunqueiro.

RAG e IC declaram que na sua colaboración cabem «todas as posibilidades, porque as dúas partes están comprometidas e som capaces de obter os fondos necesarios para os seus projectos».

O director do Instituto Cervantes manifestou também a vontade de realizar un programa de ensino do galego na TVG. Além dos projectos em colaboración com a RAG, César Antonio Molina participará em París numha grande homenagem à actriz María Casares e a seu pai, Santiago Casares Quiroga, presidente do Governo durante a II República. Também estará presente o autarca corunhês Francisco Vázquez. Como complemento a este acto realizarám-se outras actividades relacionadas com o teatro e o cinema galegos e espanhóis em que participarám actores, escritores e directores assim como qualquer institución que quiser tomar parte ♦



Aguilhoar, na Límia

Nova plataforma reintegracionista na Límia, Aguilhoar, que projecta desenvolver actividades transfronteiriças e conta com o apoio e integración da Juventude pola Autodeterminación de Ginzo, a Asociación Covelo de Vilar de Santos e mais o grupo local da AGAL-Límia. Foi constituída no dia 5 de Março, nascida após os membros de Juventude pola Autodeterminación e da Asociación Covelo terem acordado impulsar mais decididamente o projecto cultural e linguístico que defendem para A Límia e para a Galiza. O grupo local da AGAL-Límia faz também parte importante desta iniciativa, sendo o seu contributo cultural e linguístico unha das peças-chave nas que se alicerçará a nova plataforma limiá. Conforme manifestaram os seus promotores, Aguilhoar visa unha «defesa coordenada desse projecto cultural e linguística para a Límia e quer normalizar o uso do galego à par da sua colocação no âmbito galego-português, procurando, aliás, nom adiar mais tempo em implicar o contorno tanto português quanto galego, no projecto, sem esquecerem o trabalho social e político».

Após a constituição formal da plataforma, foi acordada unha assembleia fundacional que vertebraria o plano de actividades inmediatas. A Juventude pola Autodeterminación anunciou já a sua disolução após estes actos para se integrar plenamente em Aguilhoar; por seu lado, a Asociación Covelo seria conservada, embora apenas voltada para o âmbito local de Vilar de Santos. O grupo AGAL-Límia assessorará linguisticamente e apoiará todas as iniciativas da plataforma, desenvolvendo os seus membros os labores próprios em ambos colectivos ♦

Kalandraka

A editora galega de livros infantis Kalandraka lançou em português «Frederico» do autor holandês Leo Lionni, consolidando-se como referente da edição de álbuns ilustrados no país vizinho, agora que inicia o seu quarto ano de trabalho em Portugal. Kalandraka esta imersa num plano de afiançamento no mercado luso que a levará a publicar mais dez livros antes do fim de 2005 e concluir acordos com novos criadores.

A editora galega tem preparado para os próximos meses um atraente plano editorial com mais dez novos títulos, de entre os quais destacam «A verdadeira história de Carapuchinha» de A. R. Almodôvar, «O Pastor Raul» de Eva Muggenthaler e «O Museu do Tempo», um projecto elaborado em parceria com as Câmaras Municipais de Évora e Viseu junto ao escultor Portillo. Igualmente, encara a reimpressom de vários títulos que hoje já som clássicos no panorama português: «A Zebra Camila» ou «A que sabe a lua?», e continuam a ter um grande sucesso entre o publico infantil e juvenil. A este labor editorial há que acrescentar o interesse da Kalandraka por estabelecer umha série de encontros com os escritores e ilustradores portugueses na procura de novos talentos, como já tem feito com ilustradores como o João Caetano (Prémio Nacional de Ilustração com a Kalandraka) ou Marta Torráo.

«Frederico» supus, quando foi publicado pola primeira vez nos Estados Unidos, um destacado avanço na área da ilustração enquanto ao emprego de um desenho inovador e pola forma em que as imagens eram tratadas aplicando a técnica da colagem. Com a edição deste álbum ilustrado, nunca antes traduzido ao português, Kalandraka já está presente no mercado português com 30 títulos, repartidos em duas colecções: «Livros para Sonhar» e «Minilivros».

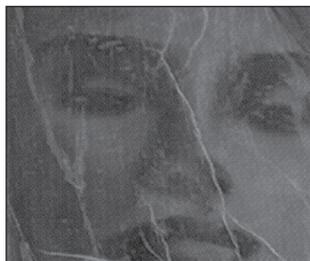


A Kalandraka Editora nasce em 1998 em Ponte-Vedra e procurou desde o primeiro título estimular os leitores mais novos com obras essenciais, apresentadas num formato radicalmente diferente ao que se podia achar nas livrarias naquela altura. Assim, o seu desenho e ilustrações, premiadas em numerosas ocasiões, possuem umha linguagem visual com personalidade e um estilo invulgar que assinala cada obra.

Quando a editora levava já mais de um ano no mercado lusófono vendendo as suas edições em galego, espanhol e inglês, a Kalandraka decide publicar em português a colecção «Livros para Sonhar». Vendida tanto no país vizinho como na Galiza, «Livros para Sonhar» é umha selecção de títulos que reúne aquelas histórias clássicas e contos populares de todo o mundo, muitos deles ainda sem traduzir ao português.

Na Galiza a venda dos exemplares em português esta localizada nas principais cidades, livrarias Couceiro e a Palavra Perduda em Santiago, Anel em Vigo, Torga em Ourense e Couceiro em A Corunha. Eventualmente outros estabelecimentos especializados em literatura lusófona contam com títulos da Kalandraka em português ♦

em galego no Registo Civil



A Comissom da Justiça do Congresso Espanhol deu luz verde à Lei de modificaçom do regime lingüístico das inscriçoms no Registo Civil. Segundo establece o artigo 298 do Regulamento do Registo Civil, 'Som defeitos formais dos assentos: (...) 6º O uso de abreviaturas ou guarismos nom permitidos, o emprego de idioma distinto do castelhano, a difícil legibilidade de caracteres, assim como o defeito expressom de conceitos quando polo contexto da inscriçom ou doutras nom há dúvida sobre o seu conteúdo'.

Esta absurda norma que equipara o uso da nossa língua na escrita ao 'defeito na expressom de conceitos' ou à 'difícil legibilidade de caracteres' é a que regula as inscriçoms no Registo Civil desde 1958 até à actualidade. A doutrina jurídica vinha clamando por umha reforma para adaptar os textos legais ao rango de cooficialidade que a Constituicòm espanhola outorga a galego, euskera e catalám.

A Lei galega de Normalizacòm Lingüística, lá polo 1983, já prevenia que "nos Rexistros Públicos non dependentes da Comunidade Autónoma, a Xunta de Galiza promoverá, de acordo cos órganos competentes, o uso normal do galego". O governo galego nom demonstrou muito interesse para cumprir este mandamento legal, pois 22 anos despois da sua aprovaçom a delirante situaçom nom tinha mudado. Certo é que na Ordem de 25 de Julho de 1989, onde se regulariza o modelo oficial de Livro de Família, dispunha-se: 'Nos territorios españois con idioma oficial propio, ademais do castelán, utilizaranse modelos bilingües, segundo as traduccions que figuran como anexo a esta Orde'. Mas o valor deste artigo fica manifesto no modelo de livro de família que os galegos e as galegas temos podido utilizar: insistir explicitamente

em que a inscriçom se realizasse em galego obtinha como resultado nom só umha negativa, mas a frequente violaçom da legalidade em matéria de toponímia.

Com este absurdo legal chegou-se a umha Comissom de Justiça do Congresso no 23 de Fevereiro de 2005, após quase 30 anos de um regime que assegura respeitar a pluralidade. Emendou-se e deuse via livre à proposicòm de Lei do Senado de modificacòm do regime lingüístico das inscriçoms no Registo Civil. Estabelece-se que nas comunidades autónomas com língua distinta do espanhol 'as folhas dos livros do Registo Civil, os impressos, os selos e os sistemas informáticos devem ser distribuídos impressos em cada umha das línguas oficiais'. Os assentos realizarám-se em 'língua castelhana ou na língua cooficial própria da comunidade autónoma onde radique o Registo Civil, segundo a língua em que esteja redigido o documento ou em que se efective a manifestaçom'. Se o documento é bilingüe, realizarám-se na língua indicada por quem o apresente ao Registo Civil.

Ou seja, que agora se nos dirigimos ao responsável do Registo em galego, este, obrigatoriamente, tem de reparar na língua que falamos e fazer a inscriçom em galego. Vamos ver♦

Alto Minho em Lugo

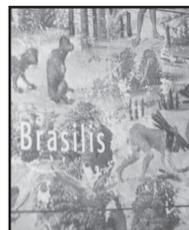


Na Associação Cultural Alto Minho foi debatida problemática dos asteleiros de IZAR e a luta operária galega em geral: “Reconvertam industrial e movimento operário galego (Umha visom desde década de 80)”. Intervenção de Alfonso Telhado (antigo comité de empresa e trabalhador de IZAR), José Diaz (antigo trabalhador de ASTANO e deputado no Parlamento autonómico). Primeira dumha série de conferências por mor do 10 de Março, Dia da Classe Trabalhadora Galega. No Local Social Alto Minho: Catassol, 15♦

Brasil na EOI de Ourense

O 25 de Abril em Ourense tivo neste ano sabor brasileiro. Na Escola Oficial de Idiomas de Ourense organizou-se um bate-papo com Mônica Heloane, leitora Brasileira na USC, contadora de histórias, mestre em Estudos Literários, doutoranda em Teoria literária e Literatura Comparada e brasileira apaixonada por seu país.

Na conversa foram partilhadas informações gerais sobre o Brasil, Povos formadores da Nação Brasileira (O índio, o negro, os imigrantes), Sincretismos (religioso e cultural), e tudo isso com a música em paralelo♦



Cinema brasileiro na Corunha



No mês de Abril, o Centro Galego de Artes da Imaxe (CGAI) projectou um total de 15 filmes brasileiros dos últimos 10 anos, em versão original, com legendas em galego oficialista ou em castelhano, num ciclo chamado Terra Brasil 95-05. O renascimento do cine brasileiro (I). Decorreu no CGAI, situado na rua Durán Loriga da cidade da Corunha, perto da cêntrica Praça de Ponte-Vedra. O preço das entradas era de 1,20 euros (0,60 com bilhete jovem), existindo abonos de 9 euros para 10 sessões♦

Cinema em Ourense

O centro social *Aesmorga* iniciou a actividade com carácter periódico. Visa oferecer à cidadania ourensana a possibilidade de ver cinema na nossa língua, hipótese que nos oferecem as salas convencionais. Umha vez por semana, segundas ou terças, o local oferecerá filmes de todo o tipo, originais galegos, portugueses ou brasileiros, filmes de outros países, filmes de animação, comédia, drama. O cartaz abriu com *Bloody Sunday*, um drama histórico do realizador Paul Greengrass, que remonta ao dia 30 de janeiro de 1972 na cidade irlandesa de Derry, quando os soldados britânicos atiram e matam 13 pessoas desarmadas, um episódio conhecido como Domingo Sangrento que

marcou o começo do conflito transformado em guerra civil.

Entre os filmes seguintes, contam-se *A sombra dos abutres*, um Drama do realizador português Leonel Vieira, que desta volta nos leva a Agosto de 1962 e ao nor-

deste transmontano e aos conflitos mineiros; e *Chicken Run* (A Fuga das Galinhas), Animação, de Peter Lord e Nick Park; O Homem que copiava, Comédia Romântica do realizador brasileiro Jorge Furtado ♦

‘Boas Novas da Galiza’ >> Eduardo S. Maragoto (PGL, Abril)



Assinar as *Novas da Galiza*, cadastrar-se no *Portal Galego da Língua*, tornar-se sócio de algum centro social ou fortalecer qualquer associação cultural e desportiva de âmbito nacional deve desde já fazer parte do nosso jeito diário de agir. O nosso contributo para a coesom do nosso ideário lingüístico e cultural passa por algo tam singelo quanto isto.

Escrevo isto animado por duas excelentes notícias que recebemos durante as últimas semanas: o salto das *Novas da Galiza* e o considerável acréscimo de visitas que tem estado a experimentar este portal. Nom obstante, a Galiza, apesar das referidas iniciativas e das miragens eleitorais das últimas décadas, nom conta ainda com um tecido social forte que poda conter a abusiva presença mediática espanholizadora. E digo-o sem tornar mais grave o meu gesto, como se constatasse que certas vicissitudes históricas nos empecem definitivamente. Nom. Porque da mesma maneira que acredito que a responsabilidade por esta situação se encontra em grande medida na nossa margem, também acredito que da nossa margem se continuarão a forjar iniciativas audazes que nos acabarám por tirar do beco da marginalidade.

Assim, no que à língua di respeito, é claro que o nosso insucesso tem a ver, em primeiro lugar, com o manuseado escurecimento a que nos submete o complexo mediático e institucional que chefia o

nosso ‘destino’ colectivo. Mas, em segundo lugar, também se relaciona com o medo atávico a desprender-se dos meios oferecidos polo sistema, institucionais ou nom, que tem acompanhado o conjunto do nacionalismo até agora. Nom estou a falar, obviamente, de que tenhamos que obviar certos mecanismos de penetração na sociedade, mas chama a atençom o facto de que, após vinte e cinco anos de intensa caminhada eleitoral e sindical do nacionalismo político, ainda nom disponhamos na Galiza de comunicação social maciça em galego, que careçamos de ensino em galego e que os nossos centros sociais se contem com os dedos de umha mao. O facto de que, nos últimos anos, um ainda reduzido grupo de pessoas se tenha lançado à criação de iniciativas como as referidas, sem mais meios do que um meritório investimento de tempo e esforços e à margem de qualquer iniciativa partidária, só pode fazer-nos concluir que as carências de que estamos a falar som realmente vistas como tais por cada vez mais gente comprometida com a nossa língua e o nosso país.

Só temos de dar umha vista de olhos ao tecido comunicativo, social e educativo de países próximos do nosso para localizarmos umha das razons (nom a única, decerto) pola qual línguas que nom con-

tam com potentes estados onde se falem conseguem fazer aumentar o número global de falantes. A nossa, que no entanto se encontra espalhada por todos os continentes, desce em número de falantes na Galiza a umha velocidade detectável de ano em ano. E para nom bater sempre na mesma tecla, quer dizer, no avanço ou retrocesso dos usos da língua, quero pôr um dado que amiúde se tem desprezado, embora seja muito fácil de verificar com um mínimo de atençom lingüística: após vinte e três anos de Lei de Normalizaçom Lingüística nom é fácil encontrar na nossa terra umha pessoa, por mais novinha que ela seja, que consiga articular um discurso formal minimamente correcto em galego. Os castelhanismos ou o recurso ao espanhol para ironizar fam parte já do feitio das falas galegas entre a gente nova, reservando-se exclusivamente às pessoas mais velhas a capacidade de falarem num galego minimamente genuíno. Exactamente o contrário acontece noutras naçoms. A língua basca e a catalá (mesmo no País Valenciano) apresentase inçada de espanholismos precisamente nas camadas da populaçom que nom recebêrom instruçom nas mesmas, que nom tivêrom acesso na sua juventude a meios de comunicaçom próprios ou que nom dispugêrom de centros de convívio que normalizassem o seu dia-a-dia lingüístico. Acho que nom é preciso explicar como umha educaçom praticamente monolíngüe para um sector da sociedade ou diários generalistas de todos conhecidos tenham contribuído a que, hoje em dia, qualquer pessoa abaixo dos 30 anos consiga exprimir-se com certa perfeiçom nessas línguas. É evidente que o grau de ‘correçom’ e ‘fluência’ nom será nunca idêntico ao das impenetráveis línguas estatais, mas também o é que o facto de

que, nos casos analisados, é polo menos semelhante, e isto permite aos agentes normalizadores partirem de umha posiçom prestigiada com que o galego ainda nunca contou.

Mas algo está a mudar. Nom é muito, com certeza, porque nom é ainda visível para umha elevadíssima percentagem da populaçom galega, mas é muito importante. Está a mudar a mentalidade. Para muitas pessoas já nom chega com estar à espera de tempos mais prósperos: está na hora de socializarmos a nossa proposta cultural de País. Para muitas pessoas já nom chega com exigir que outros fagam: está na hora de fazermos. E eis o resultado: um Portal da Língua visitado por mais de duas mil pessoas diárias, locais sociais já abertos ou prestes a abrir, várias páginas web actualizadas diariamente, pessoas envolvidas num esperançador projecto de Escola Galega e um jornal impresso que nom pára de dar boas notícias, sendo a primeira, claro, a continuidade.

Mas temos de dar mais um passo ainda, temos de pensar como colectivo. Em conversas informais com pessoas bascas e catalás sempre fiquei surpreendido com a capacidade de assumirem como próprias quaisquer iniciativas com tal que fossem de âmbito nacional. A assinatura de um jornal, tornar-se sócio de qualquer sociedade desportiva ou associaçom cultural fai parte do conceito de construçom nacional de que se gabam. Tampouco neste caso creio que o povo galego haja de ser necessariamente diferente, tampouco neste caso creio que o minifundismo produtivo se haja de reflectir inevitavelmente na nossa personalidade. É umha questom de mentalidade, e se a nossa mentalidade se torna definitivamente optimista o País acabará por responder♦

Corpus Informatizado do Português Medieval



Através da página do CIPM pode-se aceder a textos transcritos de documentos medievais na nossa língua. Para poder aceder ao corpus é imprescindível registar-se antes, mas é um registo automático que permite no momento aceder a um sem número de documentos em português medieval. O projecto de constituição de um Corpus Informatizado do Português Medieval, o CIPM, resultou da necessidade de dados indispensáveis para a investigação linguística sobre o período mais antigo do Português. A equipa de trabalho é constituída por linguistas e estudantes da Faculdade de Ciências

Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que integram a Linha de Investigação 1 - Linguística Comparada - do CLUNL, sob a direcção de M. Francisca Xavier. A par dos estudos linguísticos e do tratamento automático dos textos do CIPM, está a ser desenvolvido um Dicionário do Português Medieval, cuja informação pode ser consultada em glossários e bases de dados.

O corpus disponível alcança o Séc. XII (Textos Notariais e Documentos Notariais), o Séc. XIII (Cantigas de Escárnio e Maldizer, Notícia de Torto, Testamento de D. Afonso II, Textos e Documentos Notariais, Chancelaria D. Afonso III, Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo de Oxford, Foros de Garvão, Tempos dos Preitos, Foro Real de Afonso X, Dos Costumes de Santarém), e os Séc. XIII/XIV (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, Cantigas de Escárnio e Maldizer)♦

Junta da Galiza polo bi-normativismo?

Mais um ano, e vam três, no 1º de abril o Portal Galego da Língua reivindicou, e tentou recuperar, o 'Dia dos Enganos' na Galiza. Neste caso lançou umha notícia de grande excepcionalidade: a Direcção Geral de Política Linguística do governo galego estaria a elaborar umha proposta «a sério» para manter conversas com o reintegracionismo e chegar ao «autêntico acordo normativo». O objectivo seria tentar que a comunidade reintegracionista aceitasse o actual modelo normativo mas com garantias de poder aceder, sem discriminações por razom de norma, às distintas ajudas que oferece o governo galego para a promoção da língua. A Junta começaria a aplicar as mudanças aprovadas no ano passado pola RAG e introduzir o português como segunda língua nos centros de ensino já para o curso académico 2005/06. Alguns professores de universidade teriam manifestado a sua disponibilidade ao diálogo e, ainda, alguns membros da principal associação reintegracionista, a AGAL, embora a título particular, também veriam com bons olhos «este passo à frente» do governo da Junta.



Aludia-se ainda aos intensos movimentos de destacadas personagens relacionadas com a cultura que nos últimos tempos se produziram para um achegamento viável e respeitoso com a liberdade de cada opção normativa manifestando-se de acordo pola vía norueguesa bi-normativa. Na negociação iriam participar o próprio Governo galego, a RAG, a AGAL, e entrariam como observadores o Instituto Camões e o Instituto Português das Letras.

É incrível que a lógica de nom sermos discriminados num estado democrático só tenha cabida em notícias do primeiro de Abril♦

Congresso da AIL na Galiza

Entre 18 e 23 de julho de 2005 terá lugar em Santiago de Compostela, sob a responsabilidade do Núcleo de Professores de Filologia Portuguesa, o VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. O evento conta reunir especialistas das diferentes

universidades e centros de pesquisa do mundo cuja investigação focalize qualquer aspecto relacionado com o âmbito das Ciências Sociais e Humanas, Língua, Literatura, Cinema, Música, Artes Plásticas e Arquitetura, bem como outras expressões artísticas, Mídia, História, Geografia, Ciências Políticas, Economia, Direito, Antropologia, Sociologia, Estudos da Cultura e Turismo, desde que vinculadas aos espaços sociais lusófonos.

O Congresso organiza-se por núcleos temáticas de carácter transversal, como os propostos a seguir: Os caminhos de Santiago; Língua e sociedade na Lusofonia; Migrações da/na Lusofonia; A construção da Lusofonia; Cânone e cânones na Lusofonia; Os sistemas culturais na Lusofonia hoje, Estado e relações extra-sistêmicas, O 'olhar' sobre os nossos-outros; Transições para a democracia; Intelectuais e política; Língua, cultura e negócio no contexto da globalização; Novas tendências da geografia cultural.

Sendo tradição da AIL a comemoração de acontecimentos culturais, autores e obras significativas da Lusofonia, foram propostos vários temas em que a presença galega é importante: 125 anos de Folhas Novas. Sobre a obra de Rosalia de Castro e a sua época. 125 anos de Aires da Minha Terra, de Curros Henriques, e de Saudades Gallegas, de Lamas Carvajal; Centenário da Fundação da Academia Galega: análise das instituições promotoras da língua e a cultura no passado e no presente; Centenário do nascimento de Erico Verissimo; 25º aniversário da morte de Vinícius de Moraes; Tricentenário do nascimento de Antônio José da Silva; Bicentenário da morte de Bocage; Aniversários de 'gerações' ou grupos decisivos na intervenção nos seus sistemas literários e culturais e mudanças





operadas: na Galiza, grupo de escritores nascidos na década de 30; no Brasil, sessenta anos da chamada "Geração de 45"; na África, grupo de escritores nascidos na década de cinqüenta: Mia Couto, de Moçambique, Paulina Chiziane, de

Moçambique, Marino Verdeano, de Cabo Verde, José Luís Mendonça, de Angola, João Melo, de Angola, João Maimona, de Angola, Lisa Castel (pseud), de Angola, Eugénio de Lemos, de Moçambique, Domingas Samy, de Guiné Bissau, Cikata Mbalundo, de Angola, Aíto Bonfim, de São Tomé e Príncipe. O Congresso contempla igualmente no seu programa a apresentação de projectos em curso e/ou de equipas de investigação. Reservará igualmente um espaço para debater o estado da questão de metodologias relacionadas a qualquer das áreas do âmbito científico do mesmo ♦

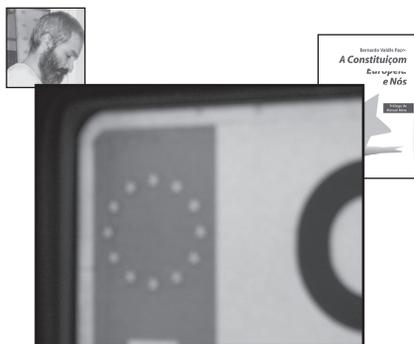
José Afonso nas Caldas da Rainha

Justo no mês que se festeja o aniversário da revolução dos cravos, uma das figuras representativas daquela época, José Afonso, vai ser homenageada e lembrada em Caldas da Rainha, distrito de Leiria, por um Grupo de Cidadãos que resolveu empreender um programa de actividades «para lembrar e dar a conhecer, particularmente às novas gerações, não só o Homem e o Artista (poeta e cantor), que foi José Afonso, o Zeca, bem como a época em que a sua intervenção se verificou e as influências que teve na sociedade portuguesa». Conforme informaram os organizadores, contaram para essas actividades programadas com «'actores' importantes da cena política desse tempo, sendo um deles, Manuel Alegre, um dos nomes hoje ventilados para candidato a Presidente da República, em próximas eleições». A ligação de Zeca Afonso a Caldas da Rainha foi grande; «não só porque vinha aqui fazer tratamentos nas termas como tinha uma relação de grande simpatia para com a cidade, onde contava grandes amigos» ♦

José Afonso em Monelos

O Colectivo Urbano Lugris organizou também um evento evocativo do espírito da revolução dos cravos em reacção ao regime fascista português, como exemplo para as democracias europeias, tanto polos princípios sociais a ela inerentes, como polo seu forte carácter popular. «Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia a dia procuro comportar-me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão, seja a que nível for» (J.A.) ♦





A Constituição Europeia e Nós

A AGAL editou em Fevereiro, na colecção Universália, o ensaio *A Constituição Europeia e Nós*, de Bernardo Valdês Paços, com um prólogo do sindicalista Manuel Mera, membro da executiva da Confederação Intersindical Galega. O autor, junto com o Presidente da AGAL, Bernardo Penabade, apresentou a obra por toda Galiza com diversos actos de lançamento (Lugo, com a Associação Alto Minho, Ourense, A Corunha, entre outros). O livro oferece uma leitura dos aspectos do Tratado Constitucional (TC) que configuram o núcleo central da União Europeia, contextualizando-os

nas políticas que nos últimos anos estão sendo impostas pelos organismos comunitários e os governos dos diferentes Estados da UE. Segundo afirma o próprio autor, a obra está dirigida a todos os públicos: «este nom é um livro para especialistas, mas destinado a todas aquelas pessoas que aspiram a construir um outro modelo de integração europeia». Esse modelo é o que tende ao reconhecimento da pluralidade da Europa dos Povos: «umha Europa social e democrática, que reconheça os povos e as línguas que a integram, que promova a paz e a solidariedade internacional».

A Constituição Europeia e Nós transmite uma visão crítica do processo de construção da UE à luz do Tratado Constitucional. Nom realiza uma análise pormenorizada, artigo a artigo, do articulado que seria submetido a referendo no Estado Espanhol no dia 20 de Fevereiro.

Sem esquecer a problemática específica da Galiza, o texto analisa aspectos de interesse para o conjunto das cidadãs e dos cidadãos da UE: as políticas económicas neoliberais, o desmantelamento do estado do bem-estar, a aposta pola militarização e o modelo ecologicamente insustentável♦

Curso de Formação de Literatura Portuguesa Contemporânea

A Delegação do Instituto Camões de Vigo, na Casa Arins, lançou um curso de formação de Literatura Portuguesa Contemporânea, nos dias 14,15 e 16 de Março, com o Prof. Doutor Fernando Pinto do Amaral, Poeta e Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras). Para Abril foi proposto ainda um curso de Literatura Brasileira e em Maio mais um curso de Literatura Africana, na sequência destas mesmas actividades e nos mesmos moldes, com grupos com um máximo de 15 formandos. A inscrição, cujo custo individual era de 20€, tinha um desconto de 10€ no caso de ser conjunta nos três cursos♦



«Galiza contra a Constitución europea», «Lacoada Popular», «Domingos Gastronómicos», «Repicocha Ártabra» e «Dia Vegano» completam o mês de actividades na Fundación no mês de Fevereiro. Da programación destacamos, na sexta-feira día 11, un acto político, poético e musical com o lema «Galiza contra a Constitución europea». O recital poético contou com a participación de Séchu Sende, Antón Dobao, Ramiro Vidal, Alberte Momán, María Lago, Miguel Vento e José Alberte Corral. No acto político a seguir interviram Bráulio Amaro (Bases Democráticas Galegas), Frám Aneiros (FPG), Maurício Castro (NÓS-UP), José Colaço (PCPG), e Roberto Lage (PRT-ER). Já para concluir, festa polo «Nom à Constitución» com «Dj Costrojam» e «Di-lhei Pau», de Ferrol. No sábado día 12 aínda habería unha «Lacoada Popular», com a actuación de Manolo Bacalhau, e no Domingo día 13 o «Domingo Gastronómico», degustação de androlha com cada consumo. No seguinte fim-de-semana, sábado 19, tería lugar a «Repicocha Ártabra» e domingo 20 voltaría a ser un domingo gastronómico, com cada consumo e degustação de luras. Na sexta-feira día 25, «Dia Vegano», organizou-se «OPAI-Rádio FilispiM» com unha Comida Vegana, música e a projecção do filme «Super Size Me». Todas as actividades tiveram lugar no local da Fundación Artábria sito na Travessa de Batalhom nº 7, rés-do-chao, em Ferrol.

25 de Abril e Dias das Letras

Carvalho Calero

A Fundación programou unha série de actividades para comemorar o XV aniversario do falecimento do Professor Ricardo Carvalho Calero. No día 19 e até 31 de Março foi aberta unha Exposición acerca da sua vida e obra. No día 23 de Março, decorreu a audición do debate O porvir do Galego, no qual participaram em seu día (1987) Constantino García e Carvalho Calero. A seguir procedeu-se a unha Leitura de Textos do professor e a um debate sobre língua.

O acto estrela ficou para o día 25 de Março, com a homenagem a Ricardo Carvalho Calero, cuja morte acontera em 25 de Março de 1990. Decorreu na rua Sam Francisco Ferrol Velho, frente à casa natal do homenageado, incluindo unha oferta floral, música, poesia e diversas intervenções na sua honra.

Na programación do mês de abril e maio concertos muitos e variados, com destaque para o 25 de Abril e o Dia das Letras na Galiza. Concerto com José Constenla o 25 de Abril, Projección do filme Capitães de Abril, Conferência “Repressom em Euskal Herria” do membro de BEHATOKIA Julem Arzuaga, Mesa Redonda “Raíz e significado do 1º de Maio”, Festa Ska com Dj Costrojam, Jantar em Pedroso depois da Manifestação organizado pola Revolta, Concerto Tino Baz, Concerto Preséncia Zero, Celebração de Os Maios organizado pola Revolta, Concerto Bitxobola (Perversos de La Polla e demais), Repichoca da Língua, Passa-ruas e Oferta Floral, Conferência “A situação da língua em 2005” com Maurício Castro, Apresentação da nova etapa do Novas da Galiza, Concerto Servando, Domingos Gastronómicos, etc. ♦

A M e s a

A Mesa entregou no Registo da Câmara Municipal da Corunha 650 recursos individuais de reposição contra a «nova agressão do PSOE à nossa língua e identidade». Rivas, Xurxo Souto, Pilar García Negro, Riveiro Loureiro, Flor Maceiras, Martínez Oca, Francisco Graña (*Asociación de Veciños da Agra do Orzán*), Francisco Peña (Presid. da *Agrupación Cultural Alexandre Bóveda*), Guillermo Garrido, os membros da dirección da Mesa Carlos Callón, María Xosé Jamarido, Xosé Manuel Sarille, Begoña Valdés e Iria Taibo, entre outras persoas, assinaram 650 recursos solicitando a nulidade legal da tentativa que pretende mudar a denominación oficial da cidade: “Esta moción é unha fraude de lei, unha auténtica burla aos tribunais de xustiza e á legalidade vixente”. Apoiam tamén o acto a *Asociación de Veciños/as de Montealto*, a CIG, a *Asociación Socio-Pedagóxica Galega*, Pilar Faraldo Cabana (Secretaria Xeral Universidade da Coruña), José Luis Rodríguez Pardo (ex-Secretario Xeral do PSdG-PSOE), Vitor Mosqueira, Lino Braxe, Felipe Senén, Miguelanxo Prado, Pilar Pallarés, Xabier P. do Campo, Miguel Mato Fondo, Fernán-Vello, Pillado Maior, Xoán Costa Casas, Freixeiro Mato, etc. No acto, o Presidente da Mesa qualificou Francisco Vázquez de “auténtico delincente, con todas as letras” e assinalou que, “nestas semanas que tanto se vai falar de Europa, sería bo procurar nalgún outro lugar da UE un exemplo de burla continuada e sen consecuencias aos tribunais como a que se está a producir na Coruña”. Tamén criticou a actuación do Goberno español, “que actúa con moito talante para o catalán e con moi pouco talante para o galego”♦

Ponte... nas Ondas 2005

Esta vez 50 escolas construíram unha ponte radiofónica baixo o lema “1 PATRIMONIO PARA O FUTURO”. 24 horas de emissor para apoiar a Candidatura do Patrimonio Imaterial Galego-Portuguesa que pretende a proclamación da cultura galego-portuguesa como Obra Mestra da Humanidade. Escolas Asociadas à UNESCO da Galiza e Portugal, escolas que promovem a Candidatura de Patrimonio Imaterial Galego-Português.

A emissor foi irá realizada desde 8 estúdios de rádio: Radio Galega (Santiago), Radio Ecça (Vigo), Radio Municipal de Tui (Tui), Radio Allariz (Allariz), Rádio de Montalegre, Rádio de Melgaço, Rádio Ecos da Raia (Monçao), Rádio Cultural (Vilanova de Cerveira). A emissor através da Internet foi realizada pola Universidade de Vigo.

www.pontenasondas.org ♦

M D L M D L M D L

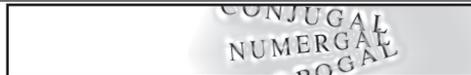
Movimento Defesa da Língua publica o seu informativo «Em Movimento» correspondente ao mês de Maio de 2005. Nas páxinas do seu boletim, o MDL informa das actividades realizadas nos últimos meses e das que têm previstas para o mês presente. Tamén dá a súa visom sobre temas de actualidade como o Plano de Normalización Lingüística ou a Assembleia Galego-Portuguesa de Educadores pola Paz e ofrece unha entrevista con o seu Porta-voz Carlos Figueiras. Entre as suas actividades pasadas destaca a celebración do Festival da Galiza Lusófona em Ourense com o grande sucesso da Festa Infantil em que participaram 120 crianças. Já no âmbito internacional, o MDL aproveitou a celebração

‘Aplicativos AGAL’ >> José Ramon Flores d'as Seixas no PGL

Hoje em dia o GNU/Linux é um sistema operacional muito completo, e o usuário meio experimentalista não encontrará muitas carências. No meu caso o que mais faltava era a falta de aplicativos da AGAL, do impagável José Henrique Peres Rodrigues, ou seja: Conjugal, Numergal e Topogal.

Felizmente há pouco podem colmatar essa falta graças ao emulador Wine, que permite executar programas compilados para MS Windows em GNU/Linux.

Já conhecia o Wine desde há anos, mas as minhas experiências prévias com ele não foram muito boas; cumpria investir muito tempo na sua instalação e configuração para logo poder executar só uns poucos programas. Mas as coisas melhoraram consideravelmente. Não há muito o incansável Carlos Morimoto deu a lume um artigo sobre a instalação



do wine, e sobre uma ferramenta, nova para mim, chamada Winetools, que simplifica muito a configuração do wine, e permite instalar nuns poucos cliques programas como o FontPage ou o MSWord.

Graças ao Winetools podem instalar sem problemas os programas de AGAL, que já rolam suavemente no meu computador, como se pode ver nas seguintes capturas de tela: 1 e 2.

Mas nem tudo é perfeito: ainda não fui capaz de instalar a nova versão do Conjugal 2.0. Este programa depende do .NET Framework, e o wine ainda não permite a instalação deste pacote da Microsoft. Assim que ficarei sem o Conjugal 2.0 por algum tempo mais. Não todo iam ser vantagens♦

MDL MDL MDL MDL MDL MDL MDL MDL

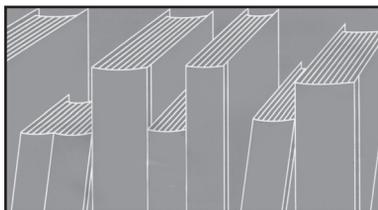


dos Encontros Lusófonos da Universidade de Lisboa para fazer ouvir a voz galega e informar os participantes sobre a situação linguística da Galiza.

O grupo local de Compostela do MDL está a desenvolver, por segundo ano consecutivo, o Curso de Português Elementar com a colaboração da Associação Nacional de Estudantes de Letras e do Instituto Camões e com o reconhecimento da Universidade de Santiago de Compostela. Também organiza neste mês de Maio um bookcrossing em colaboração com a Câmara Municipal compostelá. O MDL anuncia também o começo de actividades de um novo grupo local em O Grove para o Dia das Letras. Na entrevista que o boletim oferece, Carlos

Figueiras celebra o crescimento do MDL e declara que «o MDL deve continuar a falar com todos os colectivos e colaborar com o maior número de organizações possível, mas sem esquecer nunca os seus princípios fundamentais». Segundo Figueiras é essa vontade do de ser «interlocutor para as diferentes correntes dentro do reintegrationismo» é o que permite ao MDL que as suas campanhas tenham presença onde não existem grupos locais. Entre os projectos de futuro, o Porta-voz do MDL anuncia que «também pensamos a realização de um novo Fórum da Língua (temático, sobre o projecto das “Galescolas” que nasce à volta do Fórum da Língua de 2004) ou alguma incursão no mundo da edição»♦

Bookcrossing Galiza 2005



O MDL, em colaboração com o Concelho de Compostela, libertou no dia 16 de Maio 175 livros galegos e portugueses.. A actividade está inserida na campanha que levará livros viageiros a diferentes cidades galegas (Ponte Vedra, Compostela e O Grove entre o 16 e o 17 de Maio e Ourense e Lugo no dia 10 de Junho). Com a intenção de potenciar este tipo de práticas de leitura entre a população e a visom internacional da nossa língua, ofertaram-se um grande número de obras galegas e vindas dos outros países da lusofonia. Os livros estarão identificados com um autocolante em que se disponibiliza um código que

permite seguir o seu percurso no endereço www.compostelazg.bookcrossing.com.

No dia 16 de Maio, às 19:00, realizou-se o lançamento e leitura pública de alguns dos livros que seriam libertados polas ruas da cidade♦

«I Circo das Letras» em O Grove

O "I Circo das Letras" que o MDL organizou em O Grove estava composto de várias actividades em volta do 17 de Maio. Com elas tentou-se mostrar umha ampla visom da nossa língua em vários âmbitos em que por diferentes razons, o nosso idioma nom está muito presente quer na localidade, quer na comarca. Além disto, as diferentes presenças lusófonas -nom galegas- deram-lhe aos actos um carácter internacional, mais aberto e plural.

Este "I Circo das Letras" abriu com um espectáculo poético e audio-visual no Domingo dia 15 no bar Vinilo, apartir das 22h. Poemas de Roi Vidal Ponte (Santiago de Compostela), Carlos G. Figueiras (Ourense), Belém Fernández (Carvalhinho) e Policarpo Nóbrega (Lisboa, Portugal), além das projecções de J. Carlos Quiroga (Escaírom) e das narraçons de Nilson Leite (Pernambuco, Brasil). Na segunda pista deste Circo decorreu a actuação da banda de punk-hardcore chegada desde Moanha, "Farrapo de Ghaitax", que tocaram junto com umha outra banda convidada na taberna-disco Escáli; e para finalizar com os actos, o Bookcrossing de livro galego e português: no Dia das Letras, foram libertados mais de 75 livros em galego-português, continuando com esta iniciativa que o MDL começou no ano passado em Ponte-Vedra e em que actualmente continua a trabalhar com entusiasmo em diferentes cidades da Galiza♦

Lygia Fagundes Telles Prémio Camões 2005

Lygia Fagundes Telles, nascida em São Paulo em 19 de abril de 1923, e autora de livros de contos e romances, entre os quais *Invenção e Memória* (2000, Prémio Jabuti), *Ciranda de Pedra* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As Horas Nuas* (1989) foi galardoada com a décimo sétima edição do Prémio Camões. O valor do prémio ascende a 100 mil euros, o que o torna um dos prémios literários com maior dotação económica do mundo, por encima dos seus equivalentes para o Espanhol (Prémio Cervantes: 90 mil €) ou o Alemão (Prémio Goethe: 50 mil euros). O júri foi composto pelos escritores António Carlos Sussekind (Brasil), Agustina Bessa-Luís (Prémio Camões 2004, Portugal), Vasco Graça Moura (Portugal), Germano de Almeida (Cabo Verde), José Eduardo (Angola) e o Presidente da Academia Brasileira das Letras (ABL) Ivan Junqueira. Este último, como presidente do Júri, declarou que a escolha de Lygia Fagundes Telles foi realizada por unanimidade em "menos de 30 minutos" e que "nem foi preciso explicar, nem argumentar". Vasco Graça Moura afirmou que o estilo de Lygia Telles Fagundes «é subtilmente melancólico, sagaz na maneira como analisa o universo da infância e adolescência ou aspectos da vida urbana». Fagundes



Telles foi a terceira mulher a ingressar na Academia Brasileira das Letras e é a segunda escritora brasileira vencedora do Prémio Camões, após Raquel de Queiroz. O Prémio Camões foi instituído pelos governos de Portugal e do Brasil e visa distinguir, anualmente, um escritor cuja obra tenha contribuído para o enriquecimento dos patrimónios cultural e literário em Galego-Português. A entrega do galardão terá lugar em Portugal em 10 de junho próximo, umha vez que segue um critério de alternância entre os dous países que instituíram a distinção. Os escritores distinguidos nas anteriores edições foram: Miguel Torga (1989), João Cabral de Melo Neto (1990), José Craveirinha (1991), Vergílio Ferreira (1992), Rachel Queiroz (1993), Jorge Amado (1994), José Saramago (1995), Eduardo Lourenço (1996), Pepetela (1997), António Cândido de Mello e Souza (1998), Sophia de Mello Breyner Andresen (1999), Autran Dourado (2000), Eugénio de Andrade (2001), Maria Velho da Costa (2002), Rubem Fonseca (2003) e Agustina Bessa-Luís (2004)♦

Agália no Instituto Cervantes

O *Portal del Hispanismo* do Instituto Cervantes inclui desde datas recentes informação dos conteúdos do último número da revista *Agália*, o duplo 79/80, correspondente ao segundo semestre do ano 2004, com o que a publicação da Associação Galega da Língua completou vinte anos de existência. Esse sítio da Internet da instituição oficial do Estado Espanhol oferece também para os visitantes umha ligação com o espaço disponibilizado para a revista no Portal Galego da Língua.

A *Agália* aparece assim à par de outras 48 publicações editadas por instituições, associações e iniciativas diversas do Estado Espanhol, num lugar de difusom privilegiado e de referência internacional que, segundo se comunicou à nossa associação, vai continuar a lhe prestar atenção no sucessivo. Assim, para além da *Agália* informa-se de produtos editados pela Universidade de Málaga, Instituto Vasco de Sociolingüística, University of North Carolina, Real Sociedad Bascongada de Amigos del País, Fundación Cultural «Profesor Cantera Burgos», Instituto da Lingua Galega e Sección de Lingua do Consello da Cultura Galega, Fundación Camilo José Cela, Universidade da Coruña, Academia Colombiana de la Lengua, Generalitat de Catalunya, Universidad Autónoma de Madrid,

Universidad de Deusto ou Universidad de Chile, entre outras.

Ainda nesse portal do Instituto Cervantes, nos «Enlaces», aparece umha ligação com a AGAL, na qual se apresenta a nossa associação com «Autoridad de la lengua gallega alternativa a la Real Academia Galega da Lingua, defensora de la unidad lingüística galaico-portuguesa y de la normalización lingüística en Galicia». Também aparecem ligações com o MDL e com o Portal Galego da Língua, definindo este nosso sítio como «Portal promovida por la Asociación Galega da Língua (AGAL), que muestra la actualidad de la lengua de Galicia». Estas páginas de hispanismo incluem também diversas bases de datos de investigadores, centros e associações, com informações de enorme interesse ♦

três galegos nas *Correntes d'Escritas* 2005



Na semana do 16 ao 19 de Fevereiro decorreu na Póvoa de Varzim o já clássico Encontro de Escritores de Expressão Ibérica, *Correntes d'Escritas*, sexta edição, que vai ganhando amplitude e reconhecimento, ao ponto de nesta ocasião, entre escritores participantes e convidados, jornalistas acreditados e editores, andar próximos do centenar de pessoas presentes permanentemente no Auditório Municipal e no Hotel, para

além do público que regularmente acompanhou o evento. Entre os participantes nas mesas, nomes procedentes de Portugal ou Brasil, de Angola ou Cabo Verde, Moçambique, S. Tomé, Cuba, Espanha, Chile, Colômbia, Argentina, Croácia, e três da Galiza: Xabier López López, Xavier Queipo e Carlos Quiroga.

Proferiu conferência inaugural Agustina Bessa-Luís na abertura oficial do Encontro, com apresentação de José Carlos Vasconcelos, e a partir daí sucederam-se as mesas, com um verso ou dica literária a indiciar o tema, e em paralelamente de autores com escolas. Até o encerramento na tarde do sábado 19, com a atribuição do Prémio Literário (cuja estreia correspondera no ano passado à narrativa e a Lúcia Jorge), que recaiu esta vez na obra de António Franco Alexandre ♦

Concha Rousia e «As Sete Fontes»

Foi lançado na Internet o romance *As Sete Fontes*, de Concha Rousia, disponível em www.arcosonline.com de forma gratuita. Edições ArcosOnline.com assinou assim a partir de Portugal o Dia das Letras Galegas. Victor Domingos, responsável por este projecto editorial, afirma que este tipo de iniciativas transfronteiriças devem continuar, já que «entre Galiza e Portugal temos muito mais em comum, em termos culturais e em termos históricos, do que aquilo que mostramos actualmente no nosso quotidiano».

A acção do romance anda à volta do desaparecimento de uma peça de arte sacra em exposição no Museu Arqueológico de Ourense. O estranho sucedido é acompanhado de forma entusiástica pela comunicação social e pela população, dando origem a acontecimentos hilariantes. Dous estranhos investigadores começam também a investigar o caso, interrogando os habitantes das redondezas. Entretanto, um padre fora de actividade, um pedreiro e um alcaide com problemas de consciência percorrem no silêncio das noites os caminhos da província, numa peregrinação que fará a sua passagem por sete fontes...



Concha Rousia nasceu em 1962, numa aldeia do Sul da Galiza, entre Ginzo da Límia e Montalegre, onde passou a sua infância. Coursou estudos secundários na Universidad Laboral de Vigo. Após diversas peripécias vitais, cursou tardiamente estudos de Psicologia na Universidade de Santiago de Compostela e residiu diversos anos nos Estados Unidos, completando um mestrado em Terapia Familiar na Universidade de Maryland. Na actualidade partilha a sua actividade literária com a prática da Psicologia Clínica.

As Sete Fontes é o seu primeiro romance. Anteriormente, deu a conhecer na rede alguns relatos curtos agrupados sob o título *Lobos*. No ano 2004, ganhou o Certame de Narrativa Curta do Concelho de Marim, com o relato ‘Segredo de Confissão’♦

AGAL – Países Cataláns

O Grupo da AGAL-Países Cataláns apresentou-se publicamente no Casal Jaume I da cidade de Alacante. Esta delegação da AGAL tenciona que as apresentações se repitam nos próximos meses nos diferentes “casais” que a maior organização cívica valenciana em prol da língua e da cultura catalá -Acció Cultural- tem espalhados por todas as comarcas do país. Ainda que o dia (sexta-feira, em que os estudantes abandonam a cidade) e o calor (pleno Maio alacantino) nom contribuíssem para umha maciça afluência de público, este foi suficiente para permitir umha interessante troca de impressões sobre os aspectos convergentes e divergentes dos processos de normalização lingüística no País Valenciano e na Galiza. Entre a assistência animadora do debate salientavam os e as res-

ponsáveis polo Casal Jaume I e mesmo um galego e umha brasileira residentes na actualidade na cidade mediterrânica.

Pola parte da AGAL, participárom na apresentação Eugénio Outeiro, Eduardo Maragoto e o valenciano Antoni Estévez, apresentados por Aquil·les Rubio, que se debruçárom sobre a história da língua na Galiza até a aprovação da Lei de Normalización Lingüística e o Decreto Filgueira, que inaugurárom, segundo os oradores, “umha época de censura a todo o que fosse reintegracionismo que a AGAL pretende que passe a fazer parte do passado o antes possível”.

A AGAL-Países Cataláns está a divulgar nos centros físicos do movimento normalizador do País Valenciano um pequeno folheto em que se explica a história do conflito lingüístico na Galiza ♦

Comissom Lingüística da AGAL



No passado 26 de Fevereiro de 2005 ficou formalmente constituída a Comissom Lingüística da AGAL (CL) na sua nova etapa, determinada polos vigentes Estatutos da Associaçom, oficializados em Outubro de 2004, e regida por um Regulamento de Regime Interno que foi aprovado no seio da própria Comissom a 27 de Abril de 2004. A 6 de Novembro de

2004, O Conselho da AGAL designava como dez primeiros membros da CL nesta nova etapa os professores Isaac Alonso Estraviz, Maria José Diaz Pinheiro, Carlos Garrido Rodrigues, Luís Gonçalves Blasco, João Guisan Seixas, José Martinho Monteiro Santalha, José Henrique Peres Rodrigues, José Luís Rodrigues, Jorge Rodrigues Gomes e José António Souto Cabo. Conforme os vigentes Estatutos da AGAL e as pertinentes disposiçoms do Regulamento de Regime Interno da CL, no sucessivo outros membros da AGAL poderám vir a incorporar-se à Comissom Lingüística, até perfazer um número máximo de 30. Nesta sessom constitutiva, os membros da Comissom elegêrom para desempenhar o cargo de Presidente da CL o Prof. José Luís Rodrigues, decisom posteriormente referendada polo Conselho da AGAL na sua reuniom de 9 de Abril de 2005.

Já na última sessom da CL, realizada em Santiago de Compostela no passado 21 de Maio, o Prof. José Luís Rodrigues tomou formalmente posse como Presidente e designou como Secretário da Comissom o Prof. Carlos Garrido, que já vinha desempenhando em funçoms tal cargo desde a dissoluçom da anterior CL. Como projectos de trabalho a médio prazo, a CL propom-se elaborar umha série de opúsculos ou obras de divulgaçom que versem temas diversos respeitantes ao corpus e ao status da língua galego-portuguesa da Galiza e que permitam difundir os pertinentes conhecimentos e atitudes entre um público alargado.

Daqui fazemos votos para que, na nova etapa que agora enceta, a Comissom Lingüística da AGAL, com a colaboraçom de todos, se torne na referência rigorosa e prestimosa que os cultores da nossa língua na Galiza desejam e necessitam ♦

A língua galega nos *Programas eleitorais*

A língua galega tem sido tradicionalmente um dos grandes reclamos dos programas eleitorais das diversas forças políticas que aspiram a ter representação na Câmara do Hórreo em Compostela. No entanto, aos poucos, as linhas dedicadas à questom lingüística nos diversos programas eleitorais foram perdendo peso e mesmo se chegam a confundir com declarações de intenções muito parecidas e mais nada.

Uma olhada aos programas das organizações com certa e continuada actividade política nos últimos tempos, e que se apresentam nos quatro círculos eleitorais (lembramos que o Eu-Návia, o Berzo e Entre-as-Portelas, ficam excluídas da chamada Comunidade Autónoma Galega), permite-nos observar que apenas as organizações nacionalistas apostam pola normalização lingüística integral.

Entre estas só umha, Nós-UP, recolhia claramente para estas eleições a defesa de teses reintegracionistas e das relações com a Lusofonia. Apesar de ter um programa eleitoral bastante fraco, entre os seus pontos programáticos destaca com força a reivindicação do galego-português como única língua oficial da Galiza.

O BNG também tinha umha pequena epígrafe referente à reintegração no seu,

no entanto, alargado programa de política lingüística. Assim, posicionava-se pola reintegração cultural no mundo galego-português como factor em favor da normalização lingüística. Umha posição teórica que nem sempre se mantém de jeito coerente no dia-a-dia da actividade política do BNG nas instituições e órgãos em que tem representação.

A terceira formação nacionalista que concorre neste processo eleitoral, a FPG, apenas colocou uns pontos programáticos no seu sítio de internet, sem figurar nada concreto no que diz respeito à língua, acabando por finalmente em Junho emitir o seu ponto de vista sobre a matéria. A sua posição coincidente com as teses isolacionistas, embora defenda o monolinguismo social em galego, é bem conhecida.

Finalmente, é entre as organizações estatais com presença na Galiza onde se manifesta umha queda quase total da reivindicação lingüística. O PP e o PSOE apenas dedicam pouco mais de uma página do seu programa eleitoral à questom lingüística, entretanto EU-IU nem especifica umha epígrafe concreta. A seguir colocamos alguns destaques das linhas programáticas destas organizações a respeito da língua na Galiza:

BNG

• «Galeguización do ensino», comprometendo-se a invertir «*a situación actual e a asumir o establecido no Plano Xeral de Normalización Lingüística aprobado por unanimidade no Parlamento galego: impartición, como mínimo, dun 50 % das materias en lingua galega*».

• O seu programa assinala umha série de objectivos e medidas para fazer instituições galegas em galego, promover as novas tecnologias em galego, atender especificamente as novas gerações para fomentar o uso e conhecimento da língua, conseguir uns meios de comunicação em galego, promover e ajudar a língua no mundo da empresa, do desporto, da cultura, da justiça, da religiom, e de imigrantes e emigrantes retornados.

- Umha das suas epígrafes dedica-se à «reintegración cultural no mundo galego-português como factor normalizador», apuntando que «O goberno do BNG manterá unha política activa de intercambio e promoción de produción cultural entre Galiza, Portugal e o resto dos países de expresión galego-portuguesa, na procura da normalización e internacionalización da cultura expresada no noso idioma.»

- Finalmente o BNG diz que defenderá o galego além das fronteiras administrativas mas sempre «dentro do actual marco legal, a través da subscrición de convenios coas administracións competentes na Seabra, no Berzo, e na zona entre os ríos Eo e Navia. En todo caso, o goberno do BNG velará polo cumprimento do estipulado na Carta Europea das Lingua Minoritarias.»

EU-IU

Nenhuma epígrafe recolle as medidas acerca de política linguística, embora virando páginas podemos encontrar algumas questons, como por exemplo:

- «Os plans de acollida [para inmigrantes] contemplarán como medida complementaría a actuación educativa (cursos de lingua e cultura galegas e española)...»

- «Un ensino comprometido coa lingua galega, co seu coftecemento, emprego e difusión e que elabore un plano de galeguización do ensino e o cumprimento rigoroso do decreto 247/1995 que regula o emprego da nosa lingua.»

- «Demandaremos un plano de extensión e consolidación do galego na universidade galega, con equipas específicas e dotacións orzamentarias que o respalden. »

Nós-UP

- «Plena galeguizaçom do País».

- «Reconhecimento da territorialidade linguística do galego como única língua oficial na Galiza, e por um estreito relacionamento com o vizinho povo português, com quem nos une a identidade linguística e a proximidade em tantos planos da vida social e económica.»

- «Ensino galego, público, de qualidade e nom patriarcal.»

PP

- Defesa de igualdade (sic) entre as duas línguas, numha epígrafe intitulada «Decidido apoio á lingua galega. O galego, lingua de convivencia».

- Apoio ao galego, «lingua milenaria» (sic), no mundo global e na sociedade da información.

- «Normalización e promoción da lingua en todos os ámbitos da sociedade», defendendo também o Plano aprobado em passado mês de Setembro de 2004 polo Parlamento Galego e comprometo-se a executar as «445 medidas que nel se recollen, coa pretensión de que o galego reciba o respaldo definitivo no seu proceso de consolidación social».

PSOE

- «O vehículo de expresión natural da identidade galega é a lingua galega», baseando-se nas que chamam «teses do galeguismo transversal de Ramón Piñeiro».

- Na mesma linha que o PP e mais o BNG defendem o Plano aprovado polo Parlamento Galego e acreditan que a «a lingua non debe ser nunca motivo de disputa e enfrontamento».

- Podemos resumir a súa declaración de intencións a respecto da lingua galega no seguinte parágrafo: «Ademais da preservación dos espazos e grupos sociais nos que o galego ten, a día de hoxe, unha presenza importante, é fundamental darlle paso a unha Galicia emerxente que asume a lingua galega como símbolo de modernidade, constituída por movementos de vangarda cultural, científica e tecnolóxica. Na difusión destes espazos emerxentes xogarán un papel fundamental os medios de comunicación audiovisuais que deberan ser o espello que nos devolva unha imaxe de modernidade. A Galicia do futuro debe construírse tamén en galego.»

Finalmente, em Junho de 2005, a **FPG** acabou por concluir e dar a conhecer o seu programa eleitoral, com destaque para a língua:

- Administración pública galeguizada, com grande importância para o labor a respeito das Câmaras Municipais; consideram urgente um «ensino público paralelo, plenamente galeguizado».

- No campo dos meios de comunicação defendem «O reforzamento dos medios públicos galegos e o impulso de iniciativas de comunicación alternativa» além da «presión social e política sobre os medios existentes»; e no campo audiovisual apostam «pola creación dunha rede pública galega de distribución e exhibición cinematográfica» cujo obxectivo fundamental será «garantir o noso dereito a ver cine na nosa lingua».

- Apoio ao galego estremeiro das «actuais provincias de León, Zamora, Asturias e Cáceres»; na súa epígrafe «o galego na Europa e no Mundo» negam que o galego seja falado por «decenas de millóns de falantes».

- Entre as medidas concretas propoem um «Plan Xeral de Normalización Lingüístico que non se deteña en aspectos simbólicos», além da reordenación da «Dirección Xeral de Política Lingüística» e mais a revitalización da Real Academia Galega ♦

Fraga e a unidade lingüística

Manuel Fraga, candidato do PP à presidência do goberno galego, voltou manifestar mais unha vez, a unidade lingüística entre “o galego, o portugués e o brasileiro”. Desta volta realizou estas manifestacións nunha entrevista no programa matutino da emissora radiofónica Cadena Ser. A retórica reintegracionista de Fraga é de sobras conhecida. Aínda num recente Consello da Junta, em Abril deste mesmo ano, insistia nesta idea que por outra volta nunca levou para a frente na práctica. As palabras concretas de



Fraga fórom “...aquí estamos a funcionar com unha língua maravilhosa, unha das línguas mais estendidas no mundo, porque é o galego, o portugués, o brasileiro e todo o demais...” ♦

F r o n t e r a N o t í c i a s

O jornal da actualidade minhota-galega da Peneda-Gerês apresentou umha desenvolvida reportagem do evento levado a cabo na vila fronteiriça de Melgaço, na região da Peneda-Gerês, que visou divulgar os saberes comuns da Galiza e do Norte de Portugal como operação de charme sobre a candidatura apresentada à Unesco. Os saberes comuns, apreendidos da tradição oral por gerações e gerações de galegos e portugueses, estiveram em foco durante três dias na vila de Melgaço, no âmbito de uma ampla divulgação para valorizar um “património imaterial”, que deverá ser proclamado

“Obra Mestra da Humanidade” pela Unesco, em Novembro deste ano. O assunto constitui um dos destaques da edição de Junho do Frontera Notícias. O jornal colocou em evidência a circunstância de galegos e portugueses dominarem as mesmas artes ancestrais e serem portadores de umha literatura oral idêntica, que vai da poesia popular às lendas, além de umha oralidade e musicalidade comuns, entre outras manifestações deste vasto património “imaterial”, como a própria língua que ambos falam, mas com sotaques diferentes. ♦

Nélida Piñon prémio Príncipe de Astúrias das Letras 2005



A escritora brasileira Nélida Piñon, filha de emigrantes galegos, foi galardoada com o Prémio Príncipe de Astúrias das Letras 2005. Aclamada pola crítica como a voz mais destacada da literatura brasi-

leira, Nélida Piñon tem trazido ao âmbito universal a complexa realidade da Ibero-América através de umha prosa rica em registos, que integra com extraordinário brilhantismo as diversas tradições e raízes culturais do continente latino-americano. É autora de umha incitante obra narrativa, artisticamente sustentada na realidade e na memória e também na fantasia e nos sonhos. Na sua escritura confluem ainda diverssas tradições literárias que constituem umha singular teoria da mestiçagem ♦

Mário Herrero digital



As Edições ArcosOnline.com lançou ainda a obra A Vida Extrema, do poeta galego Mário Herrero Valeiro. A obra foi disponibilizada gratuitamente em formato digital na página web da editora, www.arconline.com. A Vida Extrema apresenta-se como poemário inquietante e perturbador, onde à nitidez rítmica do seu verso livre o poeta alia “a profundidade de uma linguagem verdadeiramente poética e o alcance de uma temática universal. A vida e a morte –que mais não são, afinal, senão as

duas faces de uma mesma moeda— constituem-se como o tema central da obra”, cujos versos nos falam «do inferno, que é a cidade, que é o fedor imundo do capital, que é uma casa, que é a geometria de um corpo quebrado, dos poros estilhaçados, que é a memória». Este livro é, segundo o autor, o final de uma trilogia, começada com *No limiar do silêncio* e continuada com *Cartografia da Atrocidade*, e, pelas suas próprias palavras, significa o seu abandono, talvez definitivo, da expressão poética.

Com esta nova publicação, as Edições ArcosOnline.com continuam o seu projecto de intercâmbio cultural, apostando numha oferta literária que procura reforçar os laços de Portugal com as nações suas irmãs, como o Brasil e a Galiza ♦



«Hai que botalos»



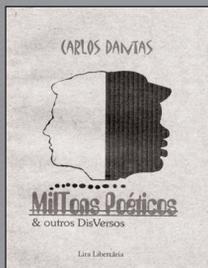
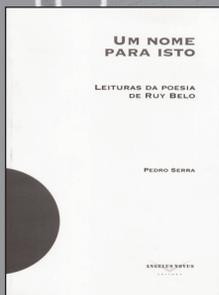
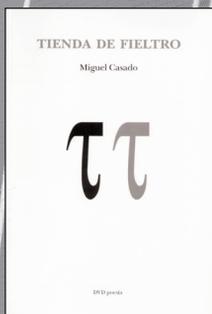
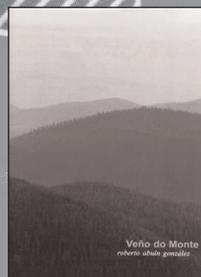
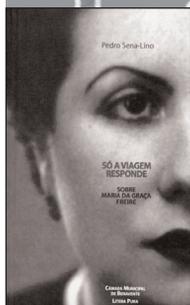
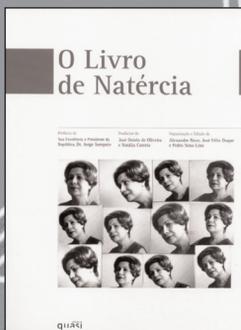
Um filme colectivo, «Hai que botalos». Nele, «O derradeiro», em que se dramatiza a alegada morte no esquecimento de um dos últimos falantes de galego na Galiza... O server agal-gz.org colaborou desinteressadamente, com a cessão de parte da sua hospedagem, na difusão do «Hai que botalos» pela internet. Embora a qualidade e o tratamento linguístico é muito melhorável e até criticável em muitos aspectos, o filme supôs umha das grandes novidades de umha campanha eleitoral, por outro lado, demasiado «americanizada» e mesmo muito voltada para Espanha devido à continua presença

dos grandes líderes espanhóis, o primeiro-ministro José Luís Rodríguez Zapatero do PSOE e mais o conservador Mariano Rajoy do PP. As mensagens dos grandes partidos estatais foram «mornas» em muitos dos assuntos que atingem a Galiza e o seu autogoverno, em termos gerais. Ficou constatado que a temática linguística quase nem apareceu.

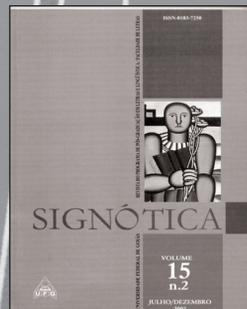
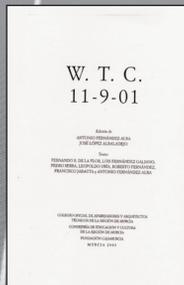
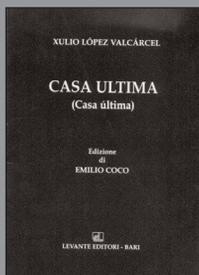
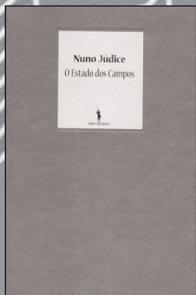
Autogoverno e língua só foram temas de interesse para as forças políticas exclusivas da Galiza: BNG, Nós-UP e FPG. Ainda que bem é certo que também aqui houve bastantes diferenças. De uma ambiciosa reforma estatutária (BNG), dentro do marco actual, até a independência (Nós-UP e FPG), no tema do autogoverno. De um isolacionismo recalcitrante (FPG) até umha reintegração na lusofonia (Nós-UP) passando por um reintegracionismo mais teórico que prático (BNG), no tema da língua.

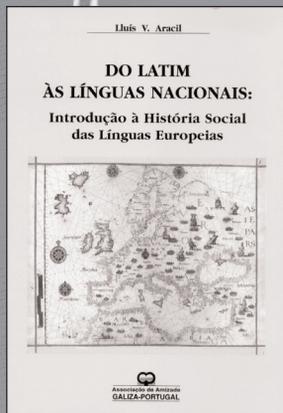
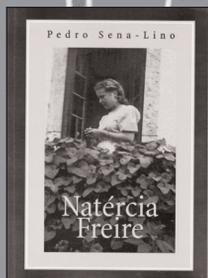
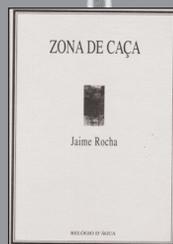
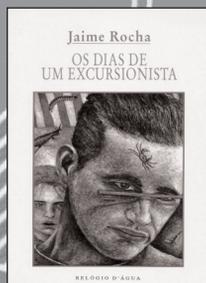
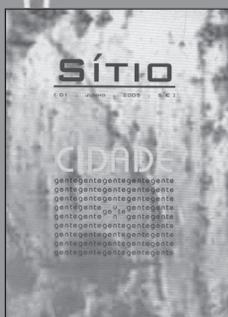
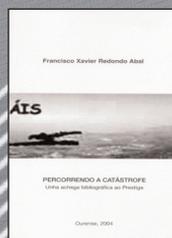
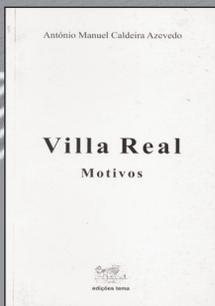
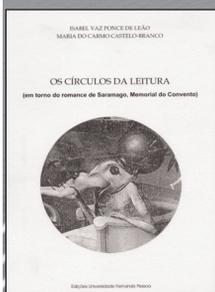
O PGL sugeriu para fechar a campanha eleitoral a curta-metragem «O derradeiro», fazendo votos para a morte da língua galega na Galiza nunca acontecer. «O derradeiro», de 3 minutos 40 segundos de duração, de X.L. Zapata, encena umha situação em que o galego já nom é o idioma oficial da Galiza e o seu uso limita-se a uns quantos velhos. Entretanto os seus filhos discutem pola sua herança [já só em espanhol], um destes últimos velhos morre sem que ninguém se importe com isso ♦

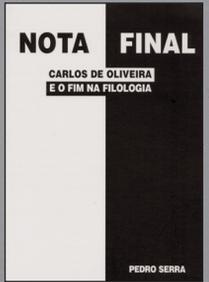
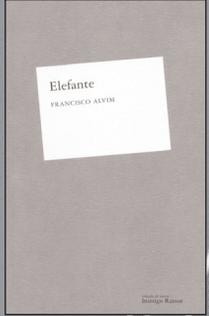
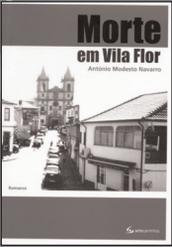
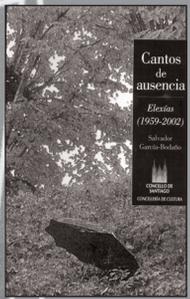
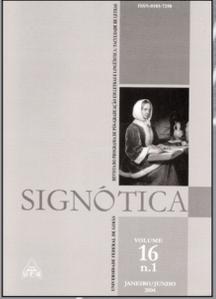
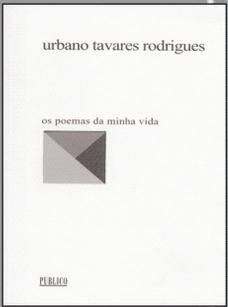
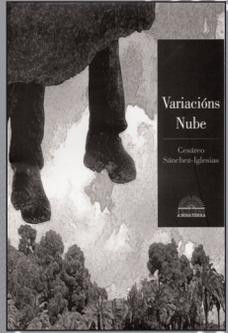
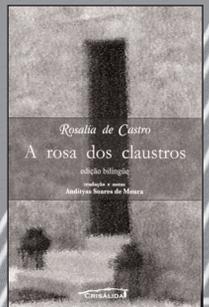
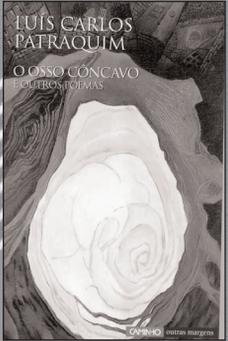
L I V R O S R E V I S T A S L I V R O S R

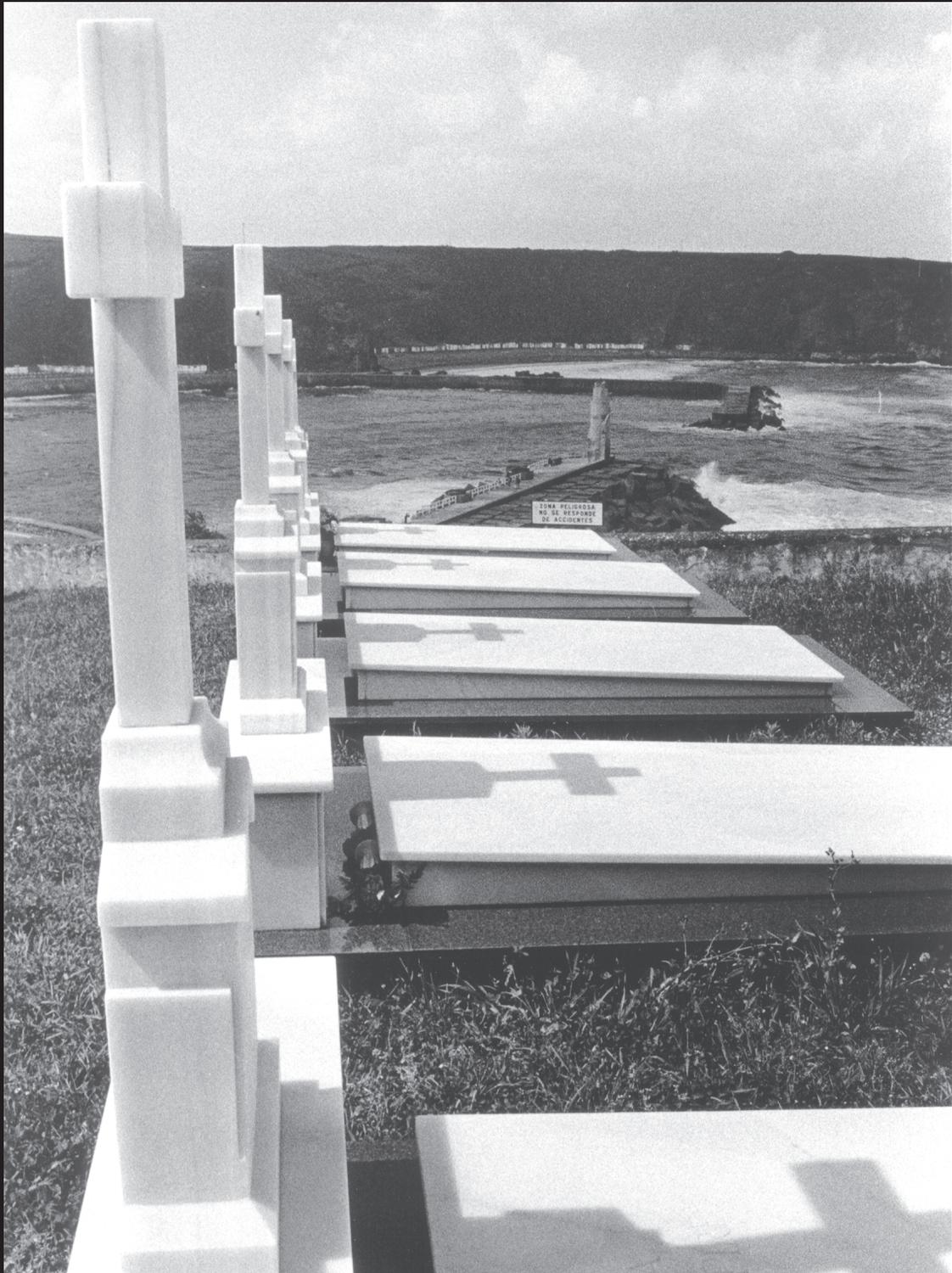


REVISTAS LIVROS REVISTAS









1º SEMESTRE 05